



O Livro do Sexo

Do Sexo à Superconsciência



Digitalizado, Corrigido e Adaptado por

Gullan Greyl

<http://www.gullangreyl.pt>

25-03-2023

SINTESE

Se há um que, apesar de todas as revoluções, continua velado por tabus, é o sexo. E se há um autor que se deleita em desmistificar tabus, é Osho.

O autor defende uma visão inovadora da sexualidade, apresentando-a não como um obstáculo à elevação espiritual mas, ante pelo contrário, como uma expressão de energias fundamentais e um caminho incontornável para o autoconhecimento.

Para o Osho, o sexo é um dos elementos constitutivos do novo tipo de ser humano, que combina de forma criativa o mundano e o espiritual. A partir desta perspetiva, discute todos os aspetos da sexualidade humana, revelando que o sexo pode ser uma forma de meditação tão válida e eficaz como qualquer outra.

Insurgindo-se contra falsas moralidades e atitudes religiosas antiquadas, Osho reafirma o valor espiritual do prazer sexual.

O LIVRO Do SEXO

DO SEXO À SUPERCONSCIÊNCIA

Osho

1ª Edição, 2005

Índice

PRÓLOGO.....	1
Por que é que o tema do sexo constrange tanto as pessoas? Por que será um tabu tão grande?	1
Afirmou que o sexo pelo sexo apenas produzirá cada vez mais crianças; mas o que se produz quando se associa o sexo à meditação?	2
PARTE 1.....	4
DO SEXO À SUPERCONSCIÊNCIA.....	4
CAPÍTULO 1.....	4
À PROCURA DO AMOR	4
CAPÍTULO 2.....	27
A ATRAÇÃO FUNDAMENTAL.....	27
CAPÍTULO 3.....	47
UMA NOVA PORTA	47
CAPÍTULO 4.....	67
O NASCIMENTO DE UMA NOVA HUMANIDADE.....	67
CAPÍTULO 5.....	84
DO CARVÃO AO DIAMANTE.....	84
Por que escolheu o sexo como tema dos seus discursos?	84
Se, como afirma, é a energia sexual que se transforma em amor, quer dizer que o amor de uma mãe pelo filho também é energia sexual?	86
Não podemos aceitá-lo como autoridade para falar sobre sexo. Viemos fazer-lhe perguntas sobre Deus e você começou a falar de sexo. Viemos aqui para ouvir falar de Deus, por isso, pedimos-lhe que nos fale acerca Dele.....	93
O que poderá acontecer à procriação se o sexo desaparecer deste modo? Se, ao experimentar a superconsciência, toda a gente atingir assim o celibato, o que será das futuras gerações?	103
PARTE 2.....	109
QUESTÕES SEXUAIS	109
CAPÍTULO 6.....	109
A DESCONSTRUÇÃO DO CONDICIONAMENTO SEXUAL.....	109
CAPÍTULO 7.....	117
MORAL E IMORAL.....	117
Qual é o futuro da moralidade no que diz respeito ao sexo?	117
Por que será que todas as religiões são contra o sexo? E por que motivo é que você não é contra o sexo?.....	119
Não acha que corremos o risco de excesso de indulgência no caso de não haver repressão?	121
O que é a pornografia e por que motivo atrai tanto as pessoas?	122
Que tipo de sociedade pode criar indivíduos em que a mente subconsciente se torne unicamente utilitária e facilmente dispensável?	126

Depois de terem comido o fruto da Árvore do Conhecimento, Adão e Eva tomaram consciência da sua nudez e sentiram vergonha. Qual é o verdadeiro significado deste sentimento? E, em segundo lugar, diz-se que o fruto proibido da Árvore do Conhecimento simboliza o sexo. Qual é a sua opinião sobre este assunto?.....	135
CAPÍTULO 8	149
ILUSÕES E REALIDADES	149
O Ocidente parece estar obcecado pelo sexo. As pessoas são literalmente invadidas por técnicas e imagens pornográficas intermináveis. Por que será que, ao fim de tanto tempo, continuam presas a elas e são incapazes de ter uma abordagem mais tântrica do sexo?	149
Será que todos os desejos são idênticos? O que é o meu desejo de amor?.....	152
Qual é a abordagem do Zen em relação ao sexo? As pessoas que praticam Zen parecem ter um género neutro ou, melhor dizendo, emanam uma aura assexuada.	159
Wilhelm Reich diz: “Todos os pacientes têm distúrbios genitais. Eles têm de passar a ser saudáveis em termos genitais. Isso significa que temos de descobrir e destruir todas as atitudes patológicas que impedem o estabelecimento da potência orgástica.” Como terapeuta a receber terapia, será que esta afirmação é factual e constitui uma base sólida?.....	163
Por que motivo sempre se associou o sexo à raiva, ao ciúme, à crueldade, à ambição, à posse e à violência, e nunca à diversão, à alegria, ao amor, ao jogo, à amizade e a outras coisas excelentes às quais você o associou?	165
Qual é a relação entre o sexo e a morte?.....	168
Por que será que tantas pessoas se sentem envergonhadas com uma forma de contato físico tão simples como dar um abraço?.....	172
Pode dizer alguma coisa a respeito da sida?	177
PARTE 3	181
NEM ORIGINAL, NEM PECADO	181
CAPÍTULO 9	181
A COMPREENSÃO NA PRÁTICA	181
É muito fácil apaixonarmo-nos. Por que será tão difícil desapaixonarmo-nos? Tantas discussões, lágrimas, lutas e medos... Não quero magoar a pessoa com quem estive, porque ainda sinto alguma coisa. Estou muito confusa. Pode falar acerca deste assunto?.....	181
O ciúme parece constituir um grande problema nos relacionamentos — no meu e no da maioria das pessoas à minha volta. Pode falar mais acerca do ciúme e da sua origem?.....	186
O que quer dizer quando afirma “medite sobre isso”? Pedia que explicasse a frase no contexto do meu problema de ciúmes.	190
Por que sinto medo quando alguém se aproxima de mim?	193
Por que razão gostam as mulheres de atrair os homens, embora se sintam melindradas com os desejos sexuais deles?.....	196
O meu marido ama-me a tal ponto que nunca pensou noutra mulher na sua vida, e vivemos juntos há quase vinte e cinco anos. Eu própria não acredito, mas é a verdade. O que tem a dizer sobre isto?	200
No outro dia falou em homossexualidade e fez-nos rir perante a ideia de todos os homens andarem na rua de braço dado a tratarem-se por “querido”. Claro que dar uma gargalhada é bom, mas por	

vezes isso tem um toque de troça. Sendo homossexual, senti-me um tanto embaraçado. Seria possível, por favor, falar sobre o modo como os homossexuais, os negros, os judeus ou qualquer outra minoria poderão enfrentar esse tipo de troça?	204
Estou apaixonada pelo meu namorado e a nossa relação é muito boa quando estamos juntos. Mas cada vez que sinto que ele pode estar interessado noutra mulher, nem que esteja só a falar com ela, fico com ciúmes. Não quero que ele sinta que estou a interferir com a sua liberdade, mas é difícil disfarçar o sentimento do ciúme. Que poderei eu fazer?.....	209
O sexo não me entusiasma particularmente e o meu namorado está preocupado. Analisando melhor, cheguei à conclusão de que afinal nunca me envolvi numa relação na qual me sentisse segura ao lado de alguém. Acho que usei sempre o sexo para prender a outra pessoa, e finjo ter prazer.....	212
Tenho a certeza de que ainda não transcendi o sexo. Por que será que, sempre que faço sexo, fico com a sensação de que há algo de errado?	216
Embora continue a dizer-nos para gozarmos o sexo e nos divertirmos, muitas vezes apercebo-me de que encaro o ato sexual com demasiada seriedade e pouca vida. Por qualquer razão, parece que tenho medo de gozar o sexo. Não consigo compreender isto. Poderá explicar-me?.....	230
Gostava de aprofundar a relação sexual com a minha namorada. No entanto, os meus orgasmos são pouco intensos e precoces.....	237
Acho que as minhas relações com os homens não correm da melhor maneira. Há sempre muita tensão e discussões, e quase nunca atinjo o orgasmo. Não sei como resolver este problema.....	240
Depois de me divorciar da minha primeira mulher, comecei a sentir repulsa pelo sexo. Desde então, tenho sido incapaz de atingir um orgasmo, a não ser quando fumo marijuana. Isso ainda acontece, apesar de estar apaixonado pela mulher com quem estou atualmente.	242
Por mais quanto tempo me irá perseguir esta estúpida questão do sexo? Estou a chegar aos sessenta anos e ainda sinto desejo... ..	245
Estou a envelhecer e a perder todo o interesse por mulheres. Que devo fazer?.....	250
Devemos contar todos os factos da vida às crianças, independentemente da idade?	254
EPÍLOGO	256
EM BUSCA DA TOTALIDADE.....	256
SOBRE O AUTOR	264
RETIRO DE MEDITAÇÃO OSHO	265

PRÓLOGO

Por que é que o tema do sexo constrange tanto as pessoas? Por que será um tabu tão grande?

O motivo para isso consiste no facto de as pessoas viverem reprimidas há vários séculos. Todos os profetas religiosos e todos os messias e salvadores lhes disseram que o sexo é pecado.

No meu entendimento, o sexo é a nossa única energia, é a energia da vida. Compete-nos decidir o que fazer com ela. Tanto se pode tornar um pecado, como o nosso ponto mais sublime de consciência.

Depende de nós o modo como utilizamos essa energia. Houve tempos em que não fazíamos ideia de como utilizar a eletricidade. A eletricidade esteve sempre disponível, e matava pessoas, mas agora é-nos útil. Faz tudo o que nós queremos. O sexo é bioeletricidade. A questão está em saber usá-lo. E o primeiro princípio é não o condenarmos. A partir do momento em que condenamos uma coisa, deixamos de a poder usar.

O sexo devia ser aceite como uma coisa natural na vida — como dormir, comer e tudo o mais.

Além disso, o sexo pode ser associado à meditação e, uma vez que isto aconteça, a sua qualidade alterar-se-á por completo.

O sexo sem meditação serve apenas para dar à luz crianças. O sexo com meditação pode proporcionar-lhe um renascimento e transformá-lo num novo ser humano.

Ter sexo enquanto se está a meditar?

Sim. Aliás, digamos isso de outra maneira, meditar enquanto se faz amor. Porque uma pequena alteração faz uma grande diferença...

Dois monges estavam a conversar num mosteiro. Como tinham tempo para meditar e caminhar durante uma ou duas horas todas as noites, estavam a discutir se fumar seria correto, pois não era proibido, mas, mesmo assim, receavam fazê-lo. Por isso, acharam que seria melhor perguntar ao abade.

No dia seguinte, um dos monges estava muito preocupado e, quando viu aparecer o outro, a fumar, não queria acreditar no que estava a ver. Perguntou:

— *O que aconteceu? Perguntei ao abade se podia fumar enquanto estivesse a meditar. Ele respondeu “Nunca!” e ficou muito zangado. Mas tu estás a fumar. Não perguntaste?*

O outro monge disse:

— *Eu também perguntei, mas perguntei-lhe “Posso meditar enquanto estiver a fumar? ”, ao que ele respondeu “É uma excelente ideia. Para quê perder tempo? Enquanto estiveres a fumar, podes meditar, é uma ótima ideia. Faz isso”.*

Por isso, não direi para ter sexo enquanto está a meditar, não. Direi que medite enquanto estiver a fazer amor. Trata-se de um dos estados mais pacíficos, silenciosos e harmoniosos, em que a meditação é mais fácil. Quando uma pessoa se aproxima da experiência orgástica, os seus pensamentos param, a pessoa torna-se mais enérgica, mais fluida, toda ela palpita. E esse é o momento para se estar alerta — ao que está a acontecer, à palpitação, ao orgasmo a aproximar-se, e sabemos que há um ponto para lá do qual não é possível voltar atrás. Limite-se a observar. Esta é a observação mais secreta e íntima; se conseguir observar o que acontece então, pode observar tudo na vida, porque o sexo é a experiência mais próxima e enriquecedora.

Escrevi apenas um pequeno livro. Intitula-se *Do Sexo à Superconsciência*, mas ninguém prestou a menor atenção à superconsciência, apenas ao sexo; e as pessoas que o têm lido são todas monges e freiras — de todas as religiões.

Escrevi quatrocentos livros sobre todo o tipo de assuntos, questões de enorme importância para pessoas como os monges, que procuram a verdade. Mas não, o problema é que eles estão a sofrer, e o seu sofrimento deve-se à sua sexualidade reprimida.

Afirmou que o sexo pelo sexo apenas produzirá cada vez mais crianças; mas o que se produz quando se associa o sexo à meditação?

A pessoa cria-se de novo. Descobre que não é um ser humano completo. A nossa inteligência e a nossa consciência têm níveis superiores; e, à medida que começa a criar esses níveis mais elevados da sua inteligência e da sua consciência, ficará surpreendido — o seu interesse pelo sexo começa a desaparecer, pois agora o sexo está a criar algo maior do que a vida, está a criar consciência. A vida é uma coisa inferior; a consciência é uma coisa superior. E uma vez que se seja capaz de produzir consciência, não há nenhuma barreira a dizer que não se pode fazer amor, mas ele parecerá muito monótono. Não lhe dará alegria, e parecerá um puro desperdício de energia. Passamos a preferir usar a energia para criar pirâmides de consciência cada vez mais elevadas dentro de nós, até chegarmos ao ponto máximo, a que chamo iluminação.

Quer dizer que qualquer coisa sem consciência é pecado — afirmaria isso?

Com efeito, a própria expressão “pecado”, na sua origem, significa “esquecimento”, e isso é algo muito belo de recordar.

Consciência significa recordação, atenção, e pecado significa falta de atenção, esquecimento.

Porém, não vou usar a palavra “pecado”, pois ela tem sido usada e contaminada por todas as religiões, e chamar-lhe-ei pura e simplesmente inconsciência, esquecimento, que é o significado original do termo.

E o que é a virtude?

É consciência, mais atenção...

... Em relação a tudo?

Em relação a tudo. E uma vez que estejamos completamente alerta, toda a nossa vida é uma virtude. Tudo o que fazemos tem um sabor a pureza, a fragrância do divino.

PARTE 1

DO SEXO À SUPERCONSCIÊNCIA

CAPÍTULO 1



À PROCURA DO AMOR

O que é o amor? Vivê-lo e conhecê-lo é muito fácil, mas torna-se difícil transmiti-lo por palavras. É o mesmo que perguntar a um peixe: "O que é o mar?" O peixe dirá: "Isto é o mar. Está por todo o lado." Contudo, se insistirmos, "Por favor, define o que é o mar, não indiques apenas o que é", a questão passa a constituir uma verdadeira dificuldade para o peixe.

Na vida dos seres humanos, tudo o que é bom, tudo o que é belo e tudo o que é verdadeiro só pode ser vivido, conhecido. Uma pessoa pode *ser* essas coisas, mas é muito difícil defini-las, falar sobre elas. A infelicidade é que algo que os seres humanos deviam estar a viver — algo que se destina verdadeiramente a ser vivido — não tem sido senão falado durante os últimos cinco ou seis mil anos. Fala-se e debate-se o amor, cantam-se canções de amor, cantam-se hinos de amor plenos de devoção, mas o amor em si não tem lugar nas vidas dos seres humanos.

Se procurarmos no íntimo do homem, descobrimos que nenhuma outra palavra por ele utilizada é mais falsa do que a palavra "amor". E a maior infelicidade é que o homem pensa que aqueles que falsificaram o amor, que bloquearam todas as correntes de amor, são os que lhe deram origem. A religião fala de amor — porém, tal como qualquer infortúnio, o tipo de amor que tem rodeado o ser humano até ao presente tem fechado todas as portas ao amor na sua vida.

Quanto a este ponto, não existe nenhuma diferença básica entre o Oriente e o Ocidente, entre a Índia e a América do Norte. O rio do amor ainda não se manifestou nos seres humanos. E ora atribuímos ao homem as culpas por este estado de coisas, ora as atribuímos à mente. Dizemos que os seres humanos são maus ou que a mente é venenos, e é por isso que não há amor a fluir nas

nossas vidas. Não é a mente que é venenosa; aqueles que a consideram venenosa é que envenenaram o amor e não permitiram que ele nascesse. Nada no mundo é venenoso. Nada é venenoso em toda a existência; tudo é um néctar. Foram os seres humanos que transformaram todo este néctar em veneno, e os maiores culpados são os supostos professores, os supostos homens santos, os supostos homens religiosos.

É importante compreender isto em pormenor, pois se não virmos esta questão com clareza, deixa de haver espaço para o amor na vida de qualquer ser humano — nem sequer no futuro.

Continuamos a utilizar os mesmos argumentos que foram responsáveis pelo não nascimento do amor como base para o nascimento do amor. Repetem-se e reiteram-se ao longo dos séculos princípios totalmente errados, e não conseguimos ver os seus erros básicos devido a essa repetição. Pelo contrário, julga-se que os seres humanos estão errados por não serem capazes de cumprir os requisitos desses princípios.

O ser humano de hoje é produto de uma cultura com cinco, seis ou dez milhares de anos. Porém, é o ser humano, e não a cultura, que tem a responsabilidade pelos seus erros. O homem está a apodrecer, no entanto, a cultura é louvada. “A nossa magnífica cultura, a nossa magnífica religião”... Tudo é “magnífico”. E este ser humano é fruto disso mesmo!

Não, o homem está errado, e devia modificar-se. Ninguém se atreve a levantar-se e a pôr em causa se a cultura e a religião que não conseguiram dar amor aos seres humanos em dez mil anos não estarão, por si mesmas, erradas. E se o amor não evoluiu ao longo dos últimos dez mil anos, qual é a possibilidade, com base nesta mesma cultura e nesta mesma religião, de o amor vir a preencher os seres humanos no futuro? Uma coisa que não se conseguiu alcançar nos últimos dez mil anos também não vai ser alcançada nos próximos dez mil. O ser humano de hoje será igual ao de amanhã. O ser humano sempre foi igual e manter-se-á igual; no entanto, continuamos a elogiar a nossa cultura e a nossa religião, a elogiar os chamados homens santos. Nem estamos preparados para admitir que a nossa cultura e a nossa religião possam estar em falta.

Devo dizer-lhe que estão. E o ser humano atual é a prova disso. Que outra prova pode haver? Se plantarmos uma semente e o fruto for venenoso e amargo, o que é que isso prova? Prova que a semente devia ser venenosa e amarga. Claro que é difícil prever se uma semente em especial irá dar um fruto amargo ou não. Pode observá-la com atenção, pressioná-la ou parti-la, mas não pode ter a certeza se o fruto será amargo ou não. Plante uma semente; crescerá uma planta. Os anos passarão, surgirá uma árvore que estenderá os seus ramos até ao céu e dará fruto — e só então se poderá saber se a semente plantada era amarga ou não.

O ser humano de hoje é o fruto das sementes da cultura e da religião que foram plantadas há dez mil anos e alimentadas desde então. O fruto é amargo; está cheio de ódio e de conflitos. Porém, continuamos a elogiar essas mesmas sementes, e julgamos que delas irá nascer o amor.

Devo dizer-lhe que isso não irá acontecer, pois o potencial fundamental para o nascimento do amor foi morto pelas religiões. Elas envenenaram-no. É possível ver mais amor nas aves, nos outros animais e nas plantas, que não têm religião nem cultura, do que nos seres humanos. É possível ver mais amor nos retrógrados homens tribais que vivem na selva — que não desenvolveram religião, civilização nem cultura — do que nas pessoas supostamente avançadas, cultas e civilizadas de hoje.

Por que será que quanto mais civilizados e cultos se tornam os seres humanos, mais e mais estéreis de amor se tornam, mais influência recebem das religiões, e mais vão aos templos e igrejas rezar? Existem certos motivos para isso, e quero falar de dois deles. Se estes forem entendidos, os rios de amor fechados podem ser desbloqueados e a água voltará a correr.

O amor está dentro de cada ser humano. Não precisa de ser trazido de outro lado qualquer. Não é uma coisa que tenha de ser procurada. Ele está lá. É a própria nostalgia da vida dentro de toda a gente. É a própria fragrância da vida dentro de toda a gente. Porém, está ocultado por muros altos de todos os lados, e não consegue manifestar-se. A toda a sua volta há rochedos que não deixam o rio correr.

A procura do amor, a disciplina do amor não é algo que se possa aprender em lado nenhum.

Um escultor estava a trabalhar numa pedra. Um visitante que tinha ido ver como se fazia uma estátua não viu quaisquer vestígios dela, mas apenas uma pedra a ser talhada aqui e ali a escopro e martelo.

— O que está a fazer? — perguntou o visitante. — Não vai fazer uma estátua? Eu vim ver como se fazia uma estátua, mas só estou a vê-lo talhar uma pedra.

O artista respondeu:

— A estátua já está escondida lá dentro. Não precisa de ser feita. De certo modo, a inútil massa de pedra que se encontra em torno dela tem de ser separada, e então a estátua manifestar-se-á. Uma estátua não se faz, apenas se descobre. Ela está encoberta e é trazida para a luz.

O amor encontra-se escondido dentro dos seres humanos; a questão não é como fazê-lo, mas como descobri-lo. Há algo com que nos cobrimos, que não permite que o amor venha à superfície.

Experimente perguntar a um médico o que é a saúde. É muito estranho, mas nenhum médico no mundo consegue dizer o que é a saúde! Toda a ciência médica é dedicada à saúde, mas não há ninguém capaz de dizer o que é a saúde. Se perguntar aos médicos, eles dir-lhe-ão: "Só posso explicar quais são as doenças e os seus sintomas. Conheço os diferentes termos médicos e descrições para cada uma das doenças. Mas a saúde? Quanto à saúde, nada sei. Só sei dizer que a saúde é o que sobra quando não há doença." Isto porque a saúde está escondida dentro dos seres humanos. Defini-la está além das nossas capacidades.

A doença vem do exterior; daí poder ser definida. A saúde vem do interior; daí não poder ser definida. Apenas podemos afirmar que a ausência de doença é saúde. Mas não é essa a definição de saúde; nunca se disse nada verdadeiro a respeito da saúde. A verdade é que a saúde não precisa de ser criada. Ela pode estar escondida pela doença ou revelar-se quando a doença é afastada ou curada. A saúde encontra-se dentro de nós. A saúde é a nossa natureza intrínseca.

O amor está dentro de nós. O amor é a nossa natureza intrínseca. Por isso, é fundamentalmente errado pedir aos seres humanos que cultivem o amor. O problema não é como cultivar o amor, mas sim como investigar e descobrir por que motivo o amor não se consegue manifestar. Qual é o impedimento? Qual é a dificuldade? Onde está a barreira?

Se não houver barreiras, o amor manifestar-se-á. Ele não precisa de ser ensinado ou explicado. Qualquer pessoa estaria cheia de amor se não lhe fossem impostas barreiras culturais e condicionamentos errados. É uma inevitabilidade; ninguém pode evitar o amor. O amor é a nossa natureza intrínseca.

O Ganges corre dos Himalaias. É natural que ele corra; ele está vivo, tem água, e por isso corre até encontrar o oceano. O rio não vai perguntar a um polícia ou a um padre onde fica o oceano. Alguma vez viu um rio num cruzamento, a perguntar a um polícia onde fica o oceano? Não, a procura do oceano está oculta no seu ser. E como o rio tem energia, atravessa montanhas, rochedos e planícies, e chega ao oceano. Por mais distante que ele se encontre, por mais escondido que ele possa estar, o rio não deixará de encontrar o oceano. E o rio não tem nenhum guia nem nenhum mapa a indicar por onde deve passar... mas acaba por alcançar o oceano.

Porém, imagine que construíam diques a barrar-lhe o caminho. Imagine que construíam muros altos a toda a volta do rio. O que acontecia então? Um rio ultrapassa as barreiras naturais, mas, se as barreiras forem criadas pela engenharia humana, é possível que ele não chegue ao oceano.

É importante entender esta diferença. Nenhuma barreira natural constitui verdadeiramente um obstáculo; é por isso que o rio chega ao oceano.

Atravessando as montanhas, ele chega até ao oceano. Porém, se os seres humanos inventarem barreiras, se os seres humanos criarem obstáculos, podem impedir o rio de chegar ao oceano.

Na natureza, há uma unidade fundamental, uma harmonia. As barreiras naturais, os obstáculos aparentes que encontramos na natureza são, porventura, desafios para criar energia; eles servem de provocações para invocar o que está latente no ser. Imagine que plantamos uma semente; parece que a camada de terra por cima da semente a pressiona, impedindo o seu crescimento. Contudo, não é isso que se passa; se essa camada de terra não estiver lá, a semente não pode germinar. Do exterior, parece que a camada de terra mantém a semente pressionada, mas ela pressiona a semente de maneira que ela possa amolecer, desintegrar-se e transformar-se em rebento. Do exterior, parece que o solo constitui um obstáculo à semente, mas o solo é apenas um amigo; está a ajudar a semente a crescer.

A natureza é uma harmonia, uma sinfonia rítmica. Porém, a artificialidade que os seres humanos impuseram à natureza, as coisas que os seres humanos puseram por cima dela e os inventos mecânicos que atiraram para a corrente da vida criaram obstáculos. Muitos rios deixaram de correr, e depois a culpa é dos rios. Não sentimos necessidade de culpar uma semente. Se ela não se transforma em planta, pensamos que a terra talvez não fosse boa, que a semente talvez não tivesse água suficiente ou não tivesse recebido suficiente calor. Mas se as flores do amor não desabrocharem na vida de alguém, afirmamos "Tu és o responsável". Ninguém pensa que isso possa dever-se ao facto de a terra ser má ou que essa planta não tenha crescido, não se tenha desenvolvido e não tenha conseguido florir por falta de água ou de calor.

Quero dizer-lhe que os obstáculos básicos são feitos pelo homem, são criados pelos seres humanos. Caso contrário, o rio do amor foi feito para fluir e alcançar o oceano da vida. Os seres humanos estão aqui para fluírem amorosamente e atingirem a religiosidade.

Quais são os obstáculos fabricados pelo homem? O primeiro consiste no facto de, até hoje, todas as culturas humanas terem sido contra o sexo, contra a paixão. Esta oposição, esta negação estilhaçou e destruiu a possibilidade de nascimento do amor nos seres humanos.

A verdade pura e simples é que o sexo é o ponto de partida de todas as viagens até ao amor. O local onde nasce a viagem até ao amor — a *Gangotri* do amor, a fonte, a origem do Ganges do amor — é o sexo. E toda a gente é sua inimiga — todas as culturas, todas as religiões, todos os gurus, todos os homens santos. Eles atacam a *Gangotri*, a própria fonte, e o rio parou por aí: "O sexo é pecado... O sexo é contra a religião... O sexo é veneno." E nunca nos passa pela cabeça que é a energia sexual que acaba por se transformar e transmutar no amor.

A evolução do amor não é senão energia sexual transformada. Ao olhar para um pedaço de carvão, nunca lhe ocorre que esse mesmo carvão se possa vir a transformar em diamante. Não existe nenhuma diferença essencial entre o carvão e um diamante. Os elementos são os mesmos. Depois de passar por um processo que dura milhares de anos, o carvão transforma-se num diamante.

Porém, o carvão não é considerado precioso. Quando se guarda carvão em casa, ele é armazenado num lugar onde não possa ser visto pelas visitas. Os diamantes usam-se à volta do pescoço ou ao peito, para que sejam vistos por todos. Os diamantes e o carvão são uma e a mesma coisa, mas não parece existir nenhuma relação visível entre os dois, não parece haver consciência de que são dois pontos numa viagem feita pelo mesmo elemento. Se formos contra o carvão — o que é muito provável, pois, à primeira vista, não tem mais nada a oferecer além de fuligem negra —, a possibilidade da sua transformação num diamante acaba ali mesmo. É o próprio carvão que se pode transformar em diamante.

É a energia sexual que se transforma em amor. Contudo, toda a gente é contra ela, todos são inimigos dela. As supostas “pessoas de bem” são contra ela. E esta oposição não permitiu que a semente chegasse a rebentar. Isso destruiu o palácio do amor pelo próprios alicerces, ao primeiro passo. O carvão nunca se transforma em diamante, porque a aceitação necessária para a sua evolução, para o seu processo de transformação, está fora de questão. Como pode algo de que nos tornámos inimigos, a que nos opomos, com que estamos permanentemente em luta, sofrer alguma transformação?

Os seres humanos têm sido levados a opor-se à sua própria energia, a lutar contra a energia sexual. À superfície, são ensinados a apoiar o fim de todos os conflitos, de todas as lutas e combates. Mas, no fundo, eles estão essencialmente a ser ensinados a lutar: “A mente é um veneno, por isso, combatam-na — é preciso lutar contra o veneno. O sexo é um veneno, por isso combatam-no.” E, aparentemente, pedem-nos que acabemos com todos os conflitos! Os próprios ensinamentos que constituem a base do conflito interior do homem pedem-lhe que abandone o conflito! Por um lado, levam as pessoas à loucura e, por outro, abrem manicómios para que sejam tratadas. Por um lado, espalham os germes da doença e, por outro, constroem hospitais para tratar os doentes.

É muito importante compreender o seguinte neste contexto: os seres humanos nunca podem ser separados do sexo. O sexo é a própria fonte da vida; é daí que nascemos. A existência aceitou a energia sexual como ponto de partida da criação, e os denominados homens santos chamam-lhe pecado... uma coisa que a própria existência não considera pecado! E se pensa em Deus como o criador, e se Deus considerar o sexo um pecado, então não há maior pecador do que Deus neste mundo, não há maior pecador do que Deus neste universo.

Se virmos uma flor em botão — alguma vez pensou que o desabrochar de uma flor é um ato de paixão, um ato sexual? —, o que acontece à medida que a flor vai desabrochando? As borboletas poisam nela e levam o seu pólen, o seu esperma, até outra flor. Um pavão dança em toda a sua glória — um poeta canta-lhe canções, os denominados santos também se enchem de alegria. Porém, não se apercebem de que a dança é uma expressão aberta de paixão, tratando-se, em primeiro lugar, de um ato sexual? O pavão dança para seduzir a amada. O pavão acena para a sua amada, para a sua esposa. O pássaro canta, o pavão dança, um rapaz entrou na adolescência, uma rapariga transformou-se numa bela mulher — tudo isto são expressões de energia sexual. São diferentes manifestações de energia sexual. Toda a vida, toda a expressão, todo o desabrochar é basicamente energia sexual. E é contra esta energia sexual que as religiões e as culturas despejam veneno nas mentes dos seres humanos. Tentam pôr os seres humanos em luta contra ela. Envolveram as pessoas nesta batalha contra a sua energia básica, por isso elas tornaram-se desgraçadas, patéticas, isentas de amor, falsas, umas nulidades.

Não tem de lutar contra o sexo, mas sim de criar uma amizade com ele, conduzindo a corrente de vida até ao seu ponto mais elevado.

Enquanto abençoava um casal recém-casado, um sábio dos *Upanixades* disse para a noiva: “Que sejas mãe de dez filhos e, por fim, que o teu marido se torne o teu décimo primeiro filho.” Se a paixão for transformada, a mulher pode tornar-se mãe; se a luxúria for transformada, o sexo pode transformar-se em amor. É apenas energia sexual que desabrocha na energia do amor.

No entanto, tem-se transmitido às pessoas o antagonismo em relação ao sexo, e o resultado é que não só o amor não floresceu nelas — porque o amor é uma energia para além da energia sexual, que penas pode surgir através da aceitação desta —, como as suas mentes se têm tornado cada vez mais sexuais devido a esta oposição ao sexo. Todas as nossas canções, toda a nossa poesia, toda a nossa arte e pintura, todos os nossos templos e as estátuas que neles encontramos passaram direta ou indiretamente a centrar-se em torno do sexo. As nossas mentes giram em torno do sexo. Nenhum animal do mundo é tão sexual como os seres humanos, que são sexuais a todas as horas do dia — acordados ou a dormir, sentados ou a andar, o sexo passou a significar tudo para eles. Devido à inimizade em relação ao sexo, devido a esta oposição e supressão, ele passou a ser como que uma úlcera no seu ser.

Ninguém se consegue libertar de uma coisa que é a própria raiz da sua vida. Contudo, no processo deste constante conflito interno, a sua vida pode tornar-se doentia — e foi o que aconteceu. As denominadas religiões e culturas são basicamente responsáveis pela sexualidade excessiva que é tão evidente na humanidade. As “pessoas más” não são responsáveis por isto, mas sim as “pessoas de bem” e os santos. Enquanto toda a raça humana não se libertar

deste comportamento errado por parte dos líderes religiosos e das pessoas de bem, não há hipótese para o nascimento do amor.

Recordo-me de um incidente:

Um dia, um suposto homem santo ia a sair de casa — ia visitar um amigo —, quando encontrou ao portão um amigo de infância que tinha ido visitá-lo. O homem santo disse:

— Sê bem-vindo! Mas onde te meteste durante todos estes anos? Entra! Olha, prometi ir ver uns amigos e ia ser difícil adiar a visita, por isso, fica a repousar em minha casa. Volto dentro de aproximadamente meia hora. Em breve estarei de regresso, e poderemos ter uma longa conversa. Há anos que desejava voltar a verte um dia.

O amigo retorquiu:

— Oh, não, não seria melhor ir eu contigo? As minhas roupas estão muito sujas, mas se puderes arranjar-me roupa lavada, posso vesti-la e acompanhar-te.

Algum tempo antes, um homem rico oferecera ao homem santo algumas roupas caras, e ele estava a guardá-las para alguma ocasião importante. Muito contente, foi buscá-las. O amigo vestiu o casaco e o turbante caros, e calçou os belos sapatos. Parecia um rei! Ao olhar para o amigo, o homem santo sentia alguma inveja; em comparação, parecia um criado. Começou a pensar se teria cometido um erro ao oferecer o seu melhor fato, e começou a sentir-se inferior. Agora, todas as atenções se virariam para o seu amigo, pensou, e ele pareceria um criado, um servo. Hoje, por causa das suas próprias roupas, pareceria ser um mendigo.

Tentou acalmar a mente pensando em si mesmo como um homem de Deus, como alguém que está sempre a falar de Deus, da alma e de coisas nobres. Afinal de contas, que importância tem um bom casaco ou um turbante caro? Deixá-lo, que importância podem eles ter? Apesar disso, quanto mais tentava persuadir-se da sua insignificância, mais a sua mente ficava obcecada com o casaco e o turbante.

À superfície, tentava conversar com o amigo acerca de outros tópicos, mas, interiormente, a sua mente não abandonava o casaco e o turbante. Pelo caminho, embora estivessem juntos, os transeuntes apenas olhavam para o amigo, e não para ele. O homem santo começou a sentir-se deprimido.

Chegaram à casa que tencionavam visitar, e ele apresentou o amigo: — Este é o meu amigo Jamaal, um amigo de infância. É um homem encantador.

E, de repente, acrescentou precipitadamente:

— E as roupas? São minhas!

O amigo ficou chocado. Os anfitriões também se admiraram: que tipo de comportamento louco era aquele? O homem santo também se apercebeu de que o comentário fora despropositado, mas era demasiado tarde. Lamentou o seu erro e, por causa dele, reprimiu ainda mais a mente.

Quando saiu de casa, pediu desculpa ao amigo.

O amigo afirmou:

— Fiquei estupefacto. Como pudeste dizer uma coisa daquelas ?

Ao que o homem santo respondeu:

— Desculpa. Foi um lapso.

Porém, os lapsos não existem. Às vezes, as palavras saem-nos da boca sem darmos por isso. Mas isso também só acontece quando temos alguma coisa na mente; os lapsos não existem. Ele disse: "Perdoa-me. Cometi um erro. Não sei como uma coisa daquelas me foi sair pela boca fora." Porém, ele sabia muito bem o que acontecera: o pensamento ocorrera-lhe à mente.

Passaram por casa de outro amigo. Agora, o homem santo não parava de repetir para si mesmo que não devia mencionar que as roupas eram dele: fortaleceu a mente contra essa ideia. Quando chegaram ao portão da casa do outro amigo, tomou a firme resolução de não dizer que as roupas eram suas.

O que aquele pobre homem não percebia era que, quanto mais se decidia a não dizer nada em relação às roupas, mais firme se tornava a sensação interior de que as roupas lhe pertenciam. Afinal de contas, de que são feitas as resoluções firmes? Quando alguém toma uma resolução firme, como um voto de celibato, isso significa apenas que a sexualidade está a fazer um esforço desesperado para se manifestar. Senão, para que precisaria de uma resolução? Se alguém toma a resolução de comer menos ou de jejuar, isso implica que a pessoa tem um profundo desejo de comer mais. Esses esforços resultam inevitavelmente num conflito interior. Aquilo que queremos combater não é senão a nossa própria fraqueza. O conflito interior constitui, por isso, um resultado natural.

Ocupado numa luta interior, o homem santo dirigiu-se para a casa seguinte. Começou muito cuidadosamente:

— Este é o meu amigo...

Mas reparou que ninguém lhe prestava atenção. Todos olharam para o seu amigo e para as suas roupas com admiração, e isso incomodou-o. "Aquele é o meu casaco e aquele é o meu turbante!" No entanto, voltou a recordar a si próprio com firmeza que não devia continuar a falar das roupas. "Todas as pessoas, sejam ricas ou pobres, têm roupas de algum tipo. É uma questão trivial, todo este mundo é maya,

uma ilusão”, tentou convencer-se si próprio. Contudo, as roupas abanavam à frente dos seus olhos como um pêndulo, para trás e para a frente, para trás e para a frente.

E concluiu a apresentação:

— Este é o meu amigo. Um amigo de infância. Um cavalheiro. E as roupas... são dele, e não minhas.

As pessoas ficaram surpreendidas. Nunca tinham ouvido uma apresentação daquelas: “As roupas são dele, e não minhas!”

Quando saíram da casa, voltou a desfazer-se em desculpas:

— Foi um grande disparate — reconheceu.

Agora, estava confuso sobre o que devia ou não devia fazer: “As roupas nunca tiveram tanta importância para mim! Oh, meu Deus, o que me aconteceu?” O pobre sujeito não sabia que a estratégia que estava a aplicar em si mesmo era de tal forma que qualquer pessoa seria apanhada nela.

O amigo, agora bastante indignado, afirmou que não queria acompanhá-lo mais. O suposto homem de Deus agarrou-lhe no braço e suplicou:

— Por favor, não faças isso. Ficaria infeliz para o resto da vida por mostrar tão maus modos para com um amigo. Juro que não volto a falar nas roupas. Com todo o meu coração, juro a Deus que não voltarei a mencionar as roupas.

Porém, devemos desconfiar sempre de quem jura, pois é evidente que há dentro da pessoa algo mais profundo do que o juramento — algo contra o qual tem de jurar. Um juramento, uma resolução, é superficial, exterior. Ele é feito pela parte consciente da mente. Mas aquilo contra o qual a resolução é tomada encontra-se no interior, nos labirintos da mente subconsciente. Se a mente estiver dividida em dez partes, apenas uma parte, apenas a parte superior, se compromete no juramento; as restantes nove partes estão contra ele. Um voto de celibato, por exemplo, é feito por uma parte da mente, enquanto o resto da mente, as outras nove partes, gritam pelo auxílio da existência, pedem aquilo que foi implantado pela existência nos seres humanos.

Foram a casa do terceiro amigo. O homem santo conteve-se, mantendo um controlo rigoroso sobre a própria respiração. As pessoas contidas são muito perigosas, pois habita nelas um vulcão ativo, e elas apenas são rígidas e controladas no exterior.

Por favor, não se esqueça de que tudo o que é controlado exige tanto esforço e energia, que esse controlo não pode ser mantido durante todo o tempo. De vez em quando, é preciso descontraír; de vez em quando, é preciso descansar. Durante quanto tempo conseguimos manter o punho cerrado? Vinte e quatro horas? Quanto mais o apertamos, mais nos cansamos e mais depressa

teremos de o abrir. Tudo o que exige esforço, quanto mais esforço exigir, mais depressa nos cansa, fazendo com que comece a acontecer exatamente o contrário. A nossa mão pode manter-se aberta durante todo o tempo, mas não consegue manter-se sempre cerrada num punho. Tudo o que exige esforço não pode tornar-se um modo natural de vida, nunca pode ser espontâneo. Se exige esforço, também exigirá descanso. E assim, quanto mais controlado for um santo, mais perigoso ele é — porque *há-de* surgir a necessidade de relaxar o controlo. Em vinte e quatro horas de autocontrolo, é preciso descontraír durante uma ou duas horas e, durante esse período, haverá um tal acréscimo de “pecados” reprimidos, que dará por si num inferno.

O homem santo manteve um controlo apertado sobre si mesmo, de maneira a não falar das roupas. Imagine que situação! Se for minimamente religioso, poderá imaginar a situação dele, a partir da sua experiência. Se alguma vez jurou não fazer algo ou fez um voto, ou se já se controlou para não fazer alguma coisa, deve saber muito bem o estado deplorável em que uma pessoa se encontra.

Entraram em casa. O homem santo suava por todos os poros. Tal era o turbilhão em que se encontrava. O amigo também estava preocupado, por ver o estado de tensão em que ele se encontrava.

O homem santo proferiu cada palavra de apresentação lenta e cuidadosamente:

— Apresento-vos o meu amigo. É um velho amigo, um bom homem...

Por instantes, hesitou. Como que dominado por uma forte motivação interior, com o autocontrolo totalmente dilacerado, proferiu:

— E as roupas? Peço perdão, mas não vou falar sobre elas, porque jurei não o fazer!

O que aconteceu a este homem aconteceu com toda a humanidade no que diz respeito ao sexo. Por ser condenado, o sexo tornou-se uma obsessão, uma doença, uma ferida. Foi envenenado.

Desde tenra idade, as crianças aprendem que o sexo é pecado. As raparigas e os rapazes aprendem que o sexo é pecado. Depois, a rapariga e o rapaz crescem; vem a adolescência, casam-se e iniciam a viagem ao mundo do sexo com a forte convicção de que o sexo é pecado. Na Índia, também dizem à rapariga que o seu marido é o seu deus. Como pode ela venerar como um deus alguém que a leva a cometer um pecado? Como é possível? Ao rapaz, afirmam: “Esta é a tua esposa, a tua companheira para a vida, a tua cara-metade.” Contudo, ela está a conduzi-lo para o inferno, pois as escrituras dizem que a mulher é a porta para o inferno. “Esta porta para o inferno é a minha companheira para a vida, a minha cara-metade?” Esta cara-metade pecadora e infernal... Como pode haver a menor harmonia com ela?

Este tipo de ensinamentos destruiu a vida conjugal de todo o mundo. Quando a vida de um casal é destruída desta maneira, não resta qualquer possibilidade de amor. E se nem o marido nem a mulher se podem amar livremente — situação em que o desejo amoroso é mais espontâneo e natural —, quem o pode fazer? Este mesmo amor entre marido e mulher pode ser elevado a tais alturas, a dimensões tão sublimes, que quebrará todas as barreiras e expandir-se-á cada vez mais alto. Isso é possível. Contudo, se este amor for cortado à nascença, se for sufocado, se for envenenado, nada pode crescer, nada se pode expandir a partir dele.

O grande místico Ramanuja estava a acampar numa aldeia. Apareceu um homem que lhe disse que queria ter a experiência de Deus.

Ramanuja perguntou-lhe:

— Alguma vez estiveste apaixonado por alguém?

— Não, nunca me preocupei com uma coisa tão mundana — respondeu o homem.

— Nunca descisti tão baixo; quero ter a experiência de Deus.

Ramanuja perguntou novamente:

— Nunca te preocupaste com o amor?

— Estou a dizer a verdade — retorquiu enfaticamente o homem.

Aquele pobre homem falava como pensava dever falar. No mundo religioso da sua época, ter estado apaixonado seria uma desqualificação. Ele estava certo de que, se dissesse que tinha amado alguém, aquele místico lhe pediria para se ver livre desse amor naquele momento — para renunciar aos seus compromissos e abandonar todas as emoções mundanas antes de procurar orientação. Por isso, mesmo que o homem tivesse amado alguém, continuava a responder pela negativa. Mas onde podemos encontrar alguém que nunca tenha sentido algum amor?

Ramanuja perguntou pela terceira vez.

— Diz alguma coisa. Pensa bem. Nunca sentiste nem um bocadinho de amor por alguém? Nunca amaste um pouco uma pessoa?

O homem respondeu:

— Perdoa-me, mas por que me fazes a mesma pergunta vezes e vezes seguidas? Nem com um pau eu tocaria no amor. Quero ter a experiência de Deus.

A isto, Ramanuja respondeu:

— Então, vais ter de me desculpar. É melhor aproximares-te de outra pessoa. A minha experiência diz-me que, se amaste alguém, seja quem for, se tiveste nem que seja uma breve visão do amor, esse amor pode ser expandido até um ponto em que

alcance Deus. Mas se nunca amaste, então não tens nada em ti que possa crescer. Não tens a semente que pode transformar-se em árvore. Terás de pedir auxílio a outra pessoa.

Se não existir amor entre marido e esposa — se a mulher não sentir amor pelo marido e o marido não sentir amor pela mulher —, é um erro pensar que eles poderão amar os filhos. A mulher apenas conseguirá amar os seus filhos na medida em que amar o marido, pois eles são o reflexo do marido. Se não houver amor pelo marido, como poderá haver amor pelo filho? E se o filho não receber amor — apenas educar e criar uma criança não é amor —, como espera que a criança ame o pai e a mãe? Esta unidade de vida designada por “família” tem sido envenenada pela condenação do sexo e pelo facto de ele ser considerado pecado. E é esta forma alargada de família que consideramos ser o mundo. E depois queixamo-nos de que o amor não existe? Nestas circunstâncias, como se pode esperar encontrar o amor em algum lado?

Toda a gente afirma amar. Mães, esposas, pais, irmãos, irmãs, amigos, todos dizem amar. Porém, se olharmos para a vida globalmente, não existem provas de amor em lado nenhum. Se tantas pessoas amam, o mundo devia estar inundado de amor: devia haver flores e flores de amor por todo o lado, deviam arder velas de amor por todo o lado. Se houvesse uma vela de amor a arder em cada lar, quanta luz haveria neste mundo! Contudo, em vez disso, encontramos por todo o lado um ambiente de ódio, de raiva, de guerras. Não se encontra em lado nenhum um único raio de amor.

É mentira dizer que todas as pessoas amam. Mas enquanto continuarmos a acreditar nesta mentira, nem é possível começar a viagem para tornar o amor uma realidade. Ninguém ama ninguém aqui. E enquanto a naturalidade do sexo não for totalmente aceite, ninguém pode amar ninguém.

Devo dizer-lhe que o sexo é divino. A energia do sexo é energia divina, energia sagrada. É por isso que essa energia cria novas vidas. Ela é a maior e mais misteriosa de todas as forças.

Abandone esse antagonismo em relação ao sexo. Se quiser que o amor inunde a sua vida, renuncie a esse conflito com o sexo. Aceite o sexo com beatitude. Reconheça a sua característica sagrada. Reconheça a sua bênção. Continue a procurá-lo cada vez mais profundamente, e ficará surpreendido, pois, quanto mais aceitar o sexo com uma qualidade de sagrado, mais sagrado ele se tornará. E quanto mais entrar em conflito com ele, como se fosse algo de sujo e pecaminoso, mais pecaminoso e feio ele se tornará.

Quando um homem aborda a mulher, deve fazê-lo com um sentimento de sacralidade, como se entrasse num templo. E quando uma mulher aborda o marido, deve estar cheia de um sentimento de sacralidade, de temor, como se se aproximasse de um deus. Quando dois amantes se aproximam da altura de

terem relações sexuais, quando fazem amor, estão, de facto, a aproximar-se de um templo. O que está a funcionar na sua vizinhança é o sagrado, é a força criativa da existência.

Penso que o homem teve as primeiras breves visões do despertar, da meditação, nos momentos de fazer amor — e em nenhuma outra situação. Foi apenas nos momentos de fazer amor que os seres humanos se aperceberam pela primeira vez de que é possível tanta bem-aventurança. Aqueles que meditaram nesta verdade, os que refletiram profundamente sobre o fenómeno do sexo, de fazer amor, viram que nos momentos de fazer amor, no clímax, a mente se esvazia de pensamentos. Por alguns instantes, todos os pensamentos se desvanecem. E este vazio da mente, este desaparecimento dos pensamentos, traz uma grande beatitude. Descobriu-se assim o segredo.

Também se descobriu o segredo de que, se for possível libertar a mente de pensamentos por qualquer outro meio além do sexo, é possível atingir a mesma beatitude. Foi a partir daí que cresceram os sistemas de ioga e de esvaziamento da mente que deram origem à meditação. Na base da meditação está a experiência de fazer amor. Foi assim que os seres humanos vieram a experienciar que a mente pode ser pacificada, que a mente pode ser esvaziada de pensamentos *sem* se ter de entrar no sexo, e que é possível obter a mesma beatitude que acontece no sexo.

Além do mais, apenas podemos manter a experiência de fazer amor durante algum tempo, pois ela constitui uma libertação de energia. No entanto, podemos manter-nos continuamente na experiência da meditação.

Devo dizer-lhe que quem se dedica à meditação experimenta a mesma beatitude durante todo o tempo que algumas pessoas experimentam em momentos de orgasmo. Não há nenhuma diferença básica entre a beatitude das duas experiências. O sábio que afirmou que *vishayanand* e *brahmanand* — a beatitude que deriva da indulgência dos sentidos e a que surge através da entrada no sagrado — são irmãs gémeas afirmou uma verdade. Elas nasceram do mesmo ventre. Nasceram da mesma experiência. Ele estava certo.

Então, o primeiro princípio que desejo transmitir-lhe é que, se desejar conhecer o fenómeno que designamos por amor, a primeira chave para isso é aceitar a sacralidade, a divindade, a religiosidade do sexo — com o coração inteiro, com todo o coração. E ficará surpreendido ao ver que quanto mais totalmente, quanto mais integralmente aceitar o sexo, mais se libertará dele. Quanto menos aceitação houver, mais preso ficará ao sexo, como aquele homem santo que se tornou escravo das suas roupas. Quanto maior aceitação, mais livre se tornará. Chamo religiosidade à total aceitação da vida, de tudo o que é natural na vida. E é esta religiosidade que liberta uma pessoa.

Encaro como não religiosos aqueles que negam e renegam o que é natural na vida: "Isto é mau, aquilo é pecado, isto é venenoso. Deixa isto; abandona aquilo." Os que falam de renúncia é que não são religiosos.

Aceite a vida como ela é, na sua naturalidade, e viva-a na sua totalidade. Essa mesma totalidade irá elevá-lo dia a dia, passo a passo. Essa mesma aceitação elevá-lo-á até ao ponto de, um dia, experimentar algo que não tem em si quaisquer vestígios de sexo. Se o sexo for o carvão, um dia, o diamante do amor também se manifestará a partir dele. Essa é a primeira chave da questão.

O segundo aspeto fundamental de que lhe quero falar é algo que a civilização, a cultura e as religiões fortaleceram em nós até hoje. Isto também é importante, pois o primeiro princípio transformará a sua energia sexual em energia amorosa, mas há algo mais a bloquear a sua energia sexual como um muro, não permitindo que ela flua. Trata-se do ego, a sensação de "Eu sou".

O "Eu sou" é afirmado por pessoas pagãs, mas tem vindo a ser afirmado cada vez com mais convicção pelas ditas pessoas de bem e pessoas religiosas. É evidente que, nelas, assume uma forma diferente. Estas pessoas dizem "Eu quero ir para o céu; eu quero atingir a salvação, a libertação; eu quero isto, eu quero aquilo" — porém, esse "eu" está presente dentro delas.

Quanto mais forte for o "eu" da pessoa, menor é a capacidade de ela se tornar uma seja com quem for. O "eu" é um muro a separá-la dos outros. Ele autoproclama-se. A sua proclamação é: "Tu és tu e eu sou eu. Há uma distância entre nós." Então, por mais que "eu" te ame, por mais que "eu" te abrace, não deixamos de ser dois. Por mais próximos que estejamos, existe sempre um abismo — eu sou eu e tu és tu. É por isso que, mesmo as experiências mais íntimas, não conseguem aproximar as pessoas. Os corpos ficam perto um do outro, mas as pessoas mantêm-se distantes. Enquanto houver o "eu" lá dentro, a sensação do "outro" não pode ser dissolvida.

Sartre fez uma afirmação maravilhosa: "O inferno são os outros." Porém, não explicou por que motivo o outro é o "outro". O outro é o "outro" porque eu sou "eu." E enquanto eu for "eu", o mundo à minha volta é o "outro," separado, distante. E enquanto houver separação, não existe experiência de amor.

O amor é a experiência da unidade.

O amor acontece quando o muro ruíu e as duas energias se uniram, se reuniram. O amor acontece quando os muros entre duas pessoas se desmoronaram e os seus seres se encontraram, se uniram e se tornaram um só. Quando esta experiência acontece entre dois indivíduos, chamo-lhe amor. Quando esta mesma experiência acontece entre um indivíduo e o todo, chamo-lhe religiosidade.

Se esta experiência ocorrer entre si e outro indivíduo — se todas as barreiras se desvanecerem, se vocês se tornarem um a um nível interior profundo, uma melodia, um fluxo, um ser —, então, isso é amor. E se esta mesma experiência acontecer entre um indivíduo e o todo — se o indivíduo se dissolver e se tornar um só com o todo —, estamos perante uma experiência de religiosidade. É por isso que digo que o amor é a escada e tornar-se um deus é o destino final da viagem.

Como é possível que o “outro” desapareça enquanto “eu” não desaparecer, se “eu” não me desvanecer? O “outro” é uma criação do eco do meu “eu”. Quanto mais alto gritar “eu”, mais forçosamente o “outro” é criado. O “outro” é o eco do nosso “eu”.

E o que é esse “eu”? Alguma vez pensou nisso? Serão as nossas pernas, as nossas mãos, a nossa cabeça ou o nosso coração? O que constitui o seu “eu”? Se se sentar em silêncio durante alguns instantes a procurar interiormente o que é e onde se encontra esse “eu,” ficará surpreendido por, apesar de uma busca intensa, não poder encontrar esse “eu” em parte nenhuma. Quanto mais profundamente procurar, mais profundo será o silêncio e o vazio que encontrará, em vez de um ego, de um “eu”, seja onde for.

O monge Nagsen recebeu ordens para agraciar a corte do imperador Milind com a sua presença.

O mensageiro foi ter com Nagsen e disse:

— Nagsen, o imperador deseja ver-te. Vim convidar-te.

Nagsen respondeu:

— Se queres, eu vou. Mas perdoa-me, pois não há aqui nenhum Nagsen. É apenas um nome, uma etiqueta funcional.

O mensageiro relatou ao imperador que Nagsen era uma pessoa muito estranha: respondera que iria, mas dissera que não havia ali nenhum Nagsen, pois esse nome era apenas uma etiqueta funcional.

O imperador afirmou:

— Isso é estranho. Mas se ele diz que vem, há-de aparecer.

Nagsen chegou a tempo, na carruagem real, e o imperador foi recebê-lo ao portão:

— Sê bem-vindo, bhikshu Nagsen! — exclamou.

Ao ouvir isto, o monge começou a rir.

— Aceito a tua hospitalidade como Nagsen, mas peço que não esqueças que não há aqui nenhum Nagsen.

O imperador disse:

— Estás a falar por enigmas. Se não estás aqui, então quem veio, quem aceitou o meu convite? Quem está a falar comigo?

Nagsen olhou para trás e perguntou:

— Não é esta a carruagem, imperador Milind, onde eu vim?

— Sim, é ela mesma.

— Peço-te que mandes retirar os cavalos.

Os cavalos foram retirados.

O monge apontou para os cavalos, e perguntou:

— É esta a carruagem?

O imperador disse:

— Como se pode dizer que os cavalos são uma carruagem?

Ao sinal do monge, os cavalos foram levados e retiraram também os varões utilizados para aparelhar a carruagem.

— Estes varões são a tua carruagem?

— Claro que não, isto são os varões e não a carruagem.

A seguir retiraram as rodas, e Nagsen perguntou:

— Estas rodas são a carruagem?

O imperador respondeu:

— Isto são as rodas e não a carruagem.

O monge prosseguiu, ordenando a remoção de todas as peças, uma por uma, e a cada pergunta o imperador respondia:

— Isto não é a carruagem.

Por fim, não restava mais nada.

O monge perguntou:

— Onde está agora a tua carruagem? A cada peça retirada, disseste “Isto não é a carruagem”. Então diz-me: onde está agora a tua carruagem?

A revelação surpreendeu o imperador. Já não havia nenhuma carruagem. E quando ela estava a ser desmontada, peça a peça, nenhuma das partes era a carruagem em si.

O monge continuou:

— Estás a seguir o meu raciocínio? A carruagem era apenas uma montagem; era uma acumulação de certas coisas. Uma carruagem não tem existência própria, não tem ego; uma carruagem é uma mera combinação de peças.

Perscrute o seu íntimo: onde está o seu ego? Onde se encontra o seu “eu”? Não encontrará esse “eu” em lado nenhum. Ele é apenas uma combinação de muitas energias, nada mais. Continue à procura de cada um dos seus membros, de cada um dos seus aspetos, e não encontrará nenhum. Em última análise, apenas restará o nada.

O amor nasce desse nada — porque esse nada, esse vazio, não é você, mas sim a pura religiosidade.

O amor só pode nascer desse vazio, pois apenas um vazio é capaz de se fundir com outro vazio; apenas um vácuo se pode tornar uno com outro vácuo. Não duas pessoas, mas apenas dois nadas podem encontrar-se, visto já não existirem barreiras. Tirando o nada, tudo o mais tem muros em redor.

Por isso, a segunda coisa a recordar é que, quando a personalidade se desvanece, não encontramos o “euismo” em lado nenhum. Resta então o todo, e não o “eu”. Quando isso acontece, todas as barreiras, todos os muros se desmoronam para ver irromper o Ganges do amor que estava oculto. Ele sempre esteve lá, pronto a aguardar que você se transformasse num nada, permitindo-lhe que fluísse.

Cavamos um poço. A água já está lá em baixo: não tem de ser trazida de lado nenhum. Só é preciso escavar a terra e remover as pedras. O que estamos exatamente a fazer quando criamos um poço? Criamos um vazio, para que a água que está escondida lá em baixo encontre um espaço em que possa mover-se, um espaço em que possa mostrar-se. Ela já se encontra lá dentro, apenas precisa de espaço para se manifestar. Ela precisa de um vazio que não tem. Um poço está cheio de pedras e areia, por isso retiramos a areia e as pedras, e a água vem ao de cima.

Do mesmo modo, o amor já se encontra no íntimo dos seres humanos; ele precisa é de espaço, de vazio para vir à superfície. Contudo, nós estamos cheios do nosso “eu”, todos nos vangloriamos do nosso “eu”. Mas não se esqueça: enquanto o seu ser gritar “eu”, você será um poço cheio de pedras e areia, e o rio do amor não virá à superfície do poço, pois não o conseguirá.

Li uma bela história de Shel Silverstein chamada *The Giving Tree*.

Houve em tempos uma velha árvore majestosa, cujos ramos se estendem em direção ao céu. Quando florescia, borboletas de todas as cores, formas e tamanhos vinham dançar em torno dela. Quando dava fruto, aves de terras distantes

acercavam-se dela. Os seus ramos eram como braços estendidos ao vento, proporcionando um espetáculo de uma beleza sem par.

Havia um rapazinho que costumava ir brincar para baixo dela todos os dias, e a grande árvore antiga apaixonou-se por ele. Os anciãos, os grandes, podem apaixonar-se pelos pequenos, pelos jovens, se não ficarem obcecados pela ideia de que são grandes. A árvore não estava obcecada pela sua grandeza — apenas os seres humanos têm esse tipo de ideias —, por isso, apaixonou-se pelo rapaz. O ego tenta sempre apaixonar-se pelo que é grande. O ego tenta sempre relacionar-se com os que são maiores do que ele. Mas, para o amor, ninguém é grande nem pequeno. O amor abraça todos os que dele se aproximem.

Então a árvore começou a sentir amor por aquele rapazinho que costumava ir brincar para junto dela. Os seus ramos eram elevados, mas ela inclinou-os e dobrou-os para que ele pudesse colher as suas flores e apanhar os seus frutos. O amor está sempre disposto a vergar-se; o ego nunca o está. Se nos aproximarmos do ego, ele afastar-se-á para longe, enrijecer-se-á ainda mais, de maneira a não podermos tocar-lhe. Aquele que pode ser tocado é considerado pequeno. Aquele que não pode ser tocado, que se encontra no trono do poder da capital, é considerado grande.

A criança brincalhona aproximava-se, e a árvore vergava os seus ramos. Quando a criança colhia algumas flores, a árvore sentia-se imensamente feliz, e todo o seu ser se enchia com a alegria do amor. O amor é feliz quando pode dar alguma coisa; o ego é feliz quando consegue receber alguma coisa.

O rapaz foi crescendo. Por vezes, dormia no regaço da árvore, outras, comia os seus frutos e, outras ainda, usava uma coroa feita com as flores da árvore e fazia de rei da selva. Somos como reis quando temos as flores do amor, mas tornamo-nos pobres e infelizes quando os espinhos do ego estão presentes. Ver o rapaz com uma coroa de flores a dançar por ali enchia a árvore de alegria. Ela abanava com amor; cantava embalada pela brisa. O rapaz cresceu mais ainda. Começou a trepar à árvore para se balançar nos seus ramos. A árvore sentia-se muito feliz quando o rapaz repousava nos seus ramos. O amor é feliz quando dá consolo a alguém; o ego só está feliz quando retira consolo de alguém.

Com o tempo, o rapaz foi sobrecarregado com outras obrigações. Chegaram as ambições: tinha exames para fazer e tinha amigos para conquistar, por isso deixou de aparecer com regularidade. Porém, a árvore continuava ansiosamente à espera que ele viesse. A sua alma entoava: “Vem. Vem. Estou à tua espera.” O amor aguarda sempre pelo amado. O amor é uma espera. A árvore sentia-se triste quando o rapaz não aparecia. O amor tem apenas uma tristeza: quando não pode partilhar; o amor fica triste quando não pode dar. O amor é feliz quando pode partilhar, quando pode dar-se totalmente.

O rapaz cresceu ainda mais, e os dias em que ia ter com a árvore passaram a ser muito raros. Quem cresce no mundo das ambições tem cada vez menos tempo para o amor. O rapaz agora era ambicioso e estava ocupado com assuntos mundanos: “Que árvore? Por que hei-de ir vê-la?”

Um dia, enquanto passava por ali, a árvore chamou-o:

— Ouve! — entoou a voz da árvore. — Ouve! Estou à tua espera, mas tu não vens. Espero por ti todos os dias.

O rapaz respondeu:

— Por que haveria de vir ter contigo? O que eu procuro é dinheiro.

O ego tem de ter sempre uma motivação: “O que tens para me oferecer para que venha ter contigo? Posso vir, se tiveres alguma coisa para me dar. Se não tiveres, não preciso de vir.” O ego tem sempre uma motivação, um propósito. O amor não tem motivação, não tem propósito. O amor é a sua própria recompensa.

A árvore, surpreendida, perguntou:

— Só vens se eu te der alguma coisa? Posso dar-te tudo o que tenho.

Aquilo que retém não é amor. O ego retém, o amor dá incondicionalmente.

— Mas eu não tenho dinheiro. Isso é apenas uma invenção dos seres humanos. As árvores não têm essa doença; nós somos felizes — afirmou a árvore. — As flores desabrocham em nós. Muitos frutos crescem em nós. A nossa sombra é consoladora. Nós dançamos sob a brisa e entoamos canções. Os pássaros inocentes saltam sobre os nossos ramos e chilreiam, porque nós não temos dinheiro. No dia em que nos envolvermos com o dinheiro, também seremos miseráveis e infelizes como os seres humanos que se sentam nos templos a ouvir sermões sobre a forma de obter a paz e encontrar o amor. Não, não, nós não temos dinheiro.

O rapaz respondeu:

— Então, por que hei-de vir ter contigo? Tenho de ir para onde haja dinheiro. Preciso de dinheiro.

O ego pede dinheiro, porque o dinheiro é poder. O ego precisa de poder.

A árvore refletiu profundamente, depois apercebeu-se de qualquer coisa e disse:

— Faz uma coisa. Apanha todos os meus frutos e vende-os. Podes obter dinheiro desse modo.

O rapaz animou-se logo. Subiu à árvore e apanhou todos os frutos; mesmo os que não estavam maduros foram colhidos. Os ramos quebraram-se, as folhas caíram com aquele ato de violência. A árvore sentiu-se muito feliz, plena de alegria. Mesmo

ser destroçado torna o amor feliz. Mas o ego nem quando recebe fica feliz; o ego é sempre infeliz.

O rapaz nem olhou para trás para agradecer à árvore. Porém, a árvore não reparou nisso. Já recebera o seu agradecimento quando o rapaz aceitara a oferta do seu amor apanhando e vendendo os seus frutos.

O rapaz não voltou senão daí a muito tempo. Agora tinha dinheiro, e estava ocupado a tentar ganhar mais dinheiro a partir desse. Esquecera-se completamente da árvore. Passaram vários anos. A árvore estava triste. Ansiava pelo regresso do rapaz — como uma mãe cujos seios se encontram cheios de leite mas que perdeu o filho que amamentava. Todo o seu ser necessita do filho, anseia por encontrar o filho, para voltar a ser feliz. Era esse o grito interior da árvore. Todo o seu ser estava em agonia.

Ao fim de muitos anos, já adulto, o rapaz foi ter com a árvore. A árvore disse:

— Vem ter comigo. Dá-me um abraço.

O homem retorquiu:

— Deixa-te de disparates. Isso eram coisas de garotos.

O ego vê o amor como um absurdo, como uma fantasia de infância.

Porém, a árvore não parava de o convidar:

— Vem balançar-te nos meus ramos. Vem dançar comigo.

O homem respondeu:

— Deixa-te de tretas! Quero construir uma casa. Podes dar-me uma casa?

A árvore exclamou:

— Uma casa? Eu vivo sem casa.

Só os seres humanos vivem em casas. Além deles, nada neste mundo vive numa casa. E estão a ver o estado dessas pessoas que vivem em casas? Quanto maior a casa, mais pequeno se torna o ser humano.

— Nós não vivemos em casas. Mas podes fazer uma coisa, podes cortar e levar os meus ramos — então talvez consigas construir uma casa.

Sem perder tempo, o homem foi buscar um machado e cortou todos os ramos da árvore. Agora a árvore era apenas um tronco nu, despido. Porém, era muito feliz. O amor é feliz, mesmo que os seus membros sejam cortados para o amado. Amar é dar: o amor está sempre disposto a partilhar.

O homem nem sequer se preocupou em olhar para a árvore. Construiu a sua casa. E os dias transformaram-se em anos.

O tronco esperou e esperou. Queria chamá-lo, mas não tinha ramos nem folhas para entoar o chamamento. O vento soprava, mas ele não conseguia chamá-lo. Mesmo assim, a sua alma entoava apenas um grito: “Vem. Vem, meu amado. Vem.”

Passou muito tempo e o homem entretanto envelheceu. Um dia, estava a passar por ali e dirigiu-se à árvore.

A árvore perguntou:

— Que mais posso fazer por ti? Vieste ao fim de muito, muito tempo.

O velho respondeu:

— O que podes fazer por mim? Quero ir até terras distantes para ganhar mais dinheiro. Preciso de um barco para viajar.

Muito contente, a árvore propôs:

— Corta o meu tronco e faz dele um barco. Seria muito feliz em transformar-me no teu barco e ajudar-te a ir até países distantes para ganhares dinheiro. Mas peço-te que te lembres de cuidar de ti e que regresse em breve. Estarei sempre à espera do teu regresso.

O homem trouxe uma serra, cortou o tronco, fez um barco e pôs-se a navegar.

Agora, a árvore é um pequeno toco de madeira. E espera pelo regresso do seu amado. Espera, espera, e volta a esperar. No entanto, já nada tem para oferecer. Talvez o homem nunca mais volte; o ego só vai até onde existe algo a ganhar. O ego não vai onde não há nada a ganhar.

Um dia, estava a descansar perto desse toco. Ele sussurrou-me:

— O meu amigo ainda não voltou. Preocupa-me muito que se possa ter afogado ou que se tenha perdido. Talvez ande perdido num desses países estrangeiros. Pode nem sequer estar vivo. Como anseio por notícias dele! Agora que estou perto do fim da vida, ficaria contente se soubesse pelo menos alguma coisa. Então poderia morrer feliz. Mas ele não viria, mesmo que eu o chamasse. Já não tenho nada para lhe dar e ele só compreende a linguagem de receber.

O ego só compreende a linguagem de receber; o amor é a linguagem da dádiva.

Não acrescentarei mais nada. Se a vida puder tornar-se como esta árvore, estendendo os seus ramos em todas as direções para que todos possam acolher-se na sua sombra, acolhendo todos, então compreenderemos o que é o amor. Não existem escrituras, definições nem doutrinas para o amor. Não há nenhum conjunto de princípios para o amor.

Antes de dar esta palestra, estava a pensar no que havia de dizer sobre o amor. O amor é muito difícil de descrever. Podia ter-me limitado a chegar e sentar-me — se pudessem vislumbrá-lo nos meus olhos, ou senti-lo nos gestos das minhas mãos, tê-lo-iam visto e eu poderia dizer: *Isto é o amor*.

Porém, o que é o amor? Se não se vê nos meus olhos nem se sente nos movimentos das minhas mãos, então o seu significado também não pode ser sentido através das minhas palavras.

Sinto-me muito grato por me terem escutado com tanto amor e silêncio. E agora, para finalizar, vergo-me perante o deus que habita em cada um de vocês. Por favor, aceitem a minha oferenda em sinal de respeito.

CAPÍTULO 2



A ATRAÇÃO FUNDAMENTAL

De manhã cedo, antes da alvorada, um pescador chegou ao rio. Na margem, tropeçou em qualquer coisa, e encontrou o que pensou ser uma saquinha de pedras. Pegou na saca e, pousando a rede ao seu lado, sentou-se na margem à espera do nascer do Sol. Aguardava o romper da aurora para começar o seu dia de trabalho. Preguiçoso, tirou uma pedra da saca e atirou-a para as tranquilas águas do rio. A seguir, atirou outra pedra e mais outra. Agradava-lhe aquele barulho no silêncio da manhã, por isso continuou a atirar pedras ao rio, uma após outra.

Lentamente, o Sol elevou-se e irrompeu. Entretanto, o homem já tinha atirado fora todas as pedras menos uma; tinha a última pedra na palma da mão. Quando viu à luz do dia o que tinha na palma da mão, ia ficando sem sentidos, sem respiração. Era um diamante! Atirara fora um saco inteiro de diamantes; o que tinha na mão era o último diamante. O homem desatou a chorar e a gritar. Tropeçara por acaso numa riqueza tal que a sua vida teria sido enriquecida muitas vezes. Porém, no escuro, sem saber, atirara tudo fora.

De certo modo, o pescador foi afortunado — ainda lhe restou um diamante; a luz irrompe antes de ele atirar fora o último diamante. Em geral, as pessoas não têm tanta sorte. A vida inteira passa-lhes pela frente e o Sol nunca nasce; nunca veem a manhã das suas vias. A luz nunca vem, e acabam por atirar fora todos os diamantes da vida, pensando tratar-se de seixos.

A vida é um enorme tesouro de amor, mas nós limitamo-nos a desperdiçá-lo, a perdê-lo e a dissipá-lo. Mesmo antes de sabermos o que é a vida, já a deitámos fora. A vida é dissipada sem experimentarmos o que ela trazia escondido no seu âmago: o segredo, o mistério, o paraíso, a bem-aventurança, a libertação.

Quero dizer meia dúzia de coisas acerca dos tesouros da vida. Contudo, é muito difícil para aqueles que já os tomaram por seixos abrirem os olhos e verem que são, afinal, diamantes. E os que desperdiçaram a vida deitando-os fora como seixos ficarão aborrecidos se lhes dissermos que se trata de gemas. Ficarão

zangados, não por lhes contarem a verdade, mas por verem exposta a sua loucura, por lhes terem recordado como deitaram fora tesouros imensos.

Porém, por maior que tenha sido a parte do tesouro perdida, se restar um único momento de vida, algo pode ainda ser salvo. Ainda é possível conhecer alguma coisa, ainda é possível obter alguma coisa. Na busca da vida, nunca é demasiado tarde para evitar o desespero.

Contudo, na nossa ignorância, na nossa escuridão, partimos do princípio de que não há nada na vida além de pedras e seixos. Aqueles que agem de acordo com esta dedução aceitam a derrota mesmo antes de fazerem qualquer esforço para procurarem.

A primeira coisa que quero dizer acerca desse desespero, acerca dessa presumível derrota, é que a vida não se resume a um monte de terra e de pedras. A vida é muito mais do que isso, e existem muitas coisas escondidas por entre a terra e as pedras. Se tiver olhos para ver, a escada para chegar à religiosidade também emerge da vida.

Dentro deste corpo de sangue, carne e ossos, esconde-se aquilo que está para lá do corpo, aquilo que não tem nada a ver com a carne, o sangue ou os ossos. Neste mesmo corpo que nasce hoje e morre amanhã, voltando para o pó, habita algo que não morre, algo que nunca nasce e nunca morre. Na forma habita aquilo que não tem forma, no visível habita o invisível. Dentro do nevoeiro da morte esconde-se a chama dos imortais. No meio do fumo da mortalidade esconde-se a chama da imortalidade, a luz que nunca se apaga. Mas, ao ver o fumo, viramos costas e não chegamos a encontrar a chama; ou, então, aqueles que reúnem um pouco mais de coragem começam a procurar, mas mesmo eles se perdem no meio do fumo e não chegam a alcançá-la.

Como podemos fazer esta viagem até à chama que está por trás do fumo, até ao ser que existe dentro do corpo, à religiosidade que se encontra escondida na natureza? Como podemos fazer isso?

A primeira coisa: nós criámos alguns pontos de vista acerca da vida, estabelecemos algumas ideias sobre a vida, criámos algumas filosofias acerca da vida, mas estamos privados de visão sobre a verdade da vida. Já concluímos o que a vida é — sem qualquer investigação, sem qualquer busca nem qualquer percepção da nossa parte. Compreendemos apenas alguma ideia preconcebida, previamente decidida, acerca da vida. Ao longo de milhares de anos, ensinaram-nos repetidamente apenas uma coisa, como um mantra: a vida não tem sentido, a vida é fútil, a vida é sofrimento, a vida merece apenas a nossa renúncia. Por as termos ouvido constantemente, essas ideias instalaram-se profundamente no nosso ser, com a solidez de rochas. Por causa disso, a vida começou a ser sofrimento e a parecer fútil. Por causa disso, a vida perdeu toda a alegria, todo

o amor, toda a beleza. O homem tornou-se feio; o homem tornou-se um monte de infelicidade.

Uma vez que aceitámos que a vida é fútil e desprovida de sentido, não surpreende nada que tenham parado os esforços para fazer com que ela ganhe sentido. Se uma pessoa aceitou que a vida era feia, por que havia de procurar beleza nela? E quando se acredita firmemente que a vida é apenas renúncia, que sentido faz tentar adorná-la, limpá-la e dar-lhe uma dimensão especial, tornando-a mais bela?

A nossa atitude perante a vida não é muito diferente da atitude que temos em relação à sala de espera de uma estação de comboios. A pessoa sabe que apenas está ali para aguardar um pouco, que sairá em breve. Que lhe interessa a sala de espera? Que importância tem para ela? Então, deita lixo para o chão, cospe; suja-a, é descuidada; não tem a menor preocupação com a sala de espera — afinal de contas, não tarda nada irá sair de lá.

Comportamo-nos do mesmo modo em relação à vida — como uma residência temporária. Onde está então a necessidade de procurar, e a criação de beleza e de verdade na vida?

Devo dizer que, embora tenhamos a certeza de vir a abandonar esta vida, não temos maneira de abandonar a vida como tal, nunca. Um dia havemos de abandonar esta casa, havemos de sair deste lugar, mas a essência da vida permanece connosco — nós somos essa essência. O lugar irá mudar, a casa irá alterar-se, mas e a vida? A vida permanecerá connosco. Não existe absolutamente maneira nenhuma de nos desfazermos dela.

E a questão não consiste apenas no facto de podermos ter embelezado o lugar que habitávamos, de podermos ter criado um ambiente de amor, de podermos ter cantado uma canção de alegria no lugar onde vivíamos. A questão não é podermos ter criado uma canção de alegria nesse lugar. A questão é que quem canta uma canção de alegria abre-se à possibilidade de ter mais alegria interior. Aquele que embeleza a casa atinge a capacidade de encontrar uma maior beleza. Aquele que permanece apaixonado mesmo durante os poucos momentos da sala de espera ganha o merecimento de receber um amor mais vasto.

Nós somos formados por aquilo que fazemos. Em última análise, são os nossos atos que fazem de nós aquilo que somos. O que fazemos torna-se lentamente o criador das nossas vidas e das nossas almas. É o que fazemos na vida que decide como estamos a criar-nos a nós próprios. De acordo com o que for o nosso comportamento na vida, assim se decidirão as orientações que a nossa alma irá seguir, os caminhos por onde se moverá, os novos mundos que ela irá explorar.

Se tivéssemos consciência de que é o nosso comportamento na vida que nos cria, então talvez o ponto de vista de que a vida é fútil e sem sentido parecesse descabido. Então talvez a ideia de aceitar a vida como sofrimento parecesse algo de errado. Então talvez a atitude antivida nos parecesse pouco religiosa. Porém, até agora, em nome da religião ensinaram-nos apenas a negar a vida. Até aqui, a realidade é que toda a religião tem sido apenas orientada para a morte, e não orientada para a vida. O que tem sido importante para as religiões é o que vem depois da morte, e não o que acontece antes dela. Até ao momento, o ponto de vista das religiões tem sido venerar a morte, e não a vida. Em lado nenhum se veneram as flores da vida; por todo o lado vemos apenas elogios e veneração pelas flores mortas, flores murchas, flores que foram postas nas campas.

Até hoje, toda a reflexão religiosa se tem ocupado com o que acontece depois da morte — com o céu, a salvação, o nirvana, como se antes da morte não houvesse a menor preocupação. Devo dizer-lhe que, se for incapaz de cuidar do que acontece antes da morte, nunca será capaz de cuidar do que vem a seguir a ela. Se achar que o que acontece antes da morte não tem qualquer significado, nunca poderá desenvolver a menor capacidade de encontrar sentido no que vem após ela. A preparação para a morte tem de ser feita através do que existe aqui na vida. Se existe outro mundo após a morte, também aí encontraremos aquilo que criámos e vivemos nesta vida. Contudo, até agora, a única coisa que tem sido propagada é o desprezo por esta vida, é a ignorância em relação a esta vida.

Devo dizer-lhe que não há outro Deus além da própria vida. Não pode haver. Também devo dizer que conseguirmos aperfeiçoar a arte de viver é conseguirmos aperfeiçoar a arte da religiosidade. E experimentar a grande verdade nesta vida é o primeiro passo para atingir o fundamental. Quem perde esta vida pode ter a certeza de perder tudo o resto.

Não obstante, a abordagem até ao momento tem sido exatamente a oposta. Essa abordagem pede-nos que renunciemos à vida, que renunciemos ao mundo. Não nos pede que procuremos nesta vida, não nos pede que aprendamos a arte de viver. Também não nos diz que a nossa experiência de vida depende da maneira como a encaramos. Se a vida nos parecer escura e infeliz, isso acontece devido à nossa maneira errada de a vivermos. Esta própria vida pode tornar-se um cumular de beatitude se soubermos a maneira certa de a vivermos.

Chamo arte de viver à religião. A verdadeira religião não constitui uma renúncia em relação à vida, mas sim uma escada para descer às profundezas da vida. A verdadeira religião não consiste em virar as costas à vida, mas sim em abrir totalmente os olhos para ela. A religião não é uma fuga em relação à vida; a religião é o nome que se lê quando a abraçamos completamente. É um encontro total com a vida.

É talvez devido a estes erros básicos que só as pessoas mais velhas demonstram algum interesse pela religião. Se formos aos templos, às igrejas, às *gurudwaras*, só encontramos lá pessoas idosas: não encontramos nenhuns jovens. Porquê? Só existe uma explicação para isso: até agora, as nossas religiões têm sido religiões de pessoas velhas, das pessoas que se aproximam da morte, daqueles que se sentem atormentados pelo receio da morte e estão interessados em pensar no que acontece após a morte, que querem saber o que existe depois dela.

Como pode uma religião baseada na filosofia da morte influenciar toda a vida? Como pode uma religião que apenas contempla a morte tornar este mundo religioso? Não pode fazê-lo. Mesmo ao fim de cinco mil anos de ensinamentos religiosos, o mundo continua a afundar-se na irreligiosidade. Embora não haja falta de templos, mesquitas, igrejas, padres e ascetas neste planeta, o ser humano ainda não conseguiu tornar-se religioso. E não poderá vir a sê-lo, pois a própria base da religião está errada. A base da religião é a morte, e não a vida. Em vez de se centrar nas flores, a religião centrou-se nas campas. Não é de admirar que as religiões orientadas para a morte não consigam fazer vibrar o coração da vida.

Quem é responsável por tudo isto?

Durante os próximos dias, irei falar sobre a religião da vida. E isso significa que precisamos de compreender em primeiro lugar o ponto fulcral, o ponto-chave.

Até ao presente, as pessoas têm feito tudo para ocultar, para suprimir, para esquecer a verdade básica da vida, em vez de a entenderem, de a explorarem. E os efeitos nefastos deste esforço de negar a verdade básica têm-se difundido por todo o mundo.

Qual é o elemento central da vida normal dos seres humanos? Será Deus? A alma? A verdade? Não. O que reside no centro dos seres humanos? O que existe nas profundezas do coração humano, de alguém que nunca encetou qualquer busca espiritual, que nunca fez qualquer viagem de procura espiritual? A oração? A devoção? Não, nada disso. Se olharmos para a energia vital de um ser humano normal, se olharmos para a nossa própria força vital, não encontramos lá Deus, devoção ou oração, veneração ou meditação. Vemos uma coisa completamente diferente. Algo que tem sido reprimido e omitido, em vez de ser conhecido e entendido.

E o que encontramos se descobrirmos e analisarmos o núcleo do ser humano? Ponhamos de lado o ser humano. Se olharmos para o reino animal ou vegetal, o que encontramos no centro de tudo? Se investigarmos a atividade de uma planta, o que encontramos? O que faz uma planta, na sua essência? Toda a sua energia está orientada para a produção de novas sementes. Todo o seu

ser, todo o seu fluído vital está ocupado a formar novas sementes, a criar novas sementes.

O que faz um pássaro? O que faz um animal? Se observarmos atentamente a natureza, veremos que existe apenas um processo, apenas um, que se desenrola com entusiasmo. E esse processo é o da criação contínua, da procriação, da contínua ressurreição da vida em formas cada vez mais novas. As flores nutrem as sementes; os frutos nutrem as sementes. E o que faz a semente? A semente transforma-se numa nova planta, numa nova flor, num novo fruto... Se virmos bem, a vida é um processo infinito de procriação. A vida é uma energia empenhada na tarefa constante da procriação.

O mesmo acontece no caso dos seres humanos. Nos seres humanos, designámos por "sexo" a tarefa de constante procriação. E esta designação deu a essa energia uma conotação pejorativa, conferiu-lhe uma espécie de sensação de condenação. Apesar disso, nos seres humanos também se processa um esforço constante de dar vida — designámo-lo por sexo, energia sexual. Mas o que é essa energia sexual?

As ondas do oceano rebentam contra a costa desde tempos imemoriais. As ondas vêm, rebentam e voltam para trás. Vêm novamente, rebentam e voltam para trás. Também a vida, ao longo de centenas de milhares de anos, tem vibrado sob a forma de incessantes vagas. A vida parece querer elevar-se. Essas ondas oceânicas, essas ondas de vida, parecem querer ascender, mas limitam-se a bater na costa e a destruir-se. Novas ondas surgem, rebentam e desaparecem. Este oceano de vida vibra há muitos milhares de milhões de anos — debatendo-se, elevando-se e caindo todos os dias. Qual será o propósito por trás disso? A vida parece fazer um esforço para atingir níveis cada vez mais elevados. Parece haver uma tentativa de consciencialização mais profunda. Neste incessante processo vital, parece haver verdadeiramente um esforço para criar formas de vida melhores.

Não foi há muito tempo — só passaram algumas centenas de milhares de anos — que os seres humanos apareceram na Terra. Antes disso, havia apenas animais. E também não foi assim há tanto tempo que estes surgiram. Antes disso, houve um período em que não havia animais, mas apenas plantas. E houve um período em que não existiam plantas neste planeta. Havia unicamente rochas, montanhas, rios e oceanos.

E por que ansiava esse mundo de rochas, montanhas, rios e oceanos? Ele procurava produzir plantas. A pouco e pouco, muito gradualmente, as plantas começaram a surgir. A energia vital manifestou-se sob uma nova forma. Então, a Terra cobriu-se de vegetação. E nasceram as flores.

Contudo, as plantas também não estavam satisfeitas consigo mesmas; sentiam a necessidade e o desejo de algo mais elevado; queriam produzir

animais. Então, surgiram as aves e outros animais. Durante muitos séculos, o planeta manteve-se cheio de animais, mas ainda não existia nenhum ser humano. Porém, os seres humanos sempre tinham lá estado, eram inerentes às aves e aos outros animais, tentavam passar a barreira, tentavam nascer. Então, a seu tempo, passaram a existir.

E qual é o propósito humano? Os seres humanos debatem-se com uma ânsia permanente de criar vidas novas. Denominámos isto de tendência "sexual"; chamámos-lhe paixão sexual, "luxúria". Mas qual é o significado básico desta luxúria?

O significado fundamental é apenas este: os seres humanos não querem acabar consigo próprios; querem continuar a fomentar a vida. Mas por que motivo? Será que a própria alma humana está a tentar criar um ser humano melhor, um ser humano mais extraordinário, um super-ser humano? Com certeza que sim. Certamente, a alma humana luta por um ser humano melhor, por um ser superior. De Nietzsche a Aurobindo, de Patanjali a Bertrand Russell, há uma visão enraizada sob a forma de sonho no cerne do coração humano: como criar um ser humano superior.

No entanto, como pode nascer um ser humano melhor? Fomos nós que condenámos o próprio desejo de procriação durante milhares de anos. Em vez de respeitarmos o sexo, depreciámo-lo. Até tínhamos medo de falar nele. Tentámos fingir que ele não existia, como se não tivesse lugar na vida. A verdade é que não há nada mais importante na vida humana do que esse desejo. Porém, ele tem sido reprimido e escamoteado. E os seres humanos não se libertaram do sexo escamoteando-o e reprimindo-o; pelo contrário, ficaram ainda mais obcecados pelo sexo. A repressão tem sempre um efeito contrário.

É possível que já tenha ouvido falar da lei do cientista francês Émil Coue: a Lei do Efeito Contrário. Podemos fazer uma coisa de tal modo que produza o efeito contrário do que pretendíamos. Uma pessoa está a aprender a andar de bicicleta. A estrada é grande e larga, e há apenas uma pequena pedra ao pé da berma. O ciclista fica com medo de ir contra ela. Há um por cento de hipóteses de embater na pedra — até um cego passaria, muito provavelmente, por ela sem bater. Mas, por causa do medo, o ciclista fica superconsciente em relação a ela. A pedra torna-se enorme na mente daquela pessoa e o resto da estrada desvanece-se. A pessoa fica hipnotizada por aquela pedra, é atraída por ela, e acaba por ir contra ela. Colide exatamente com aquilo que estava a fazer tudo para evitar.

A estrada era grande e larga; então, por que é que o ciclista teve um acidente?

Coué afirma que as nossas mentes são dominadas pela Lei do feito Contrário. Colidimos exatamente com aquilo que tentamos evitar com tanto esforço, pois a nossa consciência passa a centrar-se apenas nisso.

Durante os últimos cinco mil anos, os seres humanos têm tentado evitar o sexo. E o resultado é que ele se encontra por todo o lado: são confrontados com o sexo em todos os cantos e esquinas. A Lei do Efeito Contrário dominou a própria alma humana.

Já reparou que a mente é impulsionada e hipnotizada precisamente por aquilo que tenta evitar? As pessoas que ensinaram os seres humanos a serem contra o sexo são responsáveis por os terem tornado obcecados por ele. A preocupação com a sexualidade é o resultado de ensinamentos errados.

Hoje em dia, temos medo de falar sobre o sexo. Por que temos tanto receio deste assunto? Temos medo de ficar ainda mais obcecados pelo sexo por falarmos sobre ele. Devo dizer-lhe que esta ideia é totalmente infundada, trata-se de uma ideia totalmente incorreta. Este mundo apenas se verá livre do sexo quando nos tornarmos capazes de ter um diálogo normal e saudável acerca dele.

Só ao compreendermos inteiramente o sexo é que o poderemos transcender. O celibato pode nascer no mundo, os seres humanos podem ultrapassar o sexo, mas apenas se houver uma compreensão total em relação a ele, se se familiarizarem completamente com ele. Os seres humanos só podem libertar-se desta força se conhecerem completamente o seu significado, os seus canais e toda a sua estrutura. Não podemos libertar-nos de um problema fechando os olhos a ele. Apenas um louco pode pensar que o inimigo desaparece se ele fechar os olhos. A avestruz do deserto pensa assim. Ela enfia a cabeça na areia e, como deixa de ver o inimigo, pensa que ele já lá não está. Este tipo de lógica é perdoável no caso da avestruz, mas nos humanos é algo de imperdoável.

No que diz respeito ao sexo, até ao momento, a humanidade não se tem comportado muito melhor do que a avestruz. As pessoas pensam que, fechando os olhos ao sexo, ignorando-o, ele desaparece. Se as coisas desaparecessem apenas por fecharmos os olhos, a vida seria muito mais fácil. Porém, nada desaparece por fecharmos os olhos. Antes pelo contrário, isso passa a constituir a prova de que temos receio de alguma coisa, de que, seja o que for, é mais poderoso do que nós. Por sentirmos que não o conseguimos dominar, fechamos-lhe os olhos.

Este fechar de olhos é um sinal de fraqueza. E, no que diz respeito ao sexo, toda a humanidade tem fechado os olhos, tem entrado em todo o tipo de combates com ele. Os resultados devastadores desta guerra contra o sexo são demasiado conhecidos em todo o mundo: noventa e oito por cento das doenças mentais do homem surgiram devido à repressão sexual; noventa e nove por cento da histeria das mulheres e das doenças com ela relacionadas devem-se à

repressão sexual. Se as pessoas estão inquietas, agitadas, infelizes e em sofrimento, é porque viraram as costas a uma poderosa energia vital sem tentarem compreendê-la. O resultado é pura e simplesmente o contrário do que pretendiam.

Se olharmos para a nossa literatura... Se algum extraterrestre viesse à Terra e visse a nossa literatura, lesse os nossos livros e a nossa poesia, e visse os nossos quadros, ficaria espantado. Ficaria espantado por toda a nossa arte e literatura ser relacionada com o sexo. Por que estão cheios de sexo todos os poemas, romances e histórias? Por que vemos uma mulher nua em todas as capas de revista? Por que é que em todos os filmes aparecem pessoas nuas? Ele ficaria confuso: por que será que os seres humanos pensam tanto em sexo?

Ainda ficaria mais perplexo se conhecesse um homem e conversasse com ele, pois o homem falaria sobre a alma, Deus, o céu e a salvação, mas não diria uma única palavra acerca do sexo — embora toda a sua personalidade e o meio ambiente estejam cheios de sexo e de sexualidade. O extraterrestre pensaria: por que motivo se farão mil e um esforços loucos para mostrar uma coisa de que ninguém fala?

Tornámos os seres humanos perversos, ainda por cima em nome da religião. Falamos de celibato, mas nunca fazemos o menor esforço para compreender a energia sexual — após o que poderiam ser efetuadas experiências que visassem a sua transformação.

Sem entendermos primeiro esta energia vital básica, os esforços e ensinamentos humanos para a reprimir e disciplinar só podem levar à loucura, à insanidade e à doença. Contudo, não prestámos a menor atenção a isso. As pessoas nunca estiveram tão doentes, tão neuróticas, tão amaldiçoadas, tão infelizes e envenenadas.

Se olharmos para os seres humanos, conseguiremos ver isso. Eles acumularam tanto veneno dentro deles. A principal razão para esta acumulação de veneno consiste no facto de não termos aceite a nossa natureza. Tentámos suprimir e perturbar à força a nossa natureza. Não foram feitos quaisquer esforços para transformar ou refinar a energia humana. Em vez disso, sentamo-nos em cima dessa energia, e lá em baixo existe um vulcão de lava a ferver. Ele está sempre a empurrar, e pode derrubar-nos a qualquer momento. E sabe qual é a primeira coisa que lhe acontece na primeira oportunidade?

Imagine que um avião tem um acidente. Você está por perto e corre para o local. Qual é a primeira questão que lhe vem à mente ao ver um corpo no meio dos destroços?

“Será que esta pessoa é hindu ou muçulmana?” Não. “Será que esta pessoa é indiana ou chinesa?” Não. Num milionésimo de segundo, logo à partida, tentará perceber se se trata de um corpo de homem ou de mulher.

Está ciente do primeiro motivo pelo qual esta questão lhe vem à mente? Devido à repressão sexual. É a repressão sexual que nos toma tão conscientes da diferença entre uma mulher e um homem. Você consegue esquecer um nome, um rosto ou uma nacionalidade — se conhecer uma pessoa, pode esquecer o nome, o rosto, a casta, a idade, o estatuto e tudo o mais em relação a ela, mas nunca se esquece do gênero. Nunca nos esquecemos se uma pessoa é do sexo masculino ou feminino.

Porquê? Se você se esquece de tudo o mais em relação a uma ressoa, por que não pode apagar esse aspeto da sua memória? Isso acontece por o sexo ter uma presença tão fulcral nos seus processos de pensamento. O sexo está sempre presente, sempre ativo.

Este mundo nunca pode ser saudável enquanto existir esta distinção entre homens e mulheres. E este mundo nunca poderá estar em paz enquanto este fogo se mantiver aceso connosco sentados em cima dele. Você tem de fazer esforços para o suprimir todos os dias, a todo o momento. O fogo queima-nos, transforma a nossa vida em cinzas. Mas, mesmo assim, não estamos preparados para ver o que esse fogo significa.

Digo-lhe que, se vier a compreender este fogo, ele não é um inimigo. É um amigo. Se vier a compreender este fogo, ele não irá queimá-lo. Ele pode aquecer-lhe a casa no Inverno, pode cozinhar a sua comida, pode ser útil e tornar-se um amigo na sua vida.

A eletricidade brilha no céu há milhões de anos. Ela já matou algumas pessoas, mas nunca ninguém pensou que essa mesma energia viria um dia a correr nas nossas ventoinhas e a iluminar as nossas casas. Então, ninguém podia imaginar essas possibilidades. Mas, hoje, essa mesma eletricidade tornou-se nossa amiga. Como? Se lhe tivéssemos fechado os olhos, nunca poderíamos ter vislumbrado os seus segredos, nunca teríamos conseguido aproveitá-la; ela teria permanecido nossa inimiga. Porém, assumimos uma atitude amigável em relação à eletricidade. Tentámos percebê-la, conhecê-la e, a pouco e pouco, foi-se desenvolvendo uma amizade duradoura. Hoje em dia, seria difícil conseguirmos viver sem ela.

A energia sexual do ser humano ainda é uma energia mais potente do que a eletricidade. A energia sexual do ser humano ainda é uma energia mais potente do que a energia atômica. No entanto, alguma vez pensou se a poderia transformar? Um pequeno átomo de matéria aniquilou uma cidade inteira com uma população de cem mil pessoas, em Hiroxima. Contudo, um átomo de energia sexual humana dá origem a uma nova vida, a uma nova pessoa! E essa pessoa pode ser um Mahatma Gandhi, um Mahavira, um Gautama Buda, um Cristo, um Einstein ou um Newton. Um átomo infinitamente pequeno de energia sexual humana tem uma personalidade ativante, como Gandhi, oculta dentro dele.

No entanto, não estamos preparados para entender o sexo. Não conseguimos reunir coragem suficiente para falar sequer de energia sexual. Que tipo de medo é este que nos afeta tanto que nem estamos preparados para compreender a energia que dá origem a toda a vida? Que medo é este? Que vergonha é esta?

As pessoas ficaram embaraçadas quando fiz meia dúzia de afirmações deste género na minha palestra anterior aqui em Bombaim. Chegaram muitas cartas, a dizer: "Não fale de coisas dessas, pura e simplesmente não aborde esses assuntos." Fiquei surpreendido — por que não havia de abordar esses assuntos? Se esta energia nos é inerente, por que não havemos de falar dela? Por que não a podemos conhecer, reconhecer? Sem a conhecermos nem reconhecermos, sem compreendermos o seu comportamento, como podemos elevá-la a um nível superior? Compreendendo-a, podemos transformá-la, podemos dominá-la, podemos dar-lhe uma dimensão especial. Se isso não acontecer, acabaremos por apodrecer e morrer no seu encaço, e nunca conseguiremos libertar-nos dela.

Devo dizer-lhe que aqueles que proíbem qualquer conversa sobre sexo são os mesmos que mantêm a humanidade presa num abismo no que diz respeito a este assunto. Aquelles que têm medo e pensam que a religião não se devia preocupar com o sexo são loucos, e estão a enlouquecer o resto do mundo.

A preocupação da religião tem a ver com a transformação da energia humana. A verdadeira religião quer que o que está oculto na individualidade de uma pessoa se torne completamente manifesto. Quer que a vida se torne uma peregrinação do mais baixo para o mais elevado, para ir da matéria até ao divino.

Porém, este desejo só pode ser concretizado através da compreensão. Não é assim tão importante compreender o destino, mas é importante perceber o ponto de partida, pois é aí que nos encontramos, e é aí que a viagem começa. O sexo é um facto. O sexo é a realidade da vida de uma pessoa. E Deus? Deus está longe. Podemos alcançar a verdade de Deus compreendendo o facto do ponto de partida: caso contrário, não conseguiremos mover-nos um passo. Limitar-nos-emos a andar à volta como um boi à volta de uma nora.

Quando fiz algumas afirmações na minha palestra anterior, senti que não demonstramos qualquer disponibilidade para entender sequer os factos da vida. Então, que mais se pode esperar de nós, se é que se pode esperar alguma coisa? Que mais nos é possível fazer? Então; esta conversa acerca de Deus e da alma é uma mera consolação, uma hipocrisia. As simples verdades da vida, por mais feias que sejam, têm de ser compreendidas.

A primeira coisa a entender é que as pessoas nascem do sexo. Toda a fisiologia humana é composta por átomos de energia sexual. Todo o ser de uma

pessoa está repleto de energia sexual. A própria energia da vida é a energia do sexo.

O que é esta energia sexual? Por que tem tanto poder nas nossas vidas? Por que terá uma influência tão grande nas nossas vidas? Por que será que as nossas vidas se orientam em torno do sexo até ao final? O que será esta atração? Durante milhares de anos, os nossos sábios e videntes proibiram-no-la, mas isso não parece ter afetado minimamente os seres humanos. Durante muito tempo, os sábios e videntes pregaram que devíamos afastar-nos do sexo, que devíamos banir todos os pensamentos e todos os desejos relacionados com ele, que devíamos ver-nos livres desses sonhos. Porém, esses sonhos não abandonaram os seres humanos — eles não podem partir assim.

Tenho ficado surpreendido muitas vezes — já falei com prostitutas, mas elas nunca fazem quaisquer perguntas sobre o sexo. Fazem perguntas sobre a alma e sobre Deus. Encontrei muitos ascetas, monges e homens santos — e sempre que estamos a sós, eles só fazem perguntas relacionadas com o sexo. Fiquei surpreendido por saber que os ascetas e os chamados *sannyasins*¹, que estão sempre a pregar contra o sexo, parecem preocupados, obcecados com o sexo. Em público, pregam sermões sobre a alma e sobre Deus, mas, no íntimo, têm o mesmo problema que os outros.

Não poderia deixar de ser assim, é perfeitamente natural, pois nunca tentámos compreender o problema. Nunca tentámos conhecer as bases desta energia, e nunca perguntámos por que motivo o sexo constitui um atrativo tão grande.

Quem nos ensina alguma coisa sobre o sexo? Toda a gente faz tudo para que *não* se ensine nada acerca dele. Os pais tentam impedir os filhos de o conhecer, e os professores procuram fazer o mesmo. As escrituras, a mesma coisa. Não existe nenhuma escola ou universidade que ensine sexo, mas de repente, um dia, a pessoa descobre que todo o seu ser é movido pelo sexo. Como acontece isso? Como será que isso acontece sem qualquer ensinamento? Podemos ensinar a verdade, ensinar o amor, embora estes não pareçam existir em lugar nenhum. Então, em que consiste esta enorme força do sexo? O que é esta atração natural em relação a ele?

O sexo contém algum mistério, e é essencial compreender isto. Talvez então o consigamos ultrapassar.

A primeira coisa a ter em conta é que a atração pelo sexo existente desde o primeiros seres humanos não é propriamente uma atração sexual. O desejo sexual existente no próprio íntimo dos seres humanos não é verdadeiramente desejo sexual. É por isso que, depois do ato sexual, eles se sentem infelizes, com remorsos, deprimidos. Pensam em como poderão ver-se livres do sexo, pois não encontram nada nele.

Talvez a atração seja motivada por outra coisa qualquer. E essa atração tem um profundo sentido religioso. A atração consiste no seguinte: na sua vida normal, os seres humanos não conseguem alcançar as profundezas do seu ser, a não ser através da experiência do sexo. Nas suas rotinas diárias, têm uma variedade de experiências — a loja, o negócio, ganhar a vida, obter fama —, porém, só a experiência da relação sexual os leva mais profundamente até dentro do seu ser. No íntimo, acontecem-lhes duas coisas.

Primeiro, no momento do orgasmo, o ego desaparece e o eu anula-se. Por alguns instantes, não existe ego; durante alguns momentos, não existem sequer vestígios do “eu sou”. Sabia que o “eu” também se dissolve por completo na experiência fundamental da religião, e que, na religião, o ego se dissolve no nada? No ato sexual, o ego desvanece-se momentaneamente, a pessoa esquece se é ou não, e a sensação de “euismo” desaparece por alguns momentos.

A segunda coisa que acontece é que, por alguns instantes, o tempo deixa de existir. Surge a ausência de tempo. Jesus Cristo disse acerca da iluminação: “O tempo deixará de existir.” Na experiência da iluminação, o tempo não existe. Ela ultrapassa o tempo. Não há passado nem futuro; existe apenas o presente. Essa é a segunda coisa que acontece na experiência do sexo — não há passado nem futuro; o tempo também se desvanece por alguns instantes.

Estes são os elementos mais importantes da experiência religiosa: a ausência de ego e a ausência de tempo. E são estes dois elementos que explicam a loucura dos seres humanos pelo sexo. Não se trata da ânsia pelo corpo de uma mulher ou de um homem, nada disso. A ânsia é por outra coisa — pelo sabor da ausência do ego e da ausência do tempo. Mas porquê esta ânsia por não ter tempo nem ego? Porque assim que o ego desaparece, temos uma breve visão da alma; assim que o tempo desaparece, temos uma visão fugaz da religiosidade. Há uma experiência religiosa, uma experiência espiritual subjacente à ânsia pelo sexo. Se conseguirmos ter consciência dessa experiência, podemos ir além do sexo. Caso contrário, vivemos no sexo e morremos nele.

Se conseguirmos compreender a experiência, surge um clarão no céu noturno. Se repararmos no relâmpago e o entendermos, podemos mesmo acabar com a escuridão da noite. Mas se supusermos que esse clarão é provocado pela escuridão da noite, continuaremos a esforçar-nos para escurecer a noite ainda mais, para que o relâmpago brilhe mais. Há um relâmpago a brilhar no fenómeno do sexo — porém, ele provém de algo além do sexo, transcendendo. Se conseguirmos captar esta experiência do além, podemos elevar-nos acima do sexo. De contrário, não.

Aqueles que se opõem cegamente ao sexo nunca conseguem captar essa experiência do além. Nunca conseguirão analisar e entender o motivo deste desejo insaciável, desta ânsia.

Quero realçar que este forte impulso recorrente em relação ao sexo se orienta para a experiência momentânea de um estado de *samadhi*, de ausência de mente, para a superconsciência que ele traz. E só podemos libertar-nos do sexo no dia em que começarmos a ter a experiência de *samadhi* ou ausência de mente *sem* sexo. A partir desse dia, tornamo-nos livres do sexo.

Se uma pessoa que obtém uma pequena experiência por um custo elevado souber de um lugar onde pode obter uma experiência ilimitada sem pagar nada, não estaria no seu perfeito juízo se preferisse ir ao lugar caro onde apenas obtém uma pequena experiência. Se a experiência alcançada através do sexo puder ser obtida através de outros meios, essa pessoa deixará automaticamente de correr em busca de sexo, começando a tomar uma nova direção.

É por isso que afirmo que os seres humanos tiveram a sua primeira experiência de *samadhi*, de ausência de mente ou superconsciência, na experiência sexual. Porém, trata-se de uma experiência dispendiosa, muito dispendiosa. Além disso, é uma experiência que não dura mais de um momento; ao fim de uma visão momentânea, retomamos o nosso estado original. Por breves instantes, elevamo-nos a um nível diferente; por momentos, atingimos uma profundidade única, uma experiência limite, uma elevação. No entanto, mal chegamos lá, começamos a recuar. É como uma onda a ascender em direção ao céu: antes de chegar seja onde for — mal subiu, mal teve um diálogo com os ventos — começa a cair. É exatamente assim que se desenrola a nossa experiência. A energia acumula-se uma e outra vez, e aspiramos à elevação. Contudo, mal ascendemos a um nível mais elevado, a um nível mais profundo, a onda inteira cai e desvanece-se. Voltamos à nossa posição original, com menos uma quantidade considerável de potência e energia.

Porém, se uma onda do oceano se congela sob a forma de gelo petrificado, já não tem de cair. Desde que a nossa mente consiga fluir na liquidez da energia sexual, vai subindo e descendo, uma e outra vez, durante toda a vida. Mas o verdadeiro motivo desta atração intensa é a experiência da ausência de ego: "Que o ego desapareça de algum modo, para que eu possa conhecer a alma. Que o tempo desapareça de algum modo, para que eu possa conhecer o eterno, o intemporal, para que possa conhecer o que existe para lá do tempo, aquilo que não tem princípio nem fim." E ao ansiar por esta experiência, o mundo inteiro vai girando em torno do eixo do sexo.

Porém, o que acontecerá se nos limitarmos a opor-nos a este fenómeno? Chegaremos a atingir a experiência que acontece no sexo, numa visão fugaz? Não. Quando nos opomos ao sexo, este passa a constituir o cerne da nossa consciência. Não nos libertamos dele, ficamos acorrentados a ele, e entra em ação a Lei do Efeito Contrário. Então, tentamos fugir do sexo, mas quanto mais tentamos, mais acorrentados ficamos a ele.

Um homem estava doente. A sua doença consistia em sentir fome permanentemente; não tinha nenhuma outra doença. Já tinha lido alguns livros contra a comida; lera que o jejum era religioso e que comer era pecado. Também tinha lido que comer é uma violência. Por isso, começou a reprimir a fome. E quanto mais reprimia a fome, mais ela se afirmava. Era capaz de fazer jejum durante três ou quatro dias e depois, no dia seguinte, comia tudo o que podia, como um louco. Depois de comer sofria, pois quebrara a promessa — além de que comer demais também traz algumas consequências — e, para compensar, fazia jejum durante mais alguns dias. Ao que se seguia outro período em que comia demasiado.

Por fim, o homem decidiu que não conseguia atingir o seu objetivo enquanto estivesse a viver em casa, pelo que devia ir viver para a Floresta ou para as montanhas. Os seus familiares também já estavam fartos, por isso concordaram. Então o homem foi viver para um quarto alugado numa estância termal nas montanhas.

Ao fim de algum tempo, a mulher partiu do princípio de que, no seu retiro, ele devia ter ultrapassado o problema alimentar. Enviou-lhe um ramo de flores, e desejou-lhe uma recuperação e um regresso rápidos.

O homem respondeu com um telegrama: “Muito obrigado pelas flores. Eram deliciosas.” Ele tinha comido as flores! Talvez não consigamos imaginar um homem a comer flores em vez de comida, mas a questão é que não empreendemos a luta que aquele homem empreendeu contra a comida.

Os seres humanos começaram a combater o sexo, e são incontáveis as perversões que isso motivou. Quanto mais civilizada for uma sociedade, mais prostitutas tem. Alguma vez pensou como terá surgido a instituição da prostituição? Conseguirá encontrar alguma prostituta entre os povos tribais que vivem nas regiões montanhosas? É impossível. Esses povos não conseguem sequer imaginar que haja mulheres que vendam os seus corpos, a sua honra, que vendam sexo em troca de dinheiro. Contudo, quanto mais a civilização avança, mais prostitutas existem. Porquê? É o mesmo que comer flores. E devíamos ficar ainda mais surpreendidos se fizéssemos uma lista de todas as outras perversões sexuais que têm surgido.

Quem é responsável por este estado de coisas? A responsabilidade recai sobre aqueles que ensinaram os seres humanos a reprimir o sexo, a combater o sexo, em vez de os ensinarem a entendê-lo. Devido a esta repressão, a energia sexual humana vai-se escoando pelos canais errados. Toda a sociedade humana está a sofrer, está doente. Para transformar esta sociedade doente, teremos de aceitar a energia sexual e a atração pelo sexo como coisas naturais.

Por que existe uma atração pelo sexo? Se conseguirmos compreender a base fundamental da atração pelo sexo, podemos elevar os seres humanos para

fora do mundo do sexo. Só quando um ser humano ultrapassa o mundo de *kama*, o mundo do sexo, é que começa o mundo de *Rama*, o mundo da religiosidade.

Fui a Khajuraho na Índia com um grupo de amigos visitar os templos. As paredes exteriores, a periferia do templo, encontram-se esculpidas e ornamentadas com cenas do ato sexual em diferentes posições. Os meus amigos perguntaram por que é que aquelas esculturas estavam ali, a ornamentar um templo!

Expliquei-lhes que os criadores daqueles templos eram pessoas de grande discernimento. Elas sabiam que o sexo existe na circunferência da vida, e aqueles que ainda estavam apanhados no sexo não tinham o direito de entrar no templo.

Pedi-lhes que entrassem e conduzi-os até ao interior. Lá dentro existiam estátuas dessas. Os meus amigos ficaram surpreendidos por não encontrarem cenas de sexo representadas em lugar nenhum. Expliquei-lhes que apenas na periferia, na parede exterior da vida, é que o sexo e a paixão existem; o interior é o templo de Deus. Aqueles que continuam encantados pela paixão e pelo sexo ainda não têm o direito de entrar no *sanctum sanctorum* do templo: terão de vaguear em torno das paredes exteriores.

Os criadores desses templos eram pessoas muito sábias. Aquele era um templo de meditação, era um centro de meditação. Costumavam dizer aos aspirantes para meditem primeiro no sexo, para meditem nas cenas representadas na parede exterior. E depois de terem compreendido inteiramente o sexo e terem a certeza de que as suas mentes se tinham libertado dele, podiam entrar. Só então podiam encontrar o deus no seu interior.

Porém, em nome da religião destruimos toda e qualquer possibilidade de entender o sexo. Criámos inimizade com o sexo: "Não existe qualquer necessidade de compreender o sexo; fechem os olhos ao sexo e entrem no templo de olhos fechados." Mas pode alguém entrar no templo de Deus de olhos fechados? Mesmo que o faça, de olhos fechados não poderá ver Deus. Em vez disso, apenas verá aquilo de que tem estado a fugir, e permanecerá amarrado a isso.

Ao ouvir as minhas palavras, algumas pessoas pensarão talvez que ando a fazer propaganda ao sexo, que estou a propagar o sexo. Se assim for, diga-lhes que nunca escutou nada do que eu disse.

Hoje em dia, é difícil encontrar alguém que seja mais inimigo do sexo do que eu à face da Terra. Porque, se compreenderem o que eu digo, os seres humanos ultrapassarão o sexo. Não existe outra hipótese. Os pseudopregadores que você pensava serem inimigos do sexo não são, de modo algum, seus inimigos. Eles criaram uma obsessão em relação ao sexo, e não a libertação do sexo; foi a sua oposição veemente que deu origem a essa atração irresistível.

Um homem disse-me que não dá gozo fazer uma coisa que não seja proibida ou desaprovada. Como todos sabemos, o fruto proibido é o mais apetecido. Também é por isso que a sua mulher não é tão atraente como parece ser a mulher do vizinho. A outra é como um fruto proibido; é um fruto proibido. Criámos a mesma situação em torno do sexo. Cobrimo-lo de tantas mentiras, aprisionámo-lo dentro de paredes tais que ele se tornou imensamente atraente.

Bertrand Russell escreveu que, durante o período vitoriano, quando ele era criança, as pernas das senhoras nunca eram vistas em público. As roupas chegavam até ao chão e cobriam-lhes os pés. Se, por acaso, um pé de uma mulher ficava à vista, isso era o suficiente para provocar nos homens desejo sexual.

Russell escreveu ainda que, hoje em dia, as mulheres andam por aí quase despidas, com as pernas completamente à mostra, mas isso não afeta particularmente os homens. Segundo ele, isso prova que, quanto mais escondemos uma coisa, maior atração perversa se gera à volta dela.

Para o mundo se libertar da sexualidade, as crianças deviam andar nuas pela casa o máximo de tempo possível. Desde que seja praticável, é aconselhável permitir às crianças, tanto rapazes como raparigas, brincarem despidas, para poderem familiarizar-se por completo com o corpo uns dos outros. Assim, mais tarde não sentirão necessidade de fazer esforços perversos para tocarem o corpo dos outros no meio da multidão. Não sentirão a necessidade de imprimir imagens de pessoas nuas. Então, estarão tão familiarizados com os corpos uns dos outros, que todo o tipo de atração perversa pelo corpo desaparecerá.

Porém, o mundo está virado de pernas para o ar. Não conseguimos ver que as pessoas que nos impuseram a ideia de que devíamos cobrir e esconder o corpo são as mesmas que criaram estupidamente uma atração tão grande em relação a ele, que geraram uma obsessão nas nossas mentes.

As crianças deviam andar nuas e brincar nuas durante mais tempo, para que as raparigas e os rapazes pudessem ver os corpos uns dos outros despídos. Assim, não restaria nenhuma semente desta doença louca a persegui-los até ao fim da vida.

Contudo, a doença já cá está, e continuamos a encontrá-la amiúde. Cada vez se inventam mais e mais tipos de escape para ela. Publica-se literatura obscena. As pessoas leem-na e escondem-na dentro das capas do *Bhagavad Gita* e da *Bíblia*. São publicações pornográficas. No entanto, exigimos que a literatura pornográfica seja proibida. Porém, nunca paramos para pensar de que modo é que as pessoas que leem essa pornografia chegaram a esse ponto. Protestamos contra a exibição de imagens de pessoas nuas, mas nunca paramos para perguntar quem são as pessoas que as procuram. São homens que foram

privados de ver o corpo feminino. E surgiu neles uma espécie de curiosidade doentia em relação ao corpo das mulheres.

Aproveito para dizer que o corpo de uma mulher não é tão belo como as roupas o fazem parecer. Em vez de esconder o corpo, as roupas servem para chamar mais a atenção para ele. Toda a nossa maneira de pensar tem vindo a obter os resultados opostos.

Se conseguirmos perceber três coisas acertadamente — o que é o sexo, qual é a sua atração básica e por que motivo ele se tornou perverso —, então a mente pode ultrapassar o sexo. Deve fazê-lo, necessita de o fazer. Porém, os esforços para nos elevarmos acima do sexo obtiveram resultados contrários, porque entrámos em luta com ele. Criámos inimizade e não amizade em relação a ele. Criámos repressão, e não compreensão.

O que é preciso é compreensão, e não repressão. Quanto mais profunda a compreensão, mais os seres humanos se elevam. Quanto menor for a compreensão, mais os seres humanos tentam reprimir. Nunca se obtêm resultados saudáveis e bem-sucedidos a partir da repressão.

O sexo é a maior energia da vida humana, mas não temos de ficar por aí. O sexo tem de ser transmutado em superconsciência. O sexo precisa de ser entendido, para que possa surgir o celibato. Conhecer o sexo é estar livre dele, transcendê-lo. Mas mesmo durante uma vida inteira de experiência sexual, as pessoas não fazem o menor esforço para entender que a relação sexual lhes proporciona uma sensação fugaz de *samadhi*, uma janela para a superconsciência. E é essa a grande força do sexo; é essa a atração básica do sexo. É essa experiência que nos atrai.

Com uma atitude de meditação, com uma atitude consciente, é preciso entender esta experiência momentânea que continua a ser uma fonte de atração. E há maneiras mais fáceis de obter a mesma experiência — a meditação, a prática do estado de atenção vigilante, o ioga, são tudo meios de atingir a mesma experiência. Porém, é essencial saber que é essa experiência que nos atrai.

Um amigo escreveu-me a dizer que achava este tema das minhas palestras muito embaraçoso. Pediu-me para imaginar a situação incómoda de uma mãe sentada entre o público com a filha; pediu-me para imaginar uma mãe a assistir à minha palestra acompanhada do filho, ou um pai acompanhado da filha. Afirmou que essas coisas não deviam ser discutidas abertamente. Respondi-lhe que ele era totalmente ingênuo. A seu tempo, uma mãe sensata partilharia as suas experiências sexuais com a filha, antes de ela entrar no mundo do sexo, antes de se perder por caminhos errados com uma compreensão desinformada e imatura. Um pai respeitável e inteligente partilharia as suas experiências com

os seus filhos e filhas, de maneira que eles não seguissem por caminhos errados e não se tornassem perversos.

Mas a ironia da situação é que nem os pais nem as mães têm qualquer experiência profunda sobre esta matéria. Eles também não se elevaram acima do nível do sexo, por isso receiam que, ao ouvirem falar de sexo, os filhos fiquem igualmente presos no mesmo nível. Pergunto a essas pessoas: a quem deram ouvidos para ficarem assim enredados? Ficaram enredados pelos vossos próprios atos! Os vossos filhos também ficarão enredados pelos seus próprios atos. Contudo, não será possível que, se os vossos filhos adquirirem o entendimento necessário, se adquirirem capacidade para pensar, se adquirirem consciência, possam evitar desperdiçar a sua energia? Possam conservar a sua energia e transformá-la?

Todos vimos muitas vezes carvão. Os cientistas afirmam que, ao longo de um período de milhares de anos, o carvão se vai transformando em diamante, e que não existe a menor diferença química e estrutural entre o carvão e o diamante. Um diamante é a manifestação transformada de um pedaço de carvão. Um diamante não é mais do que carvão.

Devo dizer-lhe que o sexo é o carvão, e o celibato é o diamante, o carvão num estado transformado. O diamante não tem qualquer inimizade em relação ao carvão; é apenas uma transformação do carvão. É uma viagem que o carvão efetua até uma nova dimensão. O celibato não se opõe ao sexo, é uma transformação do sexo. Quem for inimigo do sexo nunca pode atingir o celibato.

Se uma pessoa entrar na dimensão do celibato... e é necessário entrar, pois afinal de contas o que significa o celibato? O celibato significa ter atingido a experiência em que o nosso comportamento e as nossas ações se assemelham mais aos de um deus, em que a nossa vida se torna semelhante à de um deus. Isso significa ter adquirido a experiência da religiosidade. E ela pode ser adquirida se transformarmos as nossas energias através da compreensão.

Ao longo dos próximos dias, tenciono falar-lhe da maneira como a energia sexual pode ser transformada, e como ela se transforma então na experiência da superconsciência. Espero que escute com atenção, para que não surja qualquer mal-entendido em relação a mim. E quaisquer perguntas sinceras e verdadeiras que lhe ocorram, não deixe de as colocar. Envie-mas por escrito para que eu possa falar acerca delas nos últimos dois dias. Não há necessidade de esconder qualquer questão. Não há motivo para ocultar a verdade da vida. Não existe necessidade de virar costas a qualquer realidade. A verdade é a verdade, quer lhe fechemos os olhos quer não. Só sei uma coisa: só considero religiosas as pessoas que tenham a coragem de enfrentar as verdades da vida. Aquelas que são tão fracas, cobardes e impotentes que nem conseguem enfrentar os factos da vida, nunca devem esperar vir a ser religiosas.

Durante estes dias, convido-o a prestar atenção a este tema, pois é um daqueles temas que os supostos videntes e sábios provavelmente nunca virão a abordar. E você talvez também não esteja habituado a ouvir falar de um assunto como este. É possível que a sua mente fique assustada. Porém, mais uma vez, espero que preste a maior atenção durante os próximos dias. É possível que a compreensão do sexo o leve até ao templo da superconsciência. É esse o meu desejo. Que a vida cumpra esse desejo.

¹ Expressão difícil de definir, mas que se refere às qualidades de qualquer pessoa que tenha por objetivo de vida a destruição de todas as estruturas e a busca de liberdade e conhecimento acima de qualquer mestre. (N. da T.)

CAPÍTULO 3



UMA NOVA PORTA

Gostaria de começar com uma pequena história.

Há muitos anos, há muitos séculos, num certo país havia um pintor. Ele queria criar um retrato verdadeiramente grandioso que irradiasse religiosidade, um retrato cujos olhos irradiassem uma paz infinita. Então, partiu em busca de alguém cujo rosto transmitisse algo de sagrado, algo que transcendesse a vida, que transcendesse este mundo.

O artista percorreu o país, foi de aldeia em aldeia, de floresta em floresta, à procura dessa pessoa. Por fim, encontrou um pastor nas montanhas com essa inocência e essa luz nos olhos, com um rosto e uns traços que transmitiam a promessa de um lar celestial. Bastava olhar para ele, e ficava-se logo convencido de que Deus habita os seres humanos.

O artista pintou um retrato do jovem pastor. Venderam-se milhões de exemplares desse retrato, mesmo em países distantes. As pessoas sentiam-se abençoadas por poderem ter o retrato pendurado nas paredes das suas casas.

Ao fim de cerca de vinte anos, quando o artista era velho, ocorreu-lhe outra ideia. A sua experiência de vida demonstrara-lhe que nem todos os seres humanos trazem em si a divindade; o demoníaco também existe neles. Surgiu-lhe então a ideia de pintar um retrato que representasse o demoníaco nos seres humanos. Os dois retratos, pensou, seriam complementares, representariam o ser humano completo.

Já velho, foi procurar um homem, desta vez um que não fosse um homem, mas sim um demónio. Foi aos salões de jogo, aos bares e aos manicómios. Essa pessoa devia estar possuída pelo fogo do inferno: o seu rosto tinha de mostrar tudo o que é maléfico, feio e sádico. Procurou a própria imagem do pecado. Já tinha feito um retrato da religiosidade; agora queria retratar o mal encarnado.

Após uma longa busca, o artista encontrou por fim um prisioneiro a cumprir pena. O homem cometera sete homicídios e ia ser enforcado dentro de dias. O inferno ardia

nos seus olhos; parecia ser o ódio encarnado. O seu rosto era o mais feio que se podia esperar encontrar. O artista começou a pintar.

Depois de terminar o quadro, trouxe o retrato anterior e colocou-o ao lado dele, para ver o contraste. Era difícil decidir qual seria melhor do ponto de vista artístico; ambos eram obras-primas. O artista ficou parado a olhar para os dois quadros. Então, ouviu um soluço. Virou-se para trás e viu o prisioneiro, que chorava. O artista, surpreendido, perguntou-lhe:

— Meu amigo, por que choras? Estes quadros perturbam-te?

O prisioneiro respondeu:

— Durante todo este tempo, andei a tentar ocultar-lhe uma coisa, mas hoje não consigo continuar a fazê-lo. É evidente que não sabe que o primeiro retrato também é meu. Ambos são retratos meus. Sou o mesmo pastor que conheceu há vinte anos nas montanhas. Choro devido à minha queda nos últimos vinte anos. Caí do céu para o inferno, do divino para o demoníaco.

Não sei até que ponto esta história é verdadeira. Pode ser ou não verdadeira, mas todas as pessoas têm dois lados. Em todas as pessoas existe o divino e o demoníaco; em todas as pessoas há a possibilidade do céu e a possibilidade do inferno. Em todas as pessoas podem crescer flores de bem-aventurança ou formar-se pântanos de fealdade. Todas as pessoas oscilam continuamente entre estes dois extremos. Uma pessoa pode atingir qualquer um destes extremos, mas a maioria acaba na costa demoníaca. Há poucos afortunados que deixem o céu crescer dentro deles.

Poderemos conseguir que o divino cresça dentro de nós? Poderemos também vir a assemelhar-nos ao retrato que irradiava religiosidade? Como é isso possível? É com esta questão que gostaria de iniciar a palestra de hoje. Como tornar um ser humano semelhante a um paraíso, a uma fragrância, a uma beldade? Como podem os seres humanos conhecer aquilo que é imortal? Como poderão os seres humanos entrar no templo do divino?

O que parece acontecer na vida é perfeitamente o contrário. Durante a infância, encontramos-nos no paraíso, mas quando crescemos passamos a estar no inferno. O que parece acontecer é que descemos uma espiral descendente a partir da infância. O mundo da infância é cheio de inocência e de pureza, mas, a pouco e pouco, começamos a percorrer uma estrada pavimentada de hipocrisia e astúcia. E quando chegamos à velhice, não somos apenas física mas também espiritualmente velhos. Não é apenas o corpo que se torna fraco e enfermo; a alma também entra em decadência. Porém, assumimos que é assim a vida, e assim morremos.

A religião pretende pôr isto em questão. A religião desafia este estado de coisas; a nossa viagem na vida deve estar errada em algum ponto, para

partirmos do céu e acabarmos no inferno. Devia ser exatamente o contrário. Esta viagem devia ser compensadora — do sofrimento para a alegria, da escuridão para a luz, da mortalidade para a imortalidade. Com efeito, é esse o único anseio, a sede do âmago mais profundo do nosso ser. O único anseio do ser é alcançar o imperecível a partir do perecível. O único anseio, o único impulso do ser é ir da escuridão para a luz, da mentira para a verdade.

No entanto, para essa viagem até à verdade, em busca do Deus que existe dentro de nós, precisamos de uma reserva de energia. Precisamos de conservar a nossa energia, de recolher e reunir energia para nos tornarmos uma fonte de energia; só então podemos ascender ao divino. O paraíso não é para os fracos. A verdade da vida não é para aqueles que dissipam energia e se tornam débeis e frágeis. Aqueles que desperdiçam as energias vitais e se deixam tombar não podem empreender esta grande viagem. É preciso ter muita energia para ascender a essas elevações, para prosseguir essa expedição.

Conservar energia é a chave da viagem espiritual. É preciso manter energia, para que nos tornemos um reservatório fervilhante de energia. Porém, somos uma geração fraca e doente, continuamente a perder toda a nossa energia. Vamos ficando cada vez mais fracos, até restar apenas um vazio no nosso interior.

Como perdemos a nossa energia?

A principal válvula através da qual a energia se escoia é o sexo. E quem quer perder energia? Ninguém, mas no sexo há um vislumbrar de uma certa realização, e é por causa disso que estamos dispostos a perder energia. Há uma certa experiência no momento do orgasmo, e é para obtermos essa experiência que estamos dispostos a perder energia.

Se fosse possível obter essa mesma experiência por qualquer outro meio, não estaríamos dispostos a perder energia através do sexo. Existirá outro modo de atingir essa mesma experiência? Será que existe outro modo de obter a experiência de alcançar os lugares mais remotos do ser, de tocar o pico mais alto da vida, de obter uma visão fugaz da beatitude e da paz na vida? Haverá outro modo de alcançarmos o nosso interior? Haverá outro modo de chegar à fonte da paz e da beatitude do nosso ser?

Se esse modo for revelado, provocará uma revolução na vida. Aí a pessoa vira as costas ao sexo e encara a superconsciência. Dá-se uma revolução interior e abre-se uma porta.

Se não formos capazes de mostrar às pessoas essa nova porta, elas continuarão a mover-se em círculos viciosos, acabando por se autodestruir. Apesar disso, as ideias sobre o sexo que existiram até agora não permitiram aos homens e às mulheres abrirem qualquer outra porta além do sexo. Antes pelo contrário, deu-se uma catástrofe. A natureza oferece uma porta ao ser humano:

o sexo. Porém, os ensinamentos ministrados ao longo dos séculos fecharam essa porta sem abrirem uma nova porta. Na ausência dela, a energia das pessoas começa a girar em círculos. Se não houver outra porta para a energia passar, esta energia encarcerada em rodopio leva uma pessoa à loucura. Então, essa pessoa enlouquecida não tenta apenas abrir à força a porta natural do sexo, mas a sua energia acaba por destruir paredes e janelas, e fluir através delas. Assim, a energia sexual flui por vias que não são naturais. Esta é uma das maiores infelicidades de humanidade — ainda não se abriu uma nova porta e a antiga já se encontra fechada.

Foi por isso que me opus abertamente a todos os ensinamentos de aversão em relação ao sexo e à repressão do sexo que tem sido infligida ao ser humano. É por causa desses ensinamentos que a sexualidade não só alastrou, como se perverteu. Qual é o remédio? Poderemos abrir outra porta?

Já afirmei que a experiência que ocorre no momento do orgasmo consiste em dois elementos: a ausência de tempo e a ausência de ego. O tempo desaparece e o ego dissolve-se. Na ausência do ego e na paragem do tempo temos uma breve visão do nosso próprio ser — do nosso verdadeiro ser. Porém, essa glória é momentânea, e a seguir voltamos à mesma rotina de sempre. E, nesse processo, perdemos energia, dissipamos um enorme fluxo de energia bioelétrica.

A mente anseia por essa visão fugaz; a mente deseja voltar a captá-la. E a visão em si é tão transitória que, mal a conseguimos vislumbrar, ela desaparece. Não deixa sequer uma recordação clara do que foi, do que experimentámos. O que resta é uma necessidade, uma obsessão, um desejo de recuperar essa experiência. E as pessoas empenham toda a sua vida nesta tentativa. No entanto, não podem captá-la senão momentaneamente.

Esta visão também pode ser alcançada através da meditação.

Existem dois modos de atingirmos a nossa consciência — através do sexo e através da meditação. O sexo é o meio fornecido pela natureza. O sexo é a via natural — as aves e outros animais dispõem dele, as plantas dispõem dele e os seres humanos também. Se recorrermos apenas ao meio natural, não nos elevamos acima dos animais; não é possível. O território da humanidade começa no dia em que abrimos outra porta além da porta do sexo. Antes disso, não somos seres humanos; antes disso, apenas somos designados de humanos. Antes disso, o centro da nossa vida limita-se a coincidir com o centro da vida dos animais, da natureza. Só depois de ascendermos acima desse centro, transcendendo-o, é que deixamos de viver como os animais. Vestimo-nos como seres humanos, falamos a linguagem dos seres humanos, mantemos todas as características exteriores dos seres humanos — mas no interior, nos níveis mais profundos da mente, não passamos de animais. Não podemos ser mais do que isso.

É por esse motivo que o animal em nós irrompe à superfície na primeira oportunidade. Na altura em que ocorreu a divisão da Índia e do Paquistão, vimos como o animal se pode esconder por trás da roupagem dos seres humanos. Passámos a saber do que são capazes as pessoas que rezam nas mesquitas e recitam o *Gita* nos templos. São capazes de pilhar e de chacinar, são capazes de violar, são capazes de tudo. As mesmas pessoas que eram vistas a rezar nos templos e mesquitas eram agora vistas a violar outras pessoas nas ruas. O que lhes terá acontecido?

Neste preciso momento, se houver um motim, as pessoas terão imediatamente a oportunidade de se despojarem da sua humanidade — e a animalidade, sempre pronta a surgir, sairá cá para fora. O animal que existe dentro do homem está sempre ansioso por se ver à solta. No meio da multidão, no meio do motim, o homem tem a oportunidade de deitar fora o seu disfarce humano e de se esquecer de si mesmo. No meio da multidão, ele arranja coragem para libertar o animal que conseguiu até então dominar. É por isso que nenhum ser humano comete crimes tão hediondos como o faz no meio da multidão. Uma pessoa sozinha tem algum receio de ser vista, receia expor-se e que a classifiquem de animalesca. Porém, no meio de uma grande multidão, perde a sua identidade; deixa de se preocupar com o facto de poderem apontar-lhe o dedo. Passa a fazer parte da multidão; então, deixa de haver uma pessoa com um nome, e passa a existir apenas uma grande multidão. E a pessoa passa a fazer o mesmo que a multidão fizer.

E o que faz essa pessoa? Incendeia, viola. Como parte da multidão, encontra uma oportunidade de soltar o animal que esconde no seu íntimo. E é por isso que, de cinco em cinco ou de dez em dez anos, o homem anseia pela guerra, pela erupção de algum motim. Se acontecer sob o pretexto de um problema entre hindus e muçulmanos, tanto melhor. Se não, a causa Gujarati-Marathi também serve. Se os Gujaratis e os Marathis não entrarem em conflito, uma disputa entre falantes e não falantes de hindi servirá igualmente. Do que ele precisa é de uma desculpa, qualquer desculpa, para soltar a besta insaciável que tem dentro de si.

O animal dentro do homem sente-se sufocado se ficar demasiado tempo preso dentro da sua jaula; ele uiva para o deixarem sair. E esse animal no homem só é vencido, só é dominado, quando a consciência do homem se elevar acima da porta animal fornecida pela natureza.

A nossa energia vital dispõe apenas de um escape natural, embora animal, e esse escape é o sexo. Fechar esse canal acarreta alguns problemas. É essencial que se abra outra porta antes de se fechar a porta do sexo, para que a energia possa fluir numa nova direção. Isso é possível. Só não foi feito até ao momento, pura e simplesmente porque é mais fácil reprimir. A transformação é difícil. É mais fácil encobrir uma coisa, sentarmo-nos em cima dela, do que transformá-

la. Para nos transformarmos precisamos de ter um método e de o aperfeiçoar. Daí termos optado pelo método simples de reprimir o sexo.

Contudo, esquecemo-nos de que não podemos destruir nada através da supressão; pelo contrário, o que tentarmos suprimir sai ainda mais fortalecido. Também nos esquecemos de que reprimir uma coisa aumenta a atração que sentimos por ela. Aquilo que reprimimos entra nas camadas mais profundas da nossa consciência. Podemos conseguir reprimi-la durante o tempo em que estamos acordados, mas, à noite, ela irrompe nos nossos sonhos. No nosso íntimo, ela aguarda, ansiosa por surgir à mais pequena oportunidade.

A repressão não nos liberta de nada; antes pelo contrário, as suas raízes entram mais profundamente no subconsciente, e ficamos ainda mais profundamente presos. No esforço para suprimir o sexo, a humanidade ficou presa e apanhada nas suas malhas.

É por esse motivo que os seres humanos não têm um período de cio como os animais. Os seres humanos sentem o impulso sexual a toda a hora, durante todo o ano. Não existe um único animal em todas as espécies que mantenha esse impulso a toda a hora. Os animais têm um período específico para isso, uma época determinada. Depois dessa época, o animal deixa de pensar nisso. Porém, veja o que aconteceu aos seres humanos. O que se tem tentado reprimir estende-se por toda a vida, vinte e quatro horas por dia, durante todo o ano.

Já pensou que nenhum animal tem instinto sexual continuamente, em todas as situações, mas os seres humanos sentem impulso sexual todo o tempo, em todas as situações? A sexualidade inflama os seres humanos, como se o sexo fosse tudo na vida. Como acabou isso por acontecer? Por que será que isso aconteceu apenas aos seres humanos, e não aos animais? Só existe uma razão: ao tentar reprimir o sexo, ele espalhou-se por toda a vida como um veneno.

E o que tivemos de fazer para o suprimir? Tivemos de condenar o sexo, tivemos de desenvolver uma atitude injuriosa em relação a ele, tivemos de o degradar e violentar. Tivemos de dizer que ele é uma porta para o inferno; tivemos de proclamar que o sexo é pecado. Tivemos de dizer que tudo o que se relaciona com o sexo deve ser desprezado. Tivemos de inventar todos aqueles nomes degradantes para o sexo, de maneira a justificar a sua supressão. Porém, não nos apercebemos de que é devido a essas violações e condenações que toda a nossa vida se encheu de veneno.

Nietzsche fez um dia uma afirmação muito importante. Disse que as religiões tentaram matar o sexo envenenando-o e que, embora o sexo não tenha morrido, ficou envenenado. Teria sido melhor se tivesse morrido! Mas isso não aconteceu, e as coisas ficaram ainda piores. Ele continua vivo, mas envenenado.

A "sexualidade" é o sexo envenenado. O sexo também existe nos animais, pois ele é a energia da vida, mas a "sexualidade" só existe nos seres humanos.

Não existe sexualidade nos animais. Se observar os olhos dos animais, não vê sexualidade neles. Mas se fitar os olhos dos seres humanos, verá neles sexualidade e luxúria. Por isso, de certo modo, os animais ainda têm alguma beleza. Porém, não há limite para a fealdade daqueles que foram reprimidos.

Já afirmei que, para o mundo se ver livre da sexualidade, rapazes e raparigas têm de se aproximar. Antes de amadurecer neles a energia sexual, antes dos catorze anos, deviam familiarizar-se com os corpos uns dos outros, para que a luxúria desaparecesse pura e simplesmente.

Em vez disso, as pessoas tentaram impedir cães, gatos, cavalos e outros animais de andarem descobertos no meio da rua! Querem que eles andem na rua vestidos. A ideia por trás disto é que as crianças podem ser corrompidas se virem animais nus! Assim, alguns moralistas chegaram a tentar proibir os animais despidos de andarem nas ruas.

Veja só as coisas que se fazem para salvar os seres humanos! E os supostos salvadores são os mesmos que os estão a destruir. Já reparou como os animais são belos na sua nudez? Mesmo na sua nudez, os animais são puros e inocentes. Raramente pensamos que um animal está nu e nunca consideramos que esteja nu, a menos que tenhamos em nós algum receio doentio da nudez. Contudo, as pessoas que receiam a nudez farão tudo para compensar o seu próprio medo. E por causa dessas ideias, a humanidade tem vindo a decair dia após dia.

O que é, de facto, necessário é que as pessoas se tornem tão simples que possam andar nuas, sem roupas, inocentes e bem-aventuradas — como Mahavira, o mestre jainista que resolveu andar despido. As pessoas dizem que, ao despir-se, Mahavira afirmava a sua renúncia em relação às roupas. Porém, não estou de acordo com isso. Acho que a sua consciência se tornou tão clara, tão inocente — tão pura como a de uma criança — que ele se limitou a manter-se nu. Quando uma pessoa não tem nada a esconder, pode andar nua. A partir do momento em que há qualquer coisa a esconder, o homem começa a tapar-se. Mas quando não tem nada a esconder, não precisa de se preocupar com as roupas.

Na verdade, o que faz falta é um mundo em que todos os indivíduos sejam tão inocentes, tão puros e isentos de culpa que possam descartar-se das suas roupas. Onde está a culpa no facto de se estar nu? Apesar disso, hoje em dia as pessoas têm a consciência carregada de culpa, mesmo que tragam roupa. Apesar de todas as roupas, andam nuas. E também houve pessoas que não andavam nuas na sua nudez. A nudez é um estado de espírito. Com inocência, com a mente pura, até a nudez assume um significado sublime, adquire significado e beleza.

Porém, até agora têm-nos dado veneno e, a pouco e pouco, esse veneno espalhou-se por toda a nossa vida — de um extremo ao outro da nossa existência.

Na Índia, pede-se a uma mulher que pense no marido como um deus. Desde a infância, também lhe ensinam que sexo é pecado, que é uma porta para o inferno. No futuro, quando ela se casar, como pode respeitar o marido, que a arrasta para o sexo, para o inferno? Por um lado, ensina-se a uma mulher que o marido é um deus, mas a experiência diz-lhe que aquele pecador está a arrastá-la para o inferno.

Quando falei sobre este assunto em Bombaim, um dia, uma irmã veio ter comigo e afirmou: “Estou muito preocupada. Estou muito zangada consigo. O sexo é um tema repugnante. Sexo é pecado. Por que fala tanto sobre ele? Desprezo verdadeiramente o sexo.”

Hoje em dia, é uma mulher casada, tem marido, filhos e filhas, e despreza o sexo. Como pode ela amar o marido que a arrasta para o sexo? Como pode amar aqueles filhos que nasceram do sexo? O seu amor será sempre venenoso; haverá sempre veneno escondido no seu amor. E, por isso, não deixará de haver um muro entre esta mulher e este homem, entre esta mulher e os filhos, devido a essa atitude condenatória em relação ao sexo. Para ela, aqueles filhos são frutos do pecado; a relação entre ela e o marido é pecaminosa. Será que podemos ser afáveis para a pessoa com quem mantemos uma relação pecaminosa? Poderemos viver em harmonia com o pecado?

Aqueles que desprezam o sexo destroem a vida conjugal. E ao destruírem a vida conjugal, o resultado não é as pessoas transcenderem o sexo. O homem que encontra uma parede invisível de pecado entre ele e a mulher nunca poderá sentir-se satisfeito com ela. Por isso, começa a olhar em volta, à procura de outras mulheres; recorre à prostituição. Não podia deixar de fazê-lo! Todas as mulheres do mundo podiam ser como irmãs e mães para ele, se ele estivesse totalmente satisfeito em casa. Porém, devido à sua insatisfação, todas as mulheres lhe parecem esposas potenciais, mulheres que podem transformar-se em parceiras sexuais. É natural; não podia deixar de ser assim. Tinha de ser assim, porque ele encontra repulsa e ouve falar em pecado onde devia encontrar alegria e satisfação. Por isso, vai à procura dessa mesma satisfação.

Contudo, uma coisa fundamental de que ainda não tomámos nota consiste no facto de a fonte natural, a origem do amor, a origem do sexo, ter sido envenenada. E quando existe uma sensação de pecado, de veneno, quando há uma sensação de hesitação entre marido e mulher, esta abordagem culpabilizada acaba com a possibilidade de crescimento e transformação na sua vida em conjunto.

Caso contrário, na minha opinião, se o marido e a mulher tentarem gozar e compreender o sexo de uma maneira harmoniosa, cheia de um amor compreensivo em relação um ao outro, gradualmente, a relação deles não pode deixar de se transformar, de se elevar. Depois disso, é possível que a mulher, a mesma mulher, pareça uma mãe para o marido.

Por volta de 1930, Gandhi foi ao Ceilão. Kasturba, a sua esposa, foi com ele. Os anfitriões pensavam que tinha sido a mãe de Gandhi a acompanhá-lo, pois ele costumava chamar-lhe ba, que significa “mãe”. No discurso de boas-vindas, o anfitrião afirmou como se sentiam honrados pela presença da mãe de Gandhi, que o acompanhava nesta viagem e estava sentada ao lado dele. O secretário de Gandhi ficou muito nervoso. O erro fora dele; devia ter apresentado os membros da comitiva aos organizadores. Porém, era demasiado tarde; Gandhi estava já ao microfone e iniciara o seu discurso. O secretário estava preocupado com o que Gandhi teria para lhe dizer a seguir. Não fazia ideia de que Gandhi não ficara nada zangado com ele... porque não existem muitos homens que consigam fazer das esposas suas mães.

Gandhi afirmou:

É uma feliz coincidência o amigo que me apresentou ter, por engano, dito a verdade. Durante os últimos anos, Kasturba tornou-se verdadeiramente a minha mãe. Em tempos foi minha esposa, mas agora é minha mãe.

É possível. Se o marido e a mulher fizerem algum esforço para entenderem o sexo em conjunto, podem tornar-se amigos e companheiros um do outro na transformação do sexo. E no dia em que marido e mulher conseguirem transformar o sexo, nasce entre eles uma sensação de gratidão imensa. Nunca antes disso. Antes disso não existe senão uma subtil raiva e animosidade entre eles. Antes disso há uma luta constante, e não uma amizade serena.

A amizade começa no dia em que se tornam companheiros e veículos um do outro na transformação da sua energia sexual. É então que surge uma sensação de gratidão mútua. Nesse dia, o homem enche-se de respeito pela mulher, por ela o ter ajudado a libertar-se da luxúria sexual. Nesse dia, a mulher enche-se de gratidão pelo homem que a ajudou a libertar-se da paixão sexual. A partir desse dia, vivem uma verdadeira amizade amorosa e não sexual. É o início de uma viagem em cujo término o marido se torna um deus para a sua esposa, e a esposa se torna uma deusa para o seu marido. No entanto, essa possibilidade é envenenada logo à partida.

Foi por isso que afirmei que é difícil encontrar alguém que seja mais inimigo do sexo do que eu. No entanto, a minha inimizade não implica que lhe chame nomes ou condene o sexo; em vez disso, prefiro indicar-lhe a maneira de transformar e transcender o sexo. Sou inimigo do sexo na medida em que favoreço a transformação do carvão em diamante. Eu quero transformar o sexo.

Como pode isto ser feito? Qual será o método? É preciso abrir outra porta, uma nova porta.

O sexo não aparece assim que a criança nasce. Demora algum tempo a surgir. O corpo reúne energia, as células reforçam-se, e acaba por chegar o dia em que o corpo está completamente preparado. A energia vai-se acumulando lentamente, até que irrompe, abrindo uma porta que esteve fechada durante os primeiros catorze anos — e, então, dá-se o início do mundo sexual.

Uma vez aberta essa porta, torna-se difícil abrir a nova porta, pois é da natureza da energia, após encontrar uma passagem, manter-se nela. Uma vez que o Ganges se põe a caminho, ele não muda de rumo; ele não procura um novo curso dia após dia. A água pode renovar-se todos os dias, mas continua a seguir o mesmo caminho. Do mesmo modo, a energia vital do homem procura um caminho, e depois continua a seguir o mesmo curso.

Para uma pessoa se ver livre da sexualidade, é necessário criar uma nova porta para a energia sexual antes de a porta do sexo se abrir. Essa nova porta é a meditação. Todas as crianças deviam ter lições de meditação durante a infância. Em vez disso, ensinamos a criança a ser contra o sexo, o que é um perfeito disparate. A criança não deve ser ensinada a virar-se contra o sexo; ela deve, isso sim, aprender algo de positivo: como estar disponível para a meditação. E as crianças conseguem atingir o estado de meditação mais depressa, pois a sua porta para a energia sexual ainda não está aberta. Essa porta encontra-se fechada; a energia é mantida em segurança e pode bater a qualquer porta e abri-la. Mais tarde, essas mesmas crianças irão crescer, e então será muito difícil para elas conseguirem alcançar o estado de meditação. Uma jovem planta dobra-se mais facilmente em qualquer direção; porém, à medida que for crescendo, tornar-se-á mais rígida. Se tentarmos dobrá-la, ela pode quebrar.

Esperar que as pessoas sejam mais velhas para iniciar a meditação é uma abordagem errada. A meditação deveria ser iniciada na infância. Porém, as pessoas apenas demonstram interesse por ela nos últimos anos de vida. Só então questionam o que é a meditação, a disciplina espiritual, ou como alcançar a paz. Quando já gastaram toda a sua energia, quando todas as possibilidades de progresso secaram — quando tudo se tornou rígido e toda a suavidade desapareceu, quando a transformação se tornou extremamente difícil, é então que elas querem transformar-se. Uma pessoa com os pés para a cova pergunta se pode fazer alguma coisa para atingir o estado de meditação: “Há alguma hipótese?” É estranho, é uma coisa de doidos. Este planeta nunca poderá ser pacífico e meditativo enquanto não associarmos a noção de meditação ao recém-nascido. É fútil associá-la a pessoas que se encontram no fim da vida, quando atingir a paz exige necessariamente um esforço enorme; o mesmo teria sido facilmente conseguido se tivesse sido tentado mais cedo.

Portanto, o primeiro passo para a transformação sexual consiste em fazer uma introdução à meditação para crianças pequenas — iniciá-las na paz, na ausência de pensamento, iniciá-las no silêncio. As crianças são tudo menos silenciosas e tranquilas de acordo com os padrões dos adultos. Se lhes proporcionarem alguma orientação e as ensinarem a ser silenciosas e serenas, mesmo que seja apenas por pouco tempo todos os dias, abrir-se-á naturalmente dentro delas uma nova porta antes dos catorze anos, altura em que amadurecem sexualmente. A energia amadurecerá e começará a fluir pela porta que já se encontra aberta. Essas crianças terão tido experiências de paz, de bem-aventurança, de ausência de tempo e de ego muito antes de experimentarem o sexo. Esta familiaridade impedirá essa nova energia de fluir por canais errados; poderá fluir no caminho certo.

Em vez de ensinarmos às crianças a tranquilidade da meditação, ensinamos-lhes a condenar o sexo. “O sexo é pecado, o sexo é uma porcaria”, afirmamos. Dizemos-lhes que é feio e errado; afirmamos que ele leva ao inferno. Contudo, chamar nomes não modifica, em nada, a situação atual. Antes pelo contrário, as crianças tornam-se mais curiosas; querem saber mais acerca desse inferno, acerca desse mal, acerca dessa coisa suja que causa tanto receio e tanto pânico aos pais e professores.

Em breve, as crianças virão a saber que os pais também estão empenhados na mesma busca que impedem os filhos de encetar. E no dia em que descobrem isso, todo o seu respeito pelos pais e confiança neles se evaporam. Não é a educação moderna a responsável pela diminuição de respeito pelos pais; são os próprios pais os responsáveis por esse estado de coisas. Não tarda nada, as crianças vêm a saber que os pais estão completamente submersos na mesma coisa que ensinam como sendo feia, que a sua vida diurna é diferente da sua vida noturna, que existe uma disparidade entre o que eles dizem e o que eles fazem.

As crianças são muito boas observadoras. Estão sempre atentas a tudo o que acontece em casa. Elas veem que a mesma coisa que o pai considera “suja” e a mãe designa como sendo “errada” também acontece nas suas casas. Não tardam a aperceber-se disso. Todo o sentido de respeito pelos pais desaparece, pois, para elas, os pais passam a ser uns hipócritas, umas fraudes. Não praticam o que apregoam. E toda esta decepção decorre à volta do sexo, está centrada em seu torno.

Não ensine às crianças que o sexo é pecado. Em vez disso, explique-lhes que o sexo é inerente à vida, que todos nascemos do sexo, que ele é a nossa própria vida. Isso irá ajudá-las a compreender facilmente o comportamento dos pais, na sua própria perspetiva. E quando crescerem e viverem a sua própria vida, sentirão um enorme respeito pela sinceridade e honestidade dos pais. Não pode haver ingrediente mais importante para tornar as suas vidas religiosas do que a sinceridade e honestidade dos pais. Porém, hoje em dia, todas as crianças

sabem que os pais são hipócritas e mentirosos. Isto constitui uma das principais causas de conflito entre as crianças e os pais. A repressão sexual criou um abismo entre marido e mulher, e entre filhos e pais.

Não, não precisamos de antagonismo ou condenação sexuais; o que é preciso é educação sexual. Assim que as crianças alcançam a maturidade suficiente para fazerem perguntas, tudo o que parece ser essencial, tudo o que elas podem compreender devia ser-lhes explicado, para que não venham a tornar-se excessivamente curiosas em relação ao sexo, para que não se sintam atraídas pelo sexo a ponto de ficarem obcecadas por ele, situação que as levaria a tentar descobrir as coisas através das fontes erradas. É o que sucede nos nossos dias, em que as crianças descobrem aquilo que querem, mas através das pessoas erradas. Descubrem-no através dos canais errados, e isso provoca-lhes dor e sofrimento para o resto das suas vidas. E, entretanto, cria-se um muro de silêncio e segredo entre elas e os pais, como se nem os pais nem as crianças soubessem nada sobre o sexo.

As crianças devem receber a educação adequada em relação ao sexo.

Em segundo lugar, as crianças devem ser ensinadas a meditar — a permanecerem calmas, serenas, silenciosas, a alcançarem o estado de ausência de mente. As crianças podem aprender isto muito rapidamente, se lhes proporcionarem em casa a possibilidade de permanecerem silenciosas uma hora por dia. E com certeza que isso apenas será possível se vocês, os pais, também se sentarem a meditar com elas. Uma hora diária de meditação em silêncio devia ser obrigatória em todos os lares. Se faltar uma refeição numa casa por qualquer motivo, isso é tolerável; porém, nenhuma casa devia deixar de ter uma hora de meditação todos os dias. Será errado chamar "lar" a qualquer casa onde não se observe uma hora diária de silêncio. Trata-se de um falso lar.

Uma hora de silêncio todos os dias e, quando a criança tiver catorze anos, a porta da meditação já estará aberta, uma porta para o estado em que se experimenta a ausência de tempo e de ego, e em que se tem um vislumbre da alma. É importante ter esta visão antes de qualquer experiência sexual. Esta visão põe termo à corrida desenfreada em direção ao sexo; a energia encontra então um novo caminho.

Costumo chamar-lhe o primeiro passo. A meditação é o primeiro passo na disciplina do celibato, na disciplina para transcender o sexo, na disciplina para transformar a energia sexual.

O segundo passo é o amor. As crianças deviam ser ensinadas a amar desde a infância. Até hoje, tem-se pensado que ensinar o amor os levará ao mundo do sexo. Porém, este receio é infundado. Ensinar o sexo pode levar ao amor, mas ensinar o amor nunca arrastará ninguém para a sexualidade. O oposto é verdadeiro. Quanto mais o amor cresce dentro de uma pessoa, mais energia

sexual é transformada em amor e partilhada. Quanto menos uma pessoa ama, mais se vira para o sexo. Quanto menos uma pessoa ama, mais ódio tem. Quanto menos uma pessoa ama, mais vingativa será a sua vida. E quanto menos uma pessoa estiver cheia de amor, mais inveja, competitividade, preocupação e infelicidade terá na vida. Quanto mais uma pessoa se deixa envolver pela preocupação, pela inveja, pelo ódio, pela vingança, mais as suas energias se tornam interiormente estagnadas — e, então, o único escape é o sexo.

O amor torna-se um escape de energia. O amor é um fluxo. Ele é criativo, e é por isso que flui e traz contentamento. E esse contentamento é muito mais profundo e muito mais precioso do que o que deriva do sexo. Uma pessoa que conheça esse contentamento nunca procurará qualquer substituto, tal como uma pessoa a quem tenham dado jóias nunca irá procurar pedras e seixos. Porém, uma pessoa cheia de ódio nunca poderá encontrar contentamento.

No ódio, o ser humano divide e destrói as coisas. E a destruição nunca traz contentamento; este obtém-se através da criação. Uma pessoa com inveja debate-se, mas a luta nunca traz contentamento. O contentamento obtém-se através da dádiva, da partilha, e não do roubo. Uma pessoa em luta arranca coisas das mãos dos outros. Porém, roubar nunca proporciona o mesmo tipo de contentamento que deriva de dar e partilhar. Uma pessoa ambiciosa corre de um lugar para outro, mas nunca consegue alcançar a paz.

A paz vem para aqueles que assumem a viagem do amor, que mudam de uma peregrinação de amor para outra — e não para os que assumem a viagem do poder e da ambição. Quanto mais cheios de amor estivermos, mais contentamento, mais satisfação profunda, mais sensação de alegria, mais sensação de realização flui por todas as células do nosso ser. Uma encantadora aura de contentamento e bem-aventurança rodeia a pessoa. Uma pessoa tão repleta de contentamento não se move na dimensão do sexo, e não tem de fazer esforço para não se mover nessa dimensão. Ela pura e simplesmente não se move nessa dimensão, porque o contentamento que costumava obter por alguns momentos de sexo está agora facilmente disponível através do amor.

Então, o passo seguinte consiste no facto de o nosso ser crescer mais na dimensão amorosa. Amamos, damos amor, vivemos amor. E para sermos iniciados no amor não precisamos de amar apenas seres humanos. A iniciação do amor é uma iniciação que irradia afeto. É uma iniciação que nos converte em pessoas que amam.

Podemos pegar numa pedra como se estivéssemos a pegar num amigo, e podemos pegar nas mãos de alguém como se estivéssemos a pegar nas mãos de um inimigo. Uma pessoa pode conseguir pegar nas coisas materiais com afeto, ao passo que outra se pode comportar com os seres humanos de uma maneira que nem com as coisas materiais se devia comportar. Uma pessoa cheia

de ódio trata os seres humanos como coisas; uma pessoa cheia de amor transmite uma personalidade viva mesmo aos objetos inanimados.

Uma vez, um viajante alemão foi visitar um célebre místico. O homem devia estar zangado por qualquer motivo. Furioso, desapertou os atacadores dos sapatos, atirou os sapatos para um canto e escancarou a porta.

Uma pessoa que está furiosa tira os sapatos como se eles fossem o seu pior inimigo. Pode até abrir uma porta como se houvesse alguma hostilidade entre ele e a porta.

O homem escancarou a porta, entrou e ofereceu os seus respetos ao místico.

O místico afirmou:

— Não, ainda não posso responder às suas saudações. Primeiro tem de pedir desculpa à porta e aos sapatos.

— O que se passa? — perguntou o homem. — Pedir desculpa a uma porta? E a um par de sapatos? Porquê? Eles estão vivos?

O místico respondeu:

— Você nem pensou nisso quando atirou a sua raiva para cima desses objetos inanimados. Atirou com os sapatos para o chão como se fossem seres vivos que tivessem culpa de qualquer coisa, e abriu a porta com tanta agressividade, que ela parecia ser sua inimiga. Ao lançar a sua raiva para cima deles, reconheceu que têm personalidade e, por isso, devia ir pedir-lhes desculpa agora. Só então falarei consigo, caso contrário não o farei.

O viajante pensou que viera de tão longe, da Alemanha, para conhecer aquele místico, e agora uma coisa tão trivial podia pôr termo ao seu encontro. Por isso, foi ter com os sapatos, uniu as mãos e disse:

— Amigos, perdoem a forma como me comportei.

A seguir, disse para a porta:

— Desculpa. Fiz mal em empurrar-te com tanta raiva.

Nas suas recordações, o viajante escreveu que, de início, se sentira muito ridículo a fazer aquilo, mas que, quando acabou de pedir desculpas, ficou surpreendido: sentiu muita paz e serenidade. Não podia sequer imaginar que alguém pudesse sentir-se em paz, calmo e sereno só por pedir desculpa a uma porta e a um par de sapatos.

Depois de pedir desculpas, entrou e sentou-se ao pé do místico, que começou a rir-se e afirmou:

— *Agora sim. Agora, podemos ter algum diálogo. Agora que demonstrou amor, pode relacionar-se. Agora até pode compreender, porque se sente leve e animado; sente-se bem-aventurado.*

O que está em causa não é apenas sermos afetuosos para com os seres humanos, mas apenas sermos afetuosos.

Dizer que devemos amar a nossa mãe é um erro. Se uma mãe pedir ao filho que a ame apenas por ela ser sua mãe, não está a ensinar o que devia. Um amor que tem de ter uma razão, um amor que tem um “daí” e um “por conseguinte” é um amor falso. Pedir para se ser amado por se ser pai é dar um ensinamento errado. É trazer um motivo para o amor.

O amor não tem razão; o amor nunca depende de uma razão. Se uma mãe disser ao filho “Eu tratei de ti durante muito tempo. Eduquei-te, por isso deves amar-me”, está a dar um motivo para o amor — e esse é o fim do amor. Forçada, a criança pode fingir que a ama sem querer, apenas por ela ser sua mãe.

Ensinar o amor não implica dar motivos para o amor; significa apenas criar um ambiente, uma oportunidade para a criança se poder tornar afetuosa.

Uma mãe que diga ao filho “Ama-me porque eu sou tua mãe” não está a ensiná-lo a amar. Devia antes dizer: “É importante para a tua vida, para o teu futuro, para a tua felicidade, que sejas afetuoso para qualquer pessoa ou coisa que se achesse no teu caminho — seja uma pedra, uma flor, um ser humano, um animal ou seja o que for. A questão não é dar amor ao animal, à flor, à mãe ou a outra pessoa qualquer; o que interessa é ser-se afetuoso. O teu futuro depende de quanto afeto tens para dar. A possibilidade de amor na tua vida depende da quantidade de amor que tens em ti.”

As pessoas precisam de ser educadas para o afeto, o que lhes permitirá libertarem-se da sexualidade. Porém, não educamos no sentido do afeto; não criamos qualquer sensação de amor. Em vez disso, tudo o que dizemos e passamos em nome do amor é falso.

Julga que pode amar uma pessoa e odiar outra? Não, é impossível. Um ser humano afetuoso é um ser humano afetuoso: essa característica não tem nada a ver com os outros. Mesmo quando está sentado sozinho, é afetuoso. Quando não está ninguém por perto, mesmo nessa ocasião é afetuoso. A natureza dessa pessoa é ser afetuosa; não tem nada a ver com o nosso relacionamento com ela.

Uma pessoa zangada está zangada mesmo quando se encontra sozinha; uma pessoa cheia de ódio é odiosa mesmo quando está só. Mesmo que vejamos essa pessoa sentada sozinha, podemos sentir que se trata de uma pessoa zangada, embora, na altura, possa não estar a mostrar raiva para com alguém em particular. Toda a sua personalidade é a de uma pessoa zangada. Se virmos

uma pessoa afetuosa, mesmo que esteja sentada sozinha, sentimos como essa pessoa transborda de amor.

As flores que se abrem na solidão de uma selva espalham o seu aroma, quer esteja ali alguém para o apreciar, quer não, quer esteja alguém a passar, quer não. Ser aromática está na natureza da flor.

Não tenha a ilusão de que a flor emite a sua fragrância apenas para si! O afeto devia passar a ser a sua maneira de ser; não devia depender da pessoa “a quem” esse afeto se dirigisse. Apesar disso, todos os amantes querem que os amados os amem apenas a eles e a mais ninguém. Não sabem que, se não amarmos toda a gente, não podemos amar ninguém. A mulher diz que o marido só devia amá-la a ela e não ser afetuoso para com mais ninguém; o rio do seu amor devia apenas correr na direção dela. Porém, ela não se apercebe de que esse amor é falso, e que foi ela que fez com que ele se tornasse falso. Como pode um homem que não está sempre cheio de amor por todos ser afetuoso para com a sua mulher?

Ser afetuoso significa que é essa a natureza da nossa vida, a todas as horas do dia. Não podemos estar cheios de amor por uma pessoa e desprovidos de amor por outras. No entanto, até ao presente, não temos conseguido ver esta simples verdade. O pai pede ao filho que o ame — mas, e o velho criado da casa? Não é preciso, ele é apenas um criado. Mas aquele velho criado também é pai de alguém... Quando o homem diz ao filho que não é preciso amar o criado, não se apercebe de que amanhã, se não mesmo hoje, quando ele for velho, irá queixar-se de que o seu filho não o ama. O filho podia ter-se transformado num homem afetuoso se tivesse sido ensinado a ser afetuoso em relação a todas as pessoas.

O amor é uma questão de natureza interna, e não de relacionamento. O amor não tem nada a ver com os relacionamentos; o amor é uma maneira de ser. É um componente interior da nossa individualidade. Deviam dar-nos outro tipo de ensinamento, o ensinamento do afeto — amar tudo e todos. Se uma criança pousar um livro sem afeto, deviam chamar-lhe a atenção para esse facto: “Não se deve pousar assim um livro. Portaste-te mal para com o livro, portaste-te mal para com o cão. Isso está mal.”

Recordo-me de uma história sobre um místico que vivia numa pequena cabana. Numa noite muito chuvosa, por volta da meia-noite, o místico e a mulher estavam a dormir. De repente, bateram à porta; era alguém à procura de abrigo.

O místico disse para a mulher:

— Está alguém lá fora, algum viajante, algum amigo desconhecido. Vai abrir a porta, por favor.

Reparou? Ele disse “Algum amigo desconhecido”. Você nem sequer é amigo das pessoas que conhece. A atitude dele era de amor: “Está lá fora algum amigo desconhecido. Vai abrir a porta, por favor.”

A mulher respondeu:

— Não há espaço. Nem temos espaço para os dois. Como pode entrar mais uma pessoa?

O místico replicou:

— Minha querida, este não é o palácio de um homem rico, onde pode faltar espaço; é a cabana de um homem pobre. Num palácio de um homem rico falta sempre espaço — basta chegar um único convidado e falta logo espaço. Não. Esta é a cabana de um homem pobre.

Então, a mulher retorquiu:

— O que tem isso a ver com ser-se rico ou pobre? A verdade é que esta cabana é muito pequena!

O místico respondeu:

— Se houver suficiente espaço no nosso coração, sentimos que até uma cabana se transforma num palácio. Mas se o nosso coração for demasiado pequeno, até um palácio parece não ter espaço para receber um único convidado. Abre a porta, por favor. Como podes recusar abrigo a quem vem bater à tua porta? Até agora temos estado deitados.

Talvez não possamos ficar deitados, mas três pessoas podem pelo menos ficar sentadas. Há espaço para mais um se nos sentarmos todos.

A mulher teve de abrir a porta. O homem entrou, todo ensopado.

Sentaram-se juntos e começaram a conversar. Passado um bocado, chegaram mais duas pessoas e bateram à porta.

O místico disse:

— Parece que chegaram mais pessoas.

E perguntou ao convidado, que estava sentado mais perto da porta, se a podia abrir. O homem respondeu:

— Abrir a porta? Não há espaço.

Aquele homem, que se abrigara naquela cabana alguns momentos antes, esquecera que não fora o amor do místico por ele que lhe dera abrigo, mas sim o facto de o místico estar cheio de amor, de afeto. Agora tinham chegado mais pessoas, e o amor tinha de dar abrigo aos recém-chegados.

O homem respondeu:

— Não, não é preciso abrir a porta. Não vê a dificuldade que temos, aqui todos apertados?

O místico começou a rir e afirmou:

— Meu caro, não arranjei espaço para si? Você pôde entrar porque há amor aqui dentro. Ele ainda aqui está; não acabou consigo. Abra a porta, por favor. Agora estamos sentados afastados uns dos outros, por isso temos de nos juntar. Assim, há espaço suficiente. Além disso, a noite está fria, e vamos sentir-nos melhor e mais quentes se nos juntarmos mais.

A porta abriu-se e os recém-chegados entraram. Sentaram-se todos juntos, e começaram a conhecer-se.

Então, apareceu um burro, que empurrava a porta com a cabeça.

O burro estava molhado; queria abrigar-se para passar a noite. O místico pediu aos dois homens que tinham chegado por último e estavam mesmo ao pé da porta que a abrissem.

— Chegou mais um amigo desconhecido — disse o místico.

Os homens olharam lá para fora e comentaram:

— Não é nenhum amigo, nem nada que se pareça. É apenas um burro. Não é preciso abrir a porta.

O místico retorquiu:

— Talvez não se apercebam de que, às portas dos ricos, os seres humanos são tratados como animais, mas esta é a porta de um homem pobre, e estamos habituados a tratar até os animais como seres humanos. Abram a porta, por favor.

Os homens gritaram em uníssono:

— E o espaço?

— Há espaço que chegue. Em vez de estarmos sentados, podemos ficar de pé. Há espaço suficiente para isso. Não se preocupem. Se for necessário, estou sempre pronto para ir lá para fora, de maneira a haver espaço suficiente.

O ponto a que o amor pode chegar!

A única coisa que é preciso é criar uma atitude afetuosa. Um coração afetuoso. Quando temos um coração afetuoso, ele traz uma aura de contentamento, uma aura de prazer.

Alguma vez reparou que, depois de demonstrar todo o seu amor para com alguém, uma grande onda de contentamento invade todo o seu ser? Já se apercebeu de que os momentos de contentamento mais profundo são os que surgem em experiências de amor incondicional? Quando o amor não tem condições, quando muito simplesmente sorri afetuosamente para um estranho na rua, não sente uma brisa de paz e contentamento? Não tem uma experiência de alegria a encher-lhe o coração quando levanta uma pessoa caída, quando dá a mão a uma pessoa que escorregou, quando oferece uma flor a alguém que está doente? Não é quando essas coisas acontecem por a pessoa ser o nosso pai ou a nossa mãe — essa pessoa pode não ter qualquer relação connosco, mas o simples facto de oferecermos uma prenda é, em si, uma grande recompensa, traz uma grande bem-aventurança.

O potencial para amar devia nascer dentro de nós — quer esse amor se dirija às plantas, às aves ou outros animais, aos seres humanos, aos estranhos, aos estrangeiros, quer esse amor se dirija a tudo o que se encontra longe de nós, como a Lua e as estrelas. O seu amor devia crescer.

A possibilidade de sexo na vida de uma pessoa vai diminuindo à medida que o amor cresce no seu interior. O amor e a meditação em conjunto abrem a porta para a religiosidade. Amor mais meditação é igual a religiosidade. Quando o amor e a meditação se juntam, alcança-se a religiosidade. E o resultado disso é o celibato. Então, toda a energia vital ascende por uma nova via. Aí, ela deixa de se escoar a pouco e pouco; deixa de ser desperdiçada. A energia ascende, começa a subir por vias interiores. Inicia a sua viagem ascendente.

Atualmente, a sua viagem é descendente. O sexo é o fluxo de energia descendente. O celibato é a sua viagem ascendente.

O amor e a meditação são a chave do celibato.

A seguir, irei falar do que pode ser alcançado através do celibato. O que recebemos? O que ganhamos? Acabei de lhe falar de duas coisas: amor e meditação. Disse que o ensinamento dos dois devia começar na infância. No entanto, não conclua que, por já não ser criança, nada mais lhe resta a fazer. Não tire essa conclusão: não desista; nesse caso, o meu esforço terá sido em vão. Qualquer que seja a idade, esta tarefa começa hoje. Embora ela seja mais difícil na idade adulta — é uma sorte iniciá-la durante a infância —, é sempre uma sorte poder iniciá-la, qualquer que seja a idade. Pode começar hoje mesmo. Os que já estão prontos para aprender ainda são crianças, mesmo que tenham muitos anos. E podem começar aqui mesmo. Se tiverem capacidade para aprender, se tiverem disponibilidade para aprender, se não tiverem sido dominados pela ideia de que sabem tudo, de que já alcançaram tudo, a sua viagem pode começar de novo, tal como se fossem crianças.

Um dia, Gautama Buda perguntou a um bhikshu que fora iniciado por ele alguns anos antes:

— *Bhikshu, que idade tens?*

O bhikshu respondeu:

— *Cinco anos.*

Buda ficou surpreendido.

— *Cinco anos? Pareces ter no mínimo setenta. Por que dizes isso?*

O bhikshu explicou:

— *Digo-o porque a luz da meditação só entrou na minha vida há cinco anos, e apenas durante os últimos cinco anos o amor encheu a minha vida. Antes disso, a minha vida era como um sonho; eu andava a dormir. Ao contar os anos, não considero esses. Como poderia fazê-lo? A minha verdadeira vida só começou há cinco anos. Só tenho cinco anos.*

Buda pediu aos discípulos que reparassem bem na resposta do monge:

— *Todos vocês deviam contar a idade desta maneira; devia ser este o padrão para calcularem a vossa idade.*

Se o amor e a meditação ainda não nasceram em si, a sua vida até ao presente não passou de um desperdício; você ainda não nasceu. Porém, nunca é tarde para nascer de novo, se quiser tentar.

Não conclua pelas minhas palavras que, por já ter passado a infância, esta palestra se refere apenas às gerações vindouras. Uma pessoa nunca vai para tão longe que não possa regressar a casa; nunca ninguém se enganou e percorreu o caminho errado durante tanto tempo que não pudesse ver o caminho certo. Mesmo que tenha vivido durante milhares de anos na escuridão, isso não significa que, ao acender uma luz, a escuridão lhe diga: "Tenho milhares de anos, por isso não me vou embora."

Não, quando a luz se acende, uma escuridão com milhares de anos desaparece do mesmo modo que uma escuridão com um dia. É fácil acender a luz na infância; torna-se um pouco mais difícil se for mais tarde. Mas difícil não é o mesmo que impossível. Difícil implica um pouco mais de esforço. Difícil implica um pouco mais de determinação. Difícil implica um pouco mais de intenção. Implica que terá de quebrar os padrões da sua personalidade de uma maneira mais decidida, e abrir novos canais.

Mas, apesar dos primeiros clarões do novo caminho, não deixará de ter a sensação de ter feito tão pouco, em comparação com o muito que está a receber. Com a chegada de um único raio dessa verdade, dessa luz, sentirá ter atingido muito sem ter feito nada por isso, pois irá receber algo que não tem preço, e toda a sua ação terá sido tão insignificante. Por isso, peço-lhe que não entenda mal as minhas palavras; peço-lhe isso.

CAPÍTULO 4



O NASCIMENTO DE UMA NOVA HUMANIDADE

Numa pequena escola de aldeia na Índia, o professor estava a contar o Ramayana, a lenda de Rama. Quase todas as crianças estavam a dormir. Não admira nada que as crianças adormeçam ao ouvirem histórias que já escutaram vezes e vezes seguidas; até os adultos passam pelas brasas nessas alturas. Uma história é contada tantas vezes que perde todo o interesse, e as pessoas deixam de a escutar com atenção.

O professor recitava tudo mecanicamente, sem sequer olhar para o livro aberto à sua frente — conhecia a história de cor. Até um estranho teria percebido que era como se ele estivesse a ensiná-la a dormir. Narrava os episódios como um papagaio, quase sem se aperceber do que estava a dizer.

De repente, sentiu-se uma certa agitação na sala: chegara o inspetor do Ministério da Educação. Quando ele entrou na sala, os alunos ficaram muito atentos e o professor começou a ensinar com mais dedicação.

O inspetor disse:

— Fico contente por ver que está a ensinar a lenda de Ramayana. Gostava de fazer algumas perguntas aos alunos relacionadas com esta história.

Partindo do princípio de que as crianças se recordam facilmente de histórias de destruição, de combates e coisas parecidas, o inspetor fez uma pergunta simples:

— Digam-me, meninos, quem partiu o arco de Shiva?

Um rapaz levantou o braço, pôs-se de pé e respondeu:

— A sério, senhor, não fui eu que o parti. Estive duas semanas sem vir à escola. E também não sei quem o parti. Quero explicar isto desde já, porque sempre que aparece alguma coisa partida ou estragada na escola, sou sempre eu o primeiro a levar com as culpas.

O inspetor ficou surpreendido. Nunca sonhara que alguém lhe desse uma resposta daquelas. Virou-se para o professor, que estava prestes a bater com uma cana no rapaz, e ouviu-o dizer:

— Este patife é de certeza o culpado. Ele é o pior de todos!

E vociferou para o rapaz:

— Se não foste tu, então por que te levantaste e disseste que não tinhas sido tu?

A seguir, virou-se para o inspetor e disse:

— Não se deixe enganar pelas conversas deste rapaz. Noventa e nove por cento das coisas partidas ou estragadas desta escola são resultado dos seus atos.

O inspetor ficou tão espantado, que não sabia o que havia de dizer. Limitou-se a virar as costas e a sair da sala, dirigindo-se para gabinete do director, a quem contou tudo o que se passara. Exigia saber o que o director iria fazer perante aquilo.

O director pediu ao inspetor para pôr o assunto de lado. Explicou que nos últimos tempos era perigoso dizer fosse o que fosse aos alunos.

— Seja quem for que partiu o arco, peço-lhe que esqueça o assunto. Esta escola tem tido paz durante os últimos dois meses. Ao longo dos anos, os alunos têm partido imensas coisas, queimado mobília e dado cabo das instalações da escola. É melhor não fazermos nada. Dizer-lhes seja o que for será apenas um convite a mais confusões. Ainda pode haver alguma greve ou alguém pode iniciar um jejum até à morte a qualquer momento!

O inspetor ficou literalmente boquiaberto; não queria acreditar no que estava a acontecer. Foi ter com o presidente do conselho escolar e contou-lhe tudo o que acontecera — que o Ramayana estava a ser ensinado numa turma, que um rapaz dissera que não tinha partido o arco de Shiva, que o professor afirmara que esse rapaz devia ser o culpado, que o director suplicara que não se tentasse apurar quem era o responsável, afirmando que seria uma insensatez, pois havia um receio constante de uma greve e todo o tipo de problemas. A seguir, perguntou ao presidente:

— O que tem a dizer sobre este estado de coisas?

O presidente afirmou que o diretor fora sensato na sua abordagem.

— Além do mais — acrescentou —, não se preocupe com o culpado. Quem quer que tenha partido o arco, o conselho vai mandar consertá-lo. É melhor consertar o arco do que tentar descobrir o causador dos estragos.

O que nos diz esta história? Ela não tem basicamente nada de novo; demonstra apenas uma fraqueza humana comum. As pessoas querem mostrar

que sabem — mesmo quando se trata de coisas sobre as quais não percebem nada! Nenhum deles percebeu o que significava partir o arco de Shiva. Não teriam feito melhor se tivessem aceitado a sua própria ignorância e tivessem perguntado? Porém, ninguém está preparado para reconhecer a sua ignorância.

Tem sido esta a maior calamidade da História. Ninguém demonstra ter coragem suficiente para dizer “Não sei” no que diz respeito às questões sobre a vida. Esta falta de coragem revela-se suicida e transforma toda a vida num desperdício. Por partirmos do princípio falso de que sabemos, as respostas que damos são tão ridículas como as que foram dadas na escola — pelo rapaz, pelo professor, pelo diretor e pelo presidente. Tentar responder a algo que desconhecemos só nos faz passar por tolos.

É possível que a questão de quem partiu o arco de Shiva não tenha a menor relevância na vida das pessoas. Porém, nas questões que têm um profundo significado na vida — questões que irão decidir se a vida se torna bela ou feia, saudável ou louca, questões das quais dependem a direção e a evolução da vida —, também nessas fingimos que sabemos. Mas, então, as nossas respostas expõem-nos. A vida de cada um de nós mostra que não sabemos nada sobre a vida. Senão, por que existe tanto fracasso, tanto desespero, tanta infelicidade, tanta ansiedade?

Era exatamente isto que queria dizer em relação ao sexo: não sabemos nada acerca dele. Pode sentir-se confuso. Pode afirmar: “É muito possível que não saibamos nada sobre Deus ou sobre a alma, mas como podemos concordar que não saibamos nada sobre o sexo? Nós temos a prova: temos os nossos maridos e as nossas mulheres, temos os nossos filhos — e, mesmo assim, você afirma que não sabemos nada sobre o sexo?”

Porém, gostava de lhe dizer — embora talvez seja difícil para si aceitá-lo — que pode ter passado pela experiência do sexo, mas não a conhece melhor do que uma criança pequena. Não a conhece muito melhor do que isso. Passar por uma coisa não é o suficiente para a conhecermos.

Uma pessoa pode ter conduzido um automóvel durante milhares de quilómetros, mas isso não implica necessariamente que essa pessoa perceba alguma coisa acerca do mecanismo, do motor que está dentro do carro e do seu funcionamento. A pessoa pode ridicularizar a minha afirmação, argumentando que já conduziu durante milhares de quilómetros, mas mesmo assim não deixo de dizer que essa pessoa não percebe nada do automóvel. Conduzir um automóvel é uma coisa superficial; compreender o seu mecanismo interno é uma questão completamente diferente.

Quando carrega num interruptor, a eletricidade acende a lâmpada. Pode dizer que percebe tudo sobre a eletricidade porque sabe acender e apagar a lâmpada sempre que quer, que já o fez milhares de vezes. Porém, isso é um

disparate, pois até uma criança sabe acender e apagar uma luz; isso não exige que se perceba o que é a eletricidade.

Qualquer pessoa pode fazer crianças. Isso não tem nada a ver com perceber de sexo. Qualquer pessoa se pode casar. Os animais procriam, mas não há razão para cairmos na ilusão de que percebem alguma coisa de sexo.

A verdade é que o sexo ainda não foi suficientemente estudado. Não se desenvolveu verdadeiramente qualquer filosofia ou ciência, pois toda a gente acha que já percebe do assunto. Ninguém sentiu a necessidade de estudos sobre o sexo, de uma ciência do sexo, o que tem constituído uma grande calamidade para o homem.

No dia em que desenvolvermos estudos, uma ciência, um sistema de pensamento completo sobre o sexo, seremos capazes de criar uma nova raça de seres humanos. Então, não haverá necessidade de trazer ao mundo seres feios e estropiados. Não haverá necessidade de trazer ao mundo seres humanos doentes, fracos, tristes e insípidos. Não haverá necessidade de criar crianças cheias de sentimentos de culpa e de pecado. Porém, não sabemos nada acerca disso. Sabemos como acender e apagar a luz e, a partir daí, concluímos que sabemos tudo sobre a eletricidade. Mesmo no fim da vida, a única coisa que sabemos sobre o sexo não é mais do que a maneira de acender e apagar o interruptor — nada mais. No entanto, como temos a ideia falsa de que sabemos tudo sobre ele, deixa de haver a possibilidade de qualquer investigação, descoberta, pensamento ou reflexão sobre o sexo.

Se toda a gente sabe tudo acerca desse assunto, qual é a necessidade de pensar nele? Nem discutimos a questão uns com os outros, nem sequer pensamos nela. E devo dizer-lhe que não há na vida nenhum mistério, segredo ou fenómeno mais profundo do que o sexo.

Apenas recentemente soubemos da existência do átomo, e o mundo sofreu uma enorme revolução. No dia em que conseguirmos saber alguma coisa sobre o átomo do sexo, a raça humana entrará numa nova Era de sabedoria. É impossível prever o impacto, a dimensão a que poderemos chegar quando compreendermos o processo e a técnica de criar consciência. Porém, uma coisa é certa: a energia sexual e os seus processos são a coisa mais misteriosa, mais profunda e preciosa no mundo — e nós não falamos acerca dela. Uma coisa que é a mais preciosa de todas constitui um tabu. As pessoas dedicam-se rotineiramente ao sexo durante toda a vida, e no fim da vida continuam sem saber o que é o sexo.

Por isso, quando afirmei que o sexo nos permite experimentar a ausência de ego e de pensamento, houve muitas pessoas que não ficaram convencidas; sentiram que era impossível. Contudo, mais tarde, um amigo disse-me: "Nunca tinha pensado nisso, mas aconteceu aquilo que tinhas dito." Uma mulher veio

ter comigo e comunicou-me: “Nunca senti isso. Quando o ouvi falar no assunto lembrei-me que era verdade, que a mente fica um pouco parada e em silêncio. Porém, nunca senti a ausência de ego nem qualquer outra experiência profunda do gênero.” É possível que a minha afirmação tenha levantado questões na mente de muitas outras pessoas, por isso, é conveniente explicar alguns pontos em mais pormenor.

Em primeiro lugar, uma pessoa não nasce com conhecimento de toda a ciência sexual. É possível que muito poucas pessoas à face da Terra, as que retiveram as experiências de muitas vidas passadas, sejam capazes de entender a arte, o processo e a ciência do sexo. Essas são as pessoas que alcançam o verdadeiro celibato, pois, quando alguém acaba por saber tudo sobre o sexo, este torna-se inútil. Essa pessoa limita-se a ultrapassá-lo; essa pessoa transcende-o. Contudo, há alguns pontos que nunca foram referidos a este respeito e em relação aos quais há que ser muito claro.

Um deles — o primeiro ponto em relação ao qual é fundamental que sejamos claros — é que devemos pôr de lado a ilusão de que única e simplesmente por termos nascido já sabemos o que é o sexo e já sabemos fazer amor. Não, ignoramo-lo. E, devido a essa ignorância, a vida de toda a gente fica enredada e envolvida no sexo até à morte. Já afirmei que os animais têm uma época fixa para o sexo, têm uma temporada, e os seres humanos não têm nenhum período específico para isso. Porquê? Talvez porque os animais sejam capazes de entrar mais profundamente no sexo; os seres humanos não são capazes.

Os investigadores que analisaram o sexo, que entraram profundamente nele e recolheram muitas experiências de vida, chegaram à conclusão de que, se o orgasmo durar apenas um minuto, a pessoa desejará ter novamente sexo no dia seguinte. Porém, se o orgasmo puder ser prolongado durante três minutos, a pessoa nem sequer pensará em sexo durante uma semana. Observaram que, se alguém conseguir prolongar este estado orgástico, esta libertação em relação ao ego e ao tempo durante sete minutos, ficará tão livre do sexo que ele nem passará pela sua cabeça durante os próximos três meses. E, se se conseguir prolongar esse período durante três horas, a pessoa ficará livre do sexo para sempre; nunca mais o desejará.

Contudo, essa experiência geralmente dura apenas alguns instantes; é mesmo difícil imaginar um período de três horas. No entanto, posso dizer-lhe que, se uma pessoa conseguir manter-se no estado de fazer amor, se conseguir manter-se nessa ausência de ego e nesse envolvimento durante três horas, então, um único ato sexual bastará para a libertar do sexo até ao fim da vida. Esse ato deixará tanto contentamento, uma tal experiência de bem-aventurança, uma tal atenção, que durará uma vida inteira. Após este único ato sexual, é possível alcançar-se o estado de verdadeiro celibato.

No entanto, nunca podemos chegar ao celibato após uma vida inteira de prazer sexual. Chegamos à velhice, ao fim da vida. Mas nunca nos libertamos da luxúria sexual, da paixão sexual. E por que motivo? Porque não compreendemos a arte e a ciência do sexo. Ninguém nunca no-la explicou nem nunca pensámos, refletimos ou discutimos isso. Nas nossas vidas, nenhuma pessoa com experiência nos envolveu num diálogo, numa comunhão acerca disso. Ainda estamos em pior situação do que os animais.

Pode duvidar que uma experiência que dura habitualmente alguns instantes possa prolongar-se por três horas. Vou oferecer-lhe algumas chaves para a questão. Se prestar atenção, elas facilitar-lhe-ão a viagem até ao celibato.

Quanto mais rapidamente se respira durante o ato sexual, menor é a sua duração; quanto mais calma e tranquila for a respiração, maior é a duração do ato sexual. Se conseguirmos atingir um estado de respiração totalmente descontraído, a duração do ato sexual pode ser prolongada sem qualquer limite. E quanto mais durar o ato sexual, mais facilmente ocorre a experiência dos elementos de superconsciência — a ausência de ego e de tempo que já referi. A respiração deve ser muito descontraída. À medida que ela se descontraí, novas profundidades, significados e percepções serão revelados.

Outra coisa a reter: se, durante o ato sexual, a atenção estiver focada entre os olhos, onde o ioga afirma que se encontra o terceiro olho, a duração do ato de amor pode ser prolongada até três horas. E essa experiência de relação sexual pode enraizar uma pessoa no celibato — não só durante esta vida, mas também durante a próxima.

Uma mulher escreveu-me: “Você não é casado, é um celibatário nato. Isso significa que também não teve a experiência da superconsciência?”

Se essa mulher estiver aqui presente, quero dizer-lhe que nem eu nem ninguém pode concretizar o estágio de celibato sem a experiência sexual. Também quero dizer-lhe que a experiência pode ser desta vida ou de uma vida passada. Só se pode alcançar o celibato à nascença nesta vida com base nas experiências de profunda união sexual em vidas anteriores, e em nada mais. Não existe outra hipótese. Se uma pessoa teve uma experiência sexual profunda numa vida anterior, nascerá livre do sexo nesta vida; o sexo não a irá perturbar, nem em pensamentos. Pelo contrário, a pessoa ficará surpreendida pelo comportamento das outras pessoas em relação ao sexo; ficará espantada por se preocuparem tanto com o sexo. Essa pessoa terá, inclusivamente, de fazer um esforço consciente para distinguir, para diferenciar o homem da mulher.

Se alguém pensa que se pode ser pura e simplesmente um “celibatário nato”, sem qualquer experiência sexual, essa pessoa está enganada. Essa pessoa ficará louca e não celibatária. Uma pessoa que tente impor o celibato a si própria acaba por dar em doida e não chega a lado nenhum. O celibato não

pode ser imposto; o celibato evolui a partir da experiência sexual. É o resultado de uma profunda experiência, que é a experiência do sexo. Se essa experiência puder ser feita uma vez que seja, a pessoa fica livre do sexo até ao fim de todas as suas vidas.

Até aqui, referi os dois fatores que podem levá-lo a atingir essa experiência profunda: a respiração deve ser descontraída, tão descontraída como se não existisse, e a sua atenção deve centrar-se no terceiro olho, no ponto médio entre os dois olhos. Quanto mais a sua atenção se aproximar desse centro, automaticamente mais profunda será a relação sexual. E a duração da relação sexual aumentará de modo proporcional em relação ao relaxamento da respiração. Então, pela primeira vez, aperceber-se-á de que não sentimos atração pela relação sexual em si; sentimo-nos atraídos pela iluminação, pela superconsciência. Se conseguirmos obter uma única visão dela, se o clarão brilhar uma vez que seja e reconhecermos o caminho que estava oculto na escuridão, então poderemos facilmente progredir nele.

Um homem está sentado num quarto lúgubre e sujo, cheio de bafio. As paredes encontram-se rachadas e manchadas. Porém, ele pode levantar-se e abrir a janela. De pé, pela janela do quarto sujo, o homem pode ver o céu límpido no horizonte; pode ver o Sol e as aves a voarem no céu. Este homem, que acaba de saber da existência do vasto céu, do Sol e da Lua, das aves que voam, das árvores a abanar ao vento e das flores aromáticas, não permanecerá no quarto sujo, escuro e bafiento durante muito mais tempo. Em breve sairá para céu aberto.

Do mesmo modo, no dia em que você tiver uma visão que seja do *samadhi*, da ausência de pensamento no sexo, por mais fugaz que seja esse momento, as paredes escuras e sujas em torno do sexo deixarão de o atrair, e em breve sentirá vontade de sair de lá de dentro. É necessário que compreendamos que, em geral, todos nascemos dentro de uma casa escura e suja, e é de dentro dos limites dessa casa que temos de experimentar algo que se encontra para lá das suas paredes. Então, podemos abandonar a casa e sair para o ar livre. Porém, uma pessoa que não abre a porta, que se limita a fechar os olhos e ficar sentada a um canto, dizendo "Não quero saber da casa suja", não pode alterar a situação nem um bocadinho. Quer queira saber ou não, a pessoa encontra-se dentro da casa suja e aí permanecerá.

Os supostos celibatários, a quem esse estado foi imposto, encontram-se tão presos dentro da casa do sexo como qualquer outra pessoa. A única diferença entre uma pessoa dessas e você consiste no facto de ela estar sentada de olhos fechados, ao passo que os seus se encontram abertos. O que você faz abertamente, essa pessoa fá-lo em segredo. O que você faz fisicamente, essa pessoa fá-lo mentalmente. Não há qualquer outra diferença. É por isso que o encorajo a abandonar o antagonismo perante o sexo e a tentar compreendê-lo, experimentá-lo e atribuir-lhe um lugar sagrado na sua vida.

Já falámos de duas linhas de orientação. O terceiro elemento é o estado de espírito com que uma pessoa aborda o sexo. Você devia abordar o sexo como se se aproximasse de um templo, pois na altura do sexo encontramos-nos mais perto da existência. É através do sexo que a existência pode criar e dar à luz uma nova vida — por isso, no sexo encontramos-nos mais perto do criador. Na experiência do sexo, encontramos-nos mais perto do criador. Convertemo-nos numa via através da qual surge uma nova vida. Convertemo-nos em dadores de vida. E porquê? Porque o estado em que nos encontramos durante o ato sexual é o mais próximo da própria criação. Se abordarmos o sexo com um sentido do sagrado, como uma oração, teremos uma visão do divino.

No entanto, abordamos o sexo com ódio, com um sentimento de hostilidade, com uma atitude de condenação. Isso cria uma barreira, que não nos deixa experimentar o divino. Aborde o sexo como se estivesse a aproximar-se de um templo, de um templo sagrado. Considere a sua mulher uma deusa. Considere o seu marido um deus. E nunca aborde o sexo de uma maneira desagradável, com raiva, ódio, dureza, rancor, ciúme, irritação ou ansiedade.

O que acontece é exatamente o contrário. Quanto mais cheios de preocupações e amargura, quanto mais furiosos, desesperados ou angustiados, mais nos aproximamos do sexo. Uma pessoa alegre não procura o sexo, mas uma pessoa triste fá-lo, pois vê nele uma hipótese de fugir à tristeza. Porém, não se esqueça de que, se procurar o sexo com tristeza, preocupação, amargura, irritação e conflito, nunca atingirá a visão dessa experiência profunda pela qual a sua alma anseia. Não atingirá a visão da superconsciência, porque a sua abordagem é exatamente a oposta.

Peço-lhe que apenas se aproxime do sexo quando se sentir feliz, amoroso, alegre, quando estiver disposto à oração; só então sentirá que o seu coração está pleno de alegria, paz e gratidão. Só uma pessoa que faz essa abordagem da vida sexual pode experimentar a superconsciência, o *samadhi*. Se atingir um raio de *samadhi* uma vez que seja durante o ato sexual, libertar-se-á do sexo para sempre e começará a avançar a caminho da superconsciência.

A reunião, a união de uma mulher e de um homem, tem um significado profundo. É na união de uma mulher e de um homem que o ego é eliminado pela primeira vez e uma pessoa se encontra verdadeiramente com outra.

Quando uma criança sai da barriga da mãe, encontra-se num estado de grande sofrimento; é como uma árvore que tivesse sido arrancada do solo. Todo o seu ser anseia por voltar a unir-se à terra; a sua ligação à terra era a sua vida, a sua vitalidade, o seu alimento. Ela foi arrancada e anseia por regressar, pois foi privada do seu contato. Uma criança que nasce é separada das suas raízes. Nesse sentido, a criança fica desenraizada, separada da vida, da existência. Agora, todo o seu ser, todo o seu anseio é voltar a unir-se à vida, à existência.

É a esse anseio que chamamos sede de amor. Que mais queremos dizer com a palavra “amor”?

Todos querem amar e ser amados. Qual é o significado do amor? O significado é: “Fiquei isolado, separado; quero reencontrar-me com a vida.” E uma das experiências mais profundas dessa união acontece com uma mulher e um homem durante o ato sexual. O sexo é a primeira experiência de união.

Quem compreender esta experiência de união no sentido da sede de amor, do desejo de reunificação com a própria vida, com a própria existência, pode em breve atingir outra experiência. As pessoas que fazem meditação, que efetuam uma busca espiritual, um místico, uma pessoa iluminada, todos se unem — e o mesmo acontece com um homem ou uma mulher que se aproximam do sexo. Na relação sexual, dois indivíduos unem-se; um indivíduo une-se com outro e torna-se uno. No *samadhi*, na iluminação, um indivíduo une-se com o todo e torna-se uno com ele. A relação sexual é um encontro de dois indivíduos; a iluminação é a união de um indivíduo com o infinito. Como é natural, a união entre dois indivíduos só pode ser momentânea, mas a união de um indivíduo com o todo é para sempre.

Dois indivíduos são seres finitos, daí a sua união não poder ser infinita, não poder ser para sempre. E é este o sofrimento, é esta a infelicidade de todo o casamento, de todo o amor — não poderemos unir-nos com uma pessoa para sempre. Unimo-nos por um momento, mas depois voltamos a afastar-nos; surge uma distância. A distância cria dor, cria sofrimento, e os amantes encontram-se num contínuo estado de desespero por causa disso. A pouco e pouco, começa a parecer que é o parceiro que cria essa distância. Então começa a surgir a fúria, a irritação com o outro.

No entanto, aqueles que sabem diriam que duas pessoas são essencialmente dois indivíduos separados. Podem forçar um encontro momentâneo, mas não podem unir-se para sempre. É aí que reside a dor e o sofrimento que dão origem a um conflito constante entre os amantes, iniciando a luta com a pessoa que se ama. Instala-se uma tensão, um conflito, uma sensação de aversão, pois começa a parecer que o amado não quer unir-se, e por isso a fusão não chega a completar-se. Porém, nenhum indivíduo tem culpa disso. Dois indivíduos não podem encontrar-se ao nível do “sempre”. Os amantes apenas podem fundir-se momentaneamente; como os seres humanos são limitados, a sua união também não pode deixar de ser limitada. A fusão eterna só pode ser feita com o divino; com toda a existência.

Aqueles que entram nas profundidades do sexo começam a sentir que, se uma fusão momentânea pode dar tanta felicidade, a fusão eterna ultrapassa tudo o que se possa imaginar. Se a fusão num momento proporciona uma experiência tão surpreendente, então muito mais surpreendente será a experiência de fusão com o eterno!

É o mesmo que uma pessoa sentar-se à frente de uma vela acesa a tentar imaginar quantas velas seriam precisas para substituir a luz do Sol. Tentar compará-las parece um ato em vão. A luz de uma única vela é tão pequena e a luz do Sol é imensa. Embora se encontre a cerca de cento e cinquenta milhões de quilómetros, o Sol aquece-nos, queima-nos — por isso, como podemos avaliar a diferença entre a luz de uma vela e a luz do Sol?

Porém, é possível comparar a luz do Sol com a luz de uma vela, por mais difícil que seja, porque a vela é finita e o Sol também. Pode ser inconcebível, mas é possível compará-las. Contudo, é impossível medir a diferença entre a bem-aventurança do orgasmo e a bem-aventurança do *samadhi*. O sexo é uma fusão de dois pequenos indivíduos, algo de muito fugaz. O *samadhi*, a superconsciência, é a fusão de uma gota de água com o oceano do todo infinito. Não há comparação possível, não há unidade para medir a dimensão desta união com o todo.

Depois de se atingir esse estado... o que acontece ao sexo, à relação sexual, ao desejo? Depois de atingir o infinito, quem pensa num prazer momentâneo? Então, esse prazer parece um sofrimento, parece uma loucura. A partir daí, esse prazer passa a parecer um desperdício de energia. E o celibato surge espontaneamente numa pessoa que tenha alcançado esse estado.

No entanto, há uma ponte, uma via, uma viagem entre o sexo e a superconsciência. A superconsciência é o último degrau, no céu, da mesma escada em que o sexo constitui o primeiro degrau. Aqueles que se viram contra o primeiro degrau nunca chegam a progredir. Aqueles que negam o primeiro degrau da escada nunca podem passar ao segundo.

Digo-lhe também que precisa de subir este primeiro degrau com consciência, compreensão e atenção. Não para que fique preso nele, mas para que possa colocar os pés sobre ele e passar adiante.

Porém, aconteceu um estranho acidente com a raça humana. Como já afirmei, ela virou-se contra o primeiro degrau, e, no entanto, quer chegar ao último. Sem ter a experiência do primeiro degrau, sem conhecer a luz da vela, quer reclamar o esplendor do Sol. Isso nunca é possível. Temos de aprender a compreender a fraca luz da vela que nos é dada pela natureza — uma luz que vive por alguns instantes e é apagada pela brisa — para desenvolvermos um verdadeiro anseio pelo Sol. Então, a pessoa poderá começar a subir os outros degraus em direção ao Sol; então, poderá nascer dentro de nós a sede, o descontentamento, o desejo e o anseio pelo Sol.

A partir de uma pequena experiência musical é possível avançar para a música definitiva; a partir da experiência de uma pequena luz é possível avançar para a luz infinita; conhecer uma gota é o primeiro passo em direção a conhecer todo o oceano. O nosso conhecimento do mais pequeno átomo revela a energia

da matéria. Mas embora a natureza nos proporcione reduzidos átomos de sexo sob a forma de energia sexual, não reconhecemos nem exploramos, de modo nenhum, esta energia. É como se vivêssemos de olhos fechados para ela, de costas viradas para ela. Não aceitamos totalmente a energia sexual nos nossos corações. Não conhecemos qualquer alquimia disponível que nos permita vivê-la e entrar profundamente nela com alegria e gratidão. Como já lhe disse, no dia em que a humanidade conhecer essa alquimia, conseguirá criar um novo tipo de ser humano.

Neste contexto, gostaria de lhe dizer que o homem e a mulher são dois polos diferentes, polos de energia positiva e negativa. Um encontro certo desses dois polos completa um circuito, é uma espécie de harmonia, uma melodia. Digo-lhe também que, se a profundidade e duração da relação sexual forem suficientes, se um casal mulher-homem conseguir manter uma relação sexual durante mais de meia hora, cria-se um halo de luz à volta deles. Quando a eletricidade dos seus corpos se encontra profunda e totalmente, vê-se um halo de luz na escuridão, à volta do casal. Alguns investigadores notáveis desenvolveram os seus trabalhos em torno deste tema e chegaram a tirar fotografias. Um casal que atinja a experiência desse halo elétrico transcende o sexo para sempre.

Porém, como não é essa a sua experiência, estas afirmações parecem-lhe estranhas. Se não é essa a sua experiência, isso significa apenas uma coisa: devia pensar novamente no assunto, lançar um novo olhar sobre ele e começar a viver outra vez do início — pelo menos em termos sexuais.

No que se refere à compreensão deste assunto, à vida consciente, a minha experiência e a minha opinião são de que um Mahavira, um Buda, um Cristo ou um Krishna não nascem por acaso. O seu nascimento é o resultado da união total de duas pessoas. Quanto mais profunda a união, mais surpreendente e extraordinária a descendência; quanto mais superficial, mais incompleta a união, pior e mais reprimida a descendência. Hoje, o calibre dos seres humanos tem vindo a decair cada vez mais. Algumas pessoas atribuem as culpas à deterioração dos padrões morais, enquanto outras as atribuem aos efeitos de uma "idade das trevas", porém, tudo isso é um perfeito disparate: é falso e absurdo.

Existe apenas uma diferença: a qualidade do sexo decaiu. O sexo perdeu o seu aspeto sagrado, o sexo perdeu a sua compreensão científica, a sua simplicidade e naturalidade. O sexo degenerou numa coisa forçada, num pesadelo. O sexo descreveu quase uma viragem violenta: deixou de ser um ato de amor, deixou de ser um ato pacífico e sagrado, deixou de ser um ato meditativo. E, por causa disso, a humanidade seguirá o seu rumo de decadência.

Se um escultor estiver a fazer uma estátua embriagado, espera que ele crie uma bela obra de arte? Se um bailarino estiver cheio de raiva, com a mente

inquieta e cheia de preocupações, espera que a sua atuação seja inspirada? A qualidade de tudo o que fazemos depende do estado de espírito em que nos encontramos. Neste aspeto, o sexo tem sido a área mais negligenciada das nossas vidas. E o mais incrível é que se trata do fenómeno do qual depende a procriação, através do qual chegam ao mundo outras crianças, outras almas.

Talvez não esteja ciente de que o sexo apenas cria uma situação em que, se tudo o mais for adequado, se gera uma alma. Você limita-se a criar a oportunidade. Não dá vida a uma criança, mas apenas proporciona uma oportunidade para que ela chegue ao ventre materno. Dependendo da qualidade e da adequabilidade da ocasião, entra um determinado tipo de alma. Se a oportunidade tiver sido má — se estava zangado na altura do sexo, se tinha alguma culpa ou ansiedade, alguma angústia —, a alma que escolhe entrar no seu ventre será desse mesmo nível de consciência. Não pode ser de um nível mais elevado.

Para convidar uma alma mais elevada, as circunstâncias e o meio ambiente em torno do sexo também têm de ser de qualidade mais elevada. Só então podem nascer almas superiores; em última análise, só então é possível elevar o nível de consciência da humanidade. É por isso que afirmo que, no dia em que a humanidade se inteirar totalmente da ciência do sexo, de toda a arte sexual, no dia em que conseguirmos transmitir essa ciência, essa arte, tanto a jovens como a velhos, ao mundo inteiro, conseguiremos criar um novo ser humano.

Essa criança e esse mundo podem ser criados! Enquanto não conseguirmos criar esse mundo, não pode haver paz no mundo. Até lá as guerras e o ódio não podem ter fim; até lá, não será possível erradicar a imoralidade, a corrupção, a libertinagem e a escuridão reinantes.

Apesar da propaganda dos políticos, as guerras não irão cessar, as tensões não terminarão, a violência e o ciúme não desaparecerão. Já passou tanto tempo — durante os últimos dez mil anos, os messias, os profetas e os santos pregaram contra a guerra, contra a violência, contra o ódio, mas ninguém os escutou. Antes pelo contrário, chacinámos, pregámos na cruz as mesmas pessoas que pregavam o amor, a não-violência e a compaixão. Foi este o resultado dos seus ensinamentos. Gandhi ensinou-nos a praticar a não-violência, a sermos afetuosos, a vivermos juntos em harmonia, e retribuímos-lhe com balas. Foi este o resultado prático dos seus ensinamentos.

As almas nobres de todos os grandes homens fracassaram. Devíamos perceber bem isto. Eles não foram bem-sucedidos; nenhum dos ideais e valores que eles defendiam prevaleceu. Todos os seus valores foram derrotados. Os maiores profetas e as pessoas mais nobres falharam todas, pereceram todas, e os seres humanos continuaram a cair cada vez mais na escuridão, em infernos cada vez mais miseráveis. Será que isto não nos revela que houve uma falha básica nos seus ensinamentos?

Uma pessoa inquieta é inquieta porque foi concebida e nasceu na inquietação. Uma pessoa assim transporta em si o germe da inquietação; nas profundezas do seu ser, carrega a doença da inquietação. No primeiro dia do seu nascimento, a pessoa chega trazendo consigo inquietação, sofrimento e dor. No primeiro momento da sua concepção, todo o mapa da sua vida já está formado. Com essa pessoa, os Budas, os Mahaviras, os Cristos e os Krishnas estão votados ao fracasso. Eles *já* falharam.

Por uma questão de delicadeza, podemos não o dizer abertamente — isso é outra questão —, mas todos eles falharam. A raça humana tem vindo a tornar-se cada vez mais desumana de dia para dia. Apesar de tantos ensinamentos sobre a não-violência, o amor e a paz, o único sinal de que progredimos consiste no facto de termos passado do punhal para a bomba de hidrogénio. Considera isto um sinal de que o ensinamento da não-violência foi bem-sucedido?

Matámos cerca de trinta milhões de pessoas durante a Primeira Grande Guerra e, após um período em que se falou de paz e amor, matámos setenta e cinco milhões de pessoas na Segunda Grande Guerra. Depois disso, de Bertrand Russell a Mahatma Gandhi. Todos clamam pela paz, e continuamos a preparar-nos para uma terceira guerra mundial. E, em comparação, esta guerra fará as outras parecerem uma brincadeira de crianças.

Uma vez, perguntaram a Einstein o que podia acontecer numa terceira guerra mundial. Ele respondeu que não podia dizer nada sobre a terceira guerra mundial, mas que podia prever alguma coisa acerca da quarta. Surpreendido, o entrevistador perguntou por que motivo, se não podia dizer nada acerca da terceira guerra mundial, podia prever alguma coisa sobre a quarta. Einstein respondeu que havia uma coisa em relação à quarta guerra mundial: ela não existiria, pois não havia a possibilidade de uma única pessoa sobreviver à terceira.

É este o fruto dos ensinamentos morais e religiosos da humanidade.

Devo dizer-lhe que a causa fundamental de tudo isto é outra. Se não conseguirmos trazer um entendimento e uma harmonia profundos para o ato de amor, se não conseguirmos torná-lo espiritual — uma porta para a superconsciência —, não permitiremos que nasça uma humanidade melhor. Se isso não acontecer, a humanidade continuará a piorar, porque as crianças de hoje irão passar pelo sexo e criar filhos piores do que elas. A qualidade de cada nova geração será cada vez pior; isto é certo e pode, ao menos, ser profetizado. Porém, já atingimos um nível tão baixo, que é provável que não haja possibilidade de descer mais. O mundo inteiro quase se transformou num enorme manicómio.

Um dia, sente-se num recanto sossegado e pense no seu estado. Ficará surpreendido ao comprovar a loucura oculta em si próprio. De algum modo,

consegue mantê-la controlada e reprimida, mas isso é outra conversa. Basta um ligeiro empurrão e qualquer um pode enlouquecer facilmente.

É muito provável que, daqui a cem anos, o mundo inteiro se transforme num enorme manicômio. É claro que, por um lado, haverá muitas vantagens nisso: deixaremos de precisar de tratamento para a loucura; não precisaremos de psiquiatras para tratar dos neuróticos. Ninguém sentirá que é louco, pois o primeiro sintoma de um louco é nunca se aperceber do seu estado. Esta doença tem vindo a aumentar cada vez mais. Este problema, esta doença mental, esta ansiedade e escuridão mental têm vindo a aumentar cada vez mais. A menos que o sexo adquira uma dimensão espiritual, um estatuto espiritual, nunca poderá nascer uma nova humanidade.

A alma humana anseia por ascender, por se elevar até ao céu, por ser iluminada como a Lua e as estrelas, por desabrochar como as flores. A alma humana está sequiosa de música e dança. Porém, o homem limita-se a andar à volta como um boi numa nora, e desperdiça assim a vida, sem conseguir libertar-se do jugo. Por que é que isto acontece?

Existe apenas uma causa: o atual processo de procriação é absurdo, é uma loucura total. É por isso que não conseguimos transformar o sexo numa porta para a superconsciência. O sexo humano pode tornar-se uma porta para a superconsciência. Tudo o que tenho afirmado tem apenas a ver com esta grande verdade.

Permita-me que repita uma questão, para concluir este tema. Quero tornar absolutamente claro que as pessoas que se afastam das verdades da vida são inimigas da humanidade. Uma pessoa que lhe diz "Nem fale sobre sexo" é inimiga da humanidade. Trata-se de inimigos que não deixam os outros pensar nisso, refletir sobre essa questão. Caso contrário, como é possível que ainda não tenhamos desenvolvido uma atitude científica em relação ao sexo?

Uma pessoa que lhe diz que o sexo não tem qualquer relação com a religiosidade está cem por cento errada, pois a energia sexual transformada e sublimada constitui o cerne do sentimento religioso. A energia sexual ascendente conduz-nos a lugares desconhecidos: lugares onde não há morte nem dor, onde existe apenas bem-aventurança.

Porém, onde está essa energia? Quem tem essa energia que pode conduzir à verdade, à consciência, à bem-aventurança? Temos desperdiçado essa energia. Somos como baldes com buracos no fundo e tentamos usar esses baldes para tirar água do poço. Ouvimos o balde bater na superfície da água; ouvimos o barulho do balde a encher. E, enquanto ele sobe, ouvimos o som da água a escorrer, dando-nos a indicação clara de que existe água no balde. Só que, quando ele chega até nós, já não resta água nenhuma. Toda a água se escoou e acabamos por ficar com um balde vazio. Somos como barcos com

buracos no fundo, remando apenas para nos afundarmos. Os nossos barcos nunca chegam a lado nenhum; limitam-se a arrastar-nos pela corrente e a destruir-nos.

Todos esses buracos existem devido ao facto de o fluxo de energia sexual correr em direcções erradas. E as pessoas responsáveis por esses desvios não são as mesmas que produzem e promovem fotografias de pessoas nuas, escrevem livros obscenos e realizam filmes obscenos. A responsabilidade por perverter a energia sexual humana está nas mãos daqueles que colocaram barreiras para os outros não compreenderem a verdade do sexo. É por causa deles que as fotografias de pessoas nuas têm tanta procura, que as revistas pornográficas se vendem tanto, que se fazem filmes com pessoas nuas, que se inventa todo o tipo de clubes estranhos e cada vez aparecem mais novas perversões e coisas absurdas. E tudo isto por causa de quem? Por causa daqueles a quem chamamos santos, homens santos. Foram eles que criaram o mercado para tudo isto. Se analisar profundamente a questão, verá que são eles os verdadeiros agentes publicitários da pornografia.

Uma pequena história, e terminarei por hoje.

Um sacerdote dirigia-se para a sua igreja. Ainda se encontrava a alguma distância e corria para chegar lá a tempo. Quando atravessava um campo pelo caminho, viu perto um homem ferido deitado ao lado de uma vala. Havia uma faca cravada no peito do homem, que estava a sangrar. O sacerdote pensou em levantá-lo e tratar dele, mas pensando melhor achou que isso podia atrasar a sua chegada à igreja. Escolhera o “Amor” como tema do seu sermão desse dia; resolvera dissertar sobre a célebre máxima “Deus é Amor”. Ia preparando mentalmente os seus comentários à medida que caminhava.

Porém, o ferido abriu os olhos e gritou:

— Padre, sei que vai a caminho da igreja para fazer um sermão sobre o amor. Eu também ia ouvi-lo, mas uns bandidos apunhalaram-me e atiraram-me para aqui. Ouça, se sobreviver, direi às pessoas que um ser humano estava a morrer à beira da estrada e que, em vez de o salvar, o padre fugiu para ir fazer o seu sermão sobre o amor. Não me abandone; já o avisei.

Aquelas palavras preocuparam o sacerdote. Apercebeu-se de que, se aquele homem sobrevivesse e contasse o incidente, as pessoas da aldeia diriam que os seus sermões eram uma farsa pegada. O sacerdote não estava preocupado com o moribundo, mas sim com a opinião pública, por isso aproximou-se do homem... contra a sua própria vontade. Quando chegou perto dele, viu o seu rosto com mais clareza: parecia-lhe conhecido. Então, resolveu dizer:

— Parece-me que já te vi.

O homem ferido afirmou:

— *Deves ter visto. Sou Satanás, e tenho relações muito antigas com padres e líderes religiosos. Se eu não te sou familiar, então quem será?*

O sacerdote então recordou-se claramente; tinha uma imagem dele na sua igreja. Por isso, voltou atrás e disse:

— *Não posso salvar-te. É melhor que morras. Tu és Satanás. Sempre desejámos que morresses, e ainda bem que isso está a acontecer. Por que havia de tentar salvar-te? Até é pecado tocar-te. Vou seguir o meu caminho.*

Satanás riu-se à gargalhada e afirmou:

— *Escuta, no dia em que eu morrer, acabou-se o teu negócio; não podes existir sem mim. Tu és o que és porque eu estou vivo. É melhor salvas-me, porque, se eu morrer, todos os sacerdotes e pastores da Igreja ficarão sem trabalho. Desaparecerão todos; o Mundo será um lugar melhor, e as pessoas deixarão de precisar de vocês.*

O sacerdote meditou naquilo durante alguns instantes e viu que Satanás estava a dizer uma verdade básica. De repente, agarrou o Satanás moribundo por baixo dos braços, levantou-o e disse:

— *Meu querido Satanás, não te preocupes. Vou levar-te ao hospital para te tratarem. Vais recuperar muito rapidamente. Não morras, por favor. Tens razão. Se morreres, fico sem trabalho.*

Talvez não consiga imaginar que Satanás se encontra na base da profissão sacerdotal ou, pior ainda, que o sacerdote se encontra por trás do trabalho de Satanás, por trás da profissão de Satanás, por trás da exploração sexual que acontece em todo o lado. Não podemos conceber que os sacerdotes estejam na base de tudo isso, que o sexo seja cada vez mais atraente por ter sido condenado por eles, que os seres humanos se tenham entregado cada vez mais ao prazer e à luxúria devido à exigência contínua dos sacerdotes para que o sexo fosse reprimido. Quanto mais os sacerdotes proibiram o sexo, quanto mais nos pediram para nem sequer pensarmos nele, mais misterioso ele se tornou. E não podemos fazer nada em relação a isso.

Não, o que é absolutamente necessário é conhecer melhor o sexo. O conhecimento é poder. E conhecer o sexo pode tornar-se um grande poder. Não é bom viver na ignorância, e é ainda pior viver na ignorância em relação ao sexo.

Podemos não ir à Lua; não é necessário ir até lá. A humanidade pode não colher grandes benefícios de uma ida à Lua. Nem é necessário imaginar as profundezas do oceano, onde a luz não penetra. Ir até lá não trará nenhum bem absoluto à humanidade. Também não é preciso dividir e conhecer o átomo. Porém, há uma coisa absolutamente necessária — de interesse fundamental —

que é conhecermos e compreendermos adequadamente o sexo, de maneira a podermos criar uma nova humanidade.

Dissertei sobre estas questões durante os últimos dias e amanhã responderei às perguntas que me quiserem fazer. Escreva e apresente perguntas honestas, pois não se trata de Deus nem da alma nem desse tipo de questões. O que está em causa é a vida — e se fizer perguntas honestas e diretas, poderemos aprofundar mais este assunto.

CAPÍTULO 5



DO CARVÃO AO DIAMANTE

Os amigos fizeram muitas perguntas.

Por que escolheu o sexo como tema dos seus discursos?

Eu queria dizer às pessoas algumas coisas acerca da verdade. Contudo, para falar da verdade, primeiro é preciso destruir as mentiras que têm sido aceites como verdades. Se não desenraizarmos essas mentiras, nunca poderemos avançar um passo sequer em direção à verdade.

Pediram-me para falar do “Amor” naquele primeiro encontro em Bombaim. Porém, senti que, enquanto mantivermos ideias erradas sobre o sexo, não poderemos perceber nada sobre o amor. Enquanto houver crenças erradas sobre o sexo, tudo o que dissermos sobre o amor será incompleto, será falso; não pode ser verdadeiro. Por isso, disse algumas coisas sobre o sexo nesse encontro e afirmei que é a própria energia sexual transformada que se converte em amor.

Um homem compra estrume e amontoa-o na rua à frente da sua casa. As pessoas queixam-se, devido ao mau cheiro. Porém, outro homem espalha o mesmo estrume no jardim e planta algumas sementes. Essas sementes rebentam e transformam-se em plantas, e as plantas dão flor, cujo aroma se difunde pela vizinhança. As plantas oscilam ao som da música e quem por ali passa fica encantado. É provável que nunca tenha pensado nisso, mas o mesmo mau cheiro do estrume transformou-se no aroma das flores. Depois de passar pelo estado de semente e de planta, o fedor do estrume transformou-se na fragrância da flor. Um mau cheiro pode ser transformado num belo aroma. A energia sexual pode transformar-se em amor.

No entanto, como pode uma pessoa que se vira contra a energia sexual transformá-la em amor? Como pode alguém que é inimigo do sexo depurar essa energia? Daí a necessidade de compreender o sexo, e a necessidade de transformar a energia sexual.

Naquele dia, quando terminei a minha palestra e desci do estrado, fiquei surpreendido ao ver que todos os líderes e figuras públicas — todas as pessoas que organizaram o encontro e deviam permanecer ao meu lado — tinham desaparecido! Não vi ninguém quando me dirigi para a saída. Não estava lá um único organizador para me agradecer. Todos os líderes tinham desaparecido do estrado; tinham-se evaporado.

Os líderes são uma espécie muito fraca. Vão-se embora antes dos seus seguidores.

Porém, houve algumas pessoas corajosas que subiram ao estrado — algumas raparigas, alguns rapazes, alguns idosos, alguns jovens. Todos afirmaram: “Contou-nos coisas que nunca ninguém nos tinha dito. Abriu-nos os olhos; sentimo-nos iluminados.” Pensei que seria adequado aprofundar mais esta questão. Foi por isso que também escolhi este tema para as palestras seguintes. Um dos motivos para concluir a história que ficara incompleta na primeira palestra foi o facto de as pessoas me terem pedido para o fazer. E esse pedido foi feito por pessoas que estão a fazer um esforço sincero no sentido de compreender a vida. Queriam que eu dissesse tudo o que tinha a dizer. Portanto, esse foi um dos motivos.

O segundo motivo foi que aqueles que tinham fugido do estrado haviam começado a propagandear que eu dissera coisas tão profanas que acabariam com a religião, que eu dissera coisas que iriam fazer com que as pessoas deixassem de ser religiosas! Então, senti que a propaganda merecia uma resposta, uma clarificação prática que demonstrasse que as pessoas não deixam de ser religiosas por terem uma compreensão do que é o sexo. Antes pelo contrário, as pessoas não são religiosas porque não compreenderam o sexo até ao momento.

A ignorância pode fazer com que as pessoas deixem de ser religiosas; o conhecimento nunca pode fazer com que as pessoas deixem de ser religiosas. Mesmo que o conhecimento possa fazer com que as pessoas deixem de ser religiosas, continuo a dizer que o conhecimento que faz com que elas deixem de ser religiosas é preferível à ignorância que torna as pessoas religiosas. Porque quando a ignorância torna as pessoas religiosas, essa religião não vale de nada — uma religião baseada na ignorância! A religião só pode ser verdadeira se for baseada no conhecimento. E não vejo que o conhecimento possa ser prejudicial a ninguém. O que prejudica é sempre a escuridão, a ignorância.

Se a humanidade se degradou, se ficou pervertida e louca por sexo, a responsabilidade não cabe àqueles que refletiram e meditaram sobre o sexo. A responsabilidade não é daqueles que cultivaram algum conhecimento sobre o sexo, mas sim dos moralistas, das pessoas pseudoreligiosas, dos santos e do clero que, durante milhares de anos, tentaram manter o homem na ignorância. A humanidade podia ter-se libertado da sexualidade há muito tempo. Porém,

isso não viria a concretizar-se — e não se concretizou devido àqueles que têm tentado manter as pessoas na ignorância em relação ao sexo.

Eu senti que, se um simples raio de verdade criara tanta inquietação nas pessoas, era bom debater todo o espectro, esclarecer se o conhecimento faz com que uma pessoa se torne religiosa ou deixe de o ser. Foi por esse motivo que escolhi este tema para estas palestras.

Se não tivesse sido assim, não me teria subitamente ocorrido escolher este tema. É possível que nem sequer o tivesse abordado. Portanto, deste ponto de vista, tenho de agradecer a essas pessoas por terem criado a oportunidade de eu escolher este tema. Quem quiser agradecer, não o faça a mim, mas sim às pessoas que organizaram a primeira palestra. Foram elas que me levaram a escolher o tema; eu não tive qualquer influência nisso.

Se, como afirma, é a energia sexual que se transforma em amor, quer dizer que o amor de uma mãe pelo filho também é energia sexual?

Já me fizeram perguntas semelhantes. Será útil compreender este assunto.

Se me tiver escutado atentamente, recordar-se-á de eu ter dito que há níveis profundos na experiência sexual, níveis que uma pessoa não alcança normalmente. Existem três níveis na experiência sexual, sobre os quais gostaria de falar agora.

Um dos níveis sexuais é físico, completamente fisiológico. Por exemplo, um homem vai ter com uma prostituta. A experiência que ele obtém com ela não pode ser mais profunda do que a experiência física. Uma prostituta pode vender o corpo, mas não vende o seu coração, e é claro que não há maneira de vender a alma. Outra pessoa comete uma violação. Nesta situação, não se pode ter o coração nem a alma do outro, porque a violação acontece apenas ao nível físico. Não há maneira de violar a alma; nunca houve nem haverá. A experiência da violação também é apenas física.

A experiência primordial do sexo nunca atinge um nível mais profundo do que o físico, e quem ficar por aí nunca abarcará totalmente a experiência sexual. Quem ficar por aí não pode pura e simplesmente conhecer os níveis de que estou a falar. E a maioria das pessoas parou no nível físico.

Nesse sentido é importante saber que nos países em que se fazem casamentos sem amor, o sexo estagna no nível físico. Nunca pode progredir até um nível mais profundo do que isso. O casamento pode ser de dois corpos, mas nunca de duas almas. Entre duas almas só existe amor, por isso, se um casamento for resultado do amor, assume um significado mais profundo. No entanto, se se tratar de um casamento arranjado, se for o resultado dos cálculos

de padres e astrólogos, ou baseado em considerações de casta, fé ou dinheiro, nunca poderá ser mais profundo do que o nível físico.

Contudo, esses casamentos têm uma vantagem: o corpo é mais estável do que a mente. Por isso, nas sociedades em que o corpo é a base do casamento, os casamentos serão mais estáveis. Podem durar uma vida inteira. O corpo é mais estável e as mudanças vão ocorrendo lentamente, quase imperceptivelmente.

O corpo existe ao nível da matéria. As sociedades que pensavam que era necessário trazer estabilidade à instituição do casamento, manter a monogamia, não permitir qualquer hipótese de mudança, tiveram de prescindir do amor — porque o amor vem do coração e o coração é instável. Os divórcios são inevitáveis nas sociedades em que os casamentos são baseados no amor. Esses casamentos serão pouco sólidos; nunca pode haver casamentos sólidos nessas sociedades, pois o amor é fluído. O coração é volúvel; o corpo é estável, inerte.

Se houver uma pedra no seu jardim, ela manter-se-á no mesmo lugar de manhã até à noite. Porém, uma flor que desabrocha de manhã, à noite tomba e cai no chão. A flor é um ser vivo; ela nasce, vive e morre. A pedra é um objeto inanimado; o que era de manhã também o será à noite. A pedra é muito estável e duradoura. Um casamento arranjado é como uma pedra.

Um casamento que se baseia no nível físico traz estabilidade; ele cumpre os interesses da sociedade em detrimento dos interesses do indivíduo, pois a estabilidade foi introduzida ao nível físico, e evitou-se o amor.

É por isso que nesses casamentos o sexo entre marido e mulher nunca pode ser mais profundo do que o nível físico; torna-se uma rotina mecânica. A sua vida sexual passa a ser mecânica; eles repetem continuamente a mesma experiência, e esta torna-se inerte, monótona. Nunca atingem um nível mais profundo.

Não há nenhuma diferença básica entre ir a uma prostituta e ter um casamento que não surgiu com base no amor — não existe grande diferença. Compra-se uma prostituta por uma noite, e compra-se uma esposa para toda a vida; a diferença não é muita. Quando não existe amor, é uma compra — quer se alugue uma mulher por uma noite ou se faça um acordo para toda a vida. É evidente que, com o contato diário, se desenvolve uma espécie de relacionamento a partir desta associação, e as pessoas pensam que é amor. Não se trata de amor. O amor é uma coisa completamente diferente. Como estes casamentos se baseiam no corpo, o relacionamento não passa do nível físico. Nenhum dos manuais e das escrituras que abordam o sexo, do *Vatsyayana* e dos *Kama Sutras* até ao presente, avança para um nível mais profundo do que o nível físico.

O segundo nível é psicológico — é o nível da mente, do coração. Para os casais que se apaixonam e depois se casam, a experiência sexual vai um pouco mais fundo do que o nível físico. Neles, o sexo encontra-se ao nível do coração; alcança a profundidade psicológica. Porém, devido à repetição, ao fim de algum tempo também passa para o nível físico e torna-se mecânico.

A instituição do casamento que se desenvolveu no Ocidente ao longo dos últimos duzentos anos leva o sexo até ao nível psicológico. E é por isso que as sociedades ocidentais se encontram no caos. O motivo para isto reside no facto de não podermos fiar-nos na mente. Hoje a mente deseja uma coisa, e amanhã pede outra. Quer uma coisa de manhã, e à noite já quer outra. O que ela sente agora é totalmente diferente do que sentia há alguns instantes.

Talvez já tenha ouvido dizer que Lord Byron, antes de se casar, teve relações íntimas com pelo menos sessenta a setenta mulheres. Porém, mesmo quando estava a sair da igreja, de braço dado com a sua noiva — com os sinos ainda a repicar, as velas ainda acesas, os convidados ainda presentes —, viu passar uma bela mulher. Ficou transfigurado pela sua beleza e, por momentos, esqueceu a sua noiva. Esqueceu-se de que acabara de proferir os votos matrimoniais. Contudo, devia ser um homem muito honesto, pois entrou na carruagem com a noiva e disse-lhe:

— Reparaste? Aconteceu-me uma coisa estranha ainda agora. Até ontem, antes de sermos casados, estava preocupado em saber se conseguiria conquistar-te. Eras a única mulher na minha mente. Porém, agora que estou casado contigo, vi uma bela mulher do outro lado da rua, quando estávamos a descer os degraus da igreja, e esqueci-te por alguns momentos. A minha mente começou a correr atrás daquela mulher; passou-me uma coisa pela cabeça: “Gostava de possuir aquela mulher!”

A mente é muito volúvel. Por isso, aqueles que queriam que as sociedades fossem mais estáveis e ordenadas não permitiram que o sexo chegasse ao nível psicológico; fizeram um esforço para mantê-lo ao nível físico. E aconselham: “Prefiram o casamento ao amor. Se o amor se desenvolver a partir do casamento, tanto melhor; caso contrário, deixem as coisas seguir o seu curso.”

É possível ter estabilidade ao nível físico; ao nível psicológico é muito difícil. Apesar disso, a experiência sexual é mais profunda ao nível psicológico e, por isso, a experiência sexual no Ocidente é mais profunda do que no Oriente. Tudo o que os psicólogos ocidentais escreveram sobre sexo, de Freud a Jung, tem a ver com este nível psicológico do sexo.

No entanto, o sexo a que me refiro pertence a um terceiro nível, que ainda não nasceu quer no Oriente, quer no Ocidente. Esse terceiro nível do sexo é o nível espiritual.

Existe uma espécie de estabilidade ao nível físico, pois o corpo é material. Também há uma espécie de estabilidade ao nível espiritual, pois ao nível do

espírito não existe mudança. Aí, tudo é calma; aí, tudo é eterno. Entre estes dois, encontra-se o nível da mente, onde ocorre a mudança. A mente é instável, mercurial. Muda facilmente.

A vivência do sexo no Ocidente centra-se neste segundo nível, por isso os casamentos desfazem-se e as famílias desintegram-se. Casamentos e famílias resultantes de um encontro ao nível psicológico não podem ser estáveis. O divórcio ocorre agora em média cerca de dois anos após o casamento, mas também podia acontecer após duas horas! A mente pode, inclusivamente, mudar numa hora. A sociedade ocidental encontra-se num turbilhão. Comparativamente, a sociedade oriental é estável — mas o Oriente não pode ter as experiências sexuais mais profundas.

Existe outro tipo de estabilidade, outro estágio — o nível espiritual. Um marido e uma esposa, um homem e uma mulher que se encontrem ao nível espiritual sentem que se tornaram um só para infinitas vidas futuras. Não existem mudanças. O que é preciso é a estabilidade deste nível; o que é preciso é a experiência deste nível.

A experiência a que me refiro, o sexo a que me refiro, é espiritual. Quero trazer um sentido espiritual para o sexo. E se compreender o que estou a dizer, aperceber-se-á de que o amor da mãe pelo seu filho também faz parte do sexo espiritual.

Pode dizer que esta afirmação é absurda... Que relacionamento sexual pode existir entre a mãe e o filho? Como lhe disse, um homem e uma mulher, um marido e uma esposa encontram-se por um momento, e as suas almas tornam-se unas a partir desse momento — o que os une é a beatitude que experimentam nesse breve instante. No entanto, já pensou que a criança permanece no ventre materno durante nove meses? Durante este tempo, a sua existência é una com a da mãe. O marido une-se à esposa durante um instante fugaz e o filho fica unido a ela durante nove meses! É por isso que a intimidade que a mãe tem com o filho não pode existir entre marido e mulher; é impossível. O marido encontra-se com ela apenas por breves instantes ao nível existencial, onde existe o ser, e depois separam-se. Aproximam-se por um momento, e a seguir volta a instalar-se uma distância de quilómetros.

Contudo, a criança dentro da barriga da mãe respira com ela; o seu coração bate através do coração da mãe. A criança é una com o sangue e a vida da mãe. Ainda não tem existência individual: ainda é parte da mãe. É por isso que nenhuma mulher se sente plenamente realizada antes de ser mãe. Nenhum homem pode satisfazer a mulher tanto como uma criança; nenhum marido pode dar à esposa a profunda satisfação que a criança lhe dá. Uma mulher nunca se sente completa antes de ser mãe. Todo o seu esplendor e toda a sua beleza se manifestam quando ela se torna mãe. Há uma relação muito profunda entre o ser da mulher e o ser do seu filho.

E também é por esse motivo — não se esqueça disto — que, assim que a mulher se torna mãe, o seu interesse pelo sexo diminui. Já reparou? Ela saboreou uma bebida mais profunda: a maternidade. Já não sente tanta paixão pelo sexo. Durante nove meses, coexistiu com um novo ser, um ser palpitante; agora sente-se pouco atraída pelo sexo. Por vezes, o marido fica espantado com a apatia da esposa, porque o facto de ser pai não lhe traz qualquer mudança. Mas ser mãe pressupõe uma mudança básica na mulher.

A paternidade não é uma relação assim tão profunda. O pai não tem uma noção profunda de unidade com o novo ser. A paternidade é apenas uma instituição social: uma criança pode nascer sem a instituição paterna. Porém, o processo implica uma relação profundamente enraizada com a mãe, que se sente satisfeita com essa nova dignidade espiritual que a preenche após o nascimento de um filho.

Se olhar para uma mulher que seja mãe e para outra que não seja, verá a diferença na expressão radiante, na energia e nas personalidades das duas. Numa mãe encontrará um brilho, uma calma — o tipo de calma que vemos num rio quando chega à planície. Na mulher, que ainda não foi mãe verá uma espécie de aceleração como a do rio que corre pelas montanhas — rugindo e bramindo como uma cascata, a grande velocidade. Mas, ao tornar-se mãe, a mulher adquire uma profunda calma e serenidade interiores.

Daí ocorrer-me afirmar também neste contexto que é por esse motivo que as mulheres ocidentais apaixonadas pelo sexo, como é hoje comum no Ocidente, não querem ter filhos — porque, a seguir à maternidade, a atração da mulher pelo sexo diminui subitamente. A mulher ocidental de hoje recusa-se a ser mãe pois sabe que assim que for mãe perderá o interesse pelo sexo. O seu interesse pelo sexo é reforçado pelo facto de se recusar a ser mãe.

Os governos de muitos países europeus estão preocupados com esta tendência. A continuar, o que acontecerá às suas populações? O Oriente preocupa-se com o aumento da população, mas alguns países ocidentais receiam um decréscimo da população. O que será possível fazer, caso muitas mulheres decidam não ser mães por saberem que perderão o interesse pelo sexo? Não poderá haver qualquer ação legal. As leis podem, de algum modo, promover um programa de controlo da natalidade, mas não pode haver nenhuma lei que obrigue uma mulher a ser mãe.

Este problema dos países ocidentais é mais complexo do que o problema da explosão demográfica na Índia. Podemos promover um controlo do crescimento da população através da lei, mas nenhum país pode recorrer à legislação para promover um aumento da população. Ninguém pode ser obrigado a ter filhos. Nos próximos duzentos anos este problema atingirá proporções gigantescas no Ocidente. E o aumento da população dos países orientais pode levar esses países a dominarem o mundo inteiro. A mão-de-obra

ocidental continuará a diminuir: o Ocidente terá de fazer com que as mulheres voltem a concordar em ter filhos. Alguns dos seus psicólogos começaram já a manifestar-se a favor de casamentos na infância. Caso contrário há um perigo, afirmam. Uma mulher que tenha entrado na maturidade já não terá interesse em ser mãe — prefere gozar o sexo. Por isso, defendem a opção de que elas se casem muito jovens, antes de terem outras ideias.

Este também foi um dos motivos na base dos casamentos infantis no Oriente. Eles sabiam que quanto mais uma rapariga amadurece, mais compreensão adquire, e quanto mais tiver saboreado o sexo, menos quererá vir a ser mãe. Embora ela não faça ideia do que poderia obter sendo mãe, visto que apenas pode aperceber-se disso se vier a sê-lo! Não é possível fazer qualquer ideia antecipadamente.

Por que motivo se sente uma mulher tão gratificada depois de ser mãe? Porque vivenciou o sexo a um nível espiritual com o seu filho. E é por causa disso que existe tanta intimidade entre uma mãe e um filho. Uma mulher é capaz de dar a vida pelo filho, e nem consegue imaginar tirar a vida ao seu próprio filho. Uma mulher é capaz de matar o marido — acontece muitas vezes — e, mesmo que não o faça, pode criar circunstâncias em casa que acabem por conduzir ao mesmo resultado! Mas, no que diz respeito à criança, nem consegue imaginar uma coisa dessas. Trata-se de uma relação muito profunda.

Porém, deixe-me que lhe diga também que quando a relação com o marido atinge a mesma profundidade, o marido parece-lhe ser um filho e não um marido.

Há aqui muitos homens e mulheres. Quero perguntar aos homens aqui presentes se, nos momentos em que foram mais carinhosos com as esposas, não se comportaram como uma criança se comporta com a sua mãe. Sabe por que é que as mãos de um homem são inconscientemente atraídas pelos seios de uma mulher? É a mão de uma criança pequena a pegar no seio da mãe. Quando um homem se sente cheio de amor por uma mulher, a sua mão dirige-se automaticamente para o seu seio. Porquê? Que relação têm os seios com o sexo? O sexo não tem nada a ver com os seios. Os seios têm a ver com a relação e a associação entre criança e mãe. Desde a infância que o fizeram ter consciência desta relação com o seio, com o cordão umbilical. Por isso, quando um homem está cheio de amor profundo, transforma-se num filho! E para onde se dirige a mão da mulher? A sua mão dirige-se para a cabeça do homem; os seus dedos começam a acariciar o seu cabelo; é esta a recordação que tem do filho; ela acaricia o cabelo do seu filho.

É por isso que, se o amor florescer totalmente ao nível espiritual, o marido acaba por se tornar um filho. E o marido tem de vir a tornar-se um filho; só então experimenta o terceiro nível sexual, o nível espiritual. Existe um

relacionamento a este nível, mas somos completamente ignorantes em relação a ele.

O relacionamento entre marido e mulher é apenas uma preparação para esta experiência, e não o seu culminar; é apenas o início da viagem. E como se trata de uma viagem, o marido e a mulher estão sempre num estado de conflito. Uma viagem é sempre uma perturbação; a paz encontra-se apenas no destino. Um marido e uma esposa nunca podem estar em paz, pois o seu relacionamento é apenas o meio da viagem. E a maior parte das pessoas acaba por ficar pelo caminho, nunca chega ao destino. Por causa disso, há sempre um estado de conflito entre o casal; há sempre uma perturbação contínua. Uma disputa contínua com a própria pessoa que amamos!

Infelizmente, nem marido nem mulher compreendem o verdadeiro motivo da tensão, da disputa. Podem pensar que fizeram a escolha errada. O marido julga que tudo correria melhor se tivesse casado com outra mulher, e a mulher acha que tudo estaria provavelmente melhor se tivesse casado com outro homem.

Porém, devo dizer-lhe que é esta a experiência de todos os casais do mundo. Se lhe fosse dada a hipótese de mudar de cônjuge, a situação não se alteraria nada. Seria o mesmo que mudar de ombros para levar um caixão para o cemitério; sentiria alívio durante algum tempo, mas depois repararia que o peso era o mesmo. A experiência ocidental, em que o divórcio tem vindo a crescer, consiste no facto de, num breve período de tempo, a nova esposa revelar ser igual à anterior — e o mesmo acontece com o novo marido em poucas semanas.

A razão para isso não se encontra à superfície, mas a um nível mais profundo. Essa razão não tem nada a ver com o homem ou a mulher em particular; o que se passa é que o relacionamento entre marido e esposa, entre homem e mulher, é uma viagem, um processo; não é um destino, a finalidade em si. O destino apenas surgirá quando a mulher passar a ser mãe e o homem tornar a ser filho.

Por isso, quero dizer-lhe que, numa relação entre uma mãe e um filho, há um tipo de sexo espiritual. E no dia em que o sexo espiritual nascer entre uma mulher e um homem, entre uma esposa e o seu marido, volta a estabelecer-se a relação mãe-filho. Uma vez estabelecida essa relação, vivencia-se o que designo por contentamento. E é a partir desse contentamento que surge o celibato.

Por isso, não pense que não existe sexo na relação mãe-filho. Há nela um tipo de sexo espiritual. E, para ser mais correto, apenas podemos designar por amor o sexo espiritual. É o amor. No momento em que o sexo se torna espiritual, transforma-se em amor.

Não podemos aceitá-lo como autoridade para falar sobre sexo. Viemos fazer-lhe perguntas sobre Deus e você começou a falar de sexo. Viemos aqui para ouvir falar de Deus, por isso, pedimos-lhe que nos fale acerca Dele.

Talvez não tenha a consciência de que é inútil fazer perguntas acerca de Deus a alguém que nem sequer considera uma autoridade em termos de sexo. Será que questionaria uma pessoa sobre o último degrau da escada se essa pessoa não soubesse nada acerca do primeiro degrau? Se aquilo que eu tenho a dizer sobre o sexo não é aceitável para si, então também não deveria perguntar-me sobre Deus — esse assunto está arrumado. Se não sou digno de lhe falar sobre o primeiro degrau, que competência terei em relação ao último?

No entanto, há um motivo profundo por trás desta questão. Esse motivo é que, até hoje, o sexo e Deus têm sido encarados como inimigos um do outro. Até hoje, ensinaram-nos que aqueles que investigam o transcendente não têm nada a ver com sexo e os que efetuam uma viagem pelo sexo nada têm a ver com a espiritualidade ou com Deus. Ambas as ideias são absurdas. A busca do sexo também existe devido à busca do divino. Esta enorme atração pelo sexo não é senão uma busca do transcendente, e é por isso que o sexo nunca nos satisfaz. Uma pessoa nunca sente que o sexo traga uma satisfação total. Essa sensação nunca surge, exceto quando se atinge a religiosidade.

E aqueles que procuram Deus opondo-se ao sexo não estão verdadeiramente à procura de Deus; trata-se apenas de escapismo em nome da espiritualidade. Escondem-se por trás de Deus, por trás do transcendente, para fugirem ao sexo. Isto porque têm um enorme medo do sexo. Procuram refúgio na repetição de mantras e orações, para conseguirem esquecer o sexo.

Sempre que encontrar um homem a entoar um cântico em nome de Deus, observe-o com atenção: por trás da repetição do nome de Deus esconde-se o eco do sexo. Se aparecer uma mulher, esse homem começa a sua litania — Rama, Rama, Rama —, põe-se a passar mais rapidamente as contas do rosário e a entoar o nome de Rama em altos brados. Porquê? Ao sentirem o impulso sexual dentro de si, estes escapistas tentam ignorá-lo, afogá-lo, reprimi-lo entoando cânticos em nome de Deus. Se truques tão simples pudessem alterar a vida das pessoas, o mundo já teria mudado para melhor há muito tempo! Porém, não é assim tão fácil.

Devo dizer-lhe que é preciso compreender o sexo para compreender a transcendência. Porquê? É como uma pessoa que quer ir para Calcutá partindo de Bombaim, tentando saber onde fica Calcutá e em que direção deve seguir. Contudo, se a pessoa não souber onde fica Bombaim — nem qual é a sua situação em relação a Calcutá, como poderá alcançar o seu destino? Para chegar a Calcutá a partir de Bombaim, é absolutamente necessário saber onde fica Bombaim — “Onde fica este lugar onde me encontro agora?” Só então é que a direção dessa busca se pode virar para Calcutá. Sem obter informações sobre

Bombaim, todas as informações em relação a Calcutá são irrelevantes, pois a viagem tem de partir de Bombaim; o princípio vem primeiro e o final só vem depois.

Onde se encontra neste momento? Você afirma que quer empreender a viagem até ao superconsciente... Muito bem. Diz que quer chegar até Deus... Ótimo. Mas onde se encontra neste momento? Encontra-se no domínio do sexo, no domínio da luxúria. É esta a sua morada, e é a partir deste ponto que irá dar início à sua viagem. Portanto, em primeiro lugar é preciso saber onde se encontra agora. Tem de conhecer primeiro a realidade para concretizar o que ainda é apenas uma possibilidade. Para saber o que pode vir a ser, primeiro é preciso saber o que é. Para compreender o último passo, precisa de conhecer o primeiro, pois é esse primeiro passo que irá preparar o terreno para o último passo da viagem. Se der o primeiro passo em falso, como poderá chegar ao destino certo?

Primeiro é mais importante conhecer o sexo do que compreender a superconsciência. E porquê? É importante, pois não é possível chegar ao transcendente sem antes conhecer o sexo. Então, por favor, não peça o que é impossível.

No que diz respeito à autoridade, como é que você pode decidir se sou ou não uma autoridade? Em relação à sua pergunta, tudo o que eu possa dizer não será decisivo, pois eu próprio sou motivo de consideração. Se lhe disser que sou uma autoridade, isso para si será irrelevante. Também será irrelevante se lhe disser que não sou uma autoridade, pois a própria questão, por mais discutível que seja, é o facto de a pessoa que faz esta afirmação ser ou não uma autoridade. Tudo o que eu afirmar neste contexto será irrelevante.

Quero dizer-lhe uma coisa: explore o sexo e descubra se eu sou ou não uma autoridade. Acabará por conhecer a verdade das minhas afirmações quando tiver a sua própria experiência. Não existe outra alternativa.

Por exemplo, se eu lhe dissesse que se aprende a nadar desta ou daquela maneira, com certeza questionaria se as minhas afirmações estavam ou não corretas. A minha resposta seria pedir-lhe que viesse a um lugar onde pudesse entrar comigo para dentro de água. Se o meu conselho o ajudasse a atravessar o rio a nado, ficaria a saber que o que eu tinha dito era verdade, que eu sabia o que estava a dizer.

A pessoa que fez a pergunta também afirmou que Freud podia ser uma autoridade. Porém, quero explicar a este amigo que, muito provavelmente, Freud não sabe nada do que estou aqui a dizer. Freud nunca conseguiu elevar-se acima do nível mental. Ele não faz a mínima ideia da existência do sexo espiritual. Toda a obra de Freud, toda a sua informação, diz respeito aos distúrbios sexuais: ao comportamento histérico, à masturbação. É uma

investigação acerca de todos esses temas. É uma investigação do sexo doentio e pervertido; tem a ver com a patologia. É uma investigação sobre o tratamento dos doentes. Freud é um médico. Por isso, os estudos que ele fez no Ocidente são sobre pessoas que se encontram no nível mental do sexo. Ele não tem um único caso, nem uma única história do que possa ser designado por sexo espiritual.

Por isso, se quiser investigar a veracidade daquilo que eu disse, terá de se virar apenas numa direção, na direção do Tantra. Parámos de pensar no Tantra há milhares de anos. O Tantra fez as primeiras tentativas no mundo para elevar o sexo à dimensão espiritual. Os templos de Khajuraho, Puri e Konark são testemunhos desse esforço. Alguma vez foi a Khajuraho? Já viu as suas imagens? Se as vir, experimentará dois fenómenos maravilhosos. O primeiro é que, ao olhar para aquelas imagens de casais nus em pleno ato sexual, não terá a menor sensação de vulgaridade; não verá nada de mal nas imagens de homens e mulheres despidos a copular. E o segundo é que, ao olhar para eles, experimentará uma sensação de paz; será envolvido por uma sensação de sacralidade. Poderá ficar surpreendido com a sua reação. Os escultores que criaram essas estátuas conheciam intimamente o sexo espiritual.

Nos rostos daquelas estátuas... Se vir um homem no auge de uma relação sexual, se olhar para o seu rosto e para os seus olhos, ele parecerá feio, assustador, bestial; verá nele uma luxúria perturbadora e ameaçadora. Quando a mulher vê o seu amado, o homem que lhe é mais íntimo e mais querido, aproximar-se dela cheio de lascívia, vê nele um inimigo e não um amigo. Mesmo para a mulher mais afetuosa, um homem que se aproxime dela com olhares lúgubres parece um mensageiro do inferno e não do céu. Porém, ao olharmos para os rostos das estátuas de Khajuraho, sentimos que estamos a olhar para o rosto de Buda ou de Mahavira. A postura e serenidade que presenciamos nos rostos das estátuas, dos casais em pleno ato sexual, é de *samadhi*. Ao olharmos para as estátuas, o nosso coração é imbuído de uma suave paz, de uma serena sacralidade. E ficamos surpreendidos.

Se pensa que será dominado pela sexualidade depois de ver imagens e estátuas de pessoas nuas, peço-lhe que vá a Khajuraho sem demora. Khajuraho é atualmente um monumento único na Terra. Contudo, os moralistas indianos foram da opinião de que as paredes de Khajuraho deviam ser tapadas com uma camada de lama, pois as imagens podiam tornar as pessoas lascivas. Fiquei estupefacto!

Os construtores de Khajuraho entendiam que, se uma pessoa se sentasse à frente das estátuas e olhasse para elas durante uma hora, essa pessoa ficaria livre da luxúria. Durante milhares de anos, estas estátuas foram objetos de meditação. As pessoas que estavam demasiado obcecadas por sexo eram enviadas até aos templos de Khajuraho, e pedia-se-lhes que meditassem sobre as estátuas e se deixassem envolver por elas.

É espantoso que, embora tenhamos acesso a esta mesma verdade na experiência humana comum, não tenhamos sido verdadeiramente capazes de a ver. Por exemplo, se estivermos a passar na rua e virmos duas pessoas a discutir, apetece-nos parar para assistir à discussão. Porquê? Alguma vez pensou no que obtemos ao vermos outras pessoas discutir? Deixamos para trás mil e uma coisas urgentes e paramos durante meia hora para assistirmos a uma luta. Porquê? O que ganhamos com isso? Provavelmente não estará consciente de que isso lhe traz algum benefício. Ao vermos essas duas pessoas a lutar, o instinto enraizado de combate que temos dentro de nós sai por um efeito de catarse. Dissipa-se; é expulso. Se uma pessoa se senta calmamente a meditar nas imagens do ato sexual durante uma hora, o maníaco dentro dela — a sexualidade louca — desaparece.

Um empregado de escritório foi a um psiquiatra apresentar o seu problema: estava muito zangado com o seu patrão. Tudo o que o patrão dizia fazia-o sentir-se imediatamente insultado e humilhado, e a seguir apetece-lhe tirar o sapato e bater com ele no patrão.

Porém, como podia ele bater no patrão? É muito difícil encontrar um empregado que, a dada altura, não tenha tido vontade de bater no patrão — é muito raro. Tanto o patrão como o empregado têm consciência disso. Um empregado tem a grande mágoa de ser “apenas um empregado” e quer vingar-se disso. No entanto, se estivesse em posição de se vingar, por que motivo seria empregado de alguém? Então, a sua impotência leva-o a reprimir-se continuamente.

Aquele homem continuou a reprimir o desejo de bater no patrão, mas aquilo acabou por se transformar numa doença interior, até ao ponto de ele ter medo de poder realmente bater um dia no patrão, e começou a deixar os sapatos em casa. Apesar disso, não conseguia esquecer os sapatos. Sempre que via o patrão, levava automaticamente as mãos aos pés. Mas, felizmente, os sapatos estavam em casa e ele sentia-se um pouco mais descontraído, pois sabia que um dia podia ter um ataque, tirar um sapato e atirá-lo ao patrão.

Contudo, o homem não conseguia libertar-se dos sapatos só por os deixar em casa; na sua cabeça, eles continuavam a pesar imenso. Quando fazia rabiscos com uma caneta, desenhava sapatos; nos momentos de ócio desenhava sapatos. Os sapatos começaram a obcecá-lo totalmente, e ele ficou com medo de vir a atacar o patrão um dia.

Então, em casa, disse à família que era melhor ele não ir sequer ao escritório, que queria reformar-se. Disse que se encontrava num tal estado mental, que não precisava dos seus sapatos: podia agarrar nos sapatos de alguém para bater no patrão. As suas mãos tinham, inclusivamente, começado a dirigir-se para os pés dos colegas. Neste ponto, a família pensou que ele estava a enlouquecer, por isso levou-o a um psiquiatra.

O psiquiatra afirmou que não era necessário ele preocupar-se com a doença, que tinha cura. Aconselhou o homem a pendurar um retrato do patrão em casa e atirar-lhe religiosamente com um sapato cinco vezes todas as manhãs, criando assim um ritual religioso que não pudesse falhar. O ritual era para ser cumprido todos dias, como as orações matinais, e à tarde, depois de voltar do escritório, devia repetir o processo.

A primeira reação do homem foi “Que disparate!”, embora a ideia lhe tivesse agradado. Pendurou a fotografia e iniciou o ritual que o médico lhe receitara.

No primeiro dia, quando foi para o escritório depois de ter atingido a fotografia cinco vezes com o sapato, teve uma nova experiência; não se sentia tão furioso com o patrão como de costume. E, após duas semanas, passou a tratar o patrão com a maior das amabilidades.

O patrão também reparou na mudança que se tinha operado nele, mas é evidente que não sabia o que se estava a passar. Então, perguntou ao empregado:

— Ultimamente andas muito amável, muito obediente e muito simpático.

O que aconteceu?

O empregado respondeu:

— É melhor não me perguntar, senão ainda estrago tudo. Não posso dizer.

O que aconteceu verdadeiramente? Será que o simples ato de atingir uma fotografia pode mudar alguma coisa? Sim, ao atingir a fotografia, o desejo que o homem tinha de atirar o sapato ao chefe desvaneceu-se, evaporou-se.

Templos como os de Khajuraho, Konark e Puri deviam existir em todas as aldeias, em todos os cantos e esquinas do país. Todos os outros templos são completamente desnecessários; não têm nada de científico, não existe neles qualquer significado ou intenção; são meras provas de estupidez. São meras provas de pensamento primitivo. Mas os templos de Khajuraho estão cheios de significado. Qualquer pessoa cuja mente esteja imersa em sexualidade devia ir até lá meditar. Quando regressasse, sentiria o coração leve; sentir-se-ia em paz.

Os Tantrikas tentaram verdadeiramente transformar o sexo em espiritualidade. Porém, os moralistas, os pregadores da moralidade deste país, aquelas almas perversas, não permitiram que a sua mensagem chegasse até às massas. E também não querem que a minha mensagem chegue até elas.

Depois da minha primeira palestra sobre este assunto em Bombaim, recebi uma carta de um amigo, que afirmava: “Se não parares de dizer este tipo de coisas, por que não há-de alguém matar-te?” Queria responder-lhe, mas o cavalheiro do gatilho afinal parece ser um cobarde; nem assinou a carta nem deixou morada. Devia ter medo que eu o denunciasses à polícia. Não obstante,

se ele estiver presente... e sei que, se estiver, deve estar escondido por trás de alguma árvore ou de alguma parede... se ele estiver aqui, quero dizer-lhe que não tenciono comunicar o assunto à polícia. Ele devia dar-me o seu nome e morada para que eu pudesse, ao menos, enviar-lhe uma resposta. Mas se não tem sequer coragem para isso, vou dar-lhe a minha resposta aqui, para que ele a possa ouvir.

A primeira coisa que lhe quero dizer é que não tenha tanta pressa em matar-me, pois, assim que o fizer, o que tenho vindo a dizer adquirirá o cunho da verdade. Se Jesus não tivesse sido crucificado, o mundo tê-lo-ia esquecido há muito tempo. De certo modo, as pessoas que o crucificaram fizeram-lhe um grande favor.

Ouvi dizer que Jesus planeou e conspirou para a sua crucificação. Jesus queria ser crucificado, porque então as suas palavras perdurariam durante séculos e séculos, e seriam benéficas a milhões de pessoas. Isso é muito provável, visto que Judas, que vendeu Jesus por trinta moedas, era um dos seus discípulos mais amados. Não é credível que alguém que tivesse passado tantos anos com Jesus o vendesse por trinta moedas, a menos que o próprio Jesus lhe tivesse pedido para se pôr do lado do inimigo e planejar a crucificação, para que as suas palavras se imortalizassem, salvando assim milhões e milhões de pessoas.

Hoje em dia, podiam existir trezentos milhões de jainas no mundo, e não apenas três milhões, se Mahavira tivesse sido crucificado. Mas Mahavira morreu tranquilamente; provavelmente, nunca tinha ouvido falar da cruz. Ninguém o tentou crucificar, nem ele tentou planejar tal ato.

Atualmente, metade do mundo é cristão, e não há qualquer outro motivo para isso, a não ser o facto de Jesus ter sido pregado na cruz — nem Buda, nem Maomé, nem Mahavira, nem Krishna ou Rama. E, um dia, todo o mundo pode vir a ser cristão. Foi este o benefício da crucificação. Por isso, quero dizer a esse amigo que não tenha assim tanta pressa em matar-me, senão acaba por perder.

A segunda coisa que lhe quero dizer é que não precisa de estar assim tão ansioso em relação a isso, pois não faço tenções de morrer na cama. Farei todos os possíveis para que alguém me mate. Farei isso sozinho; escusa de ter pressa. A seu tempo, desejarei que alguém me mate. A vida é útil e, quando uma pessoa é assassinada, a morte também passa a ser útil. Muitas vezes, uma morte à bala pode conseguir mais do que uma vida.

Até agora, os inimigos repetiram sempre o mesmo erro: os que deram veneno a Sócrates, os que assassinaram Mansoor, ou Godse, o homem que matou o Mahatma Gandhi. Godse não se apercebeu de que nenhum dos seguidores de Gandhi teria conseguido prolongar a sua memória com tanto êxito como ele conseguiu ao assassiná-lo. Depois de ser atingido, Gandhi uniu as

mãos em saudação antes de morrer. Aquele *namaste*, aquele cumprimento, é muito significativo. Foi a expressão de que enfim chegara o último e melhor discípulo de Gandhi: o homem que tornaria Gandhi imortal. Tinha sido Deus que lho enviara.

O enredo da vida, a história da vida é complexa; as coisas não são tão simples como parecem. O homem que morre na cama morre para sempre, ao passo que o homem que é morto pelas balas de um assassino continua a viver.

Enquanto estava a ser preparado o veneno para Sócrates, alguns dos seus amigos perguntaram-lhe o que fariam depois com o cadáver.

— Deve ser cremado, enterrado ou o quê? — perguntaram.

Sócrates riu-se e respondeu:

— Homens tolos! Embora ainda não o saibam, nunca poderão ver-se livres de mim. Continuarei vivo depois de todos vocês terem morrido. O truque que escolhi para morrer serve apenas para me permitir viver para sempre!

Portanto, o meu amigo... se é que ele está aqui... devia tomar consciência de tudo isto e não agir apressadamente. Se o fizer, sairá a perder. Não ando armado. Não sou pessoa que morra com uma bala; sou daqueles que sobrevivem a todas as balas. Ele não devia ter pressa em matar-me. E também não devia ficar preocupado, pois farei o possível por não morrer na cama. Esse tipo de morte é indigna. Esse tipo de morte é um desperdício, é uma morte inútil. A morte também deve servir algum propósito.

E a terceira coisa que quero que ele recorde é que não deve ter medo de assinar cartas, não deve ter medo de dar a sua morada. Porque, quando sentir que alguém está verdadeiramente pronto para me matar, estou disposto a dirigir-me a um certo lugar, a uma certa hora, sem informar ninguém, para que, mais tarde, ele não venha a ser envolvido.

Às vezes surgem estas ideias loucas, esta espécie de fanatismo religioso... E o desgraçado que escreveu esta carta devia estar convencido de que estava a proteger a religião. Escreveu-a, porque pensava que eu estava a tentar acabar com a religião, e ele estava a tentar salvá-la. As suas intenções não têm nada de mal. Os seus sentimentos eram sinceros e, para ele, muito religiosos. Mas é este tipo de pessoas religiosas que tem causado problemas no mundo. Têm boas intenções, mas a inteligência dos imbecis.

Há séculos que estas ditas pessoas morais e outras afins criaram um impedimento contra a manifestação total das verdades da vida, não permitiram que a verdade viesse até à luz. Por causa disso, a ignorância generalizou-se e continuamos às apalpadelas, a vaguear e a cair na noite escura da ignorância. E, no meio da nossa escuridão, esses pregadores morais constroem altos púlpitos e continuam a fazer sermões.

Contudo, também é verdade que, no dia em que nos tornarmos melhores pessoas, no dia em que o raio da verdade brilhar nas nossas vidas, no dia em que tivermos a visão da superconsciência — no dia em que começarmos a ver o divino na nossa vida quotidiana —, esses pregadores perderão a sua utilidade. Deixará de haver lugar para eles. O pregador só é importante enquanto as pessoas andam a vaguear no escuro.

Só é preciso haver um médico na aldeia enquanto as pessoas adoecerem. Ele deixará de ser preciso se as pessoas deixarem de adoecer. A profissão médica vive de um paradoxo interno, pois o sustento do médico depende do facto de as pessoas ficarem doentes. Aparentemente, um médico trata das pessoas, mas, interiormente, espera que elas fiquem doentes. E quando há uma epidemia, agradece a Deus tanto negócio.

Contaram-me uma história:

Uma noite, um grupo de amigos estava a fazer uma grande festa num pub. Beberam, comeram e divertiram-se até depois da meia-noite. Quando estavam a começar a sair, o dono do pub disse para a mulher:

— Temos de dar graças a Deus por nos ter enviado clientes tão gastadores. Se continuarem a vir grupos como este, em breve estaremos ricos.

O anfitrião que estava a pagar a conta ouviu-o e pediu-lhe para rezar pela prosperidade do seu negócio, para que eles pudessem continuar a vir sempre. O dono do pub perguntou:

— A propósito, qual é a sua área de negócio?

— Sou coveiro — respondeu o outro. — O meu negócio prospera quando morre mais gente.

Do mesmo modo, a profissão de um médico pode ser curar pessoas, mas quantas mais pessoas adoecerem, mais dinheiro ele ganha. Interiormente, ele espera que os seus pacientes não recuperem tão depressa. E, por isso, os pacientes levam tempo a ficar curados, em especial os mais ricos. Os pacientes pobres recuperam mais depressa, porque o médico não ganha muito se os pobres ficarem doentes durante muito tempo. O lucro vem dos clientes ricos, por isso ele é mais lento a curar os ricos. Seja como for, os ricos estão sempre mal: são a resposta às preces do médico. E o seu desejo interior influencia a sua abordagem, para que os pacientes ricos não se curem depressa.

A situação de um padre não é muito diferente. O seu púlpito fica mais elevado quanto mais imorais forem as pessoas, quanto mais elementos antissociais existirem e quanto mais se propagarem o vício, a corrupção e a anarquia. Então, haverá mais necessidade de que ele exorte as pessoas a observarem a não-violência, a serem verdadeiras e honestas, a cumprirem este ou aquele mandamento. etc. Se as pessoas fossem corretas, disciplinadas,

pacíficas, honestas e santas, a profissão do pregador deixaria de existir. Deixaria de haver lugar para ele.

E por que motivo haverá mais pregadores e supostos líderes religiosos na Índia do que em qualquer outra parte do mundo? Por que será que cada aldeia e cada casa tem o seu pregador, guru, chefe religioso ou sacerdote? Por que existirá uma quantidade tão grande de homens santos neste país?

Não é por se tratar de um país profundamente religioso, onde só nascem sábios e grandes almas. É porque este país é hoje o país menos religioso e mais imoral do mundo. É por isso que tantos pregadores encontram excelentes oportunidades de prosperar neste país. Passou a ser esta a nossa doença racial.

Um amigo meu enviou-me um artigo que tirou de uma revista norte-americana. Queria a minha opinião sobre uma falha que encontrara no texto. Era um artigo humorístico, onde se afirmava que se podia detetar a característica nacional básica de qualquer país embebedando um nativo. Quando um holandês se embebedava, dizia o artigo, nunca mais pára de comer e recusa-se a sair da mesa; assim que começa a beber, não pára de comer durante duas ou três horas. Quando um francês bebe, fica com vontade de cantar e dançar. Quando um inglês se embebedava, vai sentar-se sozinho a um canto. Um inglês é habitualmente reservado, ficando ainda mais reservado quando se embebedava. O artigo descrevia assim as reações típicas das diversas nacionalidades.

Porém, por erro ou por ignorância, não havia qualquer referência à característica indiana. O meu amigo perguntou-me o que tinha a dizer acerca dela; o que aconteceria se um indiano bebesse muito? Escrevi-lhe que a resposta já era conhecida em todo o mundo: quando um indiano se embebedava, começa imediatamente a pregar! É esta a nossa característica nacional ou racial.

Esta fila infindável de pregadores, ascetas, monges e gurus é um sinal de doença generalizada, de imoralidade generalizada. E, por isso, a coisa mais estranha é que, no íntimo, nenhuma dessas pessoas quer que a imoralidade se extinga. Não querem que esta doença seja erradicada, pois, se e quando ela for curada, o pregador deixará de ser necessário. O seu anseio interior é que a doença continue, que a doença aumente.

A maneira mais fácil de ajudar esta doença a continuar a crescer livremente é não permitir o surgimento de qualquer conhecimento global sobre a vida e garantir que o homem nunca venha a compreender os aspetos mais profundos da existência. Então, a imoralidade e a corrupção continuarão a alastrar. Se as pessoas conseguirem entender os aspetos mais profundos da existência, a imoralidade desaparecerá imediatamente das suas vidas.

E quero chamar a sua atenção para o facto de o sexo ser o principal responsável pela imoralidade humana. É aí que se encontram as raízes mais

básicas e fundamentais da perversão e corrupção dos homens. É por isso que os pregadores, os supostos líderes religiosos, nunca querem falar deste tema.

Um amigo enviou-me uma mensagem a dizer: "Nenhum santo, nenhuma grande alma religiosa fala de sexo. A elevada estima que tinha por ti diminuiu bastante devido às tuas palestras sobre sexo."

Respondi-lhe: "Não há nada de errado nisso. Antes, quando tinhas respeito por mim, é que estavas errado. A tua posição atual é que está correta. De que serve que me respeitem? Qual é o motivo para o fazeres? Quando é que eu pedi respeito? Se me respeitavas, estavas enganado; se já não me respeitas, és muito amável. Já não sou uma grande alma."

Se alguma vez tivesse querido ser uma "grande alma", ter-me-ia sentido muito perturbado e teria dito "Perdão, disse tudo isto por engano". Nunca fui um *mahatma*, uma "grande alma". Não o sou nem desejo sê-lo. Não pode haver homem mais baixo nem mais egoísta do que aquele que quer ser um *mahatma* neste mundo cheio de todo o tipo de seres humanos pobres e desgraçados. Num lugar onde existem tantas pessoas desgraçadas, onde há um tão vasto oceano de pobres almas, é pecado imaginar ou pensar ser "uma grande alma".

Eu anseio pela grandeza da humanidade. Não tenho o menor desejo de ser uma grande alma. Os dias das grandes almas têm de terminar; precisamos é de uma grande humanidade e não de um grande indivíduo. Tem havido muitos grandes homens; de que é que isso serviu?

Por isso, gostei que pelo menos um homem tivesse ficado desiludido! Pelo menos um homem tivesse percebido que não sou uma grande alma. Não é uma questão menor, a decepção de um único homem que seja. Talvez ele tenha pensado que, ao falar assim, conseguiria tentar-me, que eu podia preparar-me para ser uma grande alma, um grande profeta, se não falasse desses temas. Até agora, é assim que as pessoas têm vindo a ser grandes almas e grandes profetas. Como é natural, essas pessoas fracas nunca dizem nada que possa tirar-lhes o estatuto de "grandes almas". Na sua preocupação de salvarem o seu estatuto, nessa atração, nunca se preocupam com o modo como isso pode prejudicar a vida.

Não estou preocupado em ter o estatuto de grande alma. Não tenho esse tipo de pensamentos, nem me passam pela cabeça. Sinto-me sufocado se alguém pensar em mim como um *mahatma*.

Hoje em dia, parece inconcebível a facilidade em se ser um *maharishi*, um *mahatma*. Sempre o foi. Sempre foi fácilimo. Portanto, não é essa a questão. A questão é: como podem as pessoas aspirar à grandeza? O que podemos fazer para isso? Em que podemos pensar, o que podemos explorar?

Sinto que tudo o que disse sobre o tema básico o ajudará a criar uma nova direção na vida; um novo caminho pode vir a manifestar-se e, a pouco e pouco, a sua sexualidade pode vir a transformar-se, a dirigir-se para a alma.

Tal como se encontra atualmente, você é apenas a sua sexualidade, e não a sua alma. Amanhã, poderá vir também a tornar-se alma. No entanto, como pode isso acontecer? Isso pode acontecer através de uma transformação completa da sua energia sexual, elevando constantemente essa energia.

Há muitas perguntas em relação ao que eu disse ontem. Quero explicar uma coisa a esse respeito.

Disse que deveria tentar manter-se continuamente atento com o intuito de vislumbrar o *samadhi* no sexo e tentar compreender esse ponto, essa visão de *samadhi* que brilha como um relâmpago no ato sexual. O clarão surge por breves instantes e desaparece de seguida. Tente compreender esse estado e o que ele significa. Tente conhecê-lo. Captá-lo. Se conseguir ter consciência dele uma vez que seja, nessa consciência aperceber-se-á também de que não é um corpo — nesse momento, é a ausência de corpo. Durante essa fração de tempo, você não é um corpo; nesse momento relâmpago, você transforma-se noutra coisa; transforma-se na alma. Se conseguir vislumbrar essa glória uma vez que seja, será capaz de trabalhar para ela e captá-la através da meditação. Ela pode ser completamente concretizada e vivida através da meditação. Quando este conhecimento se transformar na sua compreensão e na sua vida, deixará de haver nela espaço para o sexo.

O que poderá acontecer à procriação se o sexo desaparecer deste modo? Se, ao experimentar a superconsciência, toda a gente atingir assim o celibato, o que será das futuras gerações?

Certamente não haverá o tipo de procriação que existe hoje. O tipo de procriação atual é bom para os gatos, os cães e as minhocas, mas não para os seres humanos. Será este o caminho? Esta produção irrefletida de crianças, esta procriação acidental e desprovida de significado? Continuar a criar filas e filas de filhos, uma multidão? E como essa multidão se tornou vasta! A nossa população atingiu proporções tão incríveis que, se não for travada a tempo, dentro de cem anos nem teremos espaço para mexer os braços! Dentro de cem anos, sentiremos que estamos permanentemente no meio de uma reunião pública. Para onde quer que nos desloquemos, estaremos sempre no meio da multidão. Será desnecessário, e impossível, convocar uma reunião pública.

A pergunta deste amigo está correta: com tanto celibato, como se produzirão crianças?

Mais uma coisa que quero dizer a este amigo — e todos deviam tomar nota disto, pois é importante: o celibato também permite procriar, porém, todo o

propósito e significado dessa procriação assume uma nova dimensão. As crianças nascem do sexo mas, atualmente, trata-se de um ato accidental. Ninguém tem relações sexuais para dar à luz uma criança. As pessoas têm relações sexuais por qualquer outro motivo e as crianças surgem por acaso. As crianças são como convidados indesejados, e sabemos que não podemos ter tanto afeto por essas pessoas como pelas que convidamos.

Sabe como são tratados os convidados indesejados. As pessoas preparam-lhes camas e servem-lhes comida; cumprimentam-nos e apapricam-nos — mas é tudo superficial; no fundo, não há qualquer sentimento de amor nesses atos. A ideia constante é: “Quando será que estes chatos se vão embora?”

Os filhos indesejados enfrentam a mesma situação desagradável. O seu destino não será serem bem tratados. Você não os tinha desejado, eles não eram a resposta a um anseio profundo do seu coração. Você procurava outra coisa, eles vieram por acréscimo. Não são um produto fundamental, são como a casca que vem com o trigo.

E por isso tem havido um esforço em todo o mundo, desde a época de Vatsyayana até ao presente, para libertar, de certo modo, o sexo da concepção. Foi por isso que se criou o controlo da natalidade; inventaram-se métodos artificiais para podermos gozar o sexo e, ao mesmo tempo, evitar ter filhos. Há séculos que se fazem esforços para desvincular o sexo da concepção. Há três, quatro ou cinco milhares de anos, antigas escrituras ayurvédicas já referiam remédios para evitar a concepção. Atualmente, os ministros da saúde continuam a preocupar-se com o mesmo assunto. Porquê? Por que tentamos interferir nesta área? Porque as crianças dão trabalho; intrometem-se em tudo, sobrecarregam-nos de responsabilidades, e ainda há perigo da apatia da mulher em relação ao sexo após o parto.

Os homens também não querem filhos. Um homem pode querer filhos se não tiver nenhum, mas isso não se deve ao facto de amar as crianças, mas sim por amar os seus bens. Quem irá herdar os seus bens amanhã? Quando um homem quer ter uma criança, não julgue que é por a sua alma ansiar por um filho. Não. Ele conquistou a sua riqueza à custa de muito trabalho. Quem sabe a que mãos ela não irá parar após a sua morte? Ele precisa de um herdeiro, alguém do seu próprio sangue, para preservar os seus bens.

Ninguém quer um filho pelo filho em si. Sempre tentámos evitá-los, mas eles continuam a vir por si sós. Apenas queremos gozar o ato sexual e lá aparece uma criança! Esses rebentos eram apenas um fenómeno associado, eram única e simplesmente um subproduto da sexualidade, e é por isso que são tão doentes, fracos, desgraçados, infelizes e cheios de ansiedade.

As crianças também podem nascer do celibato, mas não serão subprodutos accidentais do sexo. O sexo será apenas um meio de trazer ao mundo essas

crianças, e não uma finalidade em si mesma. Quando se viaja para algum sítio num carro de bois, o veículo não é o centro da nossa atenção. Se entrarmos num avião para seguirmos para Deli, o objetivo é a visita a Deli, e não o avião em si. O avião é o meio utilizado para chegar a Deli.

Quando as pessoas chegam ao estado de celibatárias, quando terminam a viagem do sexo à superconsciência, também podem querer ter filhos. Mas, então, a criança será um produto verdadeiro, será verdadeiramente uma criação! E o sexo será apenas um meio de concretizar este objetivo.

E do mesmo modo que, até agora — e escute bem o que lhe digo —, fizemos o esforço para gozar o sexo evitando ter filhos, a nova humanidade fará um esforço para conceber crianças evitando o sexo. Compreende o que estou a querer dizer? Se o *brahmacharya*, o celibato, se propagar, a nossa investigação nesse novo mundo seguirá no sentido de saber como ter filhos evitando o sexo, em oposição à atual investigação sobre como ter relações sexuais evitando os filhos. E isso é possível; não apresenta qualquer dificuldade. É possível fazê-lo.

Não existe qualquer relação entre a existência do celibato e o mundo chegar ao fim. É certo que a relação entre o fim do mundo e a sexualidade já surgiu. Se continuar a procriar, o mundo *terminará* — nem precisaremos de bombas atômicas ou de hidrogénio. A crescente taxa de natalidade, o interminável número de crianças a nascer, os enxames de seres humanos nascidos da sexualidade destruir-se-ão a si próprios.

A partir do celibato nascerá um tipo diferente de ser humano, que pode ter uma grande longevidade, a tal ponto que nem conseguimos imaginar; a saúde pode ser magnífica, as pessoas podem ver-se livres das doenças. O cérebro terá características tais que raramente as encontramos, mesmo nos génios. A própria fragrância da vida de uma pessoa, a própria força da sua vida, a sua verdade, a sua qualidade religiosa — tudo será tão diferente! As pessoas nascerão com religiosidade no seu interior.

Nós nascemos na ausência de religião, e assim vivemos e morremos. E é por isso que falamos de religião dia e noite durante toda a nossa vida. Nesse novo tipo de humanidade, não será preciso falar de religião, pois ela estará presente na própria vida das pessoas. Nós só falamos de coisas que não fazem parte da nossa vida. Não falamos de coisas que fazem parte dela. Não falamos de sexo, porque ele é a nossa vida inteira; estamos sempre a falar de Deus, porque as nossas vidas não têm nada a ver com Deus. Na realidade, é uma forma de compensação falarmos de coisas que não alcançámos nas nossas vidas.

Talvez já tenha reparado que as mulheres se dedicam mais à intriga do que os homens. As mulheres estão sempre a fazer conversa fiada — com os vizinhos

e outras pessoas à sua volta. Costuma-se dizer que é muito difícil imaginar duas mulheres sentadas em silêncio durante muito tempo.

Contaram-me que, uma vez, fizeram um concurso na China para eleger a pessoa mais mentirosa do país. Quem ganhasse recebia um grande prémio, e, por isso, todos os melhores mentirosos se reuniram no local escolhido para o concurso. Quando chegou a sua vez, um homem afirmou:

— Fui a um parque e vi duas mulheres sentadas num banco sem falar durante cinco minutos.

Ouviu-se um grande burburinho. Toda a gente aplaudiu. As pessoas gritaram:

— Não pode haver maior mentira do que essa! E a maior mentira de sempre! Deem o grande prémio a este homem.

O homem ganhou o concurso.

Por que motivo é que as mulheres falam tanto? Os homens têm o seu trabalho, mas as mulheres não têm assim tanto que fazer. Quando não há muito trabalho, muita atividade, há sempre conversas ciosas. Esta característica feminina também é a característica nacional da Índia. Ninguém faz nada neste país; as pessoas passam o dia na tagarelice.

O novo homem, o homem que nascer do celibato, não se limitará a falar; viverá a vida. O novo homem não falará sobre religião; viverá a religião. As pessoas deixarão de encarar a religião como uma coisa separada — ela passará a ser algo de natural. Só pensar num ser humano como esse já é maravilhoso; é prodigioso.

Já nasceram alguns seres humanos assim, mas trata-se de casos excepcionais. De vez em quando, muito de vez em quando, nasce um belo ser humano, um Mahavira, com uma tal beleza que nem as roupas mais caras lhe podem trazer mais beleza. E, por isso, ele apresenta-se sem roupa, despido. A fragrância da beleza de um tal ser humano propaga-se por todo o lado. As pessoas reúnem-se à sua volta para o ver. É belo como uma estátua. Manifesta-se nele tanto brilho e vitalidade que, embora se chamasse Vardhamana, “o guerreiro”, as pessoas chamavam-lhe Mahavira — o grande vencedor. Nele, a glória do celibato irradiava a tal ponto que todos ficavam espantados — que homem tão extraordinário! De vez em quando nasce um Buda, um Cristo, um Lao-Tsé. Em toda a história da humanidade, podemos contar apenas uma dúzia de pessoas assim.

No dia em que as crianças nascerem do celibato... Preste bem atenção, porque pode pensar: “Como é possível nascerem crianças se formos celibatários?” Porém, estou a falar de um conceito totalmente novo. No dia em que as pessoas nascerem do celibato, serão tão belas, tão poderosas, tão

geniais, tão inteligentes, que não tardarão a conhecer a consciência universal. Conhecê-la-ão tão naturalmente como nós dormimos de noite.

Contudo, se um homem sofrer de insônia e lhe dissermos que é possível adormecer assim que deitar a cabeça na almofada, ele afirmará que se trata de uma mentira torpe. Afirmará: "Passo o tempo todo a virar-me na cama, sento-me, levanto-me, passo as contas do rosário, conto ovelhas, mas não serve de nada, não tenho sono. Deves estar a mentir. Como é possível uma pessoa adormecer assim que se deita? Só podes estar a mentir; já tentei tudo, mas o sono nunca vem; às vezes, chego a passar a noite inteira sem dormir."

Trinta a quarenta por cento das pessoas que vivem em cidades como Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, tomam comprimidos para dormir. E receia-se que, dentro de cem anos, nenhuma pessoa nos Estados Unidos consiga dormir naturalmente; toda a gente tomará tranquilizantes antes de ir para a cama. Essa situação ocorrerá na Índia dentro de duzentos anos, contra os cem anos dos Estados Unidos da América, pois os líderes indianos estão decididos a entrar nesta competição. Eles dizem: "Não podemos ficar para trás. Temos de competir com eles em todas as doenças."

Portanto, é muito possível que, dentro de quinhentos anos, seja prática comum em todo o mundo ir para a cama com um comprimido para dormir. E, logo após o nascimento, uma criança quererá um tranquilizante em vez de leite, porque nem sequer dentro da barriga da mãe conseguiu estar em paz! Então será muito difícil convencer as pessoas de que quinhentos anos antes bastava fechar os olhos e adormecer. Dirão que não é possível; perguntarão como podia isso acontecer.

Será muito difícil uma humanidade nascida do celibato acreditar que dantes as pessoas eram desonestas, ladras e assassinas. Que as pessoas se suicidavam, que consumiam venenos, que se apunhalavam e travavam guerras. Ser-lhes-á muito difícil acreditar nisso.

Até ao presente, a procriação tem sido feita através da sexualidade, uma sexualidade que não vai além da fisiologia.

O sexo espiritual pode nascer e então começará uma vida nova para a humanidade.

Durante os últimos quatro dias, falei a respeito do nascimento dessa nova vida. Vocês escutaram as minhas palestras com carinho e serenidade; e por vezes disse coisas que devem ter tido muita dificuldade em ouvir com carinho e serenidade.

Com efeito, um amigo veio ter comigo e disse-me que receava que algumas pessoas se levantassem em protesto e mandassem parar as palestras, alegando que essas coisas não se dizem. Afirmei-lhe o seguinte: "Seria muito melhor se

houvesse pessoas assim tão corajosas no mundo. Onde estão as pessoas capazes de se levantarem e mandarem calar alguém? Se houvesse pessoas assim tão corajosas neste país, todo o tipo de disparates que têm sido propagados por uma grande quantidade de imbecis teriam deixado de ser proferidos há muito. Porém, isso não aconteceu.” E prossegui: “Ainda estou à espera de um homem suficientemente corajoso para vir ter comigo um dia e mandar-me calar. Seria uma alegria discutir fosse o que fosse com esse homem!”

Mas você ouviu estas afirmações — em relação às quais alguns amigos receavam poder haver protestos — com tanto carinho... Quero dizer-lhe que é muito amável e estou-lhe infinitamente grato por isso. Afinal de contas, é o meu mais profundo desejo que a energia sexual dentro de cada indivíduo se transforme na escada até ao templo da superconsciência. Os meus maiores agradecimentos.

E, para terminar, faço uma vénia ao deus que habita em cada um de nós. Peço-lhe que aceite os meus respeitos.

PARTE 2

QUESTÕES SEXUAIS

CAPÍTULO 6



A DESCONSTRUÇÃO DO CONDICIONAMENTO SEXUAL

O homem é o único ser que pode reprimir as suas energias — ou transformá-las. Nenhum outro ser pode fazer quer uma coisa, quer outra. A repressão e a transformação existem como dois aspetos do mesmo fenómeno, que consiste no que o homem pode fazer por si próprio.

As árvores existem, os animais existem, as aves existem, mas não podem fazer nada pela sua existência — eles são parte dela. Não podem distanciar-se. Não podem ser agentes. Eles estão tão fundidos na sua energia que não conseguem separar-se dela.

O homem consegue fazê-lo. Ele pode fazer alguma coisa por si próprio. Pode observar-se ao longe, pode ver as suas energias como se estivessem separadas dele. E, então, pode reprimi-las ou transformá-las.

A repressão implica apenas tentar ocultar certas energias que existem — não permitir a sua existência, não deixar que se manifestem. A transformação significa alterar, modificar as energias para que adquiram uma nova dimensão.

Por exemplo, o sexo existe. Há algo no sexo que nos faz sentir vergonha. Essa vergonha não se deve apenas ao facto de a sociedade nos ter ensinado a senti-la. Existem e existiram muitos tipos de sociedades em todo o mundo, mas nenhuma sociedade humana aceitou facilmente o sexo.

Há qualquer coisa no próprio fenómeno do sexo que faz as pessoas sentirem-se embaraçadas, constrangidas. O que será? Mesmo que ninguém nos ensine nada sobre sexo, que ninguém teça juízos morais ou considerações acerca dele, não deixa de haver algo no fenómeno que nos faz sentir algum desconforto. O que será?

Em primeiro lugar, o sexo revela a mais profunda das dependências. Demonstra que é preciso outra pessoa para se ter prazer. Que, sem essa pessoa, esse prazer não é possível, por isso, é-se dependente, perdeu-se a independência. Isso magoa o ego. Quanto mais egoísta a pessoa for, mais se virará contra o sexo.

Os denominados santos são contra o sexo, não por o considerarem nefasto, mas devido aos seus egos. Não conseguem conceber a dependência em relação a alguém, terem de suplicar por alguma coisa. O sexo é o fator que mais magoa o ego.

Em segundo lugar, o próprio fenómeno do sexo contempla a possibilidade de rejeição — o outro pode rejeitar-nos. Não é certo que se seja aceite ou rejeitado; a outra pessoa pode dizer que não. E a mais profunda rejeição possível acontece quando uma pessoa se aproxima de outra pedindo amor e a outra a rejeita. Essa rejeição gera medo. O ego diz que é melhor não tentar do que ser-se rejeitado.

Dependência, rejeição, a possibilidade de rejeição... e ainda mais. No sexo, as pessoas assemelham-se aos animais. Isso magoa muito o ego humano, pois, então, deixa de haver diferença entre um cão a fazer amor e uma pessoa a fazer amor. Qual é a diferença? De repente, as pessoas ficam semelhantes aos animais — e todos os pregadores e moralistas dizem: "Não sejam animais! Não ajam como os animais!" É a maior condenação possível.

Não existe nada em que sejamos tão semelhantes aos animais como no sexo, pois não somos tão naturais em mais nada — em tudo o mais podemos ser artificiais.

Pensemos numa pessoa a comer. As pessoas criaram tanta sofisticação no ato de comer, que não se assemelham aos animais. O ato básico de comer é um ato animal, mas as nossas mesas, os nossos modos à mesa, toda a cultura e etiqueta criadas em torno da comida destinam-se apenas a que se distinga do modo de comer dos animais.

Os animais gostam de comer sozinhos. Por isso, todas as sociedades criam na mente de cada indivíduo que não fica bem comer sozinho. Devemos partilhar, comer com a família, comer com os amigos. convidar pessoas para comerem connosco. Nenhum animal está interessado em ter convidados, amigos ou família para comer. Quando um animal está a comer, não quer que ninguém se aproxime: prefere a solidão.

Quando um homem quer comer sozinho, diz-se que é igual aos animais, que não quer partilhar. O seu hábito de comer é natural, não é sofisticado. Criámos tanta sofisticação em torno da comida, que a fome passou a ser o elemento menos importante e o paladar passou a ser o mais importante. Nenhum animal se preocupa com o paladar.

Comer é uma necessidade básica — saciada a fome, o animal fica satisfeito. Porém, o homem não age deste modo — como se o mais importante não fosse saciar a fome. O mais importante é o paladar, são as boas maneiras; o mais importante é a maneira como comemos e não o que comemos.

Em tudo o mais, o ser humano criou um mundo artificial à sua volta.

Os animais andam nus — é por isso que não queremos andar despidos. E se alguém de repente se despe, isso constitui um golpe para a nossa civilização, um corte de raízes. É por isso que existe tanto antagonismo em relação às pessoas nuas — em todo o mundo.

Se uma pessoa andar nua pela rua, não está a ofender ninguém, não está a praticar nenhum ato de violência; está absolutamente inocente. Porém, a polícia aparece imediatamente, toda aquela zona fica em sobressalto. A pessoa é apanhada, agredida e posta na prisão. No entanto, ela não fez nada de mal! Um crime acontece quando se *faz* alguma coisa — ora, a pessoa não fez nada, limitou-se a andar nua! Então, por que motivo é que a sociedade fica tão furiosa?

A sociedade não fica assim tão irada contra um assassino. Que coisa tão estranha. Porém, basta que uma pessoa ande nua na rua para pôr a sociedade absolutamente furiosa. Talvez isto aconteça porque, apesar de tudo, o homicídio é humano. Nenhum animal é homicida, eles não assassinam. Eles matam para comer. E nenhum animal assassina a sua própria espécie, apenas o homem. Por isso, trata-se de algo que é humano, e a sociedade aceita-o. No entanto, não pode aceitar a nudez — porque, de repente, o homem nu faz com que tenhamos consciência de que somos todos animais. Por mais que se esconda por trás de roupas, o animal — o animal nu, o macaco nu — não deixa de lá estar.

As pessoas são contra o homem nu, não por ele estar despido, mas por nos fazer tomar consciência da nossa própria nudez — e, aí, o ego sente-se ferido. Vestido, o homem não é um animal. Com hábitos de comer e bons modos, o homem não é um animal. Com linguagem, moralidade, filosofia, religião, o homem não é um animal. A coisa mais religiosa é ir a uma igreja, a um templo, rezar. Por que motivo será um ato tão religioso? Porque nenhum animal vai à igreja, nenhum animal reza. Trata-se de algo absolutamente humano, ir a um templo rezar; esse ato cria distinção absoluta entre nós e os animais.

O sexo é atividade animal. Façamos o que fizermos, por mais que o ocultemos, o que quer que criemos em seu torno, o facto básico não deixa de ser animal. E quando nos aproximamos desse ato básico, tornamo-nos animais. É por esse motivo que muitas pessoas não conseguem gozar o sexo. Não conseguem tornar-se totalmente animais; os seus egos não o permitem.

O conflito é, então, sexo versus ego. Quanto mais egoísta for a pessoa, mais se vira contra o sexo. Quanto menos egoísta ela for, mais se envolve no

sexo. Porém, até o menos egoísta se sente culpado; pode não sentir tanto, mas não deixa de sentir que há algo de mal.

Quando uma pessoa se embrenha profundamente no sexo, o ego dissolve-se e, à medida que se aproxima o momento de o ego desaparecer, a pessoa é tomada pelo medo. É por isso que as pessoas não fazem verdadeiramente amor, não têm uma relação sexual profunda, verdadeira. Limitam-se a dar a ideia superficial de que estão a fazer amor, porque, para fazer mesmo amor, é preciso abandonar toda a civilização. Tem de pôr de lado a mente, a religião, a filosofia, tudo. De repente, sente nascer dentro de si um animal selvagem. Ouve um rugido selvagem. Pode até começar a rugir como um animal selvagem, a gritar e a bramir. E, se a pessoa o permitir, a linguagem desaparecerá. Passará a haver ruídos, tal como os que são feitos pelas aves e pelos outros animais. De repente, toda uma civilização de um milhão de anos cai por terra. Estamos novamente como os animais, a viver num mundo selvagem.

Existe o medo. E, por causa desse medo, o amor tornou-se praticamente impossível. E esse medo é real! Porque, quando o ego desaparece, as pessoas ficam quase loucas; libertadas dos condicionamentos, tudo pode acontecer. E você sabe que tudo pode acontecer. Podem chegar a matar, assassinar a pessoa amada e começar a comer o seu corpo, pois foram libertadas as grilhetas.

A repressão parece ser o modo mais fácil de evitar tudo isto. Reprimir ou permitir apenas o que não conduzir ao perigo — apenas uma parte que possa ser sempre controlada. E você continua a controlar, a manipular. Permite até um certo ponto e, a partir daí, não permite mais nada. A partir daí, fecha-se totalmente.

A repressão existe como meio de proteção, como salvaguarda, como medida de segurança, e as religiões têm utilizado este recurso. Exploraram o receio do sexo, e aumentaram ainda mais esse receio. Criaram um tremor interior. Transformaram o sexo no pecado básico. afirmando: se o sexo não desaparecer, você não poderá entrar no Reino de Deus. Num certo sentido até têm razão, mas não deixam de estar errados.

Devo dizer-lhe que, se o sexo não desaparecer, você não poderá entrar no Reino de Deus. Mas o sexo só desaparece se o aceitarmos na sua totalidade — não reprimindo-o, mas transformando-o.

As religiões exploraram o receio humano e a tendência para o egoísmo dos homens. Criaram muitas técnicas de repressão. Não é muito difícil reprimir, mas provoca um grande gasto de energia porque toda a energia fica dividida num combate contra si própria, e, aí, toda a vida é desperdiçada.

O sexo é a energia mais vital, a única energia que temos. Não a combata — isso é um desperdício de tempo e de vida —, transforme-a. No entanto, como

é possível fazê-lo? Como podemos transformá-la? O que podemos fazer? Se tiver compreendido o receio, perceberá qual é a chave, o que há a fazer.

O receio existe por sentirmos que perdemos o controlo e, uma vez perdido o controlo, já não há nada a fazer. Vou ensinar-lhe um novo controlo: o controlo da personalidade, não o de uma mente manipuladora, mas o de uma personalidade como testemunha de tudo o que vê. E digo-lhe que esse controlo é a melhor alternativa. É tão natural, que nem dará por ele. O controlo acontece espontaneamente quando testemunhamos, presenciamos aquilo que acontece.

Envolve-se no sexo, mas seja testemunha. A única coisa a reter é o seguinte: tenho de viver o processo completo, tenho de permanecer como testemunha, não devo perder a consciência. Apenas isso.

Pode enlouquecer, mas não perca a consciência. Então, a loucura representa o menor perigo; então, a loucura é bela. Na realidade, apenas um homem louco pode ser belo. Uma mulher que não enlouqueça não pode ser bela — porque, quanto mais louca, mais viva. Aí, a pessoa passa a ser como um tigre selvagem ou um veado a correr pela floresta... Que beleza!

Contudo, o mais importante é não perder a consciência. Se perdermos a consciência, passamos a ser controlados por forças inconscientes, ficamos nas garras daquilo que no Oriente designamos por karma. Tudo o que fizemos no passado se acumula aí. Esse condicionamento acumulado pode levá-lo a mover-se em certas direções que serão perigosas para si e para os outros. Porém, se mantiver o papel de testemunha, o condicionamento passado não pode interferir.

Portanto, todo o método, todo o processo de uma pessoa se tornar testemunha é o processo de transformar a energia sexual. Envolve-se no sexo, mantenha-se atento. Aconteça o que acontecer, observe-o, veja através disso, não perca nada. O que quer que aconteça no seu corpo, na sua energia interior, está a ser criado um novo circuito, a eletricidade corporal está a mover-se de um modo novo, de um modo circular novo; agora, a eletricidade corporal tornou-se una com o parceiro, com o cônjuge. E, assim, criou-se um círculo interior — e você pode senti-lo. Se estiver atento, pode senti-lo. Sentirá que se tornou um veículo de uma energia vital em movimento.

Permaneça atento. Em breve, terá a consciência de que quanto mais se cria esse circuito, mais os pensamentos o abandonam, caem como folhas amarelas no Outono. Os pensamentos caem. A mente fica cada vez mais vazia.

Mantenha-se atento e em breve verá que, embora exista, o ego não existe. Não pode dizer "eu". Aconteceu-lhe algo maior do que você mesmo. Você e o seu parceiro, ambos se desvaneceram nessa energia maior.

Porém, esta fusão não deve tornar-se inconsciente, para que não deixe de fazer sentido. Então, será um belo ato sexual, mas não uma transformação. É certo que é belo, não há nada de mal nisso, mas não é uma transformação. E, se for inconsciente, você andar permanentemente às voltas. Irá desejar esta experiência vezes e vezes sem conta. A experiência como tal é bela, mas tornar-se-á rotineira. E, de cada vez que a vivenciar, irá criar mais desejo. Quanto mais a viver, mais a desejará, e acabará por entrar num círculo vicioso. Em vez de crescer, passará a andar em círculos.

Andar em círculos é mau, porque não há crescimento. Há apenas um desperdício de energia. Mesmo que a experiência seja boa, a energia é desperdiçada, porque era possível muito mais. E estava mesmo ali ao pé, bastava dar um passo e seria possível muito mais. Com a mesma energia, é possível alcançar a transcendência. Com a mesma energia, é possível o êxtase total, e ela é desperdiçada em experiências momentâneas. E, a pouco e pouco, essas experiências tornar-se-ão entediantes; à custa da repetição, tudo se torna entediante. Quando deixa de haver novidade, aparece o tédio.

Se se mantiver atento, começará por verificar, em primeiro lugar, alterações de energia ao nível do corpo; em segundo, que a mente se liberta de pensamentos; e, em terceiro, que o seu coração se liberta do ego.

É preciso observar estas três coisas com toda a atenção. E quando se dá a terceira, a energia sexual transforma-se em energia meditativa. Então, deixa-se de estar envolvido no sexo. A pessoa pode estar deitada com a pessoa amada, os seus corpos podem estar juntos, mas ela já não se encontra nesse lugar — foi transportada para um novo mundo.

Era isso que Shiva explicava no *Vigyan Bhairav Tantra* e noutros livros tântricos¹. Ele refere muito este fenómeno: dá-se a transmutação, a mutação que acontece quando somos testemunhas.

Se seguir o caminho da repressão, pode converter-se no chamado ser humano — falso, superficial, vazio por dentro; um mero boneco, que não é autêntico, que não é real. Se não seguir o caminho da repressão, mas sim o do excesso, transformar-se-á em animal — belo, mais belo do que o dito homem civilizado, mas não alerta, não atento, não consciente da possibilidade de crescimento, do potencial humano.

Se transformar a energia, torna-se divino. E não se esqueça de que, quando uso este termo, há duas coisas implícitas. O animal selvagem também está presente em todo o esplendor da sua beleza. Esse animal selvagem não é rejeitado nem negado. Ele encontra-se presente — mais rico, porque se encontra mais atento. Portanto, não deixa de estar presente o animal selvagem e toda a sua beleza, tudo o que a civilização tem tentado forçar também se encontra presente, mas de uma maneira espontânea, não forçada. Uma vez transmutada

a energia, a natureza e Deus encontram-se no homem — a natureza com a sua beleza, Deus com toda a sua graça.

É nisso que consiste um sábio. Um sábio é o resultado da união da natureza com o divino, do que foi criado com o criador, do corpo e da alma, da união do que está em cima com o que está em baixo, uma união do céu e da terra.

Diz Lao-Tsé: "O Tao acontece quando se dá o encontro do céu e da terra. Nisso consiste a união."

O processo fundamental consiste em ser-se testemunha. Contudo, será difícil ser-se testemunha no ato sexual se não se tentar ser testemunha noutros atos da vida. Por isso, tente continuamente fazê-lo, senão estará a enganar-se a si próprio. Se não conseguir ser testemunha enquanto caminhar na rua, não tente enganar-se, pois também não conseguirá ser testemunha enquanto está a fazer amor. Se não conseguir ser testemunha de um processo tão simples como andar na rua — se não tem consciência dele —, como poderá ser testemunha enquanto faz amor? Trata-se de um processo tão profundo, que perderá a consciência.

Você perde a consciência enquanto anda na rua. Experimente: nem que seja por alguns segundos, não se recordará de nada. Faça esta experiência enquanto estiver a andar na rua: vou lembrar-me de que estou a andar, estou a andar, estou a andar. Ao fim de alguns segundos, ter-se-á esquecido. Outra coisa qualquer veio-lhe à mente, seguiu noutra direção, e esqueceu-se completamente. E, de repente, lembra-se: esqueci-me. Se não conseguir tornar consciente um ato tão insignificante, vai ser difícil transformar o ato de fazer amor numa meditação consciente.

Experimente com coisas simples, com atividades simples. Experimente enquanto está a comer, enquanto está a andar, enquanto está a falar ou a escutar. Experimente-o em todas as vertentes. Faça com que isso se converta num constante martelar interior; deixe que todo o seu corpo e a sua mente saibam que está a fazer um esforço por se manter alerta.

Só assim poderá um dia testemunhar o que se passa no amor. E quando isso acontecer, terá vivenciado o êxtase — terá tido a primeira visão do divino. A partir desse momento, o sexo deixará de ser sexo. E, mais cedo ou mais tarde, o sexo desaparecerá. Com esse desaparecimento, conhecerá o *brahmacharya* — e, então, tornar-se-á celibatário.

Quando conhecer a alegria que se pode ter ao testemunhar o ato sexual, toda a sua vida se transformará, começará a comportar-se como os deuses. Quais são as características do comportamento de um deus? Como se comporta um deus?

De uma maneira: ele não é dependente, mas sim absolutamente independente. Ele dá-lhe amor, mas não por necessidade. Ele dá-lhe o que tem em abundância, o que tem em demasia. Se o aceitar, você limita-se a aliviar o seu fardo, mas não se trata de uma necessidade. E o deus é um criador. Sempre que o sexo se transforma, a sua vida torna-se criativa. O sexo é força criativa. Atualmente, encaminha-se para a biologia; cria novos seres, fá-los nascer. Quando não há sexo e a energia se transforma, ela entra num novo mundo de criatividade. Então, muitas novas dimensões de criatividade se abrem a nós.

Não quer dizer que se comece a pintar, a fazer poesia ou outra coisa qualquer — não se trata disso. Isso pode acontecer ou não, mas o que quer que se faça será um ato criativo; tudo o que se fizer será artístico.

¹ Os comentários de Osho sobre o *Vigyan Bhairav Tantra* encontram-se publicados em *The Book of Secrets*, St. Martin's Press.

CAPÍTULO 7



MORAL E IMORAL

Qual é o futuro da moralidade no que diz respeito ao sexo?

A moralidade, seja de que tipo for, não tem qualquer futuro no que diz respeito ao sexo. Com efeito, a própria combinação de sexo e moralidade envenenou todo o passado da moralidade. A moralidade tornou-se tão orientada para o sexo, que perdeu todas as outras dimensões — que são muito mais importantes. O sexo não devia constituir uma preocupação assim tão grande para o pensamento moral.

A verdade, a sinceridade, a autenticidade, a totalidade — deviam ser essas as verdadeiras preocupações da moralidade. A consciência, a meditação, a atenção, o amor, a compaixão — deviam ser essas as verdadeiras preocupações da moralidade.

Porém, no passado, sexo e moralidade tornaram-se quase sinónimos; o sexo tomou conta de tudo, passou a dominar tudo. Por isso, quando se diz que alguém é imoral, está-se a querer dizer que existe algo de errado na sua vida sexual. E quando se diz que uma pessoa é muito moral, a única coisa subentendida é que essa pessoa segue as regras da sexualidade estabelecidas pela sociedade em que está inserida. A moralidade passou a ser unidimensional, e isso não é bom. Esse tipo de moralidade não tem futuro; é uma moralidade condenada. Na realidade, está morta. As pessoas levam um cadáver às costas.

O sexo devia ser mais divertido, e não o assunto sério em que se converteu no passado. Devia ser como um jogo: duas pessoas a brincarem com as suas energias corporais. Se estão ambas felizes, ninguém devia ter nada a ver com isso. Não estão a fazer mal a ninguém; estão apenas a regozijar-se com a energia uma da outra. É uma dança de duas energias em conjunto. Isso não devia dizer respeito à sociedade. Só se alguém interferir na vida dos outros — se se impuser ou obrigar alguém, se for violento ou violar a vida de outra pessoa — é que a sociedade deve interferir. Caso contrário, não há qualquer problema; ninguém se devia preocupar.

No futuro, haverá uma visão completamente diferente do sexo. Será mais divertido, mais alegre, mais amigável, mais um jogo do que o assunto sério que tem sido até agora. Atribuir tanta importância ao sexo tem destruído as vidas das pessoas, sobrecarregando-as demasiado — ainda por cima, desnecessariamente! Isso criou muito ciúme, sentimento de posse, muitas discussões, irritações e condenações — para NADA.

A sexualidade é um fenómeno biológico simples. Não se devia atribuir-lhe tanta importância. A sua única importância é transformar a energia em níveis mais elevados, para que se torne cada vez mais espiritual. E a maneira de a tornar cada vez mais espiritual é fazer com que seja um assunto menos sério.

O Dr. Biber ficou perplexo com o caso que tinha em mãos. Depois de fazer todo o tipo de exames a uma estudante, não conseguiu chegar a qualquer conclusão.

— Não tenho bem a certeza do que se passa — reconheceu finalmente.

— Ou tens uma constipação ou estás grávida.

— Devo estar grávida — respondeu a rapariga. — Não conheço ninguém que me possa ter pegado uma constipação.

Isto é algo do futuro.

Clarice e Sheffield estavam a tomar um pequeno-almoço tardio. O seu apartamento de Park Avenue estava completamente desarrumado depois de uma festa animada, que tinha durado a noite inteira.

— Querida, isto é um bocado embaraçoso — disse Sheffield —, mas foi contigo que fiz amor ontem na biblioteca?

— A que horas? — perguntou Clarice.

Mais uma história sobre o futuro.

Não se preocupe com o futuro da moralidade no que diz respeito ao sexo. Ela desaparecerá completamente. O futuro terá uma visão totalmente diferente do sexo. E uma vez que o sexo deixe de dominar tanto a moralidade, esta ficará livre para se dedicar a outras questões bem mais importantes.

A verdade, a sinceridade, a honestidade, a totalidade, a compaixão, o serviço, a meditação deviam ser as verdadeiras preocupações da moralidade — porque são coisas que transformam a vida das pessoas.

Por que será que todas as religiões são contra o sexo? E por que motivo é que você não é contra o sexo?

Todas as religiões são contra o sexo, pois esse é o único modo de o tornar infeliz. É a única maneira de o fazer sentir-se culpado. É a única maneira de o reduzir ao estado de mero pecador.

O sexo é uma das verdades mais fundamentais da vida, tão fundamental que, se alguém disser que está errado, está a arranjar problemas aos outros. Não podemos libertar-nos do sexo. A menos que sejamos verdadeiramente iluminados, não podemos ver-nos livres dele. E para sermos iluminados, não precisamos de nos ver livres dele. Com efeito, se nos embrenharmos profundamente nele, a iluminação tornar-se-á mais fácil, porque um ser humano que mergulhou profundamente no amor será capaz de mergulhar profundamente na meditação: nos momentos mais profundos do amor, temos algumas visões de meditação.

Foi assim que a meditação foi descoberta. Foi assim que foi descoberto o *samadhi*, o *satori*. Porque, quando há uma história de amor intensa, por vezes, de repente, a mente desaparece. Não há pensamentos, tempo ou espaço. Tornamo-nos unos com o todo. As pessoas guardam na memória essas breves visões e querem atingi-las de uma maneira mais natural, quando se encontram sozinhas, porque não é muito agradável depender dos outros, além de que apenas dura alguns instantes. Como se pode atingir essa visão permanentemente, de maneira que ela permaneça e se transforme na nossa própria natureza?

As religiões são contra o sexo porque, ao longo dos séculos, compreenderam que o sexo é a coisa mais agradável para o homem. Por isso, envenenam a sua alegria. Depois de envenenarem a sua alegria e de lhe incutirem que o sexo é mau — que é pecado —, o homem nunca mais conseguirá gozá-lo e as suas energias começarão a seguir noutras direções. Passa a tornar-se mais ambicioso.

Uma pessoa verdadeiramente sexual não é ambiciosa. Por que havia de o ser? Não ansiará ser primeiro-ministro ou presidente. Porquê? Porque a energia que se transforma na ambição deriva da repressão sexual. Uma pessoa sexualmente livre não tentará ser nada de especial. Seja o que for, sentir-se-á bem com o que é. Por que havia de se preocupar a acumular dinheiro...? Quando não se ama, acumula-se dinheiro; o dinheiro é um substituto. Nunca encontrará uma pessoa que acumule dinheiro e saiba amar, e nunca encontrará uma pessoa capaz de amar e que também acumule dinheiro. É muito difícil. O dinheiro é um substituto: é um pseudocaso amoroso. Se tiver receio de fazer amor com uma mulher ou um homem, acabará por fazer amor com dólares, rupias, libras...

Nunca viu um avarento olhar para o dinheiro? Já viu o brilho dos seus olhos e o modo como o seu rosto se ilumina, como se estivesse a olhar para uma mulher ou um homem de extraordinária beleza...? Dê-lhe uma nota de cem dólares, e veja como ele lhe toca, como a acaricia. Começa a ficar com água na boca. Trata-se de um caso de amor. Repare como ele abre o seu cofre e fica a olhar lá para dentro. Está perante Deus. O dinheiro é o seu Deus, o seu amado.

E quando uma pessoa ambiciosa tenta chegar a primeiro-ministro ou presidente... A ambição é a energia sexual desviada, e a sociedade desvia-nos. Você pergunta: "Por que é que todas as religiões são contra o sexo?" Elas opõem-se ao sexo, porque é a única maneira de nos fazerem sentir infelizes, culpados e receosos. Uma vez que tenhamos medo, podemos ser manipulados. Não se esqueça desta regra fundamental: torne uma pessoa receosa se a quiser dominar. Primeiro, faça-a sentir medo. Se ela tiver medo, poderá dominá-la. Se ela não tiver medo, por que motivo e de que modo a poderá dominar? Como é que ela lhe permitirá que a domine? Essa pessoa dirá: "Vai-te embora. Quem és tu para me dominares?" Primeiro, é preciso fazê-la sentir medo.

E há duas coisas que fazem as pessoas sentir imenso medo. Uma delas é a morte, e é por isso que as religiões a têm explorado. Não param de dizer às pessoas que elas vão morrer — à custa de tanta insistência, que vais morrer, que vais morrer, que vais morrer, conseguem pô-las a tremer. Então, as pessoas perguntam: "O que hei-de fazer? Como devo agir? Como devo viver?" E, aí, dizem-lhe que há um céu e um inferno. Ambição e lucro, punição e recompensa.

Então uma dessas coisas é a morte, mas como ela não vem já, podemos adiá-la. Não é um problema assim tão grande; dizemos: "Está bem, quando morrer, logo se vê. Não vou morrer agora mesmo. Morrerei, no mínimo, dentro de uns cinquenta anos, portanto não me vou preocupar." Mas o homem não tem uma visão assim tão distante: não tem um radar. Não consegue ver o que irá acontecer daí a cinquenta anos. Se alguém lhe disser "Vais morrer amanhã", ele pode ficar com medo, mas cinquenta anos? Dirá: "Espere aí, não há pressa. Deixe-me dedicar-me às minhas coisas primeiro." Pode até começar a fazê-las mais depressa, ao pensar: "Só me restam cinquenta anos? Vou é fazer só aquilo que me apetecer. Comer, beber e divertir-me."

E a segunda coisa, que gera muito mais medo, é o sexo. O sexo já constitui um problema. A morte virá a ser um problema; ela pertence ao futuro. O sexo é o problema do presente; ele já existe. As religiões contaminam a nossa energia sexual. Começam a fazer as pessoas terem medo de que o sexo seja uma coisa má, feia, um pecado que irá arrastá-las para o inferno. Como querem dominar as pessoas, viram-se contra o sexo.

Não tenho a menor intenção de o dominar; estou aqui para o tornar absolutamente livre. E são precisas duas condições para o libertar. A primeira é que o sexo não é pecado. É uma graça, um dom divino. E a segunda é que a

morte não existe. Você existirá para sempre, pois o que é permanecerá. Nada desaparece. As formas mudam, os nomes mudam, mas a realidade permanece.

Não pretendo fazê-lo sentir-se culpado ou receoso, seja de que maneira for. Quero livrá-lo de todos os medos, para que possa viver naturalmente, sem qualquer jugo, para que possa viver de acordo com a sua própria espontaneidade. E essa espontaneidade trará iluminação. Então, o sexo desaparecerá, e depois acontecerá o mesmo em relação à morte.

Desapareceu para mim, por isso sei que também irá desaparecer para si. Então, por que se há-de preocupar...? E desaparece mais facilmente se souber mais. O conhecimento das coisas leva-nos mais além; acabamos com elas. Se não tiver vivido como se deve viver, será como outras pessoas religiosas que não viveram como deviam: cheias de anseios, de desejos, de sonhos que reprimem, e sem conseguirem libertar-se das suas repressões — essas pessoas nunca se libertam do sexo.

Uma bela história. Medite sobre ela:

O tempo é um futuro não muito distante. Finalmente acabámos com o mundo devido a um holocausto nuclear. Toda a gente aguarda inquieta numa fila, aparentemente infundável, que vai dar às portas do céu. Ao pé da porta, Pedro decide que almas devem entrar e quais serão recusadas.

A alguma distância, vemos um norte-americano a torcer as mãos, apreensivo. De repente, ouve um murmúrio no início da fila, que vai aumentando de tom até chegar ao pé dele. Percebe que são palavras de celebração em várias línguas. Ouve gritos de “Bravo”, “Bravíssimo”, “Bis”, “Encore” e “Hip-hip-hurra!”

— O que foi? Que se passa? — implora aos que se encontram na fila à frente dele. Por fim, alguém ao pé da porta grita para ele:

— Pedro acabou de nos dizer que ter sexo não conta!

Percebeu a ideia? O sexo não tem nada a ver com a iluminação. Fazer amor não tem nada a ver com a iluminação. Na realidade, até irá ajudá-lo, pois irá torná-lo mais natural. Seja natural, não cultive anormalidades e estará mais perto da iluminação.

É por isso que não sou contra o sexo. Não sou contra nada. Sou apenas contra atitudes que não são naturais, atitudes pervertidas.

Não acha que corremos o risco de excesso de indulgência no caso de não haver repressão?

Esse é o medo que está a ser criado pelos interesses estabelecidos, o receio de, não reprimindo, estarmos a abrir caminho ao excesso.

Tenho a sensação de que o excesso é melhor do que a repressão. Ao menos, as pessoas serão elas mesmas e não se sentirão culpadas por isso. E não me parece que uma pessoa suficientemente inteligente para abandonar a repressão não tenha inteligência para ver que está a ir para o outro extremo. O indivíduo saudável encontra-se exatamente ao centro.

No entanto, é possível que haja excessos durante algum tempo, depois de a pessoa se libertar da repressão. Porém, tratar-se-á apenas de um breve período de tempo. Em breve volta ao centro, pois vê que está novamente a cair noutro buraco. Por isso, não tenha receio.

Você tem roupa. Imagine que usa demasiados casacos. Será que está a cometer um excesso por ser livre para usar muitos casacos? Você é livre para dormir. Querirá isso dizer que dorme durante vinte e quatro horas? Você é livre para comer. Será que isso significa que come continuamente?

Observe outras áreas em que tem liberdade. Será que se tornou excessivo nessas áreas? Você é livre para tomar um duche. Isso não quer dizer que passe o dia debaixo do chuveiro. Nesse caso, precisaria de tratamento psiquiátrico. Então, a questão não seria o excesso, mas sim o sinal de que havia algo errado em termos mentais.

Tudo pode ser aceite com naturalidade — e o sexo é um fenómeno natural... No início, compreendo que haja algum excesso. Por exemplo, os Jainas fazem jejum todos os anos durante dez dias. Durante esses dez dias, só pensam em comida e em mais nada. Não os condeno por isso; é natural. Têm fome. Estão continuamente a planear o décimo primeiro dia — o que irão comer, qual o prato mais delicioso. E durante dois ou três dias após o jejum, comem demasiado — o que é natural. É como um pêndulo; se o fizermos girar para um extremo e o deixarmos seguir a partir daí, não podemos esperar que pare ao centro. O impulso leva-o até ao outro extremo, mas o impulso tornar-se-á cada vez menor e, com o tempo, o pêndulo acabará por parar.

O impulso foi motivado pela repressão. Se alguém cometer excessos, a responsabilidade é das pessoas que ensinaram a repressão.

Não vejo nisso qualquer risco de excesso.

O que é a pornografia e por que motivo atrai tanto as pessoas?

A pornografia é um subproduto da repressão. A responsabilidade inteira vai para os padres. A pornografia não tem nada a ver com aqueles que a fazem. A pornografia é criada, gerida pela Igreja. Pelos religiosos.

Num estado primitivo, natural, o homem não é pornográfico. Quando as pessoas andam nuas, o homem conhece o corpo da mulher e a mulher conhece

o corpo do homem, já não faz sentido vender a *Playboy*. É impossível. Quem irá comprá-la? E quem irá ver aquela porcaria?

A responsabilidade é deles. Foram tão repressivos, que a mente humana entrou em ebulição. O homem quer ver o corpo da mulher. Isso não tem nada de mal, é um desejo simples, um desejo humano. E a mulher quer conhecer o corpo do homem. É um desejo simples, não tem nada de mal.

Imagine um mundo em que as árvores estivessem cobertas por roupa. Há pessoas... Ouvi falar de algumas senhoras inglesas que cobriam os cães e os gatos com roupas. Imagine: as vacas, os cavalos e os cães vestidos. Aí, pode se ver surgir a pornografia. É publicada a fotografia de uma árvore despida — e as pessoas escondem-na dentro de uma *Bíblia* e põem-se a olhar para ela!

Todo este disparate deriva da repressão religiosa.

Libertem o homem, deixem as pessoas andar despidas. Não digo que devam andar permanentemente nuas. Na praia, na piscina, em casa... a nudez devia ser aceite. As crianças deviam tomar banho com a mãe, com o pai. Não é preciso o pai trancar a porta da casa de banho. As crianças deviam poder entrar, conversar um pouco e depois sair. A pornografia desapareceria.

Qualquer criança quer saber: "Como será o meu pai?" Qualquer criança quer saber: "Como será a minha mãe?" Trata-se de mera inteligência, curiosidade. E a criança não pode saber como a mãe ou o pai são; é assim que se cria a enfermidade no corpo da criança. O problema são vocês, vocês estão doentes, e essa doença reflete-se na mente da criança.

Não digo que se sente nu no escritório ou na fábrica. Se estiver calor, está bem, mas não é preciso andar nu: isso não deve ser uma obsessão, mas esta obsessão constante de esconder o corpo é muito feia.

E mais uma coisa. Por causa das roupas, os corpos tornam-se feios, porque as pessoas não se preocupam com eles. Só se preocupam com o rosto. Se a barriga começa a ficar cada vez maior, que importância tem? É possível escondê-la. O corpo torna-se feio por não estar à vista; caso contrário, as pessoas pensariam um pouco: a barriga está a ficar demasiado grande. Se pusermos cem pessoas nuas, ficam todas envergonhadas, começam a contorcer-se e a esconder-se. Isto não está certo. Por que será que é assim? A única coisa a que ligam é ao rosto. Do rosto, cuidam; o resto do corpo é negligenciado.

Isto é mau. Não está nada bem. Além de que não favorece o corpo.

Qualquer país onde as pessoas tenham alguma liberdade para andarem nuas será belo; as pessoas passam a ter corpos mais bonitos. Se as mulheres norte-americanas têm vindo a tornar-se cada vez mais bonitas e a ter corpos cada vez mais belos, isso não é de admirar. As mulheres indianas terão de

esperar muito tempo; elas podem ocultar cuidadosamente os seus feios corpos nos saris. O sari dá muito jeito.

A nudez devia ser natural, tão natural como os animais, as árvores, como tudo o resto que se encontra despido. Então, a pornografia desapareceria.

A pornografia existe como uma espécie de masturbação mental: é uma masturbação da mente. Não se pode amar mulheres, não se pode amar homens, não se pode travar o máximo de contatos possíveis; a mente entra em ebulição e começa uma espécie de masturbação interior. A pornografia ajuda as pessoas; dá-lhes visões de mulheres e homens belos para sonharem e ficarem excitadas.

A sua esposa de carne e osso não o excita nada. Com ela, você apaga-se de repente. Há homens que, mesmo quando fazem amor com a esposa, imaginam que estão com outra; imaginam uma fotografia da *Playboy*. Só conseguem fazer amor com a esposa se tiverem outra mulher, uma fantasia, a ocupar-lhes a mente. Então, ficam excitados. Eles não estão a fazer amor com a mulher, e a mulher não está a fazer amor com eles. Ela pode estar a pensar num ator, num herói ou noutra pessoa qualquer. Há quatro pessoas em cada cama! Como é evidente, é gente a mais, e nunca se entra em contato com a pessoa verdadeira; as imaginárias estão sempre pelo meio.

Você devia saber que a masturbação — seja mental ou física — é uma perversão. É algo que não existe na natureza, mas surge nos jardins zoológicos. Aí, os animais começam a masturbar-se. Isso acontece sempre que há uma situação que não é natural. No exército, as energias acumuladas começam a fazer os militares darem em doidos; eles julgam que podem enlouquecer se não arranjam um escape. Nos colégios masculinos, nos colégios femininos, onde não pode entrar ninguém do sexo oposto, como é natural, a pornografia é muito apreciada. Ela é um auxiliar da masturbação.

No entanto, estas coisas não se dizem abertamente. Há muitas pessoas que se sentem ofendidas — para que estou eu a falar destas coisas? Estou aqui para lhe explicar que você se pode tornar cada vez mais natural. O apelo da pornografia quer apenas dizer que a sua mente se encontra num estado anormal. É perfeitamente normal ter-se interesse por uma mulher bonita, isso não tem nada de mal, mas ter um retrato de uma mulher nua e excitar-se com isso é uma estupidez. E é isso que as pessoas fazem com a pornografia.

Ouvi uma anedota maravilhosa. Escute atentamente. Não perca a piada.

Um marido estava desconfiado em relação à sua mulher, por isso contratou um detetive privado para descobrir se ela tinha um amante. O detetive, um imigrante chinês, só falou com ele passados dois dias. Tinha o braço e o nariz partidos, e a cabeça envolta em ligaduras.

— *O que aconteceu?* — perguntou o marido, ansioso. — *Já encontrou alguma prova?*

— *Bem* — respondeu o detetive —, *escondi-me do lado de fora da vossa casa quando você saiu de manhã. Daí a meia hora, apareceu um homem, que abriu a porta com uma chave. Trepei a uma árvore para ver o quarto, e vi-os a abraçarem-se e a beijarem-se. Ele brincou com ela e ela brincou com ele; eu também me pus a brincar e caí da árvore abaixo.*

Isto é pornografia.

Cuidado com todo o tipo de perversões. Amar é bom: sonhar com o amor é feio. Porquê? Quando o amor real está disponível, para quê optar pelo irreal? Se o real nunca satisfaz, como pode o irreal trazer satisfação? Em última análise, até o real se revela ilusório, por isso, o que poderemos dizer do ilusório?

Deixe-me reformular: se mesmo o real um dia se revela irreal, o que poderemos dizer do irreal?

Envolva-se no amor real e um dia terá adquirido tanta consciência que até o amor real, o chamado amor verdadeiro, desaparecerá. E quando um homem estiver completamente para além da sexualidade... Não estou a dizer que tente ir além dela, não, de modo nenhum, Deus queira que não. O que quero dizer com "ir mais além" é quando alguém se envolveu mais profundamente no sexo, no amor, e acabou por descobrir que não existe nada — essa descoberta eleva-o. Começa a pairar acima da Terra, nascem-lhe asas. Essa transcendência é *brahmacharya*, essa transcendência é o celibato. Não tem nada a ver com esforço: não tem nada a ver com repressão.

Uma pessoa reprimida nunca pode alcançar o *brahmacharya*; tornar-se-á pornográfica. E há mil e uma maneiras de se ser pornográfico. Nas antigas escrituras indianas, há descrições de grandes sábios sentados em meditação, com belas mulheres a tentarem seduzi-los, a dançarem nuas à sua volta. E as histórias afirmam que elas são enviadas pelo Deus do céu para os corromper, pois o Deus do céu tem receio de que, se eles atingirem a iluminação, venham a ser seus rivais. O Deus do céu tem receio dos rivais e, quando eles se aproximam muito da iluminação, envia-lhes belas mulheres para os seduzirem.

Ora, Deus não existe e as mulheres belas não vêm do céu; isto é pornografia mental. Os *rishis*, os supostos profetas, reprimiram tanto o sexo que, no último momento, quando estão muito perto de alcançarem o seu centro mais profundo, esse sexo reprimido vem cá para fora, explode. E nessa explosão, as suas próprias imagens, as imagens da mente... Trata-se de um panorama da mente, é muito colorido, e é tão colorido e parece tão real, que até eles se deixam enganar; julgam que as mulheres existem mesmo.

Se se enfiar numa gruta e se obrigar a ser celibatário, ao fim de três meses será um grande profeta — e começará a ver coisas! É o que acontece a um grande profeta. Começa a ver belas mulheres vindas do céu, a dançar à sua volta e a seduzi-lo. Porém, trata-se apenas de imagens mentais. Quando uma pessoa é privada da realidade, os sonhos começam a parecer quase iguais à realidade. Chamamos a isso alucinações.

Antigamente, a revista *Playboy* não existia, por isso, esses *rishimunis* tinham de utilizar os seus próprios recursos. Agora, é possível recorrer à ajuda exterior.

Mas tenha cuidado: mesmo o irreal acaba por se revelar real. Por isso, não entre no mundo irreal. Entre no mundo real e deixe que ele constitua uma experiência magnífica. Não sou contra isso, sou totalmente a favor disso: mergulhe no mundo real, pois só mergulhando nele é que um dia surge o *brahmacharya*; um dia, você acaba por sair dele, pura e simplesmente.

Não é que o amor desapareça. Na verdade, o amor aparecerá pela primeira vez, só que se trata de um tipo de amor totalmente diferente. Buda chama-lhe compaixão — um amor frio, sem ardor sexual. A sua existência tornar-se-á uma bênção. A sua própria presença fará as pessoas sentirem o seu amor. O seu amor tombará sobre elas. Com a sua presença, as pessoas começarão a dirigir-se para o desconhecido.

Sim, surgirá em si uma grande compaixão. A energia sexual é a mesma, livre dos objetos sexuais. Não reprimida. Livre. Não reprimida à força, mas compreensivelmente livre. A mesma energia sexual transforma-se em amor, em compaixão.

Que tipo de sociedade pode criar indivíduos em que a mente subconsciente se torne unicamente utilitária e facilmente dispensável?

Trata-se de um problema complexo, multidimensional, mas é possível compreender alguns pontos básicos. Em primeiro lugar: só é possível criar uma boa sociedade se as crianças não aprenderem o antagonismo, a dicotomia, entre corpo e consciência. A primeira coisa a fazer é não lhes ensinarmos isto. Não devemos dizer às crianças “Estás dentro do corpo”; não devemos dizer-lhes “Esse corpo é teu”. Devemos dizer: “Tu és esse corpo.” E quando afirmo que se deve dizer “Tu és esse corpo”, não me refiro a uma conceção materialista. Com efeito, só a partir daí é que pode nascer um ser espiritual. A unidade não pode ser perturbada.

A criança nasce como uma unidade, mas nós separamo-la e dividimo-la em dois. A primeira separação faz-se entre o corpo e a consciência. Semeamos assim a esquizofrenia. Assim, não será fácil voltar a recuperar a unidade perdida. Quanto mais crescer, maior será o abismo, e uma pessoa com um abismo entre

ela e o seu corpo não será uma pessoa normal. Quanto maior a separação, mais louca será, pois falar de corpo e mente é uma falácia linguística. Nós somos psicossomáticos — corpo-mente, ambos a funcionar simultaneamente. Não é possível bifurcá-los. Eles não são dois, mas sim uma onda única.

Para a sociedade, a coisa mais importante é não criar mentes esquizofrênicas, não criar mentes divididas — porque a primeira divisão é entre corpo e mente, mas depois seguem-se outras. Aí, toma-se o caminho das divisões. A mente volta a dividir-se e o corpo também.

É um fenómeno estranho. Não sei se sente que está dividido entre corpo e consciência. Depois, o corpo divide-se em inferior e superior, e o inferior é “mau” e o superior é “bom”. A partir daí, onde começa o superior e onde começa o inferior? Nunca nos sentimos à vontade com a parte inferior do nosso corpo — nunca! É por isso que há um absurdo tão grande à volta das roupas! Não podemos andar nus. Porquê? Porque, assim que ficamos nus, o corpo torna-se uno. Nós temos dois tipos de roupas — um para a parte inferior e outro para a parte superior. Esta divisão de roupas está basicamente associada à divisão do corpo. Se estivermos despídos de pé, qual é a parte de cima e qual é a parte de baixo? E como poderão ser divididas? Nós somos unos!

Por isso, aqueles que dividem o homem não estão preparados para o verem na sua nudez. E isso é apenas o início, pois ainda há a nudez interior. Quem não estiver preparado para ver a nudez do corpo, nunca será verdadeiro em relação a outras camadas interiores mais profundas. Como poderia sê-lo? Quem não conseguir sequer enfrentar a nudez do corpo, como pode enfrentar a nudez da consciência?

As roupas são mais do que isso. Elas têm uma filosofia, por sinal bastante demente. Aí, o corpo é dividido, a seguir divide-se a mente, depois o consciente e o inconsciente, o subconsciente — e as divisões não param. No início, a criança nasce como uma unidade e, ao morrer, já existe uma multidão! Um verdadeiro manicómio! A pessoa é dividida em tudo. Essas divisões estão constantemente em conflito, em luta, e a energia dissipa-se. E a pessoa nunca morre verdadeiramente; mata-se. Estamos todos a suicidar-nos, porque essa dissipação de energia é suicida. Por isso, é raro alguém morrer, muito raro! Todas as pessoas se matam, envenenam-se. Os métodos são diferentes, bem como os recursos utilizados, mas o primeiro é a divisão.

Então, uma boa sociedade, uma sociedade moral, verdadeiramente religiosa, não permitirá que as suas crianças sejam divididas. Mas como se cria uma divisão? Como se começa? Onde entra a divisão?

Atualmente, os psicólogos estão muito conscientes de que é no momento em que a criança toca nos seus órgãos genitais, nos seus órgãos sexuais, que começa a divisão. No momento em que a criança toca nos seus órgãos sexuais,

toda a sociedade se apercebe de que vai acontecer alguma coisa má. Os pais, a mãe e o pai, os irmãos, toda a família, toda a gente fica alerta. Através dos seus olhos, dos seus gestos, todos afirmam: "Não, não mexas!"

A criança não consegue entender isto. Ele, ou ela, é uma unidade. Não consegue compreender por que motivo não pode tocar no seu corpo. Que mal tem? Não sabe que o homem nasceu no pecado. Não conhece a *Bíblia*, não conhece nenhuma religião, professores de moral ou *mahatmas*. Não consegue sentir como é que uma parte do corpo deve ser evitada.

O problema vai aumentando, porque os órgãos sexuais são a parte mais sensível e mais agradável do corpo. Tocar-lhes é a primeira experiência de prazer para a criança, a primeira experiência que ela tem do seu próprio corpo — de que o corpo pode dar prazer, de que o corpo é agradável, valioso. Ora, os psicólogos afirmam que até uma criança de três meses pode ter um orgasmo, dos mais intensos. Ela pode sentir os seus órgãos sexuais até atingir o clímax, e todo o seu corpo começa a vibrar. Trata-se da primeira experiência do seu corpo, mas ela é envenenada, porque os pais não permitem que aconteça. Por que não hão-de consentir esta experiência? Porque não lha consentiram a *eles*. Não existe outro motivo — apenas porque não lha consentiram a eles.

Assim, o corpo fica dividido, e a mente e o corpo também ficam divididos. A criança torna-se receosa, medrosa, nascendo assim a culpa. Pode tocar-se, mas terá de se esconder. Transformamos uma criança pequena numa criminosa. Ela irá fazê-lo porque se trata de um ato natural, mas passará a ter medo de que alguém esteja a ver. Se não estiver ninguém presente, irá tocar-se, mas esse toque não lhe dará o mesmo prazer, pois estará maculado pela culpa. A criança tem medo, fica receosa.

Esse receio mantém-se ao longo de toda a vida. Ninguém se sente à vontade com a sua experiência sexual. O medo continua. Por mais vezes que se envolva no ato sexual, nunca sentirá a satisfação e o êxtase profundos. Nunca os sentirá; isso tornou-se impossível. A própria raiz foi envenenada e a pessoa sente-se culpada.

Sentimo-nos culpados por causa do sexo; somos "pecadores" por causa do sexo. Criou-se uma divisão, a divisão fundamental segundo a qual há que escolher no corpo as partes que são "boas" e as que são "más". Que grande disparate! Ou o corpo inteiro é bom ou o corpo inteiro é mau; porque não existe nada de separado no corpo. O mesmo sangue percorre o corpo todo, o mesmo sistema nervoso. Tudo é uno dentro dele, mas, para a criança, agora existe uma divisão. É mais uma coisa: a sua alegria foi envenenada. Agora, nunca mais voltará a sentir gozo.

Todos os dias há pessoas que vêm ter comigo e cujo problema básico não é a meditação, nem a religião — o seu problema básico é o sexo. Eu sinto-me

impotente para as ajudar, porque, se quiser realmente ajudá-las, elas não voltarão a vir ter comigo. Ficarão com medo de mim, pois têm medo do sexo, porque não se pode falar dele. Fala-se de Deus, de outra coisa qualquer, mas nunca de sexo. Só que o problema delas não é Deus! Se o problema delas fosse Deus, seria muito fácil ajudá-las, mas não é esse o problema. O seu problema fundamental continua a ser o sexo. E elas não conseguem sentir prazer em nada, porque não conseguem apreciar o primeiro dom que lhes é dado pela natureza, pela existência. Como não receberam a primeira dádiva de alegria, não conseguem apreciar.

Senti muitas vezes que quem não consegue gozar o sexo também não consegue meditar profundamente — porque onde houver felicidade, essa pessoa fica receosa. A associação é profunda. Criou-se uma barreira. Agora, ela também irá dividir a mente, pois não consegue aceitar a parte sexual da mente. O sexo é corpo e mente. Tudo é composto por essas duas coisas — lembre-se sempre! O sexo é corpo e mente, por isso, a parte mental do sexo tem de ser reprimida. Essa parte reprimida tornar-se-á inconsciente. As forças, os pensamentos, os sermões moralistas que a irão reprimir tornar-se-ão subconscientes. Uma pequena parte da mente que é consciente permanecerá nas suas mãos, servindo apenas para a rotina quotidiana, e não para muito mais. Pelo menos, não é útil para viver profundamente. A pessoa pode limitar-se a existir. Pode vegetar, ganhar a vida, construir uma casa, mas não pode conhecer a vida, pois noventa por cento da mente são-lhe negados. A pessoa nunca pode ser na totalidade, e apenas um ser total é sagrado. Se não existirmos na nossa totalidade, nunca poderemos ser sagrados.

A primeira coisa a fazer para criar uma nova sociedade, uma sociedade melhor, uma sociedade verdadeiramente religiosa, é não criar divisão. É esse o maior pecado — criar a divisão. Deixe a criança crescer como uma unidade. Deixe-a crescer una, à vontade com tudo o que ela tem dentro de si, e em breve ela conseguirá transcender tudo isso. Conseguirá transcender o sexo; conseguirá transcender a natureza instintiva. Porém, será capaz de transcendê-los como uma unidade, e nunca na divisão. É essa a questão básica. A criança conseguirá transcendê-los porque é tão una, tão poderosa, que pode transcender seja o que for.

Pode libertar-se de qualquer doença. Pode libertar-se de tudo o que se tornar uma obsessão. Ela é forte, una. Há uma energia enorme, que é apenas dela — e ela pode efetuar qualquer mudança! Contudo, uma criança dividida não pode fazer nada. Com efeito, numa criança dividida, a mente consciente é uma parte menor e a inconsciente ocupa a maior parte. Uma criança dividida passa a vida inteira a combater uma energia superior com uma energia inferior. Ela não pode deixar de ser continuamente derrotada. O resultado não pode deixar de ser a derrota contínua. E quando se sente frustrada, diz: "Pois é, este mundo é uma infelicidade total."

Este mundo não é infeliz — não se esqueça disso! Você encontra-se dividido, por isso cria a infelicidade neste mundo. Está em combate consigo próprio, por isso torna-se infeliz.

Deste modo, a primeira coisa é não criar divisões: deixe a criança crescer como uma unidade. E a segunda: deixe a criança aprender a ter mais flexibilidade do que atitudes rígidas — flexibilidade. O que quero dizer com isto? Não lhe ensine as coisas em compartimentos sólidos e estanques. Nunca diga que isto é bom e aquilo é mau, pois a vida é um fluxo contínuo. Uma coisa que é boa neste momento pode ser má no momento seguinte, e uma coisa que é má numa situação pode ser boa noutra situação qualquer.

Ensine a criança a ser mais atenta, a descobrir as coisas. Nunca ponha etiquetas! Não diga que Maomé é mau porque é muçulmano, nem que um hindu é bom porque é hindu. Não diga coisas destas, porque o bom e o mau não são fixos. Não ensine atitudes fixas. Treine-a para ser mais consciente, para descobrir quem é bom e quem é mau. Porém, isto é difícil, e é fácil pôr etiquetas. Você vive com etiquetas e divisões compartimentadas. Coloca as pessoas em categorias: "Pois, este é hindu. Este é mau ou é bom. Aquele é maometano e é bom ou mau." As coisas são decididas sem ter em conta o indivíduo. A etiqueta é que decide. Não ensine atitudes fixas; permita uma atenção flexível. Não diga que isto é mau, nem diga que é bom. Limite-se a afirmar que temos de descobrir constantemente o que é bom e o que é mau. Treine a mente para descobrir, para investigar.

Esta flexibilidade de atitude tem muitas dimensões. Não direcione a criança para atitudes monogâmicas. Não lhe diga: "Ama-me porque sou tua mãe." Isso pode criar uma incapacidade na criança de amar outras pessoas. Então, acontece que as crianças adultas — é assim que lhes chamo — continuam a ser rígidas. Assim, não conseguem amar a esposa porque, no fundo, só podem amar a mãe. Porém, a sua esposa não é a sua mãe, e a sua mãe não pode ser a sua esposa. Você continua a agir em termos de coisas fixas — tem uma fixação na mãe. Continua a esperar que a sua esposa aja como se fosse a sua mãe — embora isto não se passe conscientemente. Se ela não se comporta como uma mãe, você não se sente confortável. E o problema torna-se mais complicado. Se ela começa a comportar-se como uma mãe, então você também não se sente confortável, porque acha que ela se devia comportar como sua esposa.

Uma mãe nunca devia dizer: "Ama-me porque sou tua mãe." Ela deve ajudar a criança a amar mais pessoas. Quanto mais "polígama" a criança for, mais abundante será a sua vida. Ela nunca se sentirá agarrada. Para onde quer que vá, será capaz de amar. Será capaz de amar qualquer pessoa com quem entre em contato. Não lhe diga que uma mãe, uma irmã ou um irmão são para ser amados. Não lhe diga: "Ele é um estranho, por isso não precisas de o amar. Ele não pertence à nossa família, não professa a nossa religião, não é do mesmo país que nós, por isso não o ames." Assim, estará a mutilar a criança. Diga-lhe:

“Amar é uma bênção, nunca deixes de amar. Quanto mais amares, mais irás crescer.” Uma pessoa que consegue amar mais, fica mais enriquecida.

Somos todos pobres. Somos todos pobres porque não podemos amar. Isto é uma realidade — se amarmos mais pessoas, somos mais capazes de amar seja quem for. Se só amarmos uma pessoa, afinal de contas, nem sequer seremos capazes de a amar, pois a nossa capacidade de amar ficará tão reduzida, que mirrá. É como se disséssemos a uma árvore para cortar todas as raízes menos uma. Se dissermos à árvore “Fica só com uma raiz para o teu amor. Deixa que seja o teu único amor — tira tudo dessa raiz”, a árvore morrerá.

Criámos uma mente monógama e que não está preparada para amar. É por isso que há tantas guerras, tanta crueldade, tanta violência, em nome de muitas coisas — religião, política, ideologia. Qualquer disparate serve, desde que se arranje alguma coisa que provoque violência. E veja como as pessoas ficam acirradas: os seus olhos brilham quando há guerra, quando se libertam do tabu que as impede de matar. Aí, pode-se matar seja quem for. Por isso, as pessoas sentem-se mais felizes quando matam alguém — nunca sentem alegria quando amam alguém.

Se procurar nos lugares onde há muitos homicídios, veja a alegria. E quando não há matança, veja a falta de energia, a indolência, o olhar mortiço. Ninguém se sente à vontade; a vida é pura e simplesmente desprovida de sentido. Basta que se crie uma situação em que uma pessoa mate outra e toda a gente desperta imediatamente. Porquê? Atrofiámos a capacidade de amar e uma criança é capaz de amar seja quem for. Uma criança nasce para amar o mundo inteiro, uma criança nasce para amar tudo, nasce para amar todo o Universo — e a sua capacidade para amar é tão grande que, se a reduzirmos, a criança começa a morrer a partir desse momento.

Porém, qual a razão deste monopólio? Porquê esta atitude possessiva? É um círculo vicioso. A mãe não se sente realizada. Não amou, não foi amada, e agora torna-se possessiva. Só lhe resta obrigar a criança a amá-la totalmente. A criança é literalmente manietada, não pode ir a lado nenhum e fica desenraizada. A criança terá de ser exclusivamente sua. Isto é violência, isto não é amor. Qualquer psicólogo lhe dirá que os primeiros anos de vida de uma criança são os mais importantes. Uma vez feita uma coisa, é quase impossível desfazê-la — digo mesmo impossível, porque isso se transformou na estrutura básica da criança. A partir daí, tudo o que ela fizer irá basear-se nessa estrutura: essa estrutura passou a constituir os alicerces da sua vida. Dê às crianças o direito à liberdade sem ter sobre elas o sentimento de posse, deixe-as amar mais, sem condições ou retribuições.

Isto não quer dizer que, só porque uma pessoa é afetuosa, você deva gostar dela. É preferível que a ênfase do sentimento seja posta no facto de você estar *pura e simplesmente* a amar alguém. O amor em si é maravilhoso e

profundamente recompensador. Portanto ame, independentemente do que sente, quando sente. O importante é amar. Esta fluidez do amor torná-lo-á consciente de que existe uma vida para além disso, e que essa mesma vida conduz à religiosidade.

O amor é a condição essencial para a oração. Se nunca amar intensamente, como poderá rezar? Como poderá sentir-se grato? Por que razão se sentirá grato e recompensado? Se nunca amar, haverá alguma razão para se sentir grato perante Deus? A vida é o início, o amor é o apogeu. E, se amou, toma subitamente consciência de que o Universo está cheio de amor. Se não amou, encontrará apenas ódio e inveja. Contudo, até agora temos sempre colocado a ênfase na ideia de que devemos receber amor. Todas as pessoas se sentem frustradas quando não são amadas e não se sentem frustradas quando dão amor. A verdadeira ênfase deve ser colocada no ato de *dar* amor, e não no de obter amor. Todos tentamos agarrar o amor por qualquer lado. O amor não pode ser agarrado. Só podemos oferecê-lo e continuar sempre a praticá-lo. E a vida não é indiferente. Se der, a vida retribuir-lhe-á de mil maneiras. Mas não se preocupe com a recompensa; continue sempre a dar.

É por esse motivo que devemos ensinar à criança mais amor do que matemática, geografia ou história. Ela tem de ser educada para o amor, pois o apogeu da sua vida não será geografia, matemática, história ou tecnologia. Nada se compara ao amor. O amor será o apogeu. Se perder o amor apesar de ganhar tudo o resto, não passará de um ser vazio, sem conteúdo. É assim que surge a ansiedade.

A segunda coisa é que o amor deve ser profundamente cultivado. Não se deve evitar qualquer esforço para levar uma criança a saber dar amor. No entanto, a nossa estrutura não nos consente esse ensinamento, pois temos medo. Se uma pessoa começa a amar muito, então o que acontecerá ao casamento? O que acontecerá com isto e com aquilo? Ficamos preocupados. Na realidade, nunca sabemos o que vai acontecer ao casamento. O que é hoje, aliás, o que tem sido o casamento? Apenas um sofrimento muito doloroso, com rostos a emanar sorrisos de falsidade. Tem revelado ser uma desgraça total. E, na maior parte dos casos, não passa de uma conveniência.

Ao afirmar isto, não quero dizer que, se amar mais pessoas, não venha a casar. Tanto quanto posso entender, uma pessoa que consiga amar mais não casará apenas por amor. Fá-lo-á motivada por razões mais profundas. Por favor, tente compreender o seguinte: se uma pessoa ama muita gente, então não há razão para se casar com alguém só por causa do amor — porque pode amar muita gente sem se casar, portanto não há qualquer razão para isso. Temos forçado toda a gente a casar-se em nome do amor. Como essas pessoas não podem amar para além do casamento, temos unido desnecessariamente o casamento ao amor. O casamento encontra-se destinado a coisas mais profundas — à intimidade, à comunhão, a um projeto capaz de se concretizar

apenas a dois, para o qual é necessária uma cumplicidade mútua e profunda. É graças a esta sociedade sedenta de amor que nos casamos com base no amor romântico.

O sexo nunca poderá constituir uma base essencial do casamento, porque é divertido e é quase uma brincadeira. Se casar apenas pelo sexo, sentir-se-á frustrado — pois depressa a brincadeira desaparece, a novidade deixa de o ser e o tédio instala-se. O casamento está destinado à amizade e intimidade profundas. O amor está implícito, mas não constitui o único fator. Portanto, o casamento é espiritual. É mesmo espiritual! Existem muitas coisas que você não poderá desenvolver sozinho. Até para se crescer e evoluir é necessário alguém com quem se possa partilhar — alguém muito íntimo com quem nos possamos abrir totalmente.

O casamento não é, decididamente, sexual. As pessoas obrigaram-no a sê-lo. O sexo tanto pode existir, como não. O casamento é uma união espiritual profunda. E, se tal casamento acontecer, surgirão almas muito diferentes — almas com uma qualidade completamente diferente. Quando uma criança nasce como resultado desta intimidade, verá que terá uma base espiritual. Porém, os nossos casamentos são estritamente sexuais — não passam de um compromisso sexual. E, fora deste compromisso, o que poderá nascer? Ou os nossos casamentos não passam de um compromisso sexual ou então estão destinados a ser um amor romântico momentâneo.

Sejamos sinceros: o amor romântico está doente, pela simples razão de que as pessoas continuam a acumular a capacidade de amar. Depois sentem-se inundadas. E, cada vez que têm uma oportunidade, este amor inundado é projetado. Onde, uma mulher normal transforma-se num anjo, um homem normal num ser divino, num ser que parece divino, um verdadeiro deus. Porém, quando o dilúvio desagua e voltam à normalidade de sentimentos, essas pessoas veem que foram enganadas. Tanto ele como ela não passam de pessoas normais.

Esta loucura romântica é originada pela nossa educação monogâmica. Se o amor for permitido, as pessoas nunca acumularão tensões que possam ser projetadas. Daí que o romance só seja possível numa sociedade muito doente. Numa sociedade verdadeiramente sã, não haverá lugar para o romance. Haverá amor, mas não romance. E se não existir romance, então o casamento situar-se-á a um nível bem mais profundo e nunca será frustrante. E se o casamento não existir apenas por amor, mas sim para uma verdadeira intimidade — para um relacionamento recíproco na base do “eu/tu” que se desenvolverá no “nós” —, então não passará de uma escola para a total anulação do ego. No entanto, não sabemos nada sobre esse tipo de casamento. O que conhecemos é muito feio: meras caras pintadas e tudo morto à volta.

E para acabar: uma criança deve ter uma educação positiva e nunca negativa. Deve colocar-se uma ênfase positiva em tudo — só assim é que a criança crescerá de uma forma positiva e se tornará um verdadeiro indivíduo. Que quero eu dizer com “ênfase positiva”? É que a nossa ênfase é sempre negativa. Se eu afirmar “Amo uma pessoa, mas não posso amar todas”, trata-se de uma ênfase negativa. Deveria dizer “Posso amar todos e não apenas um só”. Esta capacidade de amar deve ser aplicada a muita gente. Claro que há pessoas que você não consegue amar, portanto não se force. Mas agora a sua ênfase é colocada em “Só posso amar uma pessoa”. Romeu diz: “Só amo a Julieta. Não consigo amar mais ninguém.” Isto é negativo, porque é recusar o mundo inteiro.

Será esta a atitude positiva: “Decididamente, não posso amar esta pessoa, mas posso amar toda a gente.” Pense sempre positivamente em todos os sentidos. Se eu for negativo nas minhas atitudes, então estarei cercado pelas minhas próprias negações e em todo o lado apenas verei aspetos negativos: “Este homem não é bom porque mente” — mas mesmo que minta, ele não é a mentira personificada. É mais do que isso. Por que não aproveita a sua melhor faceta? Por que razão terá de estar sempre preocupado com as mentiras? Dizemos: “Este homem é um ladrão” — mas mesmo que o seja, ele é mais do que isso. Até um ladrão pode ter qualidades positivas e, com efeito, tem-nas. Sem elas, nunca poderia ser um ladrão. Por que não nos preocupamos então com as suas qualidades positivas?

Se um ladrão é corajoso, por que não havemos de admirar a sua coragem? Por que não havemos de a apreciar? Mesmo um mentiroso tem de ser inteligente, pois não é possível contar mentiras sem inteligência. A mentira requer mais inteligência do que a verdade. Um idiota pode contar a verdade, mas contar uma mentira requer inteligência, esperteza e um espectro de consciência bem mais desenvolvido, pois quem conta uma mentira contará logo de seguida outras cem, e terá de se lembrar delas todas. Então, qual a razão para não nos preocuparmos com as qualidades positivas? Porquê enfatizarmos só as negativas?

Contudo, a nossa sociedade criou mentes negativas. E podemos encontrar negatividade em toda a gente. É natural que assim seja, já que a vida não pode sobreviver apenas com o positivo. O negativo é necessário, proporciona equilíbrio. Existe então o negativo, e, se criar os seus filhos apenas pelo negativo, eles passarão a vida inteira num universo negativo. Toda a gente lhes parecerá má, e, quando começamos a sentir-nos egoístas, toda a gente é, de facto, má — toda a gente é má menos nós...

Daí que ensinemos os nossos filhos a encontrar defeitos em tudo. Assim, eles começam a sentir-se “bons”. Obrigamo-los a serem bons e eles começam a sentir que toda a gente é má. Mas como pode alguém ser bom num mundo mau? Não é possível. Só podemos ser bons num mundo bom. A sociedade boa

só poderá vingar com uma mente positiva. Solte o positivismo da sua mente. E mesmo que uma coisa lhe pareça negativa, tente sempre ver o lado positivo — tem de haver algum... E se uma criança for capaz de ver algo de positivo até no negativo, então ter-lhe-á dado algo de importante. Ela será feliz. Se a educou para ter uma mente negativa e ser capaz de encontrar o lado negativo em tudo que é positivo, então atirou-a para um verdadeiro inferno. Toda a sua vida será um inferno.

O céu é viver num mundo positivo; o inferno é viver num mundo negativo. Todo este mundo se tornou um inferno por causa das mentes negativas. A mãe não pode dizer ao seu filho: "Aquela mulher é bonita." Como pode dizê-lo? Só ela é que é bonita, e mais ninguém. Um marido não pode dizer à esposa: "Olha! Aquela mulher que está ali a passar é muito bonita!" Não pode dizer isso! No entanto, di-lo para dentro. E se a mulher estiver ao seu lado, até tem medo de falar para dentro. Um homem que esteja com a sua mulher tem medo de olhar para aqui ou para ali. Não pode olhar. É por isso que ele nunca tem paciência para acompanhar a esposa. É um inferno. Mas porquê? Se uma pessoa é bonita, por que não dizê-lo?

Uma mãe não pode ouvir o filho dizer que uma pessoa é bonita. Tentará fazê-lo sentir que só ela é que é bonita e que o resto das pessoas são feias. Mais tarde ou mais cedo, a criança descobrirá que afinal a mãe é a mais feia, pois, como pode haver beleza num mundo feio? É por isso que um pai ou um professor continuam a afirmar: "Eu sou o detentor da verdade."

No Zen, os professores enviam os discípulos para os seus opositores. Ao fim de um ano, quando o professor achar que o seu discípulo está pronto, dir-lhe-á: "Agora, enfrenta o meu opositor — porque depois de me teres escutado, talvez não te tenha dito tudo. O outro dir-te-á o resto. Portanto, vai."

Este professor será sempre recordado como um mestre; nunca poderá ser desrespeitado. Como o poderá desrespeitar? Ele manda-o para um seu opositor para que você possa encontrar a outra parte: "Falei-te de várias coisas, mas não constituem o todo. E ninguém conhece tudo, o verdadeiro todo — ele é enorme.

Gere dentro de si uma atitude positiva, e daí poderá nascer um mundo melhor. Mas tudo isto são apenas noções muito rudimentares. Trata-se de uma matéria muito complexa que ainda viremos a debater mais amplamente.

Depois de terem comido o fruto da Árvore do Conhecimento, Adão e Eva tomaram consciência da sua nudez e sentiram vergonha. Qual é o verdadeiro significado deste sentimento? E, em segundo lugar, diz-se que o fruto proibido da Árvore do Conhecimento simboliza o sexo. Qual é a sua opinião sobre este assunto?

A natureza em si é inocente. No entanto, a partir do momento em que o homem se torna consciente dela levantam-se muitos problemas, e ele começa

a interpretar tudo o que é natural e inocente. E, quando é interpretado, deixará de ser natural e inocente. A natureza, como já disse, é inocente. Mas quando a humanidade começa a tomar consciência dela e a interpretá-la, a sua interpretação dá lugar a muitos conceitos de culpa, pecado, moralidade e imoralidade.

A história de Adão e Eva conta que, ao comerem o fruto da Árvore do Conhecimento, eles contemplaram a sua própria nudez e sentiram-se envergonhados. Estavam nus, mas nunca tinham prestado atenção a esse facto. A consciência, a consciência genuína cria um vazio. A partir do momento em que nos tornamos conscientes de uma coisa, começamos a questionar. E, assim, tornamo-nos diferentes do que vemos. Por exemplo: Adão estava nu. Tal como Adão, todos nascemos nus, simplesmente as crianças não têm consciência da sua nudez. Não podem julgá-la, saber se ela é certa ou errada. Como não têm consciência dela, não podem julgá-la. Quando Adão tomou consciência da sua nudez, questionou de imediato se era certa ou errada.

Embora todos os animais nasçam nus, nenhum tem consciência da sua nudez. Adão foi o primeiro ser a tomar consciência da sua própria nudez e isso tornou-o especial. Ora estar nu equivalia a ser como um animal, e é claro que Adão não queria ser um animal. Nenhum homem quer, embora nasça assim.

Quando Darwin afirmou pela primeira vez que o homem tem origem no animal, foi contestado com veemência, pois o homem sempre se considerou um descendente de Deus — um pouco abaixo dos anjos. Era muito difícil, mesmo impossível, conceber a ideia de que o homem era filho do macaco. Deus era o pai e, de um momento para o outro, Darwin alterara este conceito. Destronara Deus e entronizara o macaco. O macaco passou a ser o pai. Até o próprio Darwin se sentiu culpado, porque era um homem religioso. Foi uma desgraça o facto de ter afirmado que o homem era produto da evolução dos animais, que fazia parte do mundo animal, que não era muito diferente dos restantes animais.

Adão sentiu vergonha, porque agora podia comparar-se com os outros animais. De certo modo, ele era diferente, visto que tinha consciência disso. O homem começou a vestir-se para se distinguir dos outros animais. E, a partir de então, temos sempre vergonha de tudo o que nos faça parecer idênticos aos animais; no momento em que alguém faz algo de animalesco, dizemos logo: “O que estás para aí a fazer? És algum animal?” Condenamos tudo o que nos possa provar que somos como os animais. Condenamos o sexo por ser animalesco. Tudo o que se relacione com os animais é automaticamente condenado.

O despertar da consciência trouxe consigo a condenação — a condenação do animal. E foi esta condenação que deu origem a todo o esquema de supressão, pura e simplesmente porque o homem é um animal. Poderá transcender os animais, mas isso é outra coisa. Não deixa de pertencer à classe animal. É um animal. Um dia pode vir a deixar de o ser, mas não poderá renegar

que descende dos animais. Essa herança está lá. Depois de ter surgido esta noção na mente humana, a noção de que somos diferentes dos animais, o homem começou a suprimir em si mesmo tudo quanto era herança do animal. Esta supressão deu origem a uma bifurcação, o que equivale a dizer que todo o homem é composto por dois seres. O verdadeiro, o básico, continua a ser animal; o intelectual, o cerebral, continua a funcionar em termos de coisas falaciosas, abstratas e relacionadas com o "divino". Portanto, as pessoas apenas identificam uma parte da sua mente como pertencendo a elas próprias e o todo é renegado.

Esta divisão reproduz-se inclusivamente no corpo. A parte inferior é condenada. Não se trata apenas de ser inferior em termos físicos; ela encontra-se igualmente condenada em termos de valores morais. A parte superior não é apenas a parte superior, mas é também a mais elevada. As pessoas sentem-se culpadas em relação à sua parte inferior. E, se alguém lhes pergunta "Onde fica o centro do corpo?", apontam imediatamente para a cabeça. É esse o *locus* — o cerebral, a cabeça, o intelecto. Identificamo-nos com o intelecto e não com o corpo. E se alguém nos pressiona, identificamo-nos com a parte superior e nunca com a inferior. A parte inferior está condenada.

Porquê? O corpo é um todo, não o podemos dividir. Não há divisão possível. A cabeça e os pés são um todo, assim como o cérebro e os órgãos sexuais também o são. Funcionam como uma unidade. Mas, ao negarmos e condenarmos o sexo, estamos a condenar toda a parte inferior do nosso corpo.

O pecado surgiu aos olhos de Adão pela primeira vez quando se sentiu diferente dos outros animais. E o sexo é a coisa mais animal que existe. Utilizo a palavra "animal" num sentido estritamente factual, sem qualquer carga condenatória. A coisa mais animal deve ser o sexo, pois sexo é vida; é a origem, a fonte da vida. Adão e Eva tornaram-se conscientes do sexo. Tentaram escondê-lo não só exteriormente: tentaram ocultar todos os factos, inclusivamente na sua própria consciência. Criaram uma divisão entre o consciente e o inconsciente.

Tal como o corpo, a mente também é um todo. Porém, se alguma parte for condenada, tornar-se-á inconsciente. A condenação é tanta que até tem medo de reconhecer que ela existe algures dentro de si. Cria uma barreira, um muro. E atira para trás desse muro tudo o que é condenável, de maneira a poder esquecer o assunto. Só que essas coisas ficam lá, continuam a existir, continuam a mandar em si. No entanto, pode continuar a enganar-se a si próprio, afirmando que tudo acabou.

Essa parte condenada do seu íntimo torna-se inconsciente. É por essa razão que nunca pensamos que temos um inconsciente. Há uma noite em que você tem um sonho: um sonho muito sexual ou um sonho violento no qual assassina alguém, por exemplo, a sua mulher. Na manhã seguinte não se sente culpado;

diz para consigo que afinal não passou de um sonho. Porém, não se tratou apenas de um sonho. Tudo tem um significado. O sonho foi seu, pertence ao seu inconsciente. Na manhã seguinte, confronta-se com o seu consciente e diz: "Não passou de um sonho. Não tem nada a ver comigo: aconteceu. É irrelevante, foi um acidente." Não se sente associado a ele. Contudo, o sonho é seu, foi criado por si. E foi a sua mente e você que o concretizaram. Mesmo em sonhos, foi você que matou, assassinou ou violou.

Devido a este fenómeno condenatório do consciente, Adão e Eva atemorizaram-se, envergonharam-se da sua nudez. Tentaram esconder os seus corpos — não apenas os corpos, mas, mais tarde, as suas mentes também. Nós continuamos a fazer o mesmo. Aquilo que é "bom", o que a sociedade considera "bom", é armazenado no nosso consciente. E aquilo que é "mau", o que a sociedade condena porque considera "mau", é guardado no nosso inconsciente. É como se fosse um caixote do lixo. Continuamos a atirar coisas lá para dentro e elas ficam lá. Mas, no fundo, essas coisas continuam a existir e a influenciá-nos. Afetam-nos a cada instante. O nosso consciente torna-se simplesmente impotente contra o nosso inconsciente, pois o consciente é um subproduto da sociedade e o inconsciente é um produto natural, biológico; contém energia, vitalidade. Portanto, pode continuar a pensar em coisas "boas", mas continuará a praticar coisas "más"

A frase seguinte é atribuída a Santo Agostinho: "Deus, este é o meu único problema; tudo o que penso que deve ser feito, nunca o faço, e tudo o que sei que não deve ser feito, é o que acabo sempre por fazer." Este problema não é apenas de Santo Agostinho — é um problema que abrange todos os que se encontram divididos entre o consciente e o inconsciente.

Com um sentimento de vergonha, Adão dividiu-se em dois. Teve vergonha de si mesmo. E a parte de que ele se sentia envergonhado foi eliminada do seu consciente. A partir de então, o homem vive uma vida bifurcada, fragmentada. E por que passou a sentir vergonha? Não houve ninguém — nenhum padre, nenhuma igreja — que lhe dissesse para sentir vergonha.

No momento em que uma pessoa se torna consciente, o ego entra em ação. A pessoa passa a ser observadora. Sem clarividência, torna-se apenas uma parte integrante da vida em toda a sua dimensão; não é uma parte diferente e separada. Se uma onda do oceano se pode tornar consciente, essa mesma onda poderá criar um ego diferente do oceano nesse preciso instante. Se a onda se tornar consciente e pensar "Eu existo", essa mesma onda não pode pensar ser o próprio oceano, uma unidade com as outras ondas. Torna-se diferente... separa-se. Assim nasce o ego. O conhecimento dá origem ao ego.

As crianças são desprovidas de ego porque ainda não detêm o conhecimento. São ignorantes e o ego não nasce a partir da ignorância. Quanto mais crescemos, mais nos dirigimos para o ego. Os anciãos têm um ego

fortemente enraizado, muito vincado. É natural. Os seus egos existem há mais de 70 ou 80 anos. Têm uma longa história.

Se recuar no tempo e tentar recordar-se da sua infância, é natural que se surpreenda ao constatar que não o consegue fazer. Não consegue lembrar-se de nada do que aconteceu até ter três ou quatro anos. Geralmente, consegue recordar-se de factos que ocorreram quando tinha quatro, cinco ou mesmo três anos, mas os primeiros três anos são um vácuo. Claro que existiram, aconteceram muitas coisas durante esse período, mas como pode lembrar-se delas? A razão para isso consiste no facto de o ego ainda não existir dentro de si; é por isso que se torna difícil recordar esses anos. De certo modo, se você não existia, como poderia lembrar-se? Se realmente existisse, lembrar-se-ia; mas não existia ainda em plena consciência.

Não consegue recordar-se. A memória começa a existir apenas quando surge o ego, visto que a memória necessita de um centro para funcionar. Se ele não existe ainda, onde funcionará a sua memória? Três anos são muito importantes e, para uma criança, cada instante é um acontecimento. Tudo representa algo de fenomenal; nada é vulgar. Na realidade, a criança deveria lembrar-se de mais coisas. Deveria lembrar-se dos seus primeiros anos, dos primeiros dias de vida, porque nessa altura tudo era colorido, vibrante, único. Tudo o que acontecesse era novidade. No entanto, não há memória disso. Porquê? Porque o ego ainda não se tinha instalado. A memória necessita de um ego para se instalar.

A partir do momento em que a criança começa a sentir-se separada dos outros, começará a sentir vergonha. Começará a sentir a mesma vergonha que assaltou a mente de Adão. Ele ficou surpreendido ao contemplar-se nu — como os outros animais, nu como todas as outras coisas. Há que ser diferente e único, não devemos ser como os outros; só assim é que se instala o ego. A primeira reação foi esconder a nudez. Subitamente, Adão tornou-se diferente de todos os que o cercavam. Deixou de ser um animal.

A criança nasce como Adão — com a mesma vergonha de Adão, com o mesmo sentimento de vergonha, assim nasce o homem. A criança não é um homem. Só se torna um homem quando começa a sentir-se separada, diferente dos outros — quando assume o seu ego. Portanto, não é só a religião que lhe dá esse sentimento de culpa, mas também o seu ego. A religião limita-se a explorá-lo: é outra questão. Todos os pais o exploram; também é outra questão. Todos os pais dizem aos filhos: "O que estás a fazer? Estás a comportar-te como um animal? Não te rias, não chores; faz isto, faz aquilo, não faças isto ao pé dos outros. O que estás a fazer? Pareces um animal!" E se a criança começa a pensar que é um animal, o seu ego fica ferido. Para satisfazer o seu ego, cede às regras e torna-se igual aos outros.

Ser-se animal é ser-se feliz, porque os animais têm liberdade, uma profunda liberdade para se movimentarem, para fazerem o que desejam. Mas é doloroso para o ego, por isso, temos de escolher. Se escolher a liberdade, será como os outros animais — condenados. Neste mundo e no outro. Será lançado ao inferno pela sociedade. Portanto: “Seja um homem, não se porte como os animais!” Então, o ego fica satisfeito.

Começando a viver-se em torno desse ego, começa-se a agir de acordo com o que lhe dá satisfação. Mas não se pode negar totalmente a natureza. Ela continua a influenciar-nos. Começa-se então a viver duas vidas; uma antes de Adão e a outra depois de Adão. Começa-se a ter duas vidas, começa-se a viver uma dupla existência. Então cria-se um rosto para se mostrar à sociedade. Um é o rosto privado, e o outro, o público. Porém, você é o seu rosto privado. Todo o homem é como Adão — nu, como um animal —, mas não o podemos desvendar publicamente. O que se mostra à sociedade é o rosto pós-Adão — tudo impecável, tudo segundo as regras impostas pela sociedade. Tudo o que se mostra aos outros não é o que se deseja interiormente, não é aquilo que é verdadeiramente, mas sim o que deve ser.

E, assim, toda a gente passa a vida a mudar de rosto — do privado para o público; estamos sempre a mudar. É uma canseira que faz desperdiçar muita energia. Contudo, não lhe estou a dizer para ser como os animais: já não o consegue. O fruto proibido não pode ser devolvido. Foi comido e passou a fazer parte dos nossos ossos e do nosso sangue. Já não há hipótese de o vomitarmos, de o devolvermos ao Deus Pai: “Devolvo-Te o fruto proibido do Conhecimento. Perdoa-me.” Já não temos hipótese nenhuma! Não podemos voltar atrás. Estamos no sangue. Já não podemos voltar atrás; agora só temos de seguir em frente. Não há regresso. Não podemos renunciar ao conhecimento já adquirido. Apenas poderemos ir além dele, só que encarado com uma inocência diferente — a inocência da consciência total.

Existem dois tipos de inocência. Uma situa-se abaixo do conhecimento — a infantil, a pré-Adão, a genuinamente animal. Abaixo do conhecimento não se existe, não há ego, não há contenda. Existimos apenas como parte integrante do cosmos. Não sabemos que o somos, não nos apercebemos de que existe uma unidade cósmica; não sabemos nada. Existimos sem conhecermos. Como é evidente, não há sofrimento, pois ele é impossível se não houver conhecimento. Temos de nos tornar conscientes do sofrimento para o experimentar. E como podemos sofrer se não estivermos conscientes desse sofrimento?

Por exemplo: você está a ser operado por um cirurgião. Se estiver consciente, é óbvio que sofre, porque sente dor física. Se estiver inconsciente, não experimenta a dor física. A perna é totalmente amputada, atirada para um canto, e não há qualquer tipo de sofrimento, porque você está inconsciente. Não pode sofrer em estado de inconsciência; só sofre quando se sente vivo e

consciente. Quanto mais consciência, mais sofrimento. É por essa razão que, quanto mais o homem evolui, mais sofre.

Os povos primitivos não sofrem tanto como nós — não porque sejam melhores, mas porque são ignorantes. Ainda hoje, as pessoas do campo que não fazem parte do mundo moderno vivem na inocência. Não sofrem tanto. É por isso que há muitas mentiras que derivam das mentes dos pensadores, dos filósofos. Tomemos como exemplo Rousseau, Tolstói ou Gandhi: defendem a teoria de que as pessoas do campo são mais felizes, e que seria bom que todo o mundo regressasse ao seu estado primitivo, que regressasse à selva, à floresta, em suma, à natureza. Contudo, estão errados, porque o homem que viveu numa urbe civilizada sofrerá se regressar a uma aldeia. As pessoas do campo nunca experimentaram esse tipo de sofrimento.

Rousseau escrevia sobre o regresso à natureza, mas continuou a viver em Paris. Veja lá se ele foi viver para o campo! Escreveu sobre a poesia da vida na aldeia, da beleza, da inocência, mas nunca resolveu ir viver para lá. E, se fosse, saberia que iria sofrer mais do que um vulgar aldeão, porque uma vez atingida a consciência não a podemos ignorar. Somos nós, existimos! É algo de que não nos podemos descartar. Como podemos ignorar-nos? Nós somos a nossa própria consciência.

Adão sofreu a vergonha, pois sentiu a sua nudez. Foi o ego a causa desse sentimento. Adão atingiu um centro — embora falso, mas, ainda assim, um centro. Agora Adão sentia-se diferente de todo o cosmos. As árvores continuavam a lá estar, continuava a existir tudo, mas agora Adão estava numa ilha, a sofrer. Agora a sua vida era mesmo sua e não parte do cosmos. É no momento em que nos consciencializamos da nossa própria existência, começa a luta. Temos de lutar pela vida, de tomá-la a pulso, para sobrevivermos.

Os animais não experimentam esse tipo de luta. Mesmo que pareçam lutar, aos olhos de Darwin e da maior parte das pessoas, isso não acontece. Darwin pensa que o fazem, porque projeta neles as suas próprias ideias. Os animais não se debatem. Parece-nos que sim, porque para nós tudo significa uma luta. Com o ego, tudo se transforma numa luta. Os animais parecem lutar para existir, mas não é verdade; eles limitam-se a circular na unidade cósmica. Mesmo que façam alguma coisa, não há qualquer intenção por trás. Trata-se apenas de um fenómeno natural.

Se um leão devorar a sua vítima para se alimentar, não há executor, não existe violência nesse ato. É um simples fenómeno — apenas fome. Não estamos a falar de um ser violento, mas sim esfomeado. Trata-se apenas de um mecanismo para encontrar alimento e não de violência. Apenas o homem pode ser violento, pois só ele pode ser um executor. Pode matar sem ter fome, mas um leão nunca mata se não tiver fome — no caso do leão, é a fome que mata e não o animal. Um leão não mata por mera diversão. Para o leão, a caça não

existe. Ela existe apenas para o homem. Este pode matar por puro entretenimento, só para se divertir. Se um leão estiver saciado, não há violência, diversão, caça, nada. Trata-se de um fenómeno provocado pela fome. Não existe um executor.

A natureza existe enquanto corrente cósmica profunda. Nessa corrente, Adão sente-se consciente de que comeu o fruto proibido do conhecimento. O conhecimento estava-lhe interdito: "Não comas o fruto da Árvore do Conhecimento!", foi a ordem que recebeu. Adão desobedeceu e deixou de poder voltar atrás. A Bíblia diz que todos os homens sofrerão pela rebeldia de Adão, visto que, de certo modo, cada homem conserva Adão dentro de si.

No entanto, as pessoas não podem sofrer por isto. Por que razão hão-de sofrer por algo que não fizeram? No entanto, esta situação repete-se todos os dias. Toda a criança tem de passar pelo Jardim do Paraíso para depois ser expulsa. Toda a criança é um Adão renascido para depois ser rechaçado. Por isso é que existe tanta nostalgia nos pintores, nos poetas e nos intelectuais. A nostalgia está presente em todos os que podem manipular as palavras e os pincéis para se expressarem. Acham que a idade de ouro é a infância.

Todos consideram a infância como algo de bom, de utópico, e querem regressar a ela. Mesmo um idoso no seu leito de morte recorda nostalgicamente a infância — a sua beleza, a sua felicidade, a sua alegria, as flores, as borboletas, os sonhos e as fadas. Todas as pessoas vivem a infância no País das Maravilhas — não apenas Alice, mas toda a gente. Essa sombra persiste em nós.

E por que será que a infância é tão maravilhosa, tão abençoada? Porque ainda fazemos parte da corrente cósmica, sem responsabilidades, com liberdade absoluta, sem consciência, sem qualquer espécie de fardo para carregarmos. Existimos como se nada fosse esperado de nós, mas simplesmente tudo existisse para nós, como se se tratasse de um bem adquirido. Então surge o ego e começa o conflito e a luta. Tudo se torna uma responsabilidade e cada momento é sinónimo de uma escravidão total.

Os psicólogos afirmam que a religião reflete apenas esta nostalgia — o desejo de regressar à infância. E vão mais longe: afirmam que, afinal de contas, todos desejamos regressar ao ventre materno pois aí fazemos verdadeiramente parte do cosmos. Aí, era o próprio cosmos que nos alimentava. Nem sequer nos era exigido o ato de respirar. A mãe respirava por nós. Nessa altura, não tínhamos consciência da sua existência, da nossa existência. Não tínhamos consciência.

O ventre é o Jardim do Paraíso. Assim sendo, todo o homem nasce como Adão e terá de comer o fruto proibido do conhecimento, pois, no momento em que começamos a crescer, aumentamos o nosso conhecimento. É inevitável. Portanto, Adão não se revoltou. A rebelião faz parte do crescimento. Não poderia

fazer de outro modo: tinha de comer o fruto. Toda a criança tem de se revoltar, tem de comer o fruto. Tem de se revoltar e desobedecer. Assim o exige a própria vida. Tem de se afastar da mãe e do pai. Desejará isso: muitas vezes sonhará com o desejo dessa separação, mas será necessário crescer ainda mais. Trata-se de um processo incontornável.

Pergunta-me: “Qual é o verdadeiro significado deste sentimento?” Eis o significado: o conhecimento dá-lhe o ego: o ego dá-lhe o poder da comparação, do julgamento e da individualidade. Você não pode considerar-se um animal. O homem tem feito tudo para esconder o facto de ser um animal. Tudo! Todos os dias, fazemos coisas para ocultar o facto de sermos animais. Mas nós somos animais. E, ao escondermos esse facto não o destruimos, mas acabamos por o perverter. Por isso, cada vez que esta perversão escondida vem à superfície, o homem revela que é mais animal do que um verdadeiro animal. Se as pessoas forem violentas, nenhum animal poderá competir com elas. Como seria isso possível? Nenhum animal conheceu nada que se parecesse com Hiroxima ou o Vietname. Só o homem poder criar uma Hiroxima. Não existe qualquer comparação.

Em comparação com Hiroxima, desde os primórdios que os animais andam a brincar com bonecas. A sua violência não existe. A nossa violência é acumulada, escondida. Continuamos a escondê-la e, por isso, a acumulá-la. E quanto mais a acumulamos, mais envergonhados nos sentimos, porque sabemos o que está escondido no nosso interior. Não podemos escapar a ela.

Um psicólogo fez experiências relacionadas com factos escondidos que, por mais que tentemos, não conseguimos ocultar. Por exemplo: se alguém diz que não se sente atraído por mulheres, pode pôr essa convicção em prática, pode até chegar a convencer-se a si mesmo e aos outros de que não sente mesmo qualquer atração. Porém, Adão nasceu para ser atraído por Eva e vice-versa; faz parte da natureza humana — a menos que alguém vá mais longe e se torne um Buda.

Contudo, um Buda nunca afirma “As mulheres não me atraem”, pelo simples facto de que, ao proferir esta frase, estaria a pensar em termos de atração e repulsa. Ele não afirma “Sinto repulsa pelas mulheres”, porque ninguém poderá sentir repulsa por nada, a não ser que se sinta atraído. Se lhe perguntar, ele responder-lhe-á: “Os homens ou as mulheres tornaram-se irrelevantes para mim. Não sou nem homem, nem mulher. Se for homem, terei uma mulher escondida dentro de mim. Se for mulher, terei um homem escondido algures no meu interior.

De qualquer modo, esse psicólogo levou recentemente a cabo experiências com um homem que lhe disse: “As mulheres não me afetam.” E estava a ser sincero, pelo menos quanto ao seu comportamento exterior. Parecia não se interessar por ninguém. Então, o psicólogo mostrou-lhe algumas fotografias —

dez fotografias de coisas diferentes. Apenas uma fotografia mostrava uma mulher nua. O psicólogo não sabia que fotografias estava a mostrar ao homem, pois via apenas as partes de trás. Limitava-se a observar o seu olhar. Ele iria mostrar as fotografias ao homem e observar-lhe os olhos. Ele disse: "Se não se sentir atraído, verei logo. Dir-lhe-ei quando estiver a olhar para a fotografia da mulher nua. Basta observar-lhe os olhos. Eu não sei qual é a fotografia."

No preciso instante em que mostrava uma fotografia, o psicólogo disse "Está a ver a mulher nua", porque as pupilas dos olhos do homem se dilataram imediatamente. Foi involuntário. Não é controlável. É um ato reflexo. Biologicamente, os olhos foram assim criados. O homem pode dizer "Não me sinto atraído", mas isso é a sua mente consciente a falar. A inconsciente não deixa de se sentir atraída.

Quando as pessoas escondem certos factos, eles continuam a manipulá-las e, a pouco e pouco, elas vão-se sentindo cada vez mais envergonhadas. Quanto mais elevada é uma civilização e mais requintada a sua cultura, mais envergonhados serão os homens que viverão nela — mesmo envergonhados! Com efeito, quanto mais envergonhados se sentirem em relação ao sexo, mais civilizados serão. Porém, o homem civilizado tende a enlouquecer, a tornar-se esquizofrénico e dividido. Esta divisão começou com Adão.

E, em segundo lugar, pergunta-me: "Diz-se que o fruto proibido da Árvore do Conhecimento simboliza o sexo. Qual é a sua opinião sobre este assunto?"

Claro que sim, mas não apenas isso. O sexo é o primeiro passo para o conhecimento, mas também o último. Ao entrarmos na humanidade, a primeira coisa que sentimos é a consciência do sexo, e quando partimos da humanidade, o sentimento do sexo continua lá — o primeiro e o último. É o alfa e o ómega.

Uma criança é criança até atingir a maturidade sexual. Com a chegada da maturidade sexual, torna-se um adulto. Com a chegada da maturidade sexual, o mundo torna-se diferente a seus olhos. Não é o mesmo mundo, dada a visão que agora faz dele, o modo como olha as coisas em seu redor e as mudanças que verifica. Quando se torna consciente da existência da mulher, transforma-se num homem.

Com efeito, nos antigos textos bíblicos, a palavra "conhecimento" é utilizada em hebraico com uma conotação sexual. Por exemplo, frases tais como "Ele não 'conheceu' a sua mulher durante dois anos" ou "Ela não 'conheceu' o seu marido durante dois anos" significam que, durante esse período, não tiveram qualquer relacionamento sexual. "Ele 'conheceu' a sua esposa pela primeira vez naquele dia" quer dizer que tiveram relações sexuais pela primeira vez. "Conhecimento" em hebraico é utilizado para o conhecimento sexual, pelo que é correto afirmar que Adão se tornou consciente do sexo depois de ter comido a maçã.

O sexo é primordial. Sem ele, não há vida. A vida existe por causa do sexo e desaparece com o sexo. É por isso que Buda e Mahavira afirmam que, se não transcendermos o sexo, renascemos continuamente. Não podemos ir para além da vida, pois, com o desejo sexual dentro de nós, voltaremos a nascer. Portanto, o sexo não só dá vida a alguém, como também nos dá vida a nós próprios. Funciona nos dois sentidos. Reproduzimos alguém através do sexo, mas isso não é assim tão importante — devido ao desejo sexual dentro de nós, voltaremos a nascer; reproduzimo-nos vezes sem conta. Adão tomou consciência do seu sexo; foi essa a sua primeira consciencialização. Mas esta primeira tomada de consciência do sexo é apenas o começo. Tudo o resto se seguirá.

Os psicólogos afirmam que toda e qualquer espécie de curiosidade é, de certo modo, sexual. Portanto, se uma pessoa nascer impotente, nunca será curiosa em relação a nada — nem mesmo em relação à verdade, porque a curiosidade interior é basicamente sexual. Descobrirmos algo que está escondido, conhecermos algo que não sabemos, conhecermos o desconhecido, é algo de sexual. As crianças brincam umas com as outras para descobrirem as partes desconhecidas do corpo. É o início da curiosidade e de toda a ciência — descobrir o que está escondido, o que nos é desconhecido.

Acontece que, quanto mais sexual for uma pessoa, mais inteligente e inventiva se torna. Com menos energia sexual, menos inteligência existe e, claro, quanto mais energia, mais inteligência — porque o sexo é um facto misterioso a descobrir: não só no corpo, não só no corpo do sexo oposto, mas em tudo o que se encontra escondido.

Portanto, se uma sociedade for muito condenatória quanto ao sexo, nunca se tornará científica, pois condena a curiosidade. O Oriente não poderia ser científico por causa do seu antagonismo em relação ao sexo. E o Ocidente também não poderia ter-se tornado científico se o Cristianismo o tivesse reprimido ainda mais. Só quando o Vaticano desapareceu, quando Roma deixou de ter influência, só nestes últimos trezentos anos em que o Palácio do Cristianismo foi derrubado e desapareceu, é que o Ocidente pôde avançar em termos científicos. A libertação da energia sexual tornou-se igualmente uma libertação para a pesquisa.

Uma sociedade sexualmente livre pode tornar-se científica e uma sociedade que condena o sexo tornar-se não-científica. Com o sexo tudo começa a ganhar vida. Se o seu filho se começar a comportar com rebeldia quando atingir a maturidade sexual, é melhor não dar muito importância ao facto. É perfeitamente natural. Com uma nova energia a correr-lhe nas veias, com uma nova vida, é natural que se torne rebelde. Essa rebelião é apenas uma parte do processo. É também natural que se torne um inventor. Inventará coisas novas, novos estilos, novas maneiras de vida, uma nova sociedade. Pode sonhar novos sonhos, pensará numa nova utopia. Se condenarmos o sexo, não haverá rebelião

na juventude. Por todo o mundo, a rebelião da juventude faz parte da revolução sexual.

Nas sociedades antigas não havia rebeliões, porque o sexo era muito condenado, a energia era sufocada. Com essa energia sufocada, toda a rebelião era reprimida. Se as pessoas libertarem a energia sexual, toda a espécie de rebeliões terão lugar.

Como o conhecimento, em si, tem uma dimensão sexual, por um lado não será errado afirmarmos que Adão tomou consciência do sexo e da sua dimensão. Porém, a par dessa dimensão do sexo, também se consciencializou de muitas outras coisas. Toda a extensão do conhecimento, esta explosão do conhecimento, esta aventura no desconhecido, a ida à Lua e a outros planetas, é resultado de uma sede sexual. E a cada dia que passa, avançaremos no conhecimento, porque começámos a libertar uma nova energia, energia essa que adquire novas formas e assume novas aventuras.

Com o sexo e com a tomada de consciência em relação a ele, Adão iniciou uma longa viagem na qual todos somos passageiros, porque o sexo não é apenas uma parte do nosso corpo — somos nós próprios. Nascemos a partir do sexo, morremos de sexo, exaustos. O nosso nascimento é um nascimento do sexo, e a nossa morte é uma morte do sexo. Portanto, no momento em que sentir que a sua energia sexual desapareceu, saiba que a morte está próxima.

Os trinta e cinco anos representam o auge. A energia sexual está no seu ponto culminante e, logo em seguida, tudo começa a declinar e começamos a sentir-nos velhos, a trilhar o caminho para a morte. Os setenta anos serão, aproximadamente, a idade da nossa morte. Se os cinquenta anos forem a idade de ouro da energia sexual, então os cem anos serão a idade da morte. O Ocidente em breve considerará a idade de cem anos como a idade média já que, atualmente, um homem de cinquenta anos continua a comportar-se como um conquistador. Isso é bom, pois revela que a sociedade está viva. Mostra que agora o período de vida pode ser prolongado.

Se um homem com cem anos se comportar como um conquistador, então a vida poderá prolongar-se até aos duzentos anos, porque o sexo é energia vital. É devido ao sexo que somos jovens, e é também devido a ele que seremos idosos. Devido ao sexo nascemos e morremos. E não apenas isso: Buda, Mahavira e Krishna afirmam que voltaremos a nascer devido ao desejo sexual. Não só o seu corpo se rege pelo sexo, mas todos os seus corpos vindouros serão governados pelo desejo sexual.

É claro que Adão, ao consciencializar-se da sua existência pela primeira vez, tomou consciência do sexo. Trata-se de um facto fundamental. No entanto, foi mal interpretado pelo Cristianismo, o que deu origem a tanto disparate. Dizia-se que, pelo facto de Adão ter visto o seu sexo, se envergonhou, que o sexo é

mau, um pecado — o pecado original, em suma. Não é nada disso. É a luz original. Não se envergonhou por o sexo ser mau; envergonhou-se porque viu que o sexo é uma coisa animal e pensou: "Eu não sou nenhum animal." Daí que o sexo passasse a ter de ser combatido, amputado e atirado para longe. De algum modo, teremos de existir sem sexo. O que aconteceu foi um erro de interpretação cristã da parábola. Portanto: "Lutem contra o sexo!" A religião transformou-se numa batalha contra o sexo. E se a religião for uma luta contra o sexo, é uma luta contra a vida.

Contudo, é evidente que a religião não é uma luta contra o sexo. Pelo contrário, é um esforço para o ultrapassar, não para se opor a ele. Se for contra o sexo, permanecerá ao mesmo nível do sexo. Aí, não o conseguirá ultrapassar.

É por isso que os santos e os místicos cristãos lutam contra o sexo até à hora da morte. Então, surge a tentação e, a cada momento, são tentados. Só que não há ninguém a tentá-los. É a própria repressão que origina a tentação. Vivem num mundo muito torturado, com uma mente em constante luta interior.

A religião é transcendental, não é contra. E se quiser conhecer a transcendência, tem de dar um passo para lá do sexo. Por isso, use a sua energia sexual para essa transcendência. Não a combata, porque tem de viver com ela. Tem de a conhecer melhor. Agora é impossível ignorá-la. O conhecimento é liberdade. Se a conhecer cada vez mais, quando chegar o momento em que esteja totalmente consciente, o sexo desaparecerá. Nessa consciência total, a energia é transformada, evolui. Passa a ter uma dimensão diferente dessa mesma energia.

O sexo é horizontal. Quando nos tornamos totalmente conscientes, o sexo torna-se vertical. E esse movimento vertical do sexo chama-se *kundalini*. Se o sexo se movimentar horizontalmente, não só continuará a reproduzir outros seres, como continuará a reproduzir-se a si próprio. Se a energia começar a elevar-se para um nível superior, ou seja, verticalmente, sai-se da roda da existência. Como dizem os budistas, sai-se da roda da vida. Trata-se de um novo nascimento — não num novo corpo, mas numa nova dimensão da Existência. Os budistas chamam-lhe *nirvana*. Pode chamar-lhe *moksha* — libertação, redenção, o que quiser. Os nomes não significam grande coisa...

Portanto, há duas vias. Adão passou a ter consciência do seu sexo, mas não podia eliminá-lo; podia movimentar-se horizontalmente, lutando constantemente contra ele numa angústia permanente, sabendo sempre que o animal estava escondido dentro de si e fingindo que não estava. É uma verdadeira angústia. Podemos mover-nos horizontalmente toda a nossa vida sem chegarmos a parte alguma, porque se trata de um ciclo repetitivo. É por esse motivo que lhe chamamos roda. Contudo, pode saltar para fora da roda. Esse salto não poderá ser feito através da repressão, mas sim à custa do conhecimento. Dir-lhe-ei, portanto, que comeu o fruto da árvore proibida; coma

agora a árvore toda. É a única solução. Devore a árvore! Não deixe sequer uma folha! Acabe com a árvore, devore-a completamente! Só assim é que se libertará do conhecimento — nunca antes.

E quando lhe digo para devorar a árvore toda, quero dizer já, e quando se tornar consciente, torne-se totalmente consciente. O problema é a consciencialização fragmentada. Seja totalmente ignorante ou totalmente consciente. A totalidade é uma bênção. Seja totalmente ignorante e será abençoado. Não terá consciência disso, mas será abençoado, como se tivesse caído num sono profundo — nem sequer a sonhar, mas pura e simplesmente adormecido, sem qualquer movimento da mente. Estará num total estado de bênção, mas não o conseguirá sentir. Na manhã seguinte poderá dizer que teve uma noite abençoada, mas não sentiu nada, pois estava a dormir. Só a sentiu quando despertou. Quando o conhecimento entra, chega a consciência, e só então poderá dizer que teve uma noite abençoada.

Seja totalmente ignorante, o que é impossível, ou totalmente desperto para o conhecimento, o que é possível. Com a totalidade chega a beatitude. A totalidade é a própria beatitude. Portanto, devore a árvore até às raízes e torne-se consciente. É isso que significa um homem estar consciente, ser um Buda — um iluminado. Ele devorou a árvore por completo. Não se permite a ninguém que seja consciente, mas há uma consciência simples, que constitui um regresso ao paraíso. Só que não conseguirá encontrar o antigo caminho; ele perdeu-se ao longo dos tempos. Mas poderá encontrar um novo caminho, poderá entrar novamente. E tudo quanto o diabo prometeu a Adão será concretizado: você tornar-se-á um deus. De certa maneira, não deixava de ter razão. Se comer o fruto do conhecimento, será semelhante aos deuses.

Não conseguimos conceber esta ideia no nosso estado mental atual, pois vivemos numa espécie de inferno. Por causa desta tentação do diabo, estamos positivamente no inferno. Estamos como que suspensos entre duas coisas, sempre divididos — pela dor e pela angústia. Parece que o diabo enganou Adão, mas afinal enganou-nos a nós. E não é tudo; a história está incompleta. Pode completá-la, e só depois é que poderá julgar se o que afirmou o diabo estava certo ou errado. Coma a árvore toda e será um deus.

Uma pessoa que se tenha tornado completamente consciente é um ser divino, deixou de ser humano. A humanidade é uma espécie de doença — note bem, estou a dizer doença, uma doença crónica. Então seja como os animais e será são; ou como os deuses e será igualmente são. São porque uno, numa dimensão total. O termo inglês "*holy*" é elucidativo. Não significa apenas completamente puro; na sua essência, significa total. Só quando conhecer essa totalidade é que poderá ser sagrado. Seja total — e existem dois tipos de totalidade: uma animal e outra divina.

CAPÍTULO 8



ILUSÕES E REALIDADES

O Ocidente parece estar obcecado pelo sexo. As pessoas são literalmente invadidas por técnicas e imagens pornográficas intermináveis. Por que será que, ao fim de tanto tempo, continuam presas a elas e são incapazes de ter uma abordagem mais tântrica do sexo?

Não se trata de uma questão do Ocidente ou do Oriente. Ambos estão obcecados pelo sexo — embora de maneiras diferentes, como é evidente. O Ocidente é condescendente, o Oriente é repressivo, mas a obsessão é a mesma. E a pergunta principal é esta: por que será o Ocidente tão condescendente? Sobre ele pairam dois mil anos de Cristianismo, e foram precisamente os seus métodos repressivos que levaram a essa mesma condescendência.

O Oriente é repressivo; mais tarde ou mais cedo, tornar-se-á condescendente. A mente do homem move-se como um pêndulo, da direita para a esquerda, e vice-versa. E lembre-se de que, enquanto o pêndulo se move para a direita, vai-se preparando para se mover para a esquerda. Parece que se vai mover para a esquerda, mas está à espera do momento exato, da energia certa para se dirigir para a direita. Quando uma sociedade é repressiva, está a ganhar tempo para se tornar condescendente e, quando uma sociedade é condescendente, está a escolher o momento certo para se tornar repressiva.

Portanto, uma coisa estranha terá de acontecer e, na realidade, está a acontecer: o Ocidente tornou-se condescendente durante algumas décadas e a onda repressiva está novamente a formar-se. Atualmente existem muitos cultos que pregam o celibato. O movimento Hare Krishna prega o celibato, o *brahmacharya*, e tem milhares de pessoas interessadas nele. E existem muitos outros cultos a surgir que concordam num ponto comum: que o sexo tem de ser reprimido. Em nome do ioga, do zen, do cristianismo, estão a surgir muitos cultos que pregam a repressão uma vez mais. Em breve, o Ocidente tornar-se-á repressivo.

No Oriente, o número de edições de revistas pornográficas aumenta diariamente; aparecem cada vez mais filmes pornográficos. O Oriente é um pouco lento em tudo, um bocado preguiçoso, portanto demorará mais tempo. O Ocidente é mais veloz. Mas o Oriente está a transformar-se no Ocidente e o Ocidente no Oriente, e esse é um dos maiores problemas. Se isto acontecer, será a mesma desgraça. Mais uma vez o pêndulo moveu-se, e mais uma vez todos continuarão a fazer o mesmo.

Isto aconteceu muitas vezes no passado. Mais tarde ou mais cedo, uma sociedade repressiva torna-se uma sociedade condescendente. Quando a repressão chega ao ponto em que é impossível reprimir mais, explode, e as pessoas ficam desorientadas. Ou, no caso de uma sociedade que tenha sido muito condescendente, começa a sentir a futilidade disso, desse inútil desperdício de energia. E isso não traz qualquer tipo de satisfação; pelo contrário, faz com que as pessoas se sintam cada vez mais frustradas. Então começam a pensar no *brahmacharya* — o celibato: “Talvez os antigos profetas tivessem razão.”

No Oriente, isso também aconteceu muitas vezes. A religião hindu, no seu início, era muito condescendente, não era uma religião repressiva. Os místicos hindus eram casados, mas também tinham concubinas. Eles podiam comprar mulheres, porque nesse tempo, na Índia, homens e mulheres eram vendidos no mercado tal como qualquer outro produto.

Acautele-se contra todos aqueles que continuam a falar da Idade de Ouro da Índia. Nunca existiu nenhuma idade de ouro. Mesmo na época de Rama... Os hindus falam muito sobre Ramarajya — o Reino de Rama — como o seu pináculo. As pessoas eram vendidas como objetos nos mercados — as mulheres, em especial, eram consideradas como simples mercadoria que todos podiam vender e comprar. Utilizavam-nas como presentes. Se um convidado fosse a casa de alguém e se mostrasse interessado numa das suas mulheres, ela era-lhe oferecida. Até os denominados santos costumavam ter muitas mulheres; eram todos muito condescendentes. Todas as histórias dessa época, mesmo sobre os deuses, são muito condescendentes...

Devia ter visitado os templos de Shiva dedicados à deusa do mesmo nome. A sua estátua não passa de um símbolo fálico. Se reparar bem, terá uma surpresa: ela exhibe órgãos sexuais masculinos e femininos. Descreve o encontro entre o homem e a mulher. A história é a seguinte:

Um dia, Vishnu e Brahma foram visitar Shiva... é esta a trindade hindu: Brahma, Vishnu e Shiva. Brahma é o deus criador, Vishnu é o da conservação e Shiva o da destruição. Os três são necessários para o mundo girar. Um cria, o outro mantém e o último destrói; depois um volta a criar, outro a conservar e o terceiro destrói tudo; trata-se de uma corrente constante.

Brahma e Vishnu foram visitar Shiva. Entraram sem pedir licença, pois os guardas estavam a dormir profundamente. Shiva estava a fazer amor com a sua mulher, Parvati. Entregava-se apaixonadamente ao ato — e tão embriagado! Devia ter tomado alguma droga, porque toda a gente sabia que ele se drogava. Consumia marijuana, haxixe e ópio.

Continuou a fazer amor e os outros dois deuses ficaram a observá-lo. Grandes deuses! Nem sequer conseguiram dizer “Desculpem” ou arredar pé. Deviam estar deliciados com o que viam — pornografia ao vivo! Durante seis horas, os dois deuses assistiram àquele ato de amor. Um longo filme de sexo! Nada mais do que isso, duas pessoas a fazer amor. Durante aquelas horas, não aconteceu nada de especial. Apenas Shiva a fazer amor com a sua esposa.

Porém, Brahma e Vishnu estavam furiosos. Quando Shiva terminou, disseram-lhe: — Estamos aqui há seis horas e nem sequer deste conta da nossa presença. Estamos muito zangados e amaldiçoamos-te para que sejas lembrado eternamente pelos teus órgãos sexuais.

É por esta razão que o templo de Shiva ostenta um símbolo fálico: Shiva foi eternizado pelos seus órgãos sexuais.

Esses hindus deviam ser muito condescendentes. E os seus deuses também. Mas depois veio uma reação. O pêndulo moveu-se. O Budismo e o Jainismo revoltaram-se contra esta condescendência, e criaram um mundo com uma moralidade muito repressiva.

A Índia ainda vive sob essa influência, embora se encaminhe de novo lentamente para a condescendência. É a influência do Ocidente, com os seus filmes e novelas. O Ocidente está a ser influenciado por Buda, por Zen, por Pantajali, pela meditação, ao passo que o Oriente está a ser influenciado pela *Playboy*! As pessoas vêem-na e escondem-na no meio dos seus *Bhagavad Gitas*.

Você afirma que “o Ocidente parece estar obcecado pelo sexo”.

Isso não acontece apenas no Ocidente. Até ao presente, toda a humanidade tem estado obcecada pelo sexo, e assim permanecerá, a menos que todos alteremos os nossos conceitos. Até agora, esses conceitos têm dado origem a atitudes de repressão/condescendência, condescendência/repressão, e tem-se sempre oscilado entre estas duas atitudes. Temos de parar exatamente no meio.

Já alguma vez tentou parar o pêndulo de um relógio a meio do movimento? O que acontece? O relógio pára. O tempo estanca. É aqui que quero chegar. Não quero que seja condescendente, mas também não o quero repressivo. Gostaria que fosse equilibrado, que encontrasse o meio termo. Só no centro é que a transcendência será possível, e é nesse mesmo centro que podemos criar um mundo que não pertencerá nem ao Oriente nem ao Ocidente. É urgentíssimo

que venha à Terra um homem que não seja nem ocidental, nem oriental: uma nova espécie de homem, com uma visão renovadora, livre de qualquer escravidão do passado.

E pergunta-me também: “Por que será que, ao fim de tanto tempo, continuam presas a elas e são incapazes de ter uma abordagem mais tântrica do sexo?”

A abordagem do Tantra é não ser repressivo nem condescendente. A experiência tântrica só é possível se as pessoas se entregarem profundamente à meditação, caso contrário não resulta. Só quando conseguir permanecer absolutamente sossegado, silencioso, consciente e alerta é que conhecerá algo sobre o Tantra. Por outro lado, o Tantra pode ser também uma desculpa para a condescendência — um nome novo e religioso —, e você poderá encaminhar-se para a condescendência em seu nome. Os nomes nunca trarão grandes mudanças; a nossa mente é que precisa de uma mudança.

Toda a humanidade sofre de obsessão, seja por via da condescendência ou da repressão. As pessoas preocupam-se com o sexo durante as vinte e quatro horas do dia.

Os psicólogos descobriram que todos os homens pensam em mulheres pelo menos uma vez em cada três minutos, e todas as mulheres pensam em homens pelo menos uma vez em cada seis minutos. A diferença pode trazer bastantes problemas; talvez seja esse o motivo dos problemas entre homens e mulheres.

O sexo tântrico não tem nada de sexual; trata-se apenas de meditação. A meditação tem de se espalhar por toda a sua existência. Medite sempre, faça o que fizer. Medite a caminhar, medite a comer. Se estiver a fazer amor, faça-o a meditar. A meditação terá de estar presente em todas as horas do seu quotidiano — então dar-se-á uma transformação. Transcenderá o sexo, o corpo e a mente. E, pela primeira vez, conhecerá o divino, o êxtase, a beatitude, a verdade e a libertação.

Será que todos os desejos são idênticos? O que é o meu desejo de amor?

Em última análise, todos os desejos são idênticos — porque o desejo implica que não se está satisfeito consigo próprio. Desejo é descontentamento.

O desejo é, essencialmente, a vontade de ser ou ter o que não somos nem temos. O desejo é uma queixa contra a existência. Dizemos: “Não é assim que quero ser. Não é esta a casa onde desejo viver, não é esta a mulher que quero amar ou por quem quero ser amado. Não estou satisfeito com este mundo, com esta sociedade, com este corpo, com esta mente; pura e simplesmente não estou contente com nada disto.”

Desejo significa descontentamento e esperança no futuro — esperança que, algures, exista um lugar apropriado para nós. Desejo significa que “Não estou de acordo com este mundo, só espero por um mundo com o qual eu esteja em harmonia”. Porém, nunca estaremos em harmonia em lugar nenhum, porque estamos sempre a aprender uma coisa: a *ausência* de harmonia.

Você não estava em harmonia com o dia de ontem, nem com o de anteontem. Na infância, não existe harmonia entre nós e o mundo. Na juventude também não existe. Na velhice igualmente. E esperamos sempre: “Amanhã estarei em harmonia com as coisas e elas comigo.” E durante toda a nossa vida, aprendemos a ser disciplinados, educados para *não* estarmos em harmonia. Só que amanhã será sempre igual a ontem.

No hindi usamos a mesma palavra para dizer “ontem” e “amanhã”. É muito significativo que seja a mesma palavra. *Kal* significa ontem e amanhã. Quer isto simplesmente dizer que o nosso amanhã não será nada mais do que a repetição do nosso dia de ontem; o futuro não é mais do que a repetição do passado. Portanto, não espere pelo futuro, pois ele é apenas uma repetição do passado.

Não sentir desejo significa estar aqui presente, satisfeito; o que quer que seja, é bom. O que quer que seja, é a única forma de as coisas serem — não há outra maneira, não pode ser de outro modo. A vida é assim mesmo e, subitamente, sentimo-nos envolvidos por um halo de paz.

Que este seja o seu caminho. Qualquer que seja o momento, goze-o, celebre-o, sintá-se grato.

Portanto, basicamente todos os desejos são idênticos, pois a origem do desejo é a mesma. Mas se não refletirmos sobre o significado profundo do desejo, então encontraremos diferenças, muitas diferenças mesmo.

Perguntou-me: “O que é o meu desejo de amor?”

O desejo de amor pode ter três significados — depende de si. O significado básico é, decididamente, apenas um, ou seja, quer dizer que não se sente contente consigo mesmo. Acha que será feliz ao lado de alguém. Mas não está a raciocinar bem, porque isso não será possível. Nem consigo próprio está feliz? Como poderá ser feliz com alguém? Só conseguiremos viver com alguém se essa pessoa também se sentir feliz consigo própria — caso contrário, por que razão se incomodaria connosco?

Até pode conseguir convencer alguém a viver ao seu lado por essa pessoa também estar na mesma procura artificial do amor. É assim que duas pessoas infelizes se conhecem. São duas pessoas infelizes que se conhecem. Está a pedir um milagre, só que não existem milagres.

Duas pessoas infelizes que se conhecem não poderão proporcionar felicidade uma à outra; tornar-se-ão duplamente infelizes. É aritmética simples. Não só se tornarão duplamente infelizes, como a sua infelicidade se multiplicará. Zangar-se-ão e vingar-se-ão um do outro. Pensarão que o outro não passou de uma mentira, pois "ele prometeu-me que tudo seria um mar de rosas, e afinal parece que isso nunca acontecerá".

Todas as promessas acabam por ser falsas — pois o que poderemos nós prometer a alguém se formos infelizes? Que poderemos dar? Para começar, se não temos nada para dar, como poderemos partilhar o que quer que seja? Só partilhamos aquilo que temos. Se estamos felizes, partilhamos a felicidade. Se formos infelizes, partilhamos a infelicidade. Se estivermos tristes, essa tristeza passará para a outra pessoa.

Ora, se me pergunta "O que é o meu desejo de amor?", digo-lhe que isso só depende de si.

Primeiro: pode ser que se trate apenas de desejo sexual. Isso é simples, não tem nada complicado — é muito rudimentar. Na realidade, não está certo chamar-lhe amor. No entanto, chamamos amor a tudo. As pessoas dizem que "amam" gelados, a sua casa, o seu cão, a sua esposa, o golfe! O que poderemos fazer?

"Amor" é uma das palavras mais maltratadas. Utilizamo-la para mil e uma coisas. Quando as pessoas precisam de sexo, chamam-lhe amor. O sexo é uma forma muito rudimentar de amor, muito primitiva mesmo. É apenas o ABC do amor. Nunca poderá ser muito profundo e gratificante.

Ou, então, poderá mesmo querer dizer amor. Aí, isso significa que você é uma pessoa feliz e que quer partilhar a sua felicidade. Sente-se carregado de felicidade. Quando o seu amor significa apenas sexo, está a carregar consigo a sua energia sexual e pretende descarregá-la. No fundo, quer alguém que o ajude a descarregá-la. O amor sexual é muito físico. Quando, de facto, quer dizer "amor" ao proferir esta palavra, isso é sinal de que se sente feliz, contente, rejubilando com a vida. Então, o seu coração precisa de festejar para poder partilhar. É a partilha do coração. O sexo é partilhar e corpo: o amor é partilhar o coração.

Existe ainda outra possibilidade que designo por oração. Quando tiver ultrapassado a questão do coração, todo o seu ser precisará profundamente de florescer, de ser partilhado. É aí que surge a necessidade de oração.

O sexo acontece entre dois corpos: pode existir mesmo com um corpo morto. É o que acontece quando se recorre a uma prostituta. A prostituta não está presente; limita-se a dar o corpo. Ela disponibiliza o seu corpo e abandona-o, porque nunca amou a pessoa com quem está. Como poderia estar presente, viva? Torna-se então ausente. É essa a arte da prostituição. Ela não participa,

esquece. É natural que a prostituta comece a pensar no seu namorado; pode criar um sonho em torno do namorado e esquecer-se completamente de quem está com ela, deixando apenas o seu corpo cumprir a sua missão. É um corpo morto. É feio, imensamente feio, fazer amor com um corpo sem vida.

Mas não estou a dizer que isso acontece só com as prostitutas — pode acontecer com as outras mulheres. É natural que a sua esposa não esteja presente. Se não existir amor, como poderá ela estar presente quando fizer amor? Pode dar-se o caso de ser o marido. Também é possível que ele não esteja presente e se limite apenas a cumprir um dever. Isso também não deixa de ser prostituição. Talvez o casamento seja uma forma de prostituição mais permanente, mais institucional, conveniente e segura, mas a diferença não é qualitativa — pode ser quantitativa, mas não qualitativa.

Sempre que faz amor com uma pessoa que não esteja presente, só os corpos se encontram ali. É uma questão mecânica. Quando ama uma pessoa, tem de estar presente; tem de sentir a presença de quem ama. Duas pessoas encontram-se, unem-se e dão origem a uma imensa alegria, paz e silêncio.

É por isso que muitas pessoas religiosas são contra o sexo: porque ainda não perceberam o que é o amor. Perceberam apenas o lado grosseiro do amor — o sexo. Por isso, continuam a falar contra ele. Não perceberam a beleza do amor; conheceram apenas o lado feio do sexo. Se encontrar um santo a falar de sexo manifestando-se contra ele, pode ter a certeza de que nunca soube o que era o amor. E uma pessoa que nunca conheceu o amor não poderá orar, sejam quais forem as suas pretensões — pois o sexo só adquire uma dimensão especial através do amor, e o amor adquire uma dimensão especial na oração. É uma hierarquia, uma pirâmide. Na base encontra-se o sexo, no cimo a oração, e, entre estes dois pontos, situa-se o amor em toda a sua dimensão.

Quando estamos frente a alguém que amamos, realizados e felizes com a sua presença, há uma partilha. O amor pode tornar-se sexual, pode conter igualmente uma dimensão sexual, mas neste enquadramento o sexo torna-se um ato elevado, que deixou de ser grosseiro, que ascendeu a outro nível. Adquiriu uma nova qualidade.

Quando amamos uma pessoa e o sexo acontece espontaneamente, como uma partilha, isso não quer dizer que não tenha havido um forte desejo. Porém, não acontece como se tivesse sido planeado, como se estivesse nas mentes — trata-se apenas de partilhar a presença um do outro; e é a partir dessa partilha que os corpos começam por se encontrar e se fundir num só. Então, o sexo também se torna diferente.

No amor, o sexo desaparece ou transforma-se. Primeiro transforma-se para, gradualmente, vir a desaparecer. Surge então outra qualidade mais

elevada de amor — a oração. Na oração não há lugar para o sexo. O amor limita-se a ficar no meio, entre a oração e o sexo.

No amor existem as duas possibilidades: pode estender-se até às raízes, ou seja, até ao sexo, ou então pode elevar-se até ao cume da oração. Por vezes, você pode amar uma pessoa apenas no plano sexual, outras vezes, apenas como uma oração. O amor estender-se-á até ambas as margens. O amor é o rio; banha as duas margens. Por vezes, até o corpo se transfigura a ponto de nos permitir ver um deus ou uma deusa. Só se o seu amor começar por sentir a presença do outro como divina é que será como uma oração.

Quando nos dedicamos à oração, o sexo desaparece por completo. Depois da oração deixa de haver qualquer inclinação para o sexo: é impossível. A oração é a outra margem. A partir do sexo não existe contato com a oração — o sexo é a margem oposta. São duas margens distanciadas. Unem-se no amor, pois o amor é o elemento MAIS complexo da experiência humana, porque no amor se dá o encontro das duas margens. No amor, a matéria e o espírito encontram-se, corpo e alma, criador e criação unem-se num só elemento. Nunca perca a oportunidade de crescer no amor.

Mas depende. Pergunta-me: “Será que todos os desejos são idênticos? O que é o meu desejo de amor?”

Terá de estar atento. Não poderei dar-lhe imediatamente uma resposta. Terá de observar. Seja muito claro quanto aos seus sentimentos. Se são meramente sexuais, não tem nada a esconder, nada por que se preocupar — é natural. Eles têm de surgir de uma fonte natural; têm de começar por aí. Não esconda o sentimento e não o racionalize — deixe que ele seja espontâneo. Se for sexo, é sexo. Tente compreendê-lo. Ajude-o a dirigir-se para um sentimento mais amoroso, cada vez mais para a pessoa e menos para o corpo.

Se sentir que é amor, então encaminhe-o em direção à oração. Depois, para a pessoa que ama, mas lembre-se de Deus. Abrace a pessoa, mas lembre-se de Deus. Depois segure a mão da pessoa que ama, mas lembre-se de que essa mão pertence a Deus. Deixe que este pensamento se torne cada vez mais profundo.

Não posso dar-lhe uma resposta — terá de ser você a encontrá-la. Mesmo que pudesse dá-la, você interpretá-la-ia à sua maneira. Posso falar de oração, mas, se a sua energia continuar fixada no sexo, então irá interpretá-la como sendo sexual.

Ao longo dos anos, tenho vindo a afirmar que a religião é uma ponte que liga o sexo à superconsciência. Já todo o tipo de gente ouviu isto. As pessoas que estão obcecadas pelo sexo pensam: “Muito bem, então a superconsciência também é sexo.” E reduzem o *samadhi* ao sexo. Todos aqueles que fluem verdadeiramente para o *samadhi* ficam muito felizes, pois afirmam: “Ótimo,

então não há necessidade de condenar nada — até o sexo contém um elemento de *samadhi*. Podemos aceitá-lo, absorvê-lo, estarmos em paz completa, porque não há conflito, mas apenas paz.”

Já falei com muitas pessoas, mas elas acabam por interpretar as coisas à sua maneira. Deixe-me contar-lhe uma anedota antes que adormeça:

Mulla Nasruddin foi ao médico. Era velho, muito velho, quase ancião, e sentia-se muito fraco. O médico disse-lhe:

— Nasruddin, fala-me da tua vida amorosa, pois parece-me que andas a gastar muita energia.

Nasruddin respondeu-lhe:

— A minha vida amorosa é muito simples: faço amor com a minha mulher quatro vezes por semana, quatro com a minha secretária e quatro com a minha dactilógrafa.

O médico ficou horrorizado. Disse-lhe:

— Nasruddin, andas a matar-te! Tens de ter mão nisso.

E Nasruddin respondeu-lhe:

— Isso também faço quatro vezes por semana.

Só o seu entendimento o ajudará. Mesmo que eu lhe fale de oração, entenderá somente o que puder entender. Será melhor observar, perscrutar a sua mente e os seus mecanismos.

Só mais uma coisa que gostaria de lhe dizer: não condene; nunca condene. Uma mente que condena nunca poderá compreender a vida. Nunca julgue ou avalie. Limite-se ao papel de simples observador, porque uma vez que faça um juízo em relação a alguma coisa, não deixará que a sua mente se abra completamente — o seu juízo de valor transformar-se-á numa barreira. Se persistir à partida na ideia de que o sexo é pecado, como poderá enfrentar a sua própria sexualidade? Estará a enganar-se a si próprio. Estará a racionalizar esse preconceito. Encontrará sempre caminhos, meios, palavras e filosofias para o ocultar.

Nunca seja preconceituoso, para que a sua vida seja transparente. E seja o que for, e falo por mim, tudo é bom — seja o que for, é bom. É a sua mente, o seu corpo e a sua energia. O primeiro requisito básico é ver com clareza e, a partir dessa visão, tudo começa a movimentar-se.

Se for sexo, não terá de ficar preocupado. Se não for impotente, ainda bem. Pense nisso. Se for sexo, é bom, quer dizer que tem energia. Use essa energia. Já ouviu falar de alguém que fosse sexualmente impotente e se tivesse tornado

um iluminado? Eu nunca. E, acredite em mim, isso nunca aconteceu — não pode acontecer. Um homem impotente é o mais desgraçado do mundo, pois nunca irá ao encontro da iluminação. Mesmo que tente, isso não lhe acontecerá, pois não possui energia para se transformar.

Deixe que lhe diga outra verdade: sempre que o conhecimento surge, tal acontece a uma pessoa muito sensual — sempre! Porque existe mais energia que pode ser libertada. Isso nunca aconteceu às pessoas de temperamento sexualmente morno. A essas nada acontece; fixam-se nessa placidez sexual. Só tem acontecido a pessoas sexualmente muito fogosas.

Buda era muito fogoso. Viveu uma vida sexual muito intensa e, a partir dessa intensidade, tornou-se cada vez mais compreensivo. E quando um dia se tornou consciente da enorme energia que desperdiçava desnecessariamente, começou a canalizá-la numa outra direção — em direção ao amor, à oração, à compaixão e à meditação.

Porém, trata-se da mesma energia! Só há uma energia neste mundo, e ela é estritamente sexual. Deus cria através do sexo. Nasce uma criança, nasce uma vida, tudo por intermédio do sexo. Uma flor desabrocha através da sua energia sexual. O cuco entoa um chilrear alucinado — fá-lo através da sua energia sexual. Olhe bem à sua volta! O mundo inteiro pulsa com a energia sexual. É a única energia que conta! O sexo é a matéria primordial do mundo, portanto não o condene. Cavalgue sobre as ondas avassaladoras do sexo, e começará assim a ter novas atitudes e dimensões.

A primeira porta a transpor é a do amor, a segunda será a da oração. Mas só poderá começar a partir do ponto em que se encontra. Portanto, a primeira coisa a fazer é estar absolutamente seguro da sua posição — e isso só você poderá saber.

Observe... e continue a observar constantemente. E se não condenar nada, também nada terá de justificar. Se não classificar as coisas de boas ou más, se não for moralista ou puritano, se se limitar a ser um mero espectador, será capaz de ver — porque isso está dentro de si, no sítio onde reside a sua energia. E uma vez que conheça onde está a sua energia, mãos à obra.

Se ela se centrar no sexo, não se preocupe. Recorde-se apenas de uma coisa: nunca faça amor com uma pessoa que não ame. Isso é perversão, pois continuará obcecado pelo sexo. Faça amor com a pessoa que realmente ama, caso contrário será preferível esperar, pois, quando amamos uma pessoa, a essência desse amor transportará a energia para níveis superiores. E uma vez que a energia se encaminhe em direção ao amor, este torna-se tão gratificante que já ninguém ficará preocupado com o sexo. Porquê? O sexo nunca satisfaz ninguém. Gera um descontentamento gradual nas pessoas. O sexo nunca realizou ninguém. Não conhece a realização.

Tenha relações sexuais apenas quando existir uma relação amorosa; pois, deste modo, amor e sexo ficam associados. E o amor é um grande centro, um centro muito elevado. Quando o sexo se associa ao amor, começa a dirigir-se para níveis superiores. Quando sentir que ama, não tem necessidade de ir rezar a uma igreja ou a uma mesquita — isso é patético! Volte a fazer o que fez em primeiro lugar: a sua primeira oração tem de ser partilhada com o ser amado. Antes de fazer amor, assuma uma atitude de oração e recolhimento; ou assum-a após ter feito amor. Ou, e a terceira hipótese será a melhor, enquanto faz amor, deixe que a oração lhe invada o corpo e a mente.

Se o amor se unir à meditação, graças a ela conhecerá níveis mais elevados. O amor tem de fazer ascender a energia sexual, e então a meditação tem de fazer subir a energia do amor. Quando atingir o ponto culminante, o *sahasrar* — aquilo que no Oriente chamamos de “o lótus das mil pétalas” —, a sua mente abrir-se-á completamente. Só se abrirá neste ponto mais elevado. Basicamente, existem três centros: o sexual, o emotivo e o *sahasrar* — o tal lótus das mil pétalas. O centro emotivo está situado no meio, entre o *sahasrar* e o centro sexual. A partir do centro emotivo, a estrada parte em direção a ambos os centros. Nenhuma pessoa pode saltar diretamente do sexo para o *sahasrar*; terá de passar pelo centro do amor, pelo centro da emoção. A partir desse centro, poderá estender-se pelas outras duas vias — não há mal nenhum nisso. Uma vez atingido o *sahasrar*, o desabrochar final do seu lótus interior, o sexo desaparecerá totalmente. Deixará de existir.

No sexo não há lugar para a oração, e vice-versa. Só no amor é que ambos se encontram e se misturam. É por essa razão que repito que o amor é a porta de entrada para este mundo ou para o outro. O amor é a porta que se abre nos dois sentidos.

Jesus tinha razão ao afirmar que Deus é amor. Mas gostaria de dizer — e acho que a minha opinião é melhor do que a de Jesus — que o amor é Deus. Jesus afirmou que Deus é amor. Eu digo que o amor é Deus.

Qual é a abordagem do Zen em relação ao sexo? As pessoas que praticam Zen parecem ter um género neutro ou, melhor dizendo, emanam uma aura assexuada.

O Zen não tem atitudes quanto ao sexo. Essa é a verdadeira beleza do Zen. Ter uma atitude significa que ainda se está obcecado por uma ou outra atitude. Alguém é contra o sexo — isso é ter uma atitude; alguém é a favor do sexo — isso é ter uma atitude. Ser pró ou ser contra são como as duas rodas de uma carroça. Não são inimigas, são amigas e sócias no mesmo negócio.

O Zen não tem uma atitude definida em relação ao sexo. Por que razão alguém deve ter qualquer atitude relativamente ao sexo? É essa a verdadeira

beleza do Zen — é natural. Você tem alguma atitude quando bebe água? E quando come? Tem alguma atitude especial quando vai dormir? Não há qualquer atitude.

Conheço pessoas que têm atitudes loucas em relação a estas coisas: por exemplo, dizem que não se deve dormir mais do que cinco horas. O sono é uma espécie de pecado, representa uma espécie de mal, por isso, não se deve dormir mais do que cinco horas; ou, na Índia, há pessoas que falam em apenas três horas. Conheci mesmo um homem que não pregou olho durante dez anos. E, imaginem, é venerado por isso. É um homem vulgar, sem outros talentos criativos. Não ter dormido durante aquele período é o seu único talento. Talvez não passe de alguém que sofre de insónias. Talvez isso não seja propriamente um dom, pode ser que não consiga mesmo dormir.

Tornou-se tão neurótico, que não consegue descontraí-lo e tem um ar de louco. É natural que alguém tenha esse ar quando não dorme durante dez anos. As multidões visitam-no para o adorarem. Alcançou algo de sublime. Mas, afinal, o que alcançou ele? De que objetivo estamos a falar? Trata-se apenas de um ser anormal, doente. Dormir é natural. Ele é, obviamente, muito tenso. Deve ferver por dentro. Pense no que é estar dez anos sem dormir! Porém, isso agora passou a ser um investimento. É lucrativo. A sua loucura passou a ser um investimento e ele é venerado por milhares de pessoas. Mas por causa disto?

Ao longo do tempo, esta foi sempre uma das maiores calamidades — a que leva as pessoas a adorarem coisas não criativas, algumas delas rondando mesmo o patológico. É assim que as pessoas adquirem uma atitude em relação ao sono e à comida. Deve comer-se isto ou aquilo, não comer muito, não ultrapassar certas quantidades. Não dão ouvidos ao corpo, não sabem se ele está ou não com fome. Têm uma ideia preconcebida e impõem-na à natureza.

O Zen não tem atitudes em relação ao sexo. O Zen é muito simples, inocente, infantil. Diz-nos que não é preciso termos atitudes. Porquê? Tem alguma ideia preconcebida quanto ao espirrar? Se devemos ou não espirrar, se é pecado ou virtude? Não assumimos qualquer atitude quanto a isso. No entanto, já encontrei um homem que é contra o ato de espirrar e, cada vez que o faz, repete imediatamente um mantra para se proteger. Pertence a uma pequena seita completamente idiota. Essa seita acha que, quando alguém espirra, a alma sai do corpo. No ato de espirrar a alma sai e, se não se invocar Deus, ela pode não regressar. Portanto, têm de se lembrar imediatamente que a alma tem de voltar. Se morrerem enquanto espirram, vão direitinhos para o inferno.

Podemos ter atitudes em relação a tudo. Ao ter atitudes, a sua inocência é destruída e essas atitudes começam a controlá-lo. O Zen não é contra nem a favor de nada. O Zen diz que tudo o que é normal é bom. Ser normal, ser alguém sem importância, não ter ideologias, não ter personalidade, ser desprovido de qualquer distinção...

Quando se tem uma personalidade, adquire-se uma espécie de neurose. A personalidade significa que algo se enraizou dentro de nós. Personalidade quer dizer passado. Personalidade significa condicionamento, cultura. Quando uma pessoa tem uma personalidade, sente-se prisioneira dela, deixa de ser livre. Quem tem uma personalidade tem uma armadura para se proteger. Deixa de ter liberdade. É como se transportasse a sua própria prisão, uma prisão muito discreta. Um homem verdadeiro não tem personalidade.

Que quero dizer com isto? Uma pessoa sem personalidade é toda aquela que se libertou do passado. Atuará no momento e de acordo com esse momento. É um ser espontâneo; só assim poderá ser espontâneo. Não precisará de olhar para o seu passado para saber que decisões tomar. Surge uma situação e as pessoas olham para trás — isso é ter personalidade. Está-se a perguntar ao passado: “E agora, o que é que eu faço?” Quando se é totalmente desprovido de personalidade, enfrenta-se uma situação e decide-se logo o que há a fazer. Há espontaneidade e resposta, e não uma mera reação.

O Zen não possui nenhum sistema de crença em nada, inclusive no sexo. O Zen não o menciona. E essa questão deveria ser a principal. O Tantra tem uma atitude em relação ao sexo. E porquê? Porque tenta solucionar o mal que a sociedade causou. O Tantra é medicinal. A sociedade reprimiu o sexo e o Tantra surge como um remédio para restituir o equilíbrio. As pessoas inclinaram-se demasiado para a esquerda. O Tantra ajuda-as a inclinarem-se agora para a direita. E para voltar a adquirir o equilíbrio, é necessário por vezes inclinarmos demasiado para a direita. Nunca reparou num funâmbulo? A vara que tem na mão ajuda-o a manter o equilíbrio. Se sentir que se está a inclinar demasiado para a esquerda, começa imediatamente a inclinar-se para a direita. E quando sente novamente que está demasiado inclinado para a direita, começa a inclinar-se para a esquerda. E é assim que ele se mantém equilibrado. O Tantra é um remédio.

A sociedade criou uma mentalidade repressiva, negativa e infeliz. A sociedade é frontalmente contra o sexo. E por que será a sociedade tão contrária ao sexo? Porque, se se permitir às pessoas gozarem o prazer sexual, não se poderá transformá-las em escravas. É impossível — uma pessoa feliz não se deixará escravizar. E aqui reside o truque. Apenas as pessoas infelizes se podem tornar escravas. Uma pessoa feliz é uma pessoa livre; foi ela própria que adquiriu a sua independência.

Não se podem recrutar soldados felizes para a guerra. Impossível. Por que haveriam eles de ir para a guerra? Contudo, se uma pessoa reprimiu a sua sexualidade, estará pronta para ir para a guerra, estará ansiosa por isso, pois não tem conseguido gozar a sua vida. Tornou-se incapaz de gozar e, por isso, tornou-se igualmente incapaz de criar. Agora, só lhe resta uma coisa — poderá destruir. Todas as suas energias se transformaram num veneno aniquilador.

Essa pessoa está pronta para ir para a guerra — não só pronta, como profundamente desejosa. Quer matar, destruir...

Na realidade, ao destruir seres humanos, sentirá um enorme gozo de penetração. Essa penetração poderia ter-se traduzido num amor maravilhoso. Penetrar o corpo de uma mulher com amor é especial. É espiritual. Mas quando há algo de errado dentro de uma pessoa e ela penetra o corpo de outrem com uma espada, com uma lança, isso é feio, violento e destruidor. No fundo, ela está à procura de um substituto para a penetração.

Se a sociedade permitisse a liberdade total no que diz respeito à alegria, ninguém se transformaria num ser destruidor. Os seres que conseguem amar plenamente nunca são destruidores. E quem consegue amar intensamente e gozar os prazeres da vida também nunca será competitivo. É aí que reside o problema.

É por isso que os povos primitivos não são tão competitivos. Gozam a sua vida. Quem está preocupado em ter uma casa maior? E quem se preocupa com um saldo bancário ainda mais desafogado? Para quê? Se está feliz com a sua mulher e com o seu marido, goze a sua vida! Deseja passar anos, dias e horas a fio sentado a trabalhar, à espera que a sua conta bancária aumente, para depois se reformar e só então gozar a vida? Esse dia nunca virá. Não pode vir, pois você foi asceta durante toda a sua vida.

Lembre-se de que os negociantes são ascetas. Dedicaram toda a sua vida à causa do dinheiro. Um homem que conhece o amor e sente o verdadeiro pulsar do amor e do êxtase não é um homem competitivo. Contentar-se-á com o pão de todos os dias. É esse o significado da oração de Jesus: "O pão-nosso de cada dia nos dai hoje." É mais do que suficiente. Parece que Jesus é tonto. Devia ter dito: "Um saldo bancário melhor nos dai hoje." Ele pede apenas que não falte o pão de todos os dias? Um homem feliz não pede mais do que isso, pois a sua alegria de viver é suficiente.

Apenas os seres não-realizados são competitivos, porque pensam que a vida não é aqui, neste momento, mas está sempre mais além. "Tenho de ir para Deli para ser eleito presidente", ou para a Casa Branca para ser isto ou aquilo... "Tenho de ir, ali é que está a alegria" — porque sabem que aqui não há alegria. Por isso é que andam num constante rodopio. Sempre a correr para parte nenhuma. E o homem que conhece a alegria sabe que ela está aqui, bem entre nós. Por que haveria de ir para Deli? Para quê? Aqui é genuinamente feliz. As suas necessidades são simples. Não tem desejos. Claro que tem necessidades, mas não desejos. As necessidades podem ser concretizadas, os desejos nunca. As necessidades são naturais, os desejos são perversões.

Esta sociedade depende de uma coisa chamada repressão sexual. De outro modo a economia seria destruída, sabotada. Desapareceria a guerra e, com ela,

toda a indústria de armamento. A política deixaria de ter sentido e os políticos não teriam a menor razão de existir. Deixariam de ser importantes. O dinheiro não terá qualquer valor se as pessoas puderem amar. Como não lhes permitem amar, o dinheiro passa a ser o seu substituto, o seu amor. Trata-se, portanto, de uma estratégia muito subtil. O sexo tem de ser reprimido, caso contrário toda esta estrutura social ruirá imediatamente!

Só libertando o amor é que o mundo conhecerá uma revolução. O comunismo falhou, o fascismo e o capitalismo também. Todos os "ismos" falharam porque, intrinsecamente, reprimiram o sexo. Nesse ponto não existe a menor diferença entre Washington e Moscovo, entre Pequim e Deli. Nenhuma diferença possível. Todos concordam numa coisa: o sexo tem de ser controlado, as pessoas não podem aceder à alegria inocente do sexo.

Para restabelecer o equilíbrio, surge o Tantra, que, por ser terapêutico, enfatiza tanto o sexo. As chamadas religiões pregam que o sexo é pecado e o Tantra diz que o sexo é o único fenómeno sagrado. O Tantra é um remédio. O Zen não é remédio nenhum. O Zen representa o patamar quando já desapareceu a doença; e, claro, com a doença, desaparece também o remédio. Uma vez curado da sua doença, não anda por aí com as receitas médicas e com os frascos dos medicamentos. Lança-os para o caixote do lixo.

A sociedade "normal" é contra o sexo. O Tantra surge para ajudar a humanidade, para devolver aos homens e mulheres o verdadeiro significado do sexo. E depois de o sexo ter sido restituído, então surge o Zen. O Zen não tem qualquer atitude. O Zen é a saúde mental no seu estado mais puro.

Wilhelm Reich diz: "Todos os pacientes têm distúrbios genitais. Eles têm de passar a ser saudáveis em termos genitais. Isso significa que temos de descobrir e destruir todas as atitudes patológicas que impedem o estabelecimento da potência orgástica." Como terapeuta a receber terapia, será que esta afirmação é factual e constitui uma base sólida?

Exatamente, precisamente. Um organismo saudável é sempre capaz de atingir os cumes do orgasmo. É orgástico, como se de uma corrente ininterrupta se tratasse.

Quando um homem feliz ri, fá-lo com todo o seu corpo. Não são apenas os lábios e a cara que se riem. Ri-se dos pés à cabeça, como se se tratasse de um só organismo. O seu ser emana torrentes de gargalhadas. Toda a sua bioenergia é percorrida pela gargalhada, como que num bailado. Quando um homem saudável está triste, é porque está mesmo triste. Quando um homem saudável se zanga, então é porque está mesmo zangado. Quando faz amor, está apaixonado. Tão simples como isto. Quando faz amor, está a fazer amor.

Com efeito, dizer que está a fazer amor não me parece certo. Esta expressão é grosseira porque o amor não pode ser feito. Não está a fazer amor — ele é o amor. Não tem senão energia amorosa. É essa energia que dispensa em tudo quanto faz. Se caminha, está a gastar a sua energia que o impele a caminhar, mas ela não faz dele um caminhante. Se estiver a cavar um buraco, está simplesmente a cavar.

Um homem saudável não é uma entidade; é um processo, um processo dinâmico. Ou talvez possamos dizer que um homem saudável não é um nome, mas sim um verbo... não um rio, mas sim um correr de água. Está continuamente a espriar-se em todas as suas dimensões, transbordando-se a si próprio. E toda e qualquer sociedade que o impeça é uma sociedade patológica. Qualquer pessoa que, de algum modo, seja reprimida é uma pessoa patológica, perturbada. Apenas uma parte de si funciona devidamente.

Muitas mulheres não sabem o que é um orgasmo. Muitos homens nunca tiveram um orgasmo total. Muitos atingem apenas um orgasmo localizado, um orgasmo genital, confinado apenas aos órgãos genitais. Apenas um mero gotejar dos órgãos genitais — e acabou! Não é como no ato da verdadeira posse, quando todo o corpo se movimenta como que puxado por um remoinho, e nos sentimos perdidos num abismo. Por alguns instantes, o tempo pára e a mente deixa de funcionar. Por instantes, não sabemos onde estamos. Dá-se um orgasmo total.

O homem é patológico porque a sociedade o manietou de várias maneiras. Não lhe é permitido amar totalmente, não lhe é permitido irar-se. As pessoas não podem ser elas próprias. Impõem-lhes mil e uma limitações.

Se quer verdadeiramente ser saudável, terá de se desinibir totalmente. Terá de se desfazer de tudo o que a sociedade lhe impôs. A sociedade é muito criminosa, mas é a única que temos, por isso, nada podemos fazer por enquanto. Toda a gente tem de utilizar métodos próprios para se libertar desta sociedade patológica, e a melhor maneira é as pessoas tornarem-se tão orgásticas quanto possível.

Se for nadar, nade à vontade, mas num total acordo físico, para que esteja *realmente* a nadar. Ou seja, remeta a ação de nadar para o verbo, de maneira que o substantivo deixe de ter significado. Se correr, então corra. Transforme-se no ato de correr e não no corredor. Nos Jogos Olímpicos há corredores, egos, competidores... gente ambiciosa. Se conseguir simplesmente correr sem o espírito do corredor, essa corrida torna-se um ato zen; torna-se um ato de meditação. Dance, mas não se transforme em dançarino, pois o dançarino começa a manipular e perde a naturalidade. Limite-se a dançar e deixe que a dança o transporte para onde quiser.

Sinta a vida, confie nela e, a pouco e pouco, essa mesma vida destruirá todos as suas inibições e a energia começará a correr por todos os circuitos que lhe foram anteriormente vedados.

Portanto, faça o que fizer, faça-o com esta ideia escondida de que tem de se tornar mais fluido. Se pegar na mão de alguém, aperte-a com força. Está a apertá-la de qualquer modo, por isso, para quê desperdiçar o momento? Aperte-a bem! Que esse gesto não se limite apenas a duas mãos frouxas que se unem, cada uma desejosa de se apartar da outra. Se conversar, deixe que a conserva seja intensa, de contrário irá aborrecer os outros e aborrecer-se a si próprio.

A vida deve ser encarada como paixão, uma paixão vibrante, que pulsa com uma energia imensa. Para fazer coisas vulgares e monótonas, mais vale estar quieto. Não há obrigação de fazermos nada, o que quer que façamos terá de ser em pleno.

Todas as inibições desaparecerão gradualmente e toda a sua vida lhe será devolvida. O seu corpo e a sua mente voltarão a pertencer-lhe. A sociedade atrofiou o corpo e a mente — aniquilou tudo. Deram-lhe várias escolhas; abriram brechas em si e apenas pode ver o mundo através delas. Não está autorizado a vê-lo na sua globalidade.

É a isto que chamo uma mente sã. Uma mente sã é orgástica, extática.

Por que motivo sempre se associou o sexo à raiva, ao ciúme, à crueldade, à ambição, à posse e à violência, e nunca à diversão, à alegria, ao amor, ao jogo, à amizade e a outras coisas excelentes às quais você o associou?

O sexo não tem nada a ver com o ciúme, a raiva ou o sentimento de posse. Porém, a mente humana tem sido condicionada de tal modo pelos interesses estabelecidos que estes exploraram a verdadeira fonte de energia da nossa vida — o sexo —, concretizando assim os seus próprios intentos.

Por exemplo: o homem é naturalmente polígamo — e quando digo “homem” incluo as mulheres. O ser humano é polígamo, no entanto, todas as sociedades o forçaram a ser monógamo. É essa a origem do problema. O problema não deriva do sexo, o problema surge a partir da monogamia.

É natural que um ser humano ligado a uma mulher ou a um homem sinta, ocasionalmente, apetite por outro “prato”. O mesmo homem, o mesmo cheiro; a mesma mulher, a mesma geografia física explorada milhares de vezes. Tem de a continuar a explorar mesmo quando já não há nada para explorar — tudo está desvendado. As pessoas fartam-se. É um ato inteligente; só a inteligência se farta. De vez em quando, é natural que lhe apeteça ter outro homem ou outra mulher.

Se a sociedade fosse governada por gente inteligente — e não por gente que apenas deseja explorar —, que procurasse satisfazer a sua natureza até ao limite possível, o ciúme não existiria. A esposa compreenderia que, de vez em quando, o seu marido precisasse de outra mulher, “exatamente como eu também preciso de outro homem”. E isso é perfeitamente natural. Somos todos seres humanos.

Onde está o mal de mudarmos de parceiro de ténis todos os dias? Há motivo para ciúmes? Claro que não. Trata-se apenas de uma mera partida de ténis — duas energias que se conjugam. E após o surgimento da pílula, os argumentos básicos de todas as religiões deixaram de fazer sentido.

Todas as religiões insistiam que a monogamia deveria existir por causa dos filhos; caso contrário, quem se responsabilizaria por eles? A pílula tornou possível que o sexo deixasse de ser encarado como uma escravatura, pois as crianças deixaram de ser problema. O sexo libertou-se da escravatura da biologia. Daí que lhe diga vezes sem conta que, após a descoberta do fogo, a pílula foi a mais importante revolução, a maior das descobertas.

Quando não há ciúme, não há raiva, e as qualidades de que lhe falo surgirão automaticamente. Uma mulher ou um homem que dão liberdade ao outro são livres de se movimentarem num mundo que esteja em consonância com os seus próprios desejos. Não acha que isso permitirá que a amizade cresça entre duas pessoas? Um homem que conceda liberdade à sua esposa, uma esposa que conceda liberdade ao seu marido, isso implica a existência de uma grande amizade, de uma grande intimidade.

A mulher pode dizer ao marido como era o outro homem. O marido pode descrever à mulher como correram as coisas com a outra mulher. Não precisam de esconder. A amizade torna possível este tipo de proximidade e intimidade. Porém, as sociedades do passado nunca quiseram que isto acontecesse. Queriam que as pessoas vivessem na rotina: unir uma mulher a um homem para sempre é iniciar uma peregrinação em direção ao tédio consumado. Estas pessoas entediadas, sofredoras, não podem revoltar-se. Não podem atingir o clímax da inteligência; o tédio não pára de destruir qualquer espécie de possibilidade.

Por que é que Xantipa se zangava com Sócrates? Por que batia nele? Por que razão despejou sobre a cabeça de Sócrates a água a ferver destinada ao chá da manhã? Metade do seu rosto ficou queimado e negro até ao fim da vida. Qual era o problema?

O problema é que ele estava mais interessado nos seus discípulos. Estava a falar com eles quando esse episódio aconteceu. A sua mulher estava farta de repetir “Vem cá para dentro, o pequeno-almoço está pronto”, mas, para um

homem como Sócrates, a meio de uma conversa altamente intelectual, o pequeno-almoço não é importante.

Ela acabou por perder a paciência e atirou-lhe com a água. Mas Sócrates era um dos maiores homens da História. Limpou a cara e continuou a conversa onde a tinha interrompido. Um dos discípulos disse-lhe: "Não conseguimos compreender. Como pode aturar uma mulher destas?"

E Sócrates respondeu: "Não a aturo. Ela ajudou-me a aprender muitas coisas — a paciência, por exemplo. Estou-lhe grato. Neste instante acaba de me dar outra lição: mesmo que despejem água a ferver sobre nós, temos de manter o sangue-frio. Sem ela, ter-me-ia sido difícil atingir estes conhecimentos." Sócrates nunca se zangava com a sua mulher. Mostrou sempre uma grande tolerância para com ela.

Quando duas pessoas dão liberdade uma à outra, ambas enriquecem a sua experiência. A sua mulher talvez tenha um tesouro escondido que você nunca descobriu. Se o descobrir ao fazer amor com outra mulher, essa outra mulher proporcionou-lhe uma ajuda preciosa. A sua mulher não é exatamente um mapa totalmente explorado: há sempre algo de novo, uma nova passagem, um recanto diferente, um espaço desconhecido. Comece a procurar esse novo espaço que encontrou na outra mulher, pois, tal como o homem, cada mulher é um caso único.

Um homem devia poder estar em contato com tantas mulheres quanto possível. Uma mulher devia poder fazer exatamente o mesmo. Ambos sairão mais enriquecidos desta experiência, desta intimidade e desta amizade: conhecerão os cumes do amor que estavam a faltar na relação.

Contudo, os interesses estabelecidos pela sociedade não querem que as pessoas sejam inteligentes, que se enriqueçam pela experiência, que atinjam o clímax do seu potencial, visto que isso representaria um perigo para ela. Só pode continuar a ser escravo se for pobre de experiência, se for pobre de inteligência. Só pode continuar a ser escravo se persistir em ser um marido que repreende a sua mulher. Sabe perfeitamente que nem sequer a pode controlar. Nunca fará qualquer esforço para se suplantar em qualquer domínio, pois sabe que a sua mulher o pode destruir imediatamente.

E a mulher tem sido prisioneira do lar. Sobre quem descarregará a sua vingança? Quem é o responsável por tudo isto? Só pode ser o marido.

Toda esta situação, tão feia, acontece por nossa culpa.

O meu esforço é ajudá-lo a compreender que o amor não é nenhum objeto. Pensa que a sua mulher se esgota se sair com outro homem durante alguns dias, que, ao regressar a casa, se sentirá vazia, e deixará de haver lugar para o amor. O amor não é nenhum objeto. Na realidade, provar, experimentar um

homem diferente a partir de outros ângulos, poderá dar-lhe a ela igualmente a oportunidade de se conhecer a partir de ângulos diferentes. É natural que ela regresse mais amorosa, porque está agora mais experiente, até é natural que o deixe surpreendido — afinal, não a conhecia assim tão bem!

Sou a favor do enriquecimento da vida em todas suas dimensões. Sou contra a pobreza em todas as dimensões da vida. E todas as pessoas têm sido mantidas numa pobreza psicológica, espiritual, física, para que desse modo alguns se possam tornar presidentes, primeiros-ministros, reis e rainhas. Alguns podem mesmo vir a ser papas. Veja o exemplo do Ayatollah Khomeini... Toda a humanidade é sacrificada em nome de meia dúzia de pessoas!

Gostaria que se revoltasse contra qualquer tentativa de repressão da sua liberdade. Para mim, a liberdade é a experiência fundamental, a mais bela, a mais divina.

Nunca deixe que a sua liberdade seja perturbada. Qualquer que seja o custo, conserve intacta a sua liberdade. Isso fará de si um verdadeiro homem ou uma verdadeira mulher. Atualmente, não passa de uma marioneta, sem nada de genuíno dentro de si; tudo é fictício. E como tudo é irreal, sente-se infeliz.

A realidade liberta-o da infelicidade e traz-lhe um mundo novo e abençoado. É esse o reino para o qual eu gostaria de o encaminhar.

Qual é a relação entre o sexo e a morte?

Já afirmei que o homem teme as duas coisas. Por esse motivo é que são tabus. Ninguém fala do sexo nem da morte.

Mantemo-nos em silêncio em relação a estes dois temas. Há séculos e séculos que permanecemos em silêncio no que diz respeito a eles. São tabus e por isso não devem ser discutidos. Mal os abordamos, sentimos imediatamente algo a estremecer dentro de nós.

Parece haver uma profunda repressão no nosso íntimo. Foi por isso que inventámos palavras de substituição. No Ocidente não se diz "estamos a ter relações sexuais". Diz-se "estamos a fazer amor". É uma expressão substituta. E é falsa, porque o amor tem uma dimensão completamente diferente. Ter sexo é ter sexo; não é fazer amor. O amor pode incluir sexo, mas tem outro tipo de qualidade.

Também nunca falamos abertamente sobre a morte. Se alguém morre, usamos palavras substitutas. Dizemos que o defunto se foi "encontrar com Deus" ou que "foi para o Céu". A morte nunca é encarada de frente.

Criámos muitos fenómenos falsos em torno da morte e do sexo. Se duas pessoas estão prestes a casarem-se, o sexo nem sequer é mencionado. E vão casar-se por causa do sexo! Criámos uma grande ilusão sobre o casamento, mas a realidade nua e crua assenta no sexo. Inventámos um ritual, o grande ritual do casamento, apenas para esconder este facto. E porquê? Por que é que existe um tabu em relação a estas duas questões? Elas são complementares.

O motivo para esta relação é o seguinte:

Primeiro, nascemos a partir do ato sexual; o nascimento é sexo. E o nascimento e a morte são dois polos de um só elemento: no nosso nascimento já está escondida a morte. É por essa razão que o homem se tornou profundamente consciente da relação entre o nascimento e a morte. A morte não pode ocorrer sem sexo, tal como o nascimento não pode acontecer sem sexo.

Pode estar a pensar... Há organismos — as amibas e outras bactérias — que não nascem do sexo mas a partir de um único núcleo. A amiba começa a desenvolver-se e a alimentar-se. A certa altura, atinge uma dimensão tal que o corpo se divide em dois, pois torna-se tão grande que ela deixa de conseguir mexer-se. Até uma certa dimensão, o corpo continua a crescer, e então divide-se em dois. Estes dois corpos prosseguem o seu crescimento até que chega o momento de se dividirem em quatro. Não há sexo envolvido, apenas uma simples divisão. É por isso que a amiba é conhecida por ser imortal. Nunca morre. Se a alimentarem continuamente, a amiba nunca morre. Não há razão para que morra, pois não existe sexo.

O homem só conhecerá a imortalidade quando descobrir todo um novo processo de reprodução. Se um ser humano conseguir nascer sem ser através do sexo, então nunca conhecerá a morte. A morte faz parte do sexo, tal como o nascimento faz parte do sexo.

Também podemos entender esta questão sob outro prisma. Todas as pessoas que tanto têm ficado fascinadas e obcecadas com o conceito de imortalidade, todas essas tradições que, de um modo ou de outro, tentam fazer do homem um ser imortal, têm assumido sempre uma posição frontal contra o sexo; o ioga, em particular o Hatha Ioga, que tem tentado intensamente descobrir métodos para prolongar a vida. É por isso que o Hatha Ioga é contra o sexo. O Hatha Ioga diz que, se quisermos prolongar a vida, não devemos mover-nos em direção ao sexo, pois ele aproxima-nos da morte.

Porém, você já nasceu e, por isso, já está envolvido com o sexo. Quer o reprima ou não, quer o comunique ou não, isso não faz grande diferença. Já se movimentou em direção a um dos lados. O outro será o próximo passo.

Sexo e morte estão igualmente relacionados noutro aspeto. Num ato sexual intenso sente-se uma espécie de morte, como se a pessoa deixasse de existir.

Se se entregar totalmente ao ato sexual, mergulha completamente nesse mesmo ato. A sua entidade individual desaparece e sobrepõe-se a ela uma força ainda maior. O ato sexual começa como um ato voluntário, mas não termina enquanto tal. Chega a um ponto em que o seu mecanismo voluntário é dominado pelo involuntário. Chega uma altura em que o seu consciente é anulado e substituído pelo inconsciente. A dada altura, o ego deixa de existir e a ausência de ego torna-se predominante. Sente-se uma morte súbita do ego; uma pessoa sente que está a morrer.

É por isso que as pessoas muito egoístas não conseguem atingir um orgasmo. Não se entregam totalmente; não permitem que o inconsciente se apodere delas. Permanecem mentalmente conscientes e tentam controlar todo o processo. Assim, não conseguem atingir um orgasmo sexual intenso. Quanto mais civilizado se torna o homem, menos possibilidade existe de ocorrer um orgasmo. Esse instante abençoado em que o ego se perde e a pessoa mergulha na existência é uma espécie de morte: morte do ego, morte do consciente, morte da individualidade.

É por esse motivo que todas as pessoas que receiam o sexo têm medo da morte e vice-versa. O medo quer dizer: "Estou perdido. Como poderei ter a certeza de conseguir regressar?" É incerto. Quem sabe se regressará ou se continuará assim por tempo indeterminado, para depois desaparecer completamente?

O mesmo receio também ocorre durante a meditação. Trata-se igualmente de um orgasmo profundo, em muitos aspetos semelhante ao sexual. Em certa medida, é exatamente idêntico.

A psicologia moderna, em particular a de Jung, conseguiu descobrir um conceito, um conceito tântrico muito antigo. O Tantra diz que todos os homens e mulheres são bissexuais. Um homem não é simplesmente um homem. À sua maneira, é também uma mulher. O mesmo se aplica à mulher. No seu íntimo, esconde-se um homem. Donde, todo o indivíduo, homem ou mulher, é bissexual. O oposto está escondido numa camada mais profunda.

Na meditação profunda dá-se um orgasmo sexual — não com alguém exterior a si, mas com o seu polo interior oposto. É ali que se encontram: o seu lado feminino e o seu lado masculino. Esse encontro é espiritual e não físico. O yin e o yang interpenetram-se. Tornam-se um só, envolvem-se. A meditação é um orgasmo sexual profundo entre os seus dois polos opostos. E por isso dá origem ao mesmo receio.

Se mergulhar profundamente na meditação, um dia, mais tarde ou mais cedo, conseguirá saber que chegou o último momento. Vai ocorrer a morte: agora vou morrer. É tomado pelo medo. Nesse medo, há possibilidade de regresso. Se regressar, perde uma grande oportunidade que surge muito, muito

raramente. Vidas e vidas passam até que aconteça esse momento raro em que se sente um orgasmo profundo dentro de nós. A mulher e o homem que habitam dentro de si encontram-se; os seus polos opostos interpenetram-se, fundindo-se num só. Deparam-se com o momento em que se podem tornar uma só entidade. Contudo, o medo aparece, porque o ego se perdeu. A imagem que fazia de si próprio também se perdeu. Surge um novo ser, em nada relacionado com o antigo. Mas você irá morrer com todo o seu passado. E surge o medo.

Na meditação podemos encontrar a morte, e também podemos encontrá-la no orgasmo sexual. Mas se conseguir encontrar estas mortes, tornar-se-á capaz de encontrar a morte final: a morte do ego. E sem medo. Uma vez que saiba que se pode perder e continuar a existir, que perder é afinal ganhar, que mergulha não na morte, mas sim na vida eterna, então a morte deixará de existir. O seu corpo morrerá, tudo quanto é verdadeiramente seu acabará também por morrer, mas você — o seu verdadeiro ser, a sua própria essência — é eterno.

E isso é bom. Se conseguir experimentar a morte no sexo, o sexo tornar-se-á espiritual, transformar-se-á numa meditação. No momento em que conseguir conhecê-la com o homem ou mulher exterior, com a sua amada ou o seu amado, tornar-se-á fácil mergulhar na meditação e criar o mesmo fenómeno dentro de si.

Também podemos criar esse fenómeno diretamente no nosso interior. Será difícil, mas é possível. Uma vez criado, e depois de vivenciar um encontro e uma comunhão intensa com os seus polos opostos, o sexo exterior desaparecerá. Ele é meramente um substituto do sexo interior. Chamo-lhe sexo interior: trata-se da meditação. Você encontra-se a sós, envolvido num orgasmo profundo com o seu polo oposto.

Sempre que puder sentir a morte, sinta-a. Não a evite. A morte é bela; a morte é o maior dos mistérios, maior do que a própria vida. Através da vida podemos ganhar o mundo, o mundo fútil, inexpressivo, sem valor. Através da morte podemos ganhar o eterno. A morte é a porta.

Sócrates estava a morrer: tinham-no envenenado. O seu rosto tinha uma expressão de êxtase. Os amigos perguntaram-lhe: “Sócrates, vais morrer dentro de momentos. Por que estás com essa expressão tão feliz, de tanta alegria? Nunca vimos ninguém morrer com uma expressão tão calma, com um olhar tão extático. O que se passa? O que está a acontecer contigo?”

Sócrates respondeu: “Estou a entrar na morte, no grande mistério. Perante ela, a vida nada significa. Perante os meus olhos abre-se o desconhecido, o infinito. Estou a partir para uma longa jornada. Estou a perder-me mas a conquistar todo o universo, toda a existência.”

Não receie a morte. O medo da morte impede-o de viver todas as experiências profundas: a do amor, a da meditação e a do êxtase.

Por que será que tantas pessoas se sentem envergonhadas com uma forma de contato físico tão simples como dar um abraço?

Há séculos que o homem tem sido condicionado a virar-se contra o corpo. Todas as religiões dizem que, para sermos espirituais, temos de ser anticorpo. Se queremos alcançar o outro mundo, temos de renunciar a este. E abraçar é uma experiência física muito sensual, de uma enorme importância. No entanto, se um simples toque constitui um tabu, o que havemos de dizer de um abraço?

Os ensinamentos religiosos que as pessoas receberam são tão desumanos que, se fosse possível pô-los de lado e esquecer completamente o passado, veriam um enorme clarão de amor, calor, abraços e carícias, e sentir-se-iam vivas pela primeira vez.

Desde há muito que têm sido feitos muitos esforços para nos sentirmos o menos vivos possível, mais mortos, meros sobreviventes, a arrastar-nos até ao túmulo, à espera da chegada da morte para sermos libertados.

E o seu corpo é um fenómeno muito belo. É você próprio. É o seu círculo e, se negar o círculo, não encontrará o centro. O centro é o seu ser, que não está contra o seu corpo. Ele não pode sobreviver sem o corpo por um só momento: o corpo é o seu alimento.

Em todo o mundo vemos pessoas quase mortas, sonâmbulas, infelizes, padecendo por mil e uma razões, mas tudo se baseia num fenómeno simples: fizeram-nas voltar-se contra o seu próprio corpo. Separaram o centro do círculo, mas para chegar ao centro é preciso passar pelo círculo.

Já deve ter reparado que, no Oriente, as pessoas não se cumprimentam com um aperto de mão. Isso vai contra a espiritualidade, porque é entrar em contato com o corpo da outra pessoa, com o seu calor. No Oriente ninguém se abraça, pois considera-se que abraçar é algo de sexual. Porém, isso não é verdade. É sensual, mas não sexual. E é preciso compreender estas duas palavras com toda a clareza.

Uma pessoa viva é sensual. Isso significa que todos os seus sentidos funcionam em pleno. Ela vê melhor. O contato da sua mão não dá a mesma sensação que apertar um ramo seco de uma árvore. É um contato vivo; é uma linguagem, tem uma mensagem. Ela transmite-nos a sua energia e nós transmitimos a nossa energia a essa pessoa.

O encontro de duas energias é sempre motivo de regozijo, como duas bailarinas a dançar ao mesmo ritmo, dois instrumentalistas a tocar ao mesmo

ritmo, complementando-se. Porém, mesmo no Ocidente, onde as pessoas apertam a mão, também não se dá um encontro de energias. A causa é o Cristianismo. Quando as pessoas apertam a mão a alguém, a energia recolhe-se, em vez de passar para a outra pessoa. O medo da sexualidade, da sensualidade, o medo de se interessar pelo corpo da outra pessoa, tudo é visto como oposto à espiritualidade.

Descobriu-se que olhar para uma mulher durante mais de três segundos é tido por antiespiritual. Três segundos é algo de casual. Se um homem for na rua e aparecer uma mulher, não consegue evitá-lo; passa uma mulher, uma Cleópatra e, bom, três segundos é algo de casual. Mais do que isso e os olhos acariciam o corpo da mulher; uma carícia ligeira, como que por comando à distância. E se olhar para ela durante mais de três segundos, a mulher sentir-se-á ofendida; ele penetrou o seu corpo através do olhar. E as boas maneiras não permitem que volte a fitá-la novamente.

Porém, conhece o significado da palavra "respeito"? Significa voltar a olhar. Respeito não significa apenas honrar, mas também que se ficou encantado. Deriva de "re-spect"¹, olhar repetidamente. Aí, talvez você mude de rumo e resolva ir atrás da mulher.

Numa sociedade mais humana, a mulher não se sentiria ofendida. No fundo, agora também não se sente ofendida. Inclusivamente, depois de séculos e séculos de condicionamentos, o sentimento de ofensa da mulher é superficial. No fundo, fica contente; no fundo, encontra-se a corrente subterrânea da natureza. Não voltar a fitar uma mulher, não devolver um olhar, é um insulto. Não fitar os olhos de um homem ou de uma mulher durante mais de três segundos é uma humilhação. Significa recusar a pessoa, não ser amável para ela.

Abraçar é mais íntimo do que olhar. Se as pessoas se ofendem com um olhar, se, ao apertarem a mão, recolhem a sua energia... Às vezes utiliza-se a expressão "um acolhimento caloroso", embora raramente o seja. Trata-se sempre de um acolhimento frio, pois a energia volta para trás. A mão é fria, não irradia calor. Existem alguns perigos para os religiosos: se a nossa mão estiver quente e a outra pessoa também estiver aberta para dar e receber, as coisas não irão ficar por aí.

Se duas mãos que se tocam envoltas num halo de calor proporcionam tanto prazer, abraçar o corpo inteiro proporcionará muito mais. E fazer amor...? Trata-se apenas de níveis diferentes. Quando duas pessoas se abraçam, estão perto, mas ainda separadas. Quando fazem amor, isso significa que entraram uma na outra.

Os ditos santos, messias e profetas foram todos muito astutos. Não lhe permitiram dar o primeiro passo, pois uma coisa leva a outra e, por fim, tudo acaba num profundo orgasmo sexual.

Por isso, não irá encontrar a mesma qualidade, a mesma intensidade no mundo exterior. Se as pessoas se abraçam, fazem-no por delicadeza, mas mantêm-se distantes como duas estrelas — a milhões de anos-luz de distância. E já reparou no que acontece quando você abraça? Sente-se... não propriamente feliz, mas como se estivesse a cumprir um dever. Tem de abraçar a sua mãe, o seu pai e a sua irmã em algumas circunstâncias, mas mantêm-se todos distantes. O medo do sexo foi programado a um nível tão profundo, que qualquer coisa que possa desembocar no sexo é proibida.

Para mim, para a minha gente, o calor é vida. Ele aumenta quando o partilhamos. Quanto mais o partilhamos, mais ricos ficamos. E o calor de cada indivíduo tem uma qualidade única. Se for suficientemente sensual — e é isso que eu gostaria que fosse —, ao apertar a mão a pessoas diferentes, ficará surpreendido por encontrar diferenças de energia. A qualidade, a força, a intensidade, a fragrância — tudo é único em cada indivíduo. Porém, quando se apertam as mãos com frieza ou quando se abraça um corpo como dois esqueletos que se tivessem encontrado num cemitério, não existe qualquer diferença.

É a vida que proporciona essa qualidade única; a morte destrói-a. Dois cadáveres são exatamente idênticos, mas dois corpos vivos nunca são exatamente idênticos. A existência não acredita em cópias a papel químico. A existência acredita em originais; só cria originais.

Se você for sensual, ficará surpreendido com as riquezas que lhe têm passado ao lado. Até uma bela roupa a roçar o seu corpo lhe proporcionará uma sensação de bem-estar. A roupa não é um ser vivo, mas você está vivo e é sensual. Os seus sentidos funcionam em pleno. Já reparou? Quando usa algumas roupas, sente-se sujo, embora as roupas possam estar limpas. Usa a roupa como os homens de negócios usam os seus fatos cinzentos — sem sentirem nada pelo que trazem vestido. Se não consegue sentir os seres humanos, como poderá sentir as roupas?

Porém, quero dizer-lhe com a minha própria autoridade que, se for suficientemente sensual, até as coisas comuns — as roupas, um refresco, um chá ou um café, o cheiro do café, a fragrância do chá a ferver no bule, o aroma que ele difunde... Sentirá todas estas coisas e elas torná-lo-ão cada vez mais rico, cada vez mais vivo — sem limites. Por mais vivo que possa estar e por mais rico que seja, nunca há limite. Tudo depende do número de programações que estiver disposto a abandonar.

Cristãos, hindus, muçulmanos — as doutrinas religiosas podem ser diversas, mas isso não tem importância. Trata-se meramente de um jogo de palavras, de ginástica local, mas a base é a mesma: torná-lo tão morto quanto possível. Ninguém lhe dirá: “Estamos a matá-lo.” Não, utilizarão belas palavras: renúncia — renúncia ao que é mundano, ao que é profano.

E o mais estranho é que você não tenha conseguido perceber uma coisa simples. Por um lado, dizem-lhe que renuncie ao mundo, ao seu prazer, ao seu calor, ao seu amor, às suas riquezas, para que possa receber no paraíso mais riquezas dessas, o mesmo calor, o mesmo amor e a mesma alegria multiplicados por milhões. Por outro lado, não param de dizer: “Não cobice!”

Não consigo perceber que absurdo lhe ensinaram. E você tem escutado, aprendido, sido programado para este absurdo, a ponto de não conseguir ver uma simples contradição: eles estão a ensiná-lo a cobiçar! Renuncie aqui, para poder obter mais depois da morte.

Excelente! Isto é alguma lotaria espiritual? Não pode ser nenhum negócio. No negócio, é possível obter uma certa percentagem, mas o mesmo multiplicado por um milhão? Assim, é evidente que os cobiçosos são religiosos. E a recompensa dos sacrifícios é imensa. Cristãos, muçulmanos, judeus: estas três religiões acreditam numa só vida. Ora uma vida é muito curta, uns setenta anos. Esses poucos anos não contam na eternidade; passam num instante. Sacrificar setenta anos para conseguir as alegrias da eternidade não é nada. É apenas cobiça.

E não se trata de um fenómeno simples: se estas coisas são pecaminosas, então os seus santos estão a cometer milhões de pecados. Você só comete pecados durante setenta anos, e não continuamente, porque tem de comer, tomar banho, fazer a barba, ganhar a vida, tem de discutir com a sua esposa e com os vizinhos, tem de ir a tribunal, tem de entrar na política, tem de ir às igrejas e às sinagogas. Então, o que resta desses setenta anos? Se lhe sobrem sete horas, já é muito.

Você tem de dormir durante um terço da sua vida: dorme oito horas por noite. E tem de fazer muitas outras coisas. Tem de ver jogos de futebol, tem de ver as Olimpíadas. Tem de ir ao cinema, tem de jogar às cartas. Basta contar, para ficar surpreendido: nem lhe sobram sete horas! Por sete horas de alegria, calor e amor, obtém a eternidade — e que eternidade!

Contaram-me que um dia morreu um mestre, e ao fim de alguns dias um dos seus discípulos também morreu. É possível que não conseguisse viver sem o mestre ou, então, talvez já não tivesse sentido para ele continuar a viver. Arriscara tudo para estar com o mestre. Perdera o prazer de viver e morreu.

Como é evidente, ele estava absolutamente certo de que iria para o paraíso. Não era um homem vulgar. Era o discípulo de um grande mestre. E é evidente que foi

para o paraíso. Quando lá entrou, não queria acreditar: viu o seu velho mestre, à sombra de uma árvore, com Marilyn Monroe sentada no colo. O discípulo fechou os olhos.

Exclamou:

— Meu Deus! O que está a acontecer?

Mas então lembrou-se, aqueles que renunciam ao mundo receberão muito mais no outro, portanto estava tudo bem. Prostrou-se aos pés do mestre e afirmou:

— Grande mestre, acaba de provar aquilo que sempre disse, que aqueles que renunciam neste mundo obterão riquezas infinitas no outro mundo.

Antes que o mestre pudesse falar, Marilyn Monroe exclamou:

— Seu imbecil! Eu não sou a recompensa dele; ele é que é o meu castigo!

As religiões têm-lhe contado histórias. Eu consigo arranjar as minhas — muito melhores. Deram-lhe esperança no outro mundo e tiram-lhe tudo nesta vida e neste mundo. E este é o único mundo que existe; não há outro. Sim, este mundo estende-se até ao infinito, mas é o único que existe. E estes setenta anos de vida são um período de estágio.

Se se deixar cegar pelas religiões e pelos líderes políticos, dando cabo desses setenta anos de alegria, bênçãos, amor, êxtase, uma coisa é absolutamente certa: o paraíso não será para si, pois nem sequer acabará os seus estudos. Ao fim de setenta anos, terá feito um estágio para o inferno! Todas as religiões estão a ensinar a viver no inferno. A sofrer, a torturar-se a jejuar, a ser celibatário, a não fumar, a não beber, a não saborear aquilo que come.

O Hinduísmo tem a insipidez como um dos seus princípios fundamentais. Como podem essas pessoas ensiná-lo a ser sensual? O paladar é um dos nossos sentidos.

Você não pode saborear a comida como eu a saboreio. Posso afirmá-lo, pois em tempos também fui um camelo como você, por isso conheço ambos os tipos de paladar. Quando vejo um pôr-do-sol, você pode estar ao meu lado, mas não o consegue ver; os seus olhos perderam a sensibilidade.

Para compreender a música clássica do Oriente, é preciso ter ouvidos muito sensuais, muito treinados, muito disciplinados; a música é muito subtil. O mesmo acontece em relação aos nossos cinco sentidos.

Cinco sentidos é o número de sentidos aceite em todo o mundo, embora devêssemos alterá-lo, pois existe um sexto sentido escondido nos nossos ouvidos. Contudo, os velhos hábitos costumam a desaparecer. E esse sexto sentido é muito mais importante do que qualquer outro; é por isso que se encontra

escondido atrás dos ouvidos, para que nada o possa perturbar. Trata-se da noção de equilíbrio.

Quando bebemos demasiado, esse sentido é afetado; não conseguimos andar em linha reta, vacilamos. Acima de tudo, não vacile! Quando leva um golpe na cabeça, começa a ver o mundo inteiro a andar à roda e cai no chão. Isso significa que o sentido do equilíbrio foi afetado.

Se os seus seis sentidos estiverem a funcionar, dispostos a serem recetivos, você terá uma bela vida.

Quando digo que sou guru de um homem rico, não quero dizer que Rockefeller, Ford, Morgan e os Kennedys sejam meus discípulos. Quando afirmo que sou guru de um homem rico, refiro-me a verdadeiras riquezas. Os dólares são falsos! Que riqueza há neles? A riqueza adquire-se através dos sentidos.

Torne-se cada vez mais sensual. Cuide do seu corpo, pois ele também toma conta de si. Você não pode pagar ao seu corpo. Ele faz muito por si, mas o que é que você faz por ele? Jejum, celibato, ficar nu ao sol escaldante ou no frio mais gélido. E esses maníacos têm sido adorados ao longo dos séculos como os maiores heróis da humanidade!

Liberte-se desses heróis! Deviam ir todos presos, deviam todos receber tratamento psiquiátrico, pois são pura e simplesmente doidos. Mas essa fila de profetas e messias loucos semeou estranhas ideias na sua mente delicada.

Pode dizer alguma coisa a respeito da sida?

Não é inconcebível para mim dizer algumas coisas a respeito da sida, embora eu não seja médico. Porém, a doença que atualmente designamos por sida não é simplesmente uma doença. Trata-se de algo mais, algo que ultrapassa as limitações dos médicos.

Tal como a encaro, não é uma doença que pertença à mesma categoria que as outras, daí o seu perigo. É possível que ela venha a matar dois terços da humanidade. Trata-se, basicamente, da incapacidade de resistir às doenças. A pouco e pouco, a pessoa vai passando a ficar vulnerável a todo o tipo de infeções e não tem resistência interior para as combater.

Para mim, significa que a humanidade está a perder a vontade de viver.

Sempre que uma pessoa perde a vontade de viver, a sua resistência diminui imediatamente, pois o corpo segue a vontade da mente. O corpo é um servo muito conservador da mente; serve-a de um modo muito religioso. Se a mente perde a vontade de viver, isso refletir-se-á no corpo, através da diminuição da resistência face à doença e à própria morte. É evidente que o médico não se irá

preocupar com a vontade de viver — foi por isso que achei melhor dizer qualquer coisa a este respeito.

A sida irá transformar-se num problema tão grande em todo o mundo que qualquer nova perspectiva constituirá um enorme auxílio.

A vontade de viver está enraizada no sexo. Se a vontade de viver desaparece, o sexo passa a ser a área mais vulnerável da vida a fazer um convite à morte.

Não se esqueça de que não sou médico, e o que afirmo deriva de um ponto de vista completamente diferente do da medicina. No entanto, há muito mais possibilidades de ser verdade aquilo que estou a afirmar do que aquilo que afirmam os chamados investigadores, pois as suas investigações são superficiais. Pensam apenas em casos, reúnem dados e factos.

Não é esse o meu método — não sou um colecionador de dados. O meu trabalho não é de investigação, mas sim de introspeção. Tento ver todos os problemas o mais profundamente possível. Ignoro o superficial, que é a área dos investigadores. O meu trabalho poderá ser designado por investigação interior e não simples investigação.

Tento mergulhar profundamente nos assuntos e vejo claramente que o sexo é o fenómeno mais associado à vontade de viver. Se a vontade de viver esmorece, o sexo torna-se vulnerável; nesta circunstância, não se trata de heterossexualidade ou homossexualidade.

Segundo a minha interpretação, trata-se de uma doença espiritual.

O homem chegou a um ponto onde encontra o fim do caminho.

Voltar atrás é inglório, pois tudo aquilo que ele viu e viveu lhe revela que nada existia; tudo provou ser inglório. Voltar atrás não faz sentido e não há estrada para prosseguir a marcha. À sua frente encontra-se o abismo. Nesta situação, é de esperar que perca o desejo, a vontade de viver.

Está cientificamente provado que, se uma criança não for criada por pessoas que lhe deem amor — a mãe, o pai, outras crianças da família —, mesmo que seja devidamente alimentada, o seu corpo começará a mirrar. Podem dar-lhe tudo o que é vital, incluindo o melhor tratamento médico, mas a criança continuará a mirrar.

Tratar-se-á de uma doença? Sim, para a mentalidade médica tudo é doença; alguma coisa deve estar mal. Continuarão a investigar os factos, a causa do sucedido. Porém, não se trata de uma doença.

A vontade de viver da criança nem sequer se revelou. Ela precisa de amor e ternura, rostos risonhos, outras crianças para dançar, do conforto do corpo da

mãe — de um certo ambiente que a faça sentir que a vida contém imensos tesouros a ser explorados, que existe tanta alegria, dança e brincadeiras; que a vida não é só um deserto, que existem infindáveis possibilidades.

A criança devia conseguir ver estas possibilidades nos olhos das pessoas que a rodeiam, nos corpos à sua volta. Só então poderá surgir a sua vontade de viver — é como se ela fosse ativada por uma mola. Caso contrário, a criança mirrará e morrerá — não com uma doença física, mas pura e simplesmente mirrará e morrerá.

A sida é o fenómeno que se encontra no outro extremo. A criança órfã mirra e morre porque a sua vontade de viver nunca se manifestou, nunca irrompeu, nunca se tornou numa corrente contínua.

A sida situa-se no outro extremo: subitamente, as pessoas apercebem-se de que são órfãos existenciais. Este sentimento existencial de ser órfão faz com que a vontade de viver desapareça. E quando essa vontade desaparece, o sexo é o primeiro a ser afetado, porque a vida começa pelo sexo; é um produto do sexo.

Portanto, enquanto as pessoas estão vivas, palpitantes, esperanças, ambiciosas, e o dia de amanhã permanecer no reino da utopia, podem esquecer que os dias passados foram insignificantes e o dia de hoje também — mas amanhã, quando o Sol nascer, tudo será diferente... Todas as religiões têm dado essa esperança.

Essas religiões falharam. Embora se continue a chamar cristãos, judeus ou hindus, na realidade não passam de etiquetas. A esperança deixou de existir dentro das pessoas, desapareceu. As religiões não podem ajudar; fingem que ajudam. Os políticos também não podem ajudar, aliás nunca fizeram tentações disso. Tratava-se apenas de uma estratégia para o explorar. Mas por quanto tempo mais poderá ajudá-lo esta falsa utopia política e religiosa? Mais tarde ou mais cedo, o homem amadurecerá; e é isso que já está a acontecer.

O homem está a amadurecer, está a tomar consciência de que foi enganado pelos padres, pelos pais, pelos políticos e pelos pedagogos. Foi liminarmente enganado por todos os que o alimentaram de falsas esperanças. Mas no dia em que amadurecer e se aperceber, perderá a vontade de viver. E a primeira ferida será a sua sexualidade. Segundo o meu ponto de vista, é isto a sida.

Para mim, a sida é uma doença existencial. É por esse motivo que os médicos terão muita dificuldade em perceber a sua verdadeira origem. E, quanto a isso, a medicina não será uma grande ajuda: só a meditação poderá ajudar.

Apenas a meditação poderá libertar a sua energia aqui e agora. E então não haverá necessidade de ter esperança, não será preciso sonhar com nenhuma

utopia, com nenhum paraíso situado algures... Cada momento é o próprio paraíso.

Porém, as minhas qualificações não me permitem acrescentar mais nada sobre a sida. Nem sequer tirei um curso de primeiros socorros! Por isso, perdoe-me que aborde uma questão que não é a minha especialidade. No entanto, é coisa que sempre faço e continuarei a fazer².

¹ Em inglês, um dos significados de “*respect*” é, com efeito, “voltar a fitar” ou “devolver o olhar”. (N. da T.)

² Não se deve interpretar pela reflexão acima que a origem da sida seja meramente psicológica. Com efeito, Osho foi um dos primeiros a avaliar os perigos da pandemia da sida detetada em 1984, recomendando nessa época práticas sexuais seguras e, mal se disponibilizaram os meios necessários, as análises universais e regulares para a deteção do vírus da sida. (N. do E.)

PARTE 3

NEM ORIGINAL, NEM PECADO

CAPÍTULO 9



A COMPREENSÃO NA PRÁTICA

É muito fácil apaixonarmo-nos. Por que será tão difícil desapaixonarmo-nos? Tantas discussões, lágrimas, lutas e medos... Não quero magoar a pessoa com quem estive, porque ainda sinto alguma coisa. Estou muito confusa. Pode falar acerca deste assunto?

Haverá alguma coisa a dizer? Acabou tudo!
Apaixonarmo-nos é sempre fácil. Pode-se cair em qualquer buraco; o difícil é sair dele. No entanto, tem de sair. Quando já não existe amor, o buraco torna-se um inferno. Surgem as discussões, as irritações e toda a espécie de maldades de ambas as partes. Ninguém quer magoar o outro; mas, por estarem magoados, sem terem consciência disso, continuam a despejar mutuamente os seus sentimentos feridos.

Em primeiro lugar, deveria ter-me feito esta pergunta antes de se apaixonar, ou melhor, antes de cair na fossa, isto porque eu tenho uma ideia totalmente diferente do ato de se apaixonar¹, a que chamo “ascender no amor”, e que não traz problemas. Ascender no amor é maravilhoso e sair dessa situação é muito fácil, pois significa cair. Cair é fácil, mas guarde isso para o próximo passo; como primeiro passo adote sempre a atitude de se elevar no amor.

Já deu o passo mais simples; agora terá de dar o mais difícil. E surgirão todas essas lágrimas e conflitos, mas nada trará o amor de volta.

É preciso compreender uma coisa muito simples: o amor — o amor de que está a falar — não está nas suas mãos. Você caiu nas mãos dele. Não estava nos seus planos cair, de maneira que, quando isso acontece, a pessoa é

arrastada. Porém, é como uma brisa, vem e volta. E é bom que venha e volte, pois, se ficar, o ar torna-se irrespirável.

É necessário que haja alguma compreensão de ambas as partes, pois, embora o amor já não exista, também não há razão para se odiarem, porque ninguém o destruiu. Nenhuma das partes criou essa situação — chegou como uma brisa e gozaram esses momentos: estejam gratos e ajudem-se mutuamente a sair da fossa. Quando se está numa fossa, essa é a única atitude possível. O homem, para ser verdadeiramente homem, deveria oferecer o seu ombro à mulher para que ela pudesse erguer-se e sair da fossa. E o homem consegue encontrar as suas próprias estratégias para que isso possa acontecer.

Contudo, ninguém me pergunta nada antes de cair. Que estranho! Há trinta e cinco anos que espero o dia em que alguém me pergunte como se apaixonar. Ninguém me faz essa pergunta, porque, se ma fizessem, eu sugeria: “Nunca se apaixone. Tente ascender no amor.” E ascender no amor é algo completamente diferente.

Ascender no amor significa uma aprendizagem, uma mudança, uma maturação. Ascender no amor conduz ao crescimento. E duas pessoas crescidas não discutem; tentam compreender-se e resolver todos os problemas.

Quem ascender no amor não precisa de cair, porque ascender significa fazer um esforço para que o amor se conserve nas suas mãos. Mas apaixonar-se não implica o menor esforço para si.

Apaixonar-se quer dizer que, algures, esse amor se vai desintegrar, e quanto mais cedo se aperceber de que ele terminou, melhor: caso contrário, envolve-se demasiado em mil e um problemas. É por estas razões que a separação se torna difícil.

Ao apaixonar-se, nunca levanta qualquer espécie de dúvidas. Sente-se limpo e o mesmo acontece com a outra pessoa. Quando querem separar-se, os dias, as noites e os anos que passaram juntos, em que se amaram e experimentaram um dos tesouros mais preciosos da natureza, tornam-se confusos.

Continua a trocar promessas; não que esteja a mentir ou a enganar; nesses instantes maravilhosos, essas promessas parecem sair diretamente do seu coração. Mas esses instantes deixarão de existir, pois trata-se de uma queda, e ninguém deseja permanecer eternamente caído. Algum dia terá de se levantar. E no momento em que o casal se tenta separar, todas essas cumplicidades e promessas mútuas originam um problema complexo.

Ascender no amor é algo de espiritual.

Apaixonar-se é algo de biológico.

A biologia é cega, por isso se diz que o amor é cego. Mas o amor de que lhe falo é a única visão interior disponível a todos. Basta um pequeno esforço...

O amor deveria emanar do seu silêncio, da sua consciência e da sua meditação. É suave, libertador — pois como poderá amar uma pessoa se a algema? É dar liberdade ao outro, cada dia mais e mais. Enquanto o amor vai crescendo em profundidade, a liberdade vai aumentando. À medida que o amor se enraíza mais fortemente, vamos começando a aceitar o outro tal como ele é. Deixamos de o querer modificar.

Uma das desgraças do mundo é que os amantes estão constantemente a querer mudar o parceiro. Não se apercebem de que, se a pessoa se modificar, o amor desaparecerá, pois afinal não se apaixonaram pela pessoa transformada. Apaixonaram-se pela pessoa que não estava impregnada pelas suas ideias — “muda isto, muda aquilo...”

Ao ascender no amor, tomamos consciência de que o outro tem um território pessoal, intransponível.

Se o amor se transformar em liberdade, então não existirá razão para uma separação. A ideia de separação surge porque as pessoas constatarem que a pouco e pouco se foram transformando em escravos, e ninguém gosta de viver em escravatura.

Porém, só me faz esta pergunta quando já está na fossa e não consegue sair dela. Uma coisa é certa: não serei eu a tirá-los de lá! Ambos terão de conseguir. Se eu descesse à fossa para dar uma ajuda, vocês saíam e quem ficava lá era eu! E não conheço ninguém a quem possa perguntar: “E agora como é que saio daqui?”

Devo dizer que nunca aceitei nenhum conselho que não tenha pedido. Já tenho dito: “Têm de compreender que o conselho é a única coisa que as pessoas dão de graça e ninguém aceita.” Porque me hei-de incomodar? É pouco sensato dar um conselho a alguém que não o pediu. Um homem sensato nunca impõe as suas ideias a ninguém. Se alguém pedir, deve limitar-se a dar a sua opinião. Não é um mandamento. Não se deve dizer a ninguém que “tem” de fazer algo ou que “deve” fazer o que quer que seja.

Só poderei dizer-lhe uma coisa: trocaram entre vocês vários momentos maravilhosos; estejam gratos por isso. A separação não deve ser desagradável quando, afinal de contas, o encontro foi tão agradável.

Deve à vida que a separação seja feita de um modo elegante. Esqueça todas as promessas — eram sinceras na altura certa, mas os tempos mudaram e vocês também. Ambos se encontram numa encruzilhada, prontos a partir em direções diferentes; talvez nunca mais voltem a encontrar-se. Tornem a despedida o mais

elegante possível. E uma vez assimilado o que realmente aconteceu, com ou sem dignidade, é preferível que a despedida seja agradável.

Pelo menos, o seu amante viverá na sua memória, assim como você viverá na dele. De certo modo, os momentos que passaram juntos enriquecer-vos-ão para sempre. Mas despeçam-se com elegância...

Isso não é difícil quando se compreende o amor, esse fenómeno complexo. A paixão veio num segundo e terá de compreender que ela também desaparece num segundo. Aceitem esta verdade, não se censurem mutuamente, porque ninguém teve culpa. Auxiliem-se mutuamente de uma maneira agradável; separem-se com um profundo sentimento de amizade mútua.

Quando se separam, os amantes tornam-se inimigos. Estranha forma de gratidão! Deveriam ficar amigos. E se o amor se transforma em amizade, não há lugar para os ressentimentos, o sentimento de culpa, o sentimento de que fizeram batota ou exploraram. Ninguém explorou ninguém; foi apenas a energia biológica que vos cegou.

O amor que prego é diferente. Não acaba na amizade, mas começa a partir dela. Começa no silêncio, na consciência. É um amor fruto da sua própria criação e que não é cego.

Esse amor pode durar eternamente, portanto continue a crescer cada vez mais profundamente.

Esse amor é extremamente sensível. Neste tipo de relação, começamos a sentir a necessidade da outra pessoa mesmo antes de ela abrir a boca. Conheci apenas alguns casais — e a minha relação com casais é vasta —, apenas dois ou três que não se apaixonaram, mas que ascenderam no amor. E o facto mais miraculoso é que eles começaram a sentir o que o outro sentia sem o auxílio de quaisquer palavras. Se o homem estava com sede, a mulher servia-lhe imediatamente um copo de água. Nada fora dito, era apenas um sincronismo. Se o ente amado está com sede, ela começa também a sentir sede. É uma transferência ininterrupta que não exige palavras. As energias podem correlacionar-se diretamente sem linguagem.

Um amor deste tipo não exige nada entre dois seres. Torna-se gratificante que o outro receba algo que lhe é oferecido. Nunca existe o sentimento de escravidão, porque, na realidade, ela pura e simplesmente não existe.

Numa relação deste género, o sexo pode acontecer ocasionalmente, pode ser que não aconteça durante uns meses e pode desaparecer completamente. Neste contexto, o sexo deixou de ser sexual, para se tornar apenas uma via para uma comunhão mútua e muito profunda, um esforço para atingir as profundezas de cada um. Não tem nada a ver com reprodução biológica.

E uma vez que exista um entendimento mútuo em tudo o que as duas pessoas fizerem, compreenderão que no sexo só se dá o encontro entre os seus corpos e, aí, o sexo vai desaparecendo a pouco e pouco. Inicia-se outra espécie de encontro, melhor dizendo, uma fusão de energias. Estarem de mãos dadas, sentarem-se juntos a admirar as estrelas — isso é muito mais do que qualquer orgasmo sexual lhes poderá oferecer. São duas energias que se fundem numa só.

O orgasmo sexual é físico, básico. Não lhe chame amor. Amor é uma palavra tão bela! Quando fala em “apaixonar-se”, está a usar uma expressão desadequada. Diga antes “ter relações sexuais” — seja sincero. No amor estamos sempre a crescer, nunca a decrescer.

Mas primeiro tem de sair da fossa. Ajudem-se um ao outro. A biologia não vos socorrerá. Sejam humanos. Descubram o momento em que o amor deixou de ser cego e deixou de existir. Os vossos olhos abriram-se. Não tente enganar o outro dizendo que ainda o ama, que ainda sente algo — o que fazer? Este tipo de hipocrisia não o levará a lado nenhum. Diga apenas: “O sentimento deixou de existir. Estou triste e lamento, gostaria que ele continuasse cá dentro, mas partiu. E sei que te aconteceu o mesmo.” Quando perceberem que o sentimento desapareceu, podem ajudar-se como seres humanos, para ambos saírem da fossa.

Se isso acontecer, constatará que não haverá qualquer problema. Porém, em vez de se ajudarem, cada um quer acabar mas não deixa o outro sair da fossa. Continuam os dois a empurrar-se mutuamente. Tentem compreender. A razão para isto é o medo, pois o velho amor deixou de existir e o novo ainda não chegou. Não poderá chegar se permanecerem na fossa, terão de sair dela primeiro. É o medo do desconhecido. O passado foi tão bonito e gostariam de o reviver. É por isso que ambos tentam forçar a situação. No entanto, isso está fora do vosso alcance.

Um amor forçado não é amor. Se tiver de beijar uma pessoa apontando-lhe a espada e dizendo-lhe “Beija-me”, que tipo de beijo será esse? Essa pessoa pode beijar enquanto olha para a espada, mas não será um beijo genuíno. Todo o amor forçado, qualquer que seja o motivo, não é um amor verdadeiro. E ambos sabem que isso não é amor, pois já o viveram no passado. Por isso, podem comparar facilmente e saber que não é a mesma coisa. Ajudem-se mutuamente a sair da fossa — é tão fácil ajudarem-se e despedirem-se com elegância. Para a próxima vez, tentem não cair, mas sim ascender. Não permitam que a biologia vos domine. Deverá ser a vossa consciência a dominar os acontecimentos.

O ciúme parece constituir um grande problema nos relacionamentos — no meu e no da maioria das pessoas à minha volta. Pode falar mais acerca do ciúme e da sua origem?

O ciúme não é um sentimento primário. É secundário. É um aspeto secundário do sexo.

Sempre que sente necessidade sexual, desperta em si o fator sexual; sempre que se sente sexualmente atraído e relacionado com alguém, surge o ciúme, porque não está enamorado. Se estiver apaixonado, o ciúme nunca o afetará.

Tente perceber toda a problemática. Sempre que se sente sexualmente envolvido, sente igualmente medo, pois o sexo não é uma verdadeira relação, mas sim uma exploração. Se está ligado sexualmente a uma mulher ou a um homem, receia que essa mulher ou esse homem lhe escape a favor de outrem. Não existe uma relação verdadeira, mas sim uma exploração mútua. Exploram-se mutuamente, mas não se amam, e sabem disso. Daí o medo.

Este medo transforma-se em ciúme. Assim, não permitirá ao outro certas coisas, estará sempre alerta; tomará todas as medidas de segurança para que o homem não olhe para aquela mulher, e vice-versa. Até o olhar se pode tornar um sinal de perigo. Este homem não pode conversar com outra mulher, pois o simples facto de estar a conversar... fá-la sentir que ele a pode vir a abandonar. Por isso, você fecha todos os caminhos que possam levar esse homem a outra mulher ou que possam levar essa mulher a outro homem; fechará todas as estradas e todas as portas.

Porém, eis que surge um problema. Quando todas as portas estão fechadas, o homem ou mulher morre, transforma-se num prisioneiro, num escravo, e é óbvio que não se pode amar uma coisa sem vida própria. Não se poderá amar alguém que não é livre, porque o amor só é maravilhoso quando lhe é concedida a liberdade, quando não se exige nem se força nada.

Primeiro, tomam-se medidas de segurança, e a pessoa fica inerte, transforma-se num objeto. Um ser amado pode ser uma pessoa, mas uma esposa não passa de um objeto e o marido transforma-se num objeto a ser guardado, possuído e controlado. Porém, quanto mais se controla mais se está a matar, porque se perdeu a liberdade. E a outra pessoa poderá continuar a estar presente por outras razões, mas não por amor, pois como se pode amar uma pessoa que nos possui? Ela passa a surgir aos nossos olhos como um inimigo.

O sexo dá origem ao ciúme, mas isso é um fator secundário. Portanto, não se trata de uma questão de como evitar o ciúme; você não o pode evitar, visto

que não pode evitar o sexo. A questão está em como transformar o sexo em amor, para que o ciúme desapareça.

Se amar uma pessoa, esse amor em si já é uma garantia, uma segurança. Se amar uma pessoa, sabe que ela não quererá mais ninguém. E se for embora, vai embora; você não pode fazer nada. Que poderá fazer? Pode matá-la, mas de que lhe serve um cadáver?

Quando amar uma pessoa, deve confiar que ela não irá ter com mais ninguém. Se for, é porque não existe amor, e aí não há nada a fazer. O amor traz consigo este tipo de compreensão. Não existe ciúme.

Se o ciúme existir, então fique sabendo que não existe amor. Está apenas a jogar um jogo, está a esconder o sexo por trás do amor. O amor não passa de uma palavra vã, cuja realidade é o sexo.

Na Índia, existe um ciúme tremendo, porque o amor não é permitido — os casamentos são negociados. Um marido está sempre com medo. Sabe que nunca amou verdadeiramente e o mesmo acontece à mulher, ambos sabem que tudo se resumiu a um acordo estabelecido por terceiros. Os pais negociaram, os astrólogos previram, a sociedade concertou; o futuro casal nem sequer teve direito a uma palavra. Em muitos casos, nunca se encontraram, nunca se viram. Portanto, existe o medo. A esposa tem medo, o marido tem medo, e ambos se espiam mutuamente. Todas as possibilidades estão perdidas.

Como é possível cultivar o amor convivendo com o medo? Podem viver juntos, mas viver juntos pode significar apenas tolerarem-se um ao outro, em suma, aguentarem uma situação. É uma questão meramente utilitária e, à conta dela, poderão sobreviver, mas não há possibilidade de êxtase. Não poderão celebrá-lo, não será uma festa, mas sim um pesado fardo a carregar.

Portanto, o marido está morto antes de morrer, e o mesmo se aplica à esposa. São duas pessoas mortas vingando-se uma da outra, já que cada uma pensa que foi a outra que a matou. Vingança, ira, ciúme — torna-se tudo tão desagradável!

Porém, no Ocidente está a acontecer um fenómeno diferente, perfeitamente idêntico, embora situado no outro extremo. Aboliu-se o casamento arranjado por terceiros, e isso é bom, não vale a pena manter essa instituição; só que, ao aboli-la, o amor não surgiu, apenas se libertou o sexo. E quando o sexo se liberta há que recluir, pois trata-se sempre de algo temporário. Passa esta noite com uma rapariga, amanhã ela dorme com outro e depois de amanhã segue-se ainda outro. Só numa determinada noite é que é sua.

Como pode tudo isto tornar-se íntimo e profundo? Trata-se apenas de encontros superficiais. Não poderão penetrar-se verdadeiramente, pois a penetração requer um tempo específico, profundidade, intimidade, viver em

comunhão, estarem juntos. É necessário um bom período de tempo para que exista profundidade — ela só pode surgir após longas conversas...

Trata-se apenas de um conhecimento ou talvez nem isso — no Ocidente, você pode conhecer uma mulher no comboio, fazer amor com ela e, à meia-noite, separar-se dela numa estação qualquer. Ela nem se importa se algum dia o voltará a ver. Talvez nem lhe tenha perguntado o seu nome.

Se o sexo se tornar uma coisa assim tão trivial — apenas uma questão física em que as superfícies se encontram para depois se separarem —, isso significa que a sua profundidade fica intacta. Falta-lhe qualquer coisa — algo de sublime, de muito misterioso, pois só poderá ter consciência da sua profundidade depois de alguém a tocar. Apenas nos tornamos conscientes do nosso íntimo através do outro; só numa relação profunda é que o amor do outro ecoa em nós e traz profundidade à nossa existência. Só por intermédio do outro é que nos descobrimos.

Há duas vias para a descoberta. Uma é a meditação — sem a presença do outro, procuramos a profundidade; a outra é o amor — na companhia do outro, procuramos essa profundidade. Esse outro passa a ser a raiz para nos alcançarmos a nós próprios. O outro cria um círculo, e os dois amantes ajudam-se mutuamente. Quanto mais profundo for o amor, mais profundamente livres se sentem; os sentimentos mais íntimos são revelados. Mas não há ciúme. O amor não pode ser ciumento; isso é impossível. O amor baseia-se sempre na confiança mútua, e se acontecer alguma coisa que faça quebrar a sua confiança, terá de aceitar; nada pode fazer, pois o que quer que faça só irá destruir o outro.

A confiança não pode ser forçada; o ciúme tenta forçá-la. O ciúme tenta, faz com que você tente tudo para que essa confiança seja mantida. Esteja lá a confiança ou não esteja, não há muito que você possa fazer. Se estiver, aposte na relação. Se não estiver, a separação será a melhor atitude a tomar.

Mas não brigue por causa disso, porque estará a perder o seu tempo, a sua vida. Se realmente ama alguém e a sua profundidade toca a do seu par — ou seja, se os seres se encontram —, então está tudo bem, ótimo; se isso não está a acontecer, separem-se. Mas não crie nenhuma luta ou conflito, porque isso não pode ser alcançado através da disputa. Estará a perder o seu tempo — não apenas tempo: a sua capacidade sairá igualmente lesada. Poderá dar-se o caso de começar um caso com outra pessoa e repetir o mesmo esquema.

Se não houver confiança, é melhor separarem-se — e quanto mais cedo, melhor —, para que não se autodestruam, não saiam feridos, de maneira que a vossa capacidade de amar permaneça fresca e possam amar outra vez. Não é este o local, não é este o homem, não é esta a mulher. Despeçam-se, mas não se destruam mutuamente.

A vida é muito curta e as capacidades humanas são muito delicadas. Podem ser destruídas e, uma vez lesadas, não há possibilidade de as restaurar.

Contaram-me que, um dia, Winston Churchill foi convidado a falar num pequeno clube de amigos. Todos sabiam que Churchill gostava muito de beber e abusava frequentemente do álcool. O presidente do clube, ao apresentá-lo, afirmou:

— Sir Winston Churchill já bebeu tanto vinho que, se o entornássemos nesta sala, morreríamos todos afogados.

Era uma sala enorme, mas ele estava apenas a brincar.

Winston Churchill continuou de pé, fixou o olhar numa linha imaginária, olhou para o teto — que era bem alto —, entristeceu-se e disse:

— Ainda há tanta coisa por fazer e resta-nos tão pouco tempo.

No que diz respeito ao amor, há tanto por fazer pelas pessoas e tão pouco tempo para ver a tarefa cumprida. Não desperdice a sua energia em brigas, no ciúme e nos conflitos; siga em frente e faça-o de uma forma amistosa.

Procure noutro sítio a pessoa que o irá amar. Não se prenda a alguém que seja errado para si. Não se zangue, não vale a pena, e tente não forçar a confiança: ninguém a pode forçar, isso nunca acontece. Perderá a sua oportunidade, desperdiçará a sua energia e só terá consciência disso quando não puder fazer mais nada. Siga em frente. Ou confia ou parte para outra.

O amor confia sempre ou, então, chega à conclusão de que a confiança não é possível e parte de uma maneira agradável; sem lutas nem conflitos. O sexo cria o ciúme; encontre, descubra o amor. Não faça do sexo a questão principal — porque não o é.

A Índia perdeu essa possibilidade com os casamentos de conveniência; o Ocidente está a perdê-la devido ao "amor livre".

A Índia perdeu a possibilidade de amar, porque os pais eram muito calculistas e manipuladores. Não permitiam que os seus filhos conhecessem o amor: isso é perigoso, ninguém sabe no que vai resultar. Foram muito espertos e, devido a essa esperteza, a Índia desperdiçou a sua possibilidade de amar.

No Ocidente, as pessoas estão todas muito revoltadas, são demasiado jovens; não são espertas — são demasiado jovens e acriançadas. Tornaram o sexo uma coisa livre, disponível em todos os cantos e esquinas; não há necessidade de ir muito longe para descobrir o amor, basta gozá-lo e terminar num instante seguinte.

Através do sexo, o Ocidente está a perder-se; através do casamento, perdeu-se o Oriente. Mas, se estiver alerta, não precisa de ser oriental ou ocidental. O amor não é oriental nem ocidental.

Continue a descobrir o amor no seu íntimo. E se amar, mais tarde ou mais cedo encontrará a pessoa certa, porque um coração cheio de amor acaba sempre por encontrar outro coração cheio de amor — isso nunca deixa de acontecer. Encontrará a pessoa certa. Mas se for ciumento, não a encontrará. Se andar apenas atrás de sexo e de segurança, não a encontrará.

O amor é um trilho perigoso, destinado apenas aos corajosos. E digo-lhe: é idêntico à meditação — é apenas para os corajosos. Há duas maneiras de alcançar o divino: através do amor ou da meditação. Descubra qual é o seu caminho, qual será o seu destino.

O que quer dizer quando afirma “medite sobre isso”? Pedia que explicasse a frase no contexto do meu problema de ciúmes.

Quando afirmo “medite sobre isso”, não quero dizer que pense em determinado assunto, que se concentre nele, que o contemple. Quando digo “medite sobre isso”, quero dizer observe, testemunhe. Qualquer que seja o problema — raiva, sexualidade, ciúme, ânsia, ego —, o remédio é sempre o mesmo.

Se sofre de ciúme, observe como ele nasce dentro de si, como ele o domina, como o envolve, como o confunde, como o tenta manipular. Como o arrasta para caminhos por onde nunca quis passar, como finalmente gera dentro de si uma enorme frustração, como destrói a sua energia, dissipando-a e deixando-o deprimido e frustrado. Limite-se a observar toda a situação.

E lembre-se de não condenar, pois se o fizer começará a pensar. Não estou a dizer que condene. Veja apenas o ato em si, sem condenação, sem avaliações, sem qualquer tipo de julgamentos contra ou a favor. Observe, distancie-se, como se não tivesse nada a ver com o caso. Seja muito científico na sua observação.

Uma das contribuições científicas mais importantes para o mundo é a observação não judicatória. Quando um cientista está a experimentar, fá-lo sem qualquer julgamento à partida, sem qualquer conclusão premeditada. Se tiver já alguma conclusão na cabeça, quer dizer que não é um cientista; a sua conclusão influenciará a experiência.

Um homem escreveu um livro sobre o facto de, nos Estados Unidos da América, as pessoas serem muito supersticiosas e ficarem aterradas com o número treze. Nos hotéis, não há nenhum quarto número treze. Após o doze vem o catorze, pois ninguém quer ficar no quarto número treze. Nem sequer há o décimo terceiro andar

— *falta o décimo terceiro andar! Depois do décimo segundo, vem o décimo quarto, porque quem quer ficar no décimo terceiro?*

Esse homem escreveu o tal livro, no qual apresenta milhares de exemplos — não se trata de uma superstição, é a pura verdade. Compilou informações sobre todas as pessoas que se suicidaram no dia treze. Claro que milhões de pessoas se suicidam tanto no dia treze como no dia catorze ou no dia doze, mas ele concentra-se apenas no número treze. E muita gente se suicida do décimo terceiro andar e no quarto número treze. E acontecem muitas coisas — no mundo, estão sempre a acontecer coisas. Este homem trouxe-me a sua tese para eu ler e eu disse-lhe:

— *Em boa verdade, fez um trabalho espantoso!*

Respondeu-me:

— *Trabalho nele há quase cinco anos.*

Reunira milhões de factos!

Ele perguntou-me:

— *Agora quem poderá afirmar que é superstição?*

Então eu respondi-lhe:

— *Faça uma coisa que vai demorar mais cinco anos. Por que não tenta investigar sobre o número doze?*

Ele já tinha tirado a sua conclusão; o número treze dava azar, havia algo de errado com esse algarismo. E escreveu o livro a partir dessa conclusão.

Acrescentei:

— *Faça mais uma coisa. Depois de ter acabado o número doze, perca mais cinco anos a pesquisar quantas coisas boas acontecem com o número treze. Quarto número treze, décimo terceiro andar do hotel, o décimo terceiro dia de cada mês — descubra as coisas boas que acontecem com o treze. Só depois é que a sua conclusão terá algum valor científico, pois partiu para esta sua investigação com ideias preconcebidas.*

A priori, as conclusões tornam-nos crentes e não cientistas.

Quando digo “medite sobre isso”, quero apenas dizer que observe. Seja cientista no seu mundo interior. Deixe que a sua mente seja o laboratório e observe sem qualquer condenação. Lembre-se disto. Não diga “o ciúme é mau”. Quem sabe? Não diga “a raiva é má”. Quem sabe? Sim, ouviu dizer isso, mas o que os outros dizem não é a sua experiência. E tem de ser muito existencial, muito experimental: a menos que a sua experiência o prove, não poderá dizer sim ou não ao que quer que seja. Tem de ser fundamentalmente não judicatório.

Só então é que observar o ciúme, a raiva ou o sexo se torna um verdadeiro milagre.

O que acontece quando observa sem fazer qualquer tipo de julgamento? Começa a ver através das coisas. O ciúme torna-se transparente; vê a sua falta de nexos, vê o seu despropósito. Não pode é decidir à partida que era estúpido; se já o tiver decidido, perderá todo o sentido da questão. Repare que não estou a dizer que decidir é estúpido, que é patético. Se decidir, perde o verdadeiro sentido da questão.

Limite-se a não tomar nenhuma decisão, veja apenas o que é exatamente. Qual a razão deste ciúme? O que é esta energia chamada ciúme? E observe, tal como observa uma rosa — olhe para o seu interior. Quando não há conclusão formada, os seus olhos estão límpidos; a claridade é atingida apenas por aqueles que não têm conclusões. Observe, perscrute, deixe que tudo se torne transparente, e *conhecerá* a estupidez do facto. E ao conhecer a estupidez do facto, a questão morre de velha. Nem precisa de se preocupar mais com ela.

A Sra. Weissman mandou pintar o seu retrato. Quando ficou terminado, o artista mostrou-lho.

— Gosta? — perguntou ele.

— Está bonito — respondeu a Sra. Weissman —, mas gostaria que acrescentasse uma pulseira de ouro em cada pulso, um colar de pérolas, anéis de rubis, uma tiara de esmeraldas e, em cada dedo, um anel de diamantes de vinte carates!

— Mas — disse o pintor, admirado —, por que deseja estragar um bom quadro com essa quinquilharia toda?

— É que o meu marido anda com uma rapariga mais nova — explicou a Sra. Weissman — e, quando eu morrer, quero que ela dê em doida à procura das jóias.

Repare só no que é o ciúme e verá como ele enlouquece as pessoas! O remédio está em reparar nele! Basta apenas observá-lo para a sanidade chegar.

Não estou a dizer que renuncie ao ciúme. Os que dizem que renunciaram ao ciúme não percebem nada do assunto. Estou apenas a dizer: olhe, observe, medite, e se ele não tiver razão de existir, desaparecerá, porque como poderá carregar consigo algo tão disparatado? Porém, é a partir desse disparate que iniciará a sua experiência. Se não for sua, então só estará a reprimir e acabará por condenar. Não se deu ao trabalho de olhar para dentro. Atirou a questão para a cave do seu inconsciente, e ela fica aí a fermentar e a crescer. E esse crescimento é mais perigoso por ser um crescimento subterrâneo. Tornar-se-á canceroso, espalhar-se-á por toda a sua existência. E resta-lhe esperar por uma oportunidade: mais tarde ou mais cedo, explodirá! Um dia, acabará por explodir, destruindo-o.

Paddy e os seus dois amigos, um inglês e um escocês, foram condenados a cinco anos de prisão, mas informaram-nos de que podiam levar com eles uma coisa de que realmente gostassem. O inglês levou uma loura espampanante, o escocês levou garrafas de uísque e Paddy decidiu-se por maços e maços de tabaco. Foram libertados ao fim de cinco anos, um de cada vez. O inglês saiu com a loura, com um aspeto completamente acabado, o escocês saiu aos tropeções e aos soluços. Por fim, saiu Paddy, com um ar muito frustrado. E sabe quais foram as suas primeiras palavras?

— Alguém tem lume?

Por que sinto medo quando alguém se aproxima de mim?

De um modo geral, todos sentimos medo. É por essa razão que as pessoas não permitem que os outros se aproximem demasiado delas; é por isso que as pessoas evitam o amor. Por vezes continuam a evitá-lo em nome desse mesmo amor. A presença do outro é consentida apenas à distância. É assim que surge o medo.

O que é esse medo? Temos medo de que o outro possa ver o nosso vazio se se aproximar demasiado. Isso não tem nada a ver com o outro. Você nunca foi capaz de aceitar a sua vacuidade interior — é esse o seu medo. Você construiu uma fachada muito elaborada: tem um rosto muito bonito, um belo sorriso e fala muito bem, muito articuladamente, canta bem, tem um belo corpo e uma personalidade fantástica.

No entanto, tudo isto é superficial. Por trás desses atributos, existe apenas o vácuo. Tem medo de que alguém se aproxime demasiado e seja capaz de ver para além da sua máscara, para além do seu sorriso, seja capaz de ler para além das suas palavras. E isso assusta-o. E sabe que não existe mais nada. Você é apenas uma fachada, não tem qualquer profundidade, daí o medo.

Você pode tê-la, mas ainda não deu o primeiro passo. O primeiro passo é aceitar essa vacuidade interior com alegria e tentar conhecê-la. Não evite a sua vacuidade interior. Se a evitar, evitará as pessoas que querem aproximar-se de si. Se aceitar plenamente a sua vacuidade, estará completamente aberto e convidará as pessoas a aproximarem-se e olharem para o seu santuário interior. Uma vez aceite, essa vacuidade adquire uma certa qualidade; rejeitada, adquire outra. A diferença está na sua cabeça. Se a rejeitar, parece-se com a morte; se a aceitar, torna-se a própria essência da vida.

Apenas através da meditação você será capaz de consentir a aproximação dos outros. Só através da meditação, quando começar a sentir esse vazio como uma alegria, como uma celebração, quando a sua vacuidade interior deixar de o amedrontar e aterrar, quando se tornar um alívio, um abrigo, um refúgio, um

descanso — sempre que se sentir cansado e mergulhar nessa vacuidade interior e desaparecer dentro dela —, quando começar a amar a sua vacuidade interior e dela nascer alegria, então milhares de flores de lótus florescerão nessa vacuidade. Flutuarão no lago da vacuidade.

Porém, tem tanto medo de se sentir vazio, que nem sequer repara nela. Faz todos os esforços para a evitar. Se ouvir rádio, for ao cinema, vir televisão, ler o jornal, um romance policial — qualquer coisa —, continuará a evitar a sua vacuidade interior. Quando se cansa, adormece e sonha, mas nunca a conseguirá enfrentar, nunca permitirá que ela se aproxime, que o abrace. É essa a razão.

Pergunta-me: “Por que sinto medo quando alguém se aproxima de mim?” Esta pergunta significa que refletiu. Toda a gente sente medo quando alguém se aproxima muito, mas poucas pessoas têm consciência disso.

A proximidade não é bem-vinda. As pessoas permitem essa proximidade muito condicionalmente — como se trata da sua mulher, consente que durma ao seu lado, que passe a noite consigo. Mas, mesmo assim, conservam uma parede invisível entre vocês. A parede é invisível, mas está lá. Se a quiser ver, observe-a e encontrá-la-á — é uma parede transparente, de vidro, mas está lá. Continua fechado em si próprio e a sua mulher também. As vossas privacidades nunca se encontram. Tem os seus segredos, ela também. Na realidade, não estão abertos e disponíveis um para o outro.

Mesmo no amor, não permite que o outro se aproxime intimamente, não consente que o outro o penetre. E lembre-se de que, se consentir que o outro o penetre, isso é uma grande bênção. Quando os corpos de dois amantes se interpenetram, há um orgasmo físico; quando duas mentes se interpenetram, há um orgasmo psicológico; quando dois espíritos se interpenetram, cada um deles tem um orgasmo espiritual.

Certamente nunca terá ouvido falar dos outros dois. Mesmo o primeiro é uma raridade. Muito poucas pessoas conseguem atingir o verdadeiro orgasmo físico. Parece que se esqueceram deste facto. Pensam que a ejaculação é o orgasmo. Por isso é que muitos homens acreditam que têm um orgasmo e, como as mulheres não ejaculam, pelo menos à vista desarmada, oitenta por cento das mulheres pensam que não tiveram um orgasmo. Mas a ejaculação não é um orgasmo. É uma descarga local, uma descarga sexual — e não um orgasmo. Uma descarga é um fenómeno negativo — as pessoas limitam-se apenas a perder energia —, mas um orgasmo é uma coisa totalmente diferente. É uma dança de energia e não uma descarga. É uma fase extática da energia. A energia transforma-se numa corrente que percorre todo o corpo; não é sexual, mas física. Todas as células e fibras do seu corpo vibram com uma alegria nova. É algo de rejuvenescedor, a que se segue uma enorme sensação de paz.

Contudo, as pessoas nem sequer sabem o que é um orgasmo físico, portanto, o que dizer sobre o orgasmo psicológico? Quando permite que alguém se aproxime muito — um amigo, um amante, um filho, um pai, um mestre, não interessa que tipo de relacionamento —, quando isso acontece ao ponto de deixar a sua mente começar a vibrar, a penetrar, acontece qualquer coisa que transcende tanto o orgasmo físico que quase se pode traduzir por um salto. O orgasmo físico foi muito bom, embora não seja nada em comparação com o psicológico. Quando atingir um orgasmo psicológico, o orgasmo físico perderá gradualmente o seu interesse. Trata-se de um substituto muito pobre.

Porém, mesmo o orgasmo psicológico não tem comparação com o espiritual, quando dois espíritos — ao dizer “espíritos”, refiro-me a dois seres ao nível zero — se sobrepõem. Lembre-se de que dois corpos podem apenas tocar-se; não podem sobrepor-se, porque são físicos. Como poderão dois corpos situar-se no mesmo espaço? É impossível. O máximo que conseguem obter é um toque íntimo. Dois corpos conseguem apenas tocar-se; mesmo no amor sexual, limitam-se ao toque. A penetração é muito superficial, não é mais do que um toque — porque dois objetos físicos não podem existir no mesmo espaço. Se eu estiver sentado nesta cadeira, ninguém se poderá sentar no mesmo sítio. Se uma pedra estiver num determinado sítio, não conseguirão pôr mais nada nesse mesmo sítio. O espaço está ocupado.

Os objetos físicos ocupam espaço, por isso, dois objetos físicos podem apenas tocar-se — eis a miséria do amor. Se conhecer unicamente o amor físico, viverá sempre em estado de desgraça, pois limita-se a tocar o outro e a ser tocado, quando afinal o desejo profundo era tornarem-se um só. E dois objetos físicos não se podem transformar num só. Isso não é possível.

Uma maior comunhão ocorre entre duas psiques. Conseguem aproximar-se mais. Mas, mesmo nesse caso, dois pensamentos não podem ocupar o mesmo espaço, já que são elementos muito subtis. Podem tocar-se melhor, fundir-se melhor do que dois objetos... Os objetos são muito sólidos. Os pensamentos são líquidos. Quando dois corpos se encontram, é como se duas pedras se juntassem; quando duas psiques se encontram, é como se a água se unisse ao azeite. Sim, é um encontro melhor, mas continua a existir uma divisão subtil.

Dois pensamentos não podem ocupar o mesmo espaço. Quando se está a pensar numa coisa, não há lugar para pensar noutra — o primeiro pensamento terá de esgotar o seu tempo, e só depois a pessoa poderá ocupar-se com o segundo. Na sua mente, apenas pode existir um pensamento de cada vez. Daí eu poder afirmar que até a amizade, a amizade psicológica, tem lacunas. Falta-lhe qualquer coisa. É melhor do que a primeira, mas não se compara em nada com a terceira.

A penetração espiritual é a única possibilidade de estarmos verdadeiramente com alguém — porque o espírito significa vacuidade. Duas

vacuidades podem coexistir. E porquê duas? TODAS as vacuidades do mundo podem estar juntas num só espaço. Podem ocupar o mesmo espaço simultaneamente, que não há problema — pois não são sólidas como os objetos, nem líquidas como a água ou como os pensamentos. Estão pura e simplesmente desprovidas de si mesmas. Podem convocar a quantidade de vacuidades que bem entenderem.

Quando começar a sentir a sua vacuidade — alegremente, lembre-se —, então será capaz de permitir aos outros que se aproximem de si. Não só será capaz de o permitir, como também de os saudar vivamente, de os convidar — porque para alguém poder vir ao seu encontro, você também poderá ir ao encontro dessa pessoa. Não há outra maneira.

É um bom indício que me tenha perguntado por que razão tem medo das pessoas quando se aproximam de si. Está a tornar-se consciente da sua vacuidade. Deixe que essa sensação aumente, que se torne uma grande experiência. Mergulhe nessa vacuidade e, em breve, ficará surpreendido ao reparar que essa vacuidade é o mesmo que a meditação, a vacuidade daquilo a que chamo de divino. Então, transformar-se-á num templo, aberto a todos os estranhos que desejem entrar nele.

Por que razão gostam as mulheres de atrair os homens, embora se sintam melindradas com os desejos sexuais deles?

Trata-se de uma estratégia política. As mulheres gostam de atrair porque isso lhes confere poder; quanto mais atraentes, mais poderosas se sentem. E quem não quer sentir poder? Durante toda a sua vida, as pessoas lutam pelo poder.

Por que deseja ter dinheiro? Porque isso dá poder. Por que é que alguém deseja ser primeiro-ministro ou presidente de um país? Porque isso dá poder. Por que se quer respeito e prestígio? Porque isso dá poder. Por que se deseja ser santo? Porque isso dá poder.

As pessoas procuram o poder de várias formas. Não deixámos às mulheres outras hipóteses de aspirarem ao poder. Resta-lhes uma arma: o corpo. É por isso que estão continuamente interessadas em ser cada vez mais atraentes. Já reparou que a mulher moderna não faz muita questão de parecer tão atraente? Porquê? Porque entrou noutra tipo de política de luta pelo poder.

A mulher dos dias de hoje está a libertar-se de uma escravatura ancestral. Nas universidades, para obter um curso, lutará contra o homem, competirá no mercado de trabalho, competirá na política. Não precisa de se preocupar demasiado em parecer atraente.

O homem nunca se preocupou em parecer atraente. Porquê? Isso foi deixado para as mulheres, pois tratava-se da única fonte através da qual poderiam obter algum poder. Para os homens, existiam muitas outras fontes de poder, além de que parecerem atraentes era um tanto efeminado, amarelado mesmo. Essa preocupação é considerada estritamente feminina.

Porém, nem sempre foi assim. Em épocas remotas, as mulheres eram tão livres *como* os homens. Os homens tinham interesse em parecer tão atraentes como as mulheres. Olhe para o retrato de Krishna, com belos fatos de seda, com uma flauta, toda a espécie de ornamentos, brincos e uma linda coroa feita de penas de pavão. Olhe para ele! É tão belo!

Houve épocas em que homens e mulheres se sentiam absolutamente livres de fazer o que quer que fosse. Surgiu então uma Era, longa e tenebrosa, em que as mulheres foram reprimidas. Isso aconteceu devido aos padres e aos supostos santos. Estes santos sempre temeram a mulher, porque ela parecia ser muito poderosa — a mulher parecia ser tão poderosa, que podia destruir a santidade de um homem em poucos minutos.

É banal afirmar-se que uma mãe passa vinte e cinco anos a tentar fazer do seu filho um homem sensato, para aparecer uma mulher que, em dois minutos, o transforma num tonto. É por essa razão que as mães nunca conseguirão perdoar às suas noras. Nunca! A pobre criatura passou vinte e cinco anos a dar inteligência a um homem e, em dois minutos, tudo se desvanece! Como poderá ela perdoar-lhe?

Foi por causa dos ditos santos que as mulheres foram condenadas. Eles tinham medo delas. Uma vez reprimidas, todas as suas fontes de competição lhes foram retiradas. Restava-lhes apenas uma coisa: o corpo.

Pergunta-me: "Por que razão gostam as mulheres de atrair os homens?" É por isso, porque é o seu único poder. E quem não anseia por poder? Só percebendo que o poder traz consigo apenas desgraça, destruição e violência, só entendendo interiormente esse facto é que a sede por poder desaparece — quem não gosta de ter poder?

E pergunta-me por que motivo é que, se elas querem atrair os homens, se sentem melindradas com os desejos sexuais deles? Pelo mesmo motivo. A mulher mantém-se poderosa enquanto se transforma em cenoura e o homem no seu coelho. Ora está disponível, ora indisponível, ora próxima, ora muito distante. Só então é que ela sente o poder nas suas próprias mãos. Se se atirar imediatamente para o colo do homem, o poder dela desvanece-se. E depois de você ter explorado a sua sexualidade, depois de a ter usado, ela tem os dias contados, deixa de ter poder sobre si. Daí que o atraia sempre com um ar desprendido. Atrai-o, provoca-o, sedu-lo, e quando você acha que a conquista está ganha, ela pura e simplesmente diz-lhe que não!

Trata-se de uma lógica simples. Se ela disser que sim, você reduzi-la-á a uma máquina, ou seja, limitar-se-á a usá-la. E ninguém gosta de ser usado. É o revés da mesma política do poder. Ter poder significa ter capacidade de usar o outro. Quando alguém nos utiliza, o nosso poder desaparece, e ficamos reduzidos à mera impotência.

Ora nenhuma mulher gosta de ser usada. E é precisamente isso que os homens fazem desde tempos imemoriais. O amor transformou-se em algo de desagradável. Deveria ser a grande glória, mas não o é — porque o homem tem vindo a usar a mulher, ela ressentindo-se disso, resistindo instintivamente. Não quer ser reduzida a um simples objeto.

É por isso que você vê os maridos a abanarem a cauda em torno das suas mulheres enquanto elas assumem a atitude de estarem a dominar a situação, ou seja, de parecerem mais fortes do que eles e de fingirem desinteresse por uma coisa tão feia como sexo. Contudo, têm tanto interesse como os maridos, mas o problema é que elas não podem mostrar muito interesse, caso contrário o homem retira-lhes imediatamente o poder e começa a usá-las.

Portanto, estão interessadas em tudo o resto, em manterem-se atraentes para si, recusando-o depois. Esse é o gozo do poder. Manobrará-lo como se fosse uma marioneta para depois lhe dizer não, reduzindo-o assim à impotência total. Se você abanar a cauda como um cão, a sua mulher ficará feliz.

Trata-se de uma situação pouco agradável e que não deveria acontecer, pois o amor ficou reduzido aos estratagemas do poder. É preciso alterar isto. Temos de criar uma nova humanidade, um mundo novo, em que o amor não seja uma questão de poder. Pelo menos, salve o amor das políticas do poder. Guarde-as para o dinheiro, mas retire o amor desse estratagema.

O amor é extremamente valioso; não o transforme em mercadoria. No entanto, é isso que tem acontecido.

O recruta acaba de chegar a um destacamento da Legião Estrangeira no deserto e pergunta ao sargento como é que os outros homens se divertem.

O sargento sorri sabiamente e responde:

— Já vai ver.

O jovem sente-se confuso.

— Bem, há mais de cem homens neste destacamento e não vejo uma única mulher.

— Já vai ver — repetiu o sargento.

Nessa noite, chegaram trezentos camelos ao curral. A um aceno, os homens pareceram entrar em transe. Saltaram para dentro do curral e fizeram amor com os camelos.

O recruta viu o sargento passar apressadamente por ele e agarrou-o pelo braço.

— Já estou a ver o que você queria dizer, mas não compreendo — afirmou. — Devem ser trezentos camelos para menos de cem homens.

Porquê esta pressa toda? Não podem ir com calma?

— O quê?! — exclamou o sargento, abismado. — E se calha um camelo feio?

Ninguém deseja que lhe calhe um ser feio, mesmo que se trate de um camelo. Assim, quem quer uma mulher feia? A mulher tenta, por todos os modos, ser bonita — ou, pelo menos, parecer bonita. Uma vez aprisionado pelos seus encantos, ela começará a escapar-lhe, porque isso faz parte do jogo. Se for você a escapar-lhe, ela aproximar-se-á de si, começará a segui-lo. A partir do momento em que você começar a segui-la, ela começará a evitá-lo. É o jogo! Isto não é amor: é desumano. Porém, é o que acontece nos nossos dias, a exemplo do que acontecia no passado.

Tenha cuidado! Todos nós possuímos uma enorme dignidade, e ninguém pode ser reduzido a um mero objeto, a uma coisa. Respeite os homens, respeite as mulheres — todos eles são obra de Deus.

E ponha de lado a velha ideia de que é o homem a fazer amor com a mulher. Isso é um grande disparate. Parece que o homem é o doador e a mulher apenas o recetáculo. Mesmo na linguagem corrente, é o homem que faz amor, é o homem o parceiro ativo; a mulher limita-se a ser um recetáculo passivo. Isso não é verdade. Ambos estão a fazer amor, ambos são doadores, ambos são agentes participativos, a mulher à sua maneira. A recetividade é o seu modo de participar, mas ela participa tanto como o homem.

E não pense que está a fazer algo pela mulher — ela também está a retribuir. Ambos estão empenhados em fazer uma coisa imensamente importante. Estão a oferecer-se entre si; estão a partilhar energias. Estão ambos a oferecer-se no templo do amor, no templo do deus do amor. É o deus do amor que os possui. Trata-se de um momento sagrado. Ambos pisam solo sagrado. Esta atitude terá como resultado um comportamento totalmente diferente por parte das pessoas.

É bom ser-se bonito. É menos bonito *parecer-se* bonito. É bom ser-se atraente, mas é feio tentar ser atraente. Essa tentativa é apenas uma dissimulação. E as pessoas são naturalmente bonitas! Não são precisas estratégias. Todo o estratégia é feio. Torna-o ainda mais feio. A beleza reside na simplicidade, na inocência, na naturalidade e na espontaneidade. E

quando somos bonitos, não devemos utilizar essa beleza como arma política de poder. Isso é profanação, é sacrilégio.

A beleza é uma dádiva da natureza. Partilhe-a, mas não a use para dominar ou possuir alguém.

O meu marido ama-me a tal ponto que nunca pensou noutra mulher na sua vida, e vivemos juntos há quase vinte e cinco anos. Eu própria não acredito, mas é a verdade. O que tem a dizer sobre isto?

Também não acredito!

Era uma vez um homem que se chamava Inacreditável. Casou-se com uma mulher muito simpática e os dois formavam um casal feliz.

Um dia, o senhor Inacreditável ficou tão doente que pressentiu a chegada da morte. Chamou a mulher e disse-lhe:

— Querida, passei toda a vida a ser chamado por esse nome tão idiota. Agora que estou a morrer, por favor promete-me uma coisa: não mandes gravar o meu nome na minha lápide. Podes optar por uma frase ou uma fotografia, o que quer que seja, mas não pelo meu nome. Não quero levá-lo para a eternidade.

A mulher concordou. Quando ele morreu, mandou gravar uma frase na sua lápide, onde se podia ler:

— Aqui jaz um marido fiel que nunca traiu a sua mulher.

A partir desse dia, as pessoas passavam pela campa, liam a lápide e exclamavam:

— É inacreditável!

Ou o seu marido já morreu ou então é louco — ou talvez você tenha encontrado um Buda! Mas o que é que um tipo como Buda anda a fazer consigo?

Numa colónia balnear, duas amigas estão a conversar.

— Claro que todas estas raparigas quase nuas são uma tentação constante para os nossos maridos... — diz uma.

— Talvez — responde a outra —, mas eu tenho plena confiança no meu. Está loucamente apaixonado por mim.

— Ah! — exclama a primeira. — E de vez em quando ele tem momentos de lucidez?

Se um homem ama uma mulher, está destinado a amar outras pessoas; se uma mulher ama um homem, também ela está destinada a amar muitas outras pessoas, pois o amor não pode ser limitado a uma só pessoa. Se ele existe na

realidade, não pode ser limitado; se afinal não existe mesmo, então esqueçamos o assunto.

Amar é como respirar. Se uma pessoa lhe disser “Só respiro quando estou ao teu lado e quando não estou deixo de respirar”, será melhor não confiar nela. Como poderá confiar? Essa pessoa morrerá certamente, caso não esteja ao pé de si. O amor é a respiração da nossa alma.

Contudo, foi isso que fizemos: passámos séculos a condicionar as pessoas com estas ideias estúpidas e criámos tanta desgraça neste mundo, tanto ciúme, tanto sentimento de posse e tanto ódio, sem qualquer razão aparente. Condicionámo-las com esta ideia estúpida de que o amor só pode existir entre duas pessoas, exclusivamente a dois: se for verdadeiro é a dois, caso contrário é uma falsidade. É no oposto que se encontra a verdade. Se for apenas a dois, não pode ser verdadeiro. É falso, é uma imitação, não passa de uma ilusão. As pessoas limitam-se a fingir e não estão a ser verdadeiras com elas próprias — não só com elas próprias, mas também com os outros.

Se um homem estiver interessado na beleza, como pode deixar de admirar mulheres belas e não se interessar por elas? A única maneira consiste em aniquilar radicalmente o seu interesse pela beleza, anulando para sempre o próprio interesse pela sua mulher. Foi o que aconteceu: devido a esta ideia tão idiota de que o amor tem de ser única e exclusivamente a dois, o amor desapareceu da face da terra. A única maneira possível de sobreviver é o marido não amar a sua mulher. Aniquilará o seu próprio instinto de amor, reprimirá a ideia da própria beleza, esquecerá que ela existe no mundo. Assim sendo, lembre-se de que ele não poderá amar sequer a própria esposa! Fingirá, continuará a representar, tomará atitudes sem qualquer satisfação. Se dissermos a uma mulher “Tens de amar apenas o teu marido e não podes interessar-te por mais ninguém”, é fatal que ela perca o interesse por ele.

É por essa razão que marido e mulher perdem o interesse um pelo outro. Discutem constantemente e estão permanentemente à procura de motivo para nova discussão. O verdadeiro fenómeno consiste no facto de as suas energias amorosas serem impedidas de florescer; porém, esqueceram-se desse facto, pois o condicionamento é muito antigo. Os seus pais foram condicionados de igual forma, bem como os seus antepassados; é algo que vem dos tempos de Adão e Eva. Passou a fazer parte integrante das nossas vidas, quase parte do nosso sangue, ossos e medula, e quase nem tomamos consciência disso; está enraizado no nosso inconsciente.

Assim, maridos e mulheres estão constantemente zangados uns com os outros — umas vezes mais, outras vezes menos, e encontram sempre desculpas para estarem zangados. E estão tristes. Claro que estão tristes, claro que estão zangados, apenas por esta razão, que afinal é tão simples. Todas as outras

desculpas são falsas. Não estou a dizer que as falseiam conscientemente. O que acontece é que não tomam consciência do fenómeno em si.

A verdade nua e crua é que o homem que se interessa pela beleza continuará a interessar-se por outras mulheres; a mulher que se interessa pela beleza continuará a interessar-se por muitos outros homens. Talvez esteja mais interessada numa só pessoa — é possível —, talvez esteja tão interessada numa só pessoa que gostasse de viver com ela, mas isso não significa que o seu interesse por outras desapareça; esse interesse permanecerá. No entanto, se for dar um passeio matinal com o seu marido e ele lhe disser “Repara naquela mulher. É bem gira!”, isso dará imediatamente origem a uma discussão. Ele não pode dizer tal coisa! Mas não há nada de errado nisso; na realidade, devia ficar feliz pelo facto de sentir que o seu marido ainda está vivo e são, que os seus pneus ainda não se esvaziaram! Devia sentir-se feliz por o seu marido ser divertido, jovem, por os seus olhos ainda poderem admirar a beleza, por ainda ser sensível a tudo o que é belo. Não há razão para sentir ciúmes.

Porém, o marido não pode dizer isso; fingirá, aliás, nem sequer ter reparado na mulher. No entanto, *olhou* e continua a olhar — talvez use óculos escuros apenas por esse motivo. Acabará por encontrar pretextos para olhar para a mulher: é natural que comece por falar sobre uma árvore bonita ao pé dela. Contudo, o que lhe interessa não é a árvore, mas sim a mulher que está sentada por baixo dela! E a mulher apercebe-se imediatamente do motivo por que ele se interessou pela árvore; de outro modo, nunca se interessaria por ela.

A mulher não pode dizer ao marido: “Este homem é tão atraente!” O marido sente-se ofendido, o seu ego fica ferido. Toda a gente acha: “Ninguém é mais bonito do que eu.” Todos sabemos que isso é um enorme disparate. Cada um de nós é único, isso é verdade, mas cada um de nós possui características pessoais que nos tornam diferentes de todas as outras pessoas. É possível que um homem tenha uns olhos mais bonitos do que os seus; você tem um nariz bonito, o dele é feio, mas quanto aos olhos? Embora você tenha um rosto bonito, o corpo bem proporcionado do outro homem não será mais atraente?

As pessoas deviam ser mais inteligentes e saber apreciar; deviam ajudar os outros a apreciar. Deviam dizer umas para as outras: “Tens razão. Aquela mulher é bonita, aquele homem é bonito.” Não há mal nenhum nisso. Não é isso que vai destruir o vosso amor. Apenas o estimulará e reforçará. Comunicar com tanta autenticidade é sempre uma maneira de alimentar o amor. Sempre que começamos a fingir, sempre que nos sentimos coagidos a fingir, sempre que somos forçados a dizer algo que não queremos e não nos é permitido dizer o que desejamos, o amor começa a desaparecer, cria-se uma distância.

Sendo assim, por favor, ajude o seu marido a ressuscitar, a voltar a viver, ajude-o a ser outra vez saudável, a voltar a ser sensível. Você deve ter contribuído muito para esta monotonia. Isso não é bom, não é saudável. É uma

situação patológica. Se ele diz que nunca pensou noutra mulher na vida, então lembre-se bem de que também é mulher — nada mais, nada menos! Ao tornar-se esposa, não deixa de ser mulher. E se ele deixou de se interessar por outras mulheres — e há mulheres belas por todo o lado —, isso quer dizer que você também já não lhe diz nada; que acabou tudo consigo, ou, possivelmente, talvez tenha sido você a forçá-lo a acabar tudo consigo.

Por isso é que afirma: “Eu própria não acredito, mas é a verdade.” Não consegue acreditar, pois deve estar a pensar noutros homens — assim sendo, como poderia acreditar? Se continua a pensar noutros homens, como poderá acreditar que o seu marido não esteja a pensar noutras mulheres?

Com efeito, sempre que um homem e uma mulher, particularmente marido e mulher, fazem amor, nunca estão duas, mas sempre quatro pessoas na cama. Ele está a pensar noutra mulher qualquer e ela noutro homem. A mulher está a pensar em Mohamed Ali e ele na Sophia Loren, e assim as coisas correm bem!

É sempre bom o marido e a mulher não fazerem amor durante o dia e, mesmo à noite, é melhor apagarem as luzes, para darem asas à imaginação; assim, podem pensar em quem quiserem. Na realidade, não há basicamente grande diferença. Corpos diferentes, pequenas diferenças nos chapéus, etc., mas basicamente não há grande diferença. Quando se chega ao âmago, é tudo igual — e quando está a fazer amor com uma mulher ou com um homem tem de ir ao âmago, pois embateu num muro; a partir daí, já não há mais caminho. E é isso que faz com que a natureza seja generosa. Quanto aos aspetos fundamentais, ela é muito comunista, não existem grandes diferenças. Todas as diferenças são superficiais.

Mas não há mal nenhum em nos sentirmos interessados. Ajude-o — ele precisa da sua ajuda, pois a minha própria experiência com milhares de casais diz-me que é sempre a mulher que destrói o homem. O homem finge ser o dono, mas não é. E a mulher está tão intimamente segura do seu domínio sobre ele, que o deixa falar da sua supremacia, mas, no fundo, isso não a preocupa nada. Elas afirmam: “Podes dizê-lo. Está tudo bem: podes dizê-lo, dou-te essa liberdade, mas quem manda sou eu.”

Um dia fui visitar Mulla Nasruddin. Encontrei-o debaixo da cama.

Perguntei-lhe:

— Nasruddin, o que se passa? Por que estás sentado debaixo da cama?

Ele respondeu:

— E por que não? Sou o dono da casa, posso sentar-me onde quiser!

Então chegou a mulher dele, que exclamou:

— Seu covarde! Sai debaixo da cama e eu mostro-te quem é que manda aqui!

Ele respondeu:

— Ninguém me pode obrigar a sair! Sou o dono, por isso, posso sentar-me onde quiser!

Como a mulher era muito gorda, não conseguia ir abaixo da cama, e então perguntei-lhe:

— O que quer fazer agora?

E ela respondeu:

— Já vai ver! O almoço está quase pronto e ele vai ter de sair de onde está! Debaixo da cama, bem pode continuar a falar em supremacia. Em cima da cama, quem manda sou eu!

Ajude o seu pobre marido. Deve tê-lo destruído. Sem querer, claro; inconscientemente. A estratégia feminina é muito subtil. Ressuscite-o, traga-o de volta do seu caixão. E só então é que ele se interessará por si e lhe agradecerá.

Todos os casais devem ter em mente que, ao formarem um par, não se tornam escravos um do outro, mas sim companheiros, amigos. E não considerem a vossa união como garantida; ela não tem nada a ver com o sentimento de posse. Homens ou mulheres não são objetos a possuir, são pessoas; têm de ser respeitados enquanto tal. Não são meios para atingir quaisquer fins. Os maridos usam as mulheres como meios, as mulheres usam os maridos de igual forma, e é por isso que o mundo inteiro se nos afigura tão desagradável e demente, com toda a gente de semblante infeliz.

Não é preciso que haja tanta infelicidade — noventa e nove por cento dela é obra nossa. O restante um por cento tem a ver com as limitações do corpo. O corpo envelhece, pode adoecer, algum dia terá de morrer, mas trata-se apenas de um por cento. E se noventa e nove por cento da desgraça pode desaparecer, esse um por cento pode ser aceite, e aceite-o de um modo alegre; isso não é problema.

No outro dia falou em homossexualidade e fez-nos rir perante a ideia de todos os homens andarem na rua de braço dado a tratarem-se por “querido”. Claro que dar uma gargalhada é bom, mas por vezes isso tem um toque de troça. Sendo homossexual, senti-me um tanto embaraçado. Seria possível, por favor, falar sobre o modo como os homossexuais, os negros, os judeus ou qualquer outra minoria poderão enfrentar esse tipo de troça?

Você não é o único homossexual aqui presente. Estão aqui muitos homossexuais, tanto homens como mulheres. Este é um mundo em miniatura.

Tenho à minha frente todo o tipo de pessoas; no meu jardim crescem todo o tipo de flores e plantas. É mais uma floresta do que um jardim. E aceito tudo — até plantas selvagens. Todos são bem-vindos.

Por que será que só você se sentiu incomodado? Estão aqui muitos homossexuais famosos. Na realidade, nem sabia que você era um deles! Por que se sentiu perturbado? Por que razão ninguém mais se sentiu ofendido? Essas pessoas aprenderam a aceitar — porque isso é a base do meu ensinamento! Aceite-se tal como é. Nada de condenações, julgamentos ou avaliações. É homossexual, e daí? Divirta-se! Foi a existência que o fez assim. É esse o modo que Deus tem de se expressar através de si. E desde os tempos de Sócrates que existem homossexuais ilustres.

Se ler a longa história da homossexualidade, ficará surpreendido: os homossexuais foram muito melhores do que os heterossexuais. Com efeito, poetas talentosíssimos, pintores, músicos, artistas — todos eles tinham uma tendência homossexual. Há uma explicação para isso, e é preciso compreender uma coisa — porquê artistas, pintores e poetas? Porque são pessoas criativas, nunca estão satisfeitos com as coisas tal como as encontram; tentam fazer coisas novas.

A heterossexualidade é um fenómeno natural; trata-se de um dado meramente adquirido. As pessoas criativas começam a experimentar as maneiras de comunicar; são imaginativas. Apaixonarmo-nos vezes sem conta por uma mulher ou por um homem parece rotineiro. Apetece tentar novas experiências. Este tipo de pessoas é que inventou a homossexualidade. São os inventores.

E alguns foram um pouco mais longe: tornaram-se bissexuais. Porém, os bissexuais acham que os homossexuais estão em desvantagem. O bissexual é mais versátil — pode adaptar-se a uma mulher ou a um homem. Tem muito mais possibilidades de fazer amor. Nunca passará fome; poderá encontrar sempre uma amante ou um amante.

No seu íntimo, você deve sentir-se culpado; foi por isso que se ofendeu. De outro modo, ter-se-ia rido e divertido com a anedota. E, na realidade, não sou o responsável por aquelas palavras. Adivinhe quem foi? Acho que não consegue. Foi o Papa!

O Papa foi visitar a Terra Santa. No último dia, foi ao Monte do Calvário e rezou. Desceu a colina com um ar santificado e solene, com o incensório fumegante a balançar entre as mãos. Um homossexual que o observava à distância aproximou-se dele, puxou-lhe delicadamente a manga e disse: “Querida, a sua malinha está a arder.”

Essa ideia surgiu-me por causa do próprio Papa! Mas, por favor, não se ofenda. Não sou contra ninguém, seja um negro, um judeu ou um homossexual. Não estou contra ninguém, toda a minha mensagem se resume à aceitação total.

Não fui eu que inventei estas anedotas: são os meus amigos que mas enviam. Portanto, se tiverem algumas anedotas sobre heterossexuais, mandem-mas, por favor! Quaisquer que sejam, uso-as sempre.

Por vezes, algumas mulheres escrevem-me cartas a dizer: "As suas anedotas são sempre contra as mulheres." Que posso eu fazer? Enviem-me anedotas contra os homens! Não tenho interesse nenhum em inventar anedotas — as pessoas estão sempre a enviar-mas. Enviem-me todo o tipo de anedotas e eu usá-las-ei.

Porém, esse sentimento de culpa não é nada bom. No seu íntimo, você acha que está a fazer algo de errado — é por isso que se sente ferido. Dentro de si há uma ferida; pode tê-la disfarçado, mas ela continua lá. E, se me compreende, destape essa ferida. Só quando a destapar é que ela pode ser curada. Deixe que o sol e o vento a curem. Destape-a!

É perfeitamente justo, seja você o que for. Isso não diz respeito a mais ninguém. Se dois homens se sentem bem juntos, ninguém tem o direito de os importunar. Nenhuma lei, nenhum governo, nenhuma religião, nenhuma igreja deve interferir. Se são felizes, a decisão é deles. E nós queremos um mundo feliz — e, com a sua felicidade, estas duas pessoas estão a contribuir para que o mundo seja ainda mais feliz.

Se duas mulheres se sentirem bem juntas, o mundo ficará mais feliz, ficará melhor. Não as façam sentir-se culpadas desnecessariamente. No entanto, a culpa persiste, porque sempre lhe disseram que a homossexualidade era um pecado; desde os primórdios que lhe ensinaram que se tratava de um dos maiores pecados.

Ficará surpreendido ao saber que, em certos estados dos EUA, a homossexualidade era punida com a sentença de morte. Em alguns países, decapitavam qualquer pessoa que fosse surpreendida numa relação homossexual.

A humanidade foi muito estúpida no passado. E todos nós carregamos ainda esses condicionamentos no íntimo do nosso inconsciente coletivo.

Um ventríloquo ia a conduzir pelo campo quando avistou uma grande quinta. Pediu se a podia visitar e o seu pedido foi aceite.

Quando lhe mostraram o celeiro, o ventríloquo viu a oportunidade de se divertir e fez com que um cavalo falasse.

O capataz, de olhos esbugalhados de terror, desatou a correr e foi ter com o patrão.

Sam — gritou —, os animais falaram! Se aquele carneiro der com a língua nos dentes, é tudo mentira!

É assim que surge a culpa. Não é possível escondê-la — ela tem o seu modo próprio de se manifestar.

Você condena a sua própria homossexualidade — foi por isso que levantou a questão. De outro modo, teria rido, ter-se-ia divertido! E se alguém não consegue rir-se de si próprio, então não sabe o que é o riso e a beleza de uma gargalhada. Rirmo-nos dos outros é muito simples; é violento, cruel. Rirmo-nos de nós próprios encerra algo de espiritual. No entanto, continuamos a esconder-nos por trás de racionalizações.

Julga que a minoria homossexual está a ser ofendida. Há uma coisa que deve saber: não sou heterossexual, homossexual ou mesmo bissexual — portanto, não poderei ir contra o que quer que seja. Deixei de pertencer ao mundo do sexo. O sexo deixou de fazer sentido. É por esse motivo que aceito todos.

Os ditos santos não serão capazes de vos aceitar a todos, porque pertencem ao mundo do sexo; eles próprios são ainda seres sexuais — reprimidos, obcecados, talvez contra, mas estar contra significa que se está obcecado. Não sou contra nem a favor seja do que for. Isso não tem qualquer importância! Trata-se apenas de jogos em que as pessoas se divertem — é divertido e mais nada! Não tem nada de sério. É infantil. Heterossexual, homossexual, bissexual, é tudo tão infantil!

Espero que um dia você ultrapasse tudo isto. E então acontecerá um fenómeno completamente diferente: no Oriente chamamos-lhe *brahmacharya*. Não há nenhuma expressão equivalente no Ocidente, visto que, no Ocidente, a consciência nunca se elevou a essas alturas. A palavra *celibato* é uma tradução pouco fiel e com conotações desagradáveis.

Celibato significa simplesmente o não envolvimento sexual; é uma palavra negativa. O celibato pode não ir além do sexo; pode ser apenas um tipo de repressão. *Brahmacharya* significa “viver como um deus”. O significado literal é viver como Deus. O que quer isso dizer, viver como Deus? Quer dizer muito simplesmente que o sexo desapareceu: essa nuvem de fumo deixou de cercar a chama do seu ser: a chama do seu ser deixou de ter fumo. E quando o sexo desaparece por completo, toda a energia contida na sexualidade é libertada no amor, na compaixão.

Contudo, ao sentir-se ofendido está a expor-se. Por um lado, isso é bom. Deixe de se sentir culpado. É sempre bom expormo-nos na mais completa

nudez. Não tenha medo, pois expor-se é a única maneira de o fazer, de se conhecer.

Reza a lenda que Sigmund Freud e Carl Jung viajaram uma vez juntos de comboio e, durante a viagem, Jung começou a analisar Freud, mergulhando cada vez mais fundo na psique do homem para tentar localizar a origem da sua neurose. Como Freud se mostrava evasivo, quando Jung chegou à essência de Freud, pediu-lhe, impaciente, que lhe revelasse o seu íntimo mais profundo, mais verdadeiro.

— Não posso — recusou-se Freud. — Fazê-lo seria desistir da minha autoridade.

Ao ouvir isto, Jung reclinou-se e suspirou:

— Então é porque já a perdeu.

O homem verdadeiro está sempre disposto a expor o seu íntimo mais profundo, visto que nada receia. Ao declarar “Não posso expor o meu mais profundo íntimo, pois isso seria desistir da minha autoridade”, Freud está apenas a dizer que tem dentro de si uma segunda identidade. Viveu-a durante toda a sua vida. Embora tivesse fundado a psicanálise, nunca foi psicanalisado. Muitas vezes, os seus discípulos acercavam-se dele e pediam “Podemos psicanalisá-lo?”, mas ele recusou sempre. Tinha medo.

Esta história é muito simbólica. Ele tinha medo de se expor tal como era e o seu medo residia no facto de perder a autoridade. Porém, um homem com verdadeira autoridade nunca tem medo de a perder. Não a pode perder, não há hipótese de isso acontecer. É nisso que reside a diferença entre um homem com autoridade e um autoritário. O autoritário não possui uma autoridade genuína; é um fingidor. O homem com autoridade pode expor-se completamente, pois a sua autoridade não é algo que lhe seja imposto a partir do exterior — encontra-se no seu íntimo, na sua experiência e autenticidade.

Jung tomou a atitude adequada quando se reclinou no assento do comboio e disse: “Então é porque já a perdeu.”

Diz-se que foi a partir desse momento que começaram as rixas entre Jung e Freud; o entendimento não mais poderia ser reatado. E não estou a dizer que Jung foi o único responsável por esta rixa: com efeito, o causador foi o próprio Freud: ele tinha muitos problemas, podemos mesmo dizer que era neurótico. Apesar disso, recusava-se a ser analisado.

Todo o meu trabalho aqui consiste em ajudá-lo a expor-se na sua mais profunda nudez. Quem quer que você seja, onde quer que esteja, irei procurá-lo e trazê-lo de volta à luz. Por vezes isso dói, choca; por vezes, sentir-se-á zangado, ofendido, mas, por favor, tenha calma. É uma cirurgia — é natural que seja doloroso.

Estou apaixonada pelo meu namorado e a nossa relação é muito boa quando estamos juntos. Mas cada vez que sinto que ele pode estar interessado noutra mulher, nem que esteja só a falar com ela, fico com ciúmes. Não quero que ele sinta que estou a interferir com a sua liberdade, mas é difícil disfarçar o sentimento do ciúme. Que poderei eu fazer?

O ciúme é condenável, porém, quando reprimido, é muito mais perigoso do que o ciúme visível. O melhor é não sentir ciúmes, mas, se os sentir, a melhor solução é expressá-los abertamente.

Espere não sentir ciúmes, mas, se os sentir, terá de optar por os expressar; a primeira hipótese chega muito tarde no processo de maturação. É sinal de que uma pessoa é integral, visto não sentir ciúmes. Só uma pessoa que se aceita totalmente, que se sente muito feliz consigo própria e não faz qualquer tipo de comparação com o próximo é que pode ser destituída de ciúme. O ciúme surge quando comparamos.

Por exemplo, você ama um homem, ele ama-a, e um dia repara que ele se sente atraído por qualquer outra mulher — e cá temos nós a comparação. Acha que está a ser abandonada; será que ele encontrou alguma mulher melhor do que você ou mais bonita do que você?

Mesmo que não se aperceba, é exatamente isso que origina o ciúme; a ideia de que alguém pode ser melhor, mais atraente, uma mulher que consegue atrair mais o seu homem do que você própria. Isso cria uma espécie de inferioridade interior e você começa a sentir ciúmes, criando todo o tipo de obstáculos para destruir essa possibilidade.

O ciúme só pode deixar de existir quando nos soubermos aceitar ao ponto de não admitirmos comparação; não se compare com ninguém. Mesmo que o seu namorado se sinta atraído por outra pessoa, isso não deve dar origem a qualquer tipo de comparação; trata-se apenas de ele se sentir atraído por outra mulher e nada mais. Essa situação não lhe deve trazer nenhum conflito com a outra mulher. Não tem nada a ver consigo. Se tiver a ver com alguém, é com o seu namorado; não tem nada a ver consigo, não há qualquer ponto de referência.

Contudo, isso só será possível quando se tornar tão total que possa até viver sem amante, sem ser amada e sendo tão feliz como quando era amada, quando o amor deixa de ser uma necessidade e passa a ser um divertimento. Se for amada, ótimo. Caso contrário, ótimo também. Não anseie por amor.

Não há uma necessidade de afirmar o seu ego, não faça disso uma busca do ego. Não diga que aquele homem a ama — isso quer dizer que a escolheu; entre todas as mulheres da terra, você é a melhor. E quando esse homem a escolhe e você escolhe esse homem, ele é o melhor do mundo porque, afinal de

contas, elegeu a melhor rapariga deste planeta. Claro que nos sentimos bem: as duas pessoas mais fantásticas deste mundo juntas!

Se começar a interessar-se por outro homem, ele ficará magoado, porque, afinal, o que é feito do homem mais fantástico do mundo? Deixou de o ser. Ou, se ele começar a interessar-se por outra mulher, afinal você deixou de ser a mulher mais fabulosa à face da terra.

E tudo isto em nome do amor e dos relacionamentos. Porém, temos de aceitar a realidade — não podemos fazer o que não nos for possível fazer em determinado momento. Portanto, agora há duas possibilidades: exprimir o ciúme ou reprimi-lo. O ciúme reprimido é muito perigoso. O ciúme não reprimido é erradicado do sistema; foi aniquilado, você viu-se livre dele, não o acumulou dentro de si. O ciúme reprimido continua a acumular-se e acaba por se transformar num vulcão — um dia explode! Um dia, sem qualquer razão aparente, explode! Qualquer pretexto será a última gota e lá se dá a explosão. Depois parecerá tola e sentir-se-á parva por ter exagerado tanto.

Por exemplo, o seu namorado está a ler um livro e não lhe liga nenhuma; para si, isso é a última gota. Pega no livro, atira-o ao chão e exclama: “Eu estou aqui e tu estás a ler um livro?”

Isto ultrapassa as devidas proporções. Embora o livro não fosse nenhuma mulher, transforma-se num pretexto e tudo o que você reprimiu acaba por explodir. Ele vai achar tudo muito estranho — só por causa de um livro? E você sentir-se-á igualmente estranha, sentindo no íntimo que não foi esse o verdadeiro motivo.

É assim que as relações se tornam tão estúpidas, pois no momento certo reprimimo-nos e, no momento errado, o resultado é este. Será preferível dar livre curso ao ciúme enquanto ele estiver vivo dentro de si, pois, assim, ao menos permanecerá dentro de contexto e não complicará as suas relações.

De cada vez que nos libertamos dessa repressão, ela já não se acumula, não chega a tornar-se vulcânica. É preferível dizermos à pessoa amada que temos ciúmes, que temos mesmo muitos ciúmes! Não há razão para que o outro se sinta culpado — limite-se a dizê-lo e basta. Não está a dizer-lhe que não deve fazer isto ou aquilo — lembre-se de que não há necessidade disso. Se o outro quiser mudar de parceiro ou parceira, acabará por fazê-lo. Que podemos nós fazer contra isso? Tornamo-nos quase impotentes.

Antes de se tornar seu namorado, ele deve ter amado outras mulheres, e depois abandonou-as: um dia destes acontecer-lhe-á o mesmo. Temos de aceitar as realidades, tudo bem. Se ele não quisesse mudar de parceira nem sequer se teria aproximado de si, ter-se-ia ligado a outra mulher para sempre; mas ele quis mudar e, assim sendo, pode ser que você tenha hipóteses com ele. Mas, se ele a abandonar, não faça disso um problema.

Não o faça sentir-se culpado — limite-se a exprimir o seu ciúme. Diga-lhe: “Sou ciumenta. Não se passa nada de errado contigo, não deixes de ser como és, mas que queres? Se não consigo reprimir o meu ciúme, como poderei impedir-te de sentires desejo por outras?” Percebe?

“Se não consigo parar de ter ciúmes, que posso fazer? Quando passa uma mulher e, subitamente, te interessas por ela, que posso eu fazer? Ficas tão impotente quanto eu. Portanto, eu compreendo-te e, por favor, tenta compreender-me também.”

Trata-se daquilo a que chamo o entendimento básico necessário em todas as relações: não o faça sentir-se culpado, é tudo. Ele não a faz sentir-se culpada a perguntar-lhe por que é que está com ciúmes: não devemos sentir ciúmes. Não se trata de dever ou não dever sentir; trata-se de sentir.

Porém, não se reprima; se o fizer, o seu amor ficará contaminado. Portanto, quando este homem lhe der a mão, a sua mão estará gelada por você estar a reprimir o ciúme. A sua mão perderá o fluxo de energia, não transmitirá calor. Como o pode aquecer? Sabe bem que ele está a destruir a sua felicidade, por isso fica gelada; contém-se. Ele pode amá-la, pode fazer amor consigo, mas você mantém-se fria, não revela quaisquer sinais de amor. Vive esse ato como se tolerasse todo este contrassenso; começa a mostrar sinais de tédio.

Isto acontece automaticamente, porque o ciúme está a envenenar-lhe as entranhas. É melhor livrar-se dele. Enfrente-o já, livre-se dele; quando se sentir zangada, zangue-se! Não acumule loucura. livre-se dela. Sempre que sentir ternura e alegria, aceite. E assim a sua relação não se destruirá — tornar-se-á mais terna, mais intensa.

Não se preocupe se ela vai durar para sempre ou não; nada é eterno. Se durar apenas uns dias, que seja intensa — porquê torná-la fria? Caso contrário, irá terminar! Um dia, depois de ter vivido muitas relações, acabará por amadurecer. E então os ciúmes desaparecerão. Sentir-se-á pura e simplesmente feliz por um homem vir ter consigo e partilhar as suas energias a seu lado. Se ele decidir partilhá-las com outra pessoa, sentir-se-á igualmente feliz. Isto é liberdade; não tem nada a ver consigo. Somos donos de nós próprios e ninguém deve pretender dominar o outro. Quando a liberdade permanece intacta, o amor floresce infinitamente.

Portanto, neste momento pode fazer apenas uma coisa: não o faça sentir-se culpado, é tudo. Se o ciúme persistir, confesse-o; zangue-se, parta um prato, combinado? Bata com a porta. Faça tudo o que acha que deve fazer... e nenhuma mulher tem nada a aprender nessa matéria. As mulheres já nascem com esse talento!

O sexo não me entusiasma particularmente e o meu namorado está preocupado. Analisando melhor, cheguei à conclusão de que afinal nunca me envolvi numa relação na qual me sentisse segura ao lado de alguém. Acho que usei sempre o sexo para prender a outra pessoa, e finjo ter prazer.

Na realidade, parece que afinal nunca gostou de amar. Tem feito política, ou seja, utiliza as pessoas para outros fins.

Às vezes, sentimo-nos sós e fingimos numa relação, de modo a não nos sentirmos tão sós, única e simplesmente para termos companhia. Outras vezes, sentimo-nos bem por exercermos poder sobre alguém. Então, o sexo é o isco. Outras ainda, sentimo-nos tão egoístas que nos achamos capazes de conquistar qualquer homem ou mulher e, pensando assim, prosseguimos com as nossas conquistas. Então, o amor transforma-se num ato de domínio. O que nos diverte é esse domínio, não o amor em si. É devido a esse raciocínio que surge o seu problema.

Quando uma pessoa com esta atitude se une a outra, surge este problema, pois não vale a pena fazer amor com essa pessoa. Já o conquistou, portanto de que serve fazer amor com esse homem? A estratégia política terminou.

Esta situação só acontece porque você tem vindo a tomar uma atitude muito errada no amor. Não tem gozado o seu valor intrínseco; usou-o para outro fim. Quando está com alguém e a relação parece ter estabilizado, deixa de ter interesse no sexo, no amor, não tem interesse em nada. Nem sequer lhe interessa que ele toque no seu corpo, mas, então, por que razão está ele consigo? Para quê? Se não quiser que ele lhe toque, você também não quererá tocar-lhe, pois estas coisas são recíprocas. Então por que estão juntos? É preferível estar sozinha. De outro modo, toda a infelicidade do amor permanece e tudo o que é belo desaparece. Torna-se uma verdadeira guerra de nervos entre duas pessoas. Para quê?

Se não sente o menor prazer, se duas pessoas não sentirem algo de genuíno, tudo se transforma num conflito, numa guerra de nervos e discussões. E para quê? A relação poderá ser tolerada se estiver a acontecer algo de belo entre duas pessoas — então vale a pena vivê-la —, mas se essa relação morreu, qual é o sentido de as pessoas permanecerem juntas? Separe-se. Contudo, isso não resolve o problema. Uma vez separada, voltará a pôr em prática o mesmo jogo, visto que, uma vez mais, se sentirá livre para dominar, experimentar aqui e acolá, vencer as pessoas, encontrar um parceiro. Porém, isso não passa de uma autoderrota. Basta voltar a jogar os seus jogos e fingir que ama, que está feliz e que conseguiu o seu objetivo para que, subitamente, toda a felicidade se esfume.

Portanto, acabar a relação não vai ajudá-la a solucionar a questão. É preferível desistir dessa estratégia política. O corpo é belo. E se ele a ama, vai

tocar no seu corpo. Por que razão há-de sentir repulsa? Tem algum problema com o seu corpo? Deve ter com certeza algum problema com o seu corpo, pois não consegue perceber por que razão aquele homem está a tocar no seu corpo — um corpo tão nojento. Você não lhe toca, mas esse homem está a tocar-lhe e gosta de o fazer! Assim sendo, esse homem também é repelente aos seus olhos. No entanto, o problema está na sua cabeça, no facto de pensar que o seu corpo é repelente. Muita gente se tem sentido condicionada por isso — por achar que o corpo é nojento.

O corpo é a coisa mais bela do mundo. Não há flor que consiga competir com ele, pois trata-se da flor mais complexa da natureza.

Portanto, ame o seu corpo, goze-o. Sinta prazer em tocar-se. Sinta-se abençoada. É um milagre — a partir do nada, sem propósito, emerge essa beleza imaterial. E goze quando ele ama o seu corpo... goze essas sensações. O sexo não é mais do que duas pessoas que partilham as suas energias, nada mais. Se isso desaparece em ambas as partes, é porque vocês já ascenderam a níveis superiores. Também há níveis superiores, mas eles não são contra o corpo. Não devemos esquecer esta distinção.

Há níveis superiores de comunhão, mas eles não são contra o corpo — estão para além do corpo. Passamos através do corpo, para além dele. São níveis baseados no corpo, mas elevam-se mais alto do que o próprio corpo. Estão enraizados no corpo.

Portanto, entregue-se ao amor. O amor físico é bom, mas não fique por aí. Tente encontrar em si níveis superiores, níveis mais elevados de comunicação. Virá o dia em que simplesmente dar as mãos se transformará num ato orgástico de fazer empalidecer um orgasmo sexual. Só o ato de olharem um para o outro será o suficiente para serem transportados para outro mundo. Depois, virá o momento em que só de pensar na pessoa amada, nem que seja por breves momentos, bastará para sentir um orgasmo, para sentir um arrepio de prazer, como se um enorme relâmpago o percorresse dos pés à cabeça. Todo o corpo se emociona... repleto de algo que é divino.

Estes níveis só poderão ser atingidos se você não estiver em conflito com o seu corpo. Trata-se de um problema que é preciso compreender: uma pessoa que esteja em conflito com o seu corpo permanecerá sempre encarcerada dentro dele. Alguém que seja contra o materialismo será sempre um materialista. Se estiver contra qualquer coisa, nunca mais se livrará desse preconceito.

Se, de facto, deseja transcender o seu próprio corpo, ame-o de tal modo que ele comece logo a manifestar-se nas suas zonas mais recônditas; que ele possa dizer-lhe: "Vamos, entra mais fundo. Agora que o mereceste, entra mais fundo, não fiques à porta. A casa é tua."

Resumindo, antes de se decidir a abandonar a relação, tente fazer todos os esforços para que isso não aconteça. Porque, se não consegue sentir prazer quando fazem amor, nunca ascenderá à oração, nunca conseguirá ascender ao tal nível onde o amor é um todo. Seja devota. Toque-lhe no corpo com reverência. Deixe que ele toque no seu... convide-o a tocar no seu corpo com reverência. Sinta prazer nisso. É uma dádiva divina.

Mas você deve andar com a cabeça cheia de ideias cristãs. Alguns padres cristãos devem andar perto de si a manipulá-la, vozes condenatórias, sentimentos de repressão. Esqueça todos esses disparates. Diga adeus a todos os conceitos cristãos que traz na mente. Seja pagã — eu sou pagão — e aprenda a seguir a doutrina epicurista. Basta mudar de atitude.

Sempre senti que algumas pessoas têm uma ideologia interior muito rígida, que se nota até pela rigidez dos rostos e dos corpos. Derreta! Não há nenhuma razão para permanecer tão gelada. Aqueça um pouco.

Osho dirige-se ao namorado:

Ajude-a a sair do seu castelo. Ela vive num castelo, portanto tire-a de lá. Ame-a mais. Só assim é que ela entenderá a linguagem do amor. E três conselhos para si... O primeiro é: ame-a mais e não lhe peça sexo. Só se ela o convidar, caso contrário não pense nisso pelo menos durante um mês. Basta você manifestar interesse para ela resistir. Ame-a desinteressadamente, seja amoroso, seja confiante, mas não lhe peça sexo.

Muitas mulheres têm a ideia errada de que só servem para o sexo, de que são simples objetos. É claro que se ressentem bastante disso, pois sabem que, se vos derem aquilo que vocês esperam delas, deixarão de exercer poder sobre os homens. E, assim, começam a dominar-vos recusando aquilo que vocês desejam, ou seja, deixam-vos a morrer à fome. Então, os homens começam a assediá-las como cachorrinhos de rabo a abanar, situação que elas adoram. Acham que se trata de uma situação que dominam e que vos põe esfomeados. A partir de então, os homens tornam-se escravos das mulheres.

Nunca force nenhuma mulher a ter relações sexuais consigo e ficará surpreendido; começarão a correr atrás de si, e desta vez serão elas os cachorrinhos de rabo a abanar — afinal de contas, elas precisam tanto de sexo como você. Adoram fazer amor tanto como você — na realidade, mais do que você, pois uma mulher pode gozar o ato sexual mais do que um homem. Para o homem, ter relações sexuais é um ato comum. Para uma mulher, torna-se um grande momento que transcende o seu próprio ser. O homem é um círculo grande e o sexo é um círculo pequeno dentro desse círculo. Com a mulher acontece precisamente o contrário: o sexo é um círculo enorme e a mulher é um círculo mais pequeno dentro dele.

A mulher adora ter relações sexuais mas não o demonstra, pois sabe que, se o fizer, como poderá dominar o homem? Ela reprime o prazer, enfrenta-o com aparente rigidez, tentando assim provar que não quer ter relações sexuais. Pode oferecer-se a si se você lho pedir, mas terá de lhe agradecer: ela faz-lhe esse favor. Assim é a estratégia política.

Portanto, durante um mês, não lhe peça para fazer amor. Assim, será mais fácil para ela descer à terra e aproximar-se cada vez mais de si. Ajude-a, deixando de lhe pedir. Se ela o convidar, tudo bem. Se não o fizer, então não será cavalheiresco pedir-lho. Limite-se a esperar.

E um segundo conselho: ela tem uma atitude reacionária em relação ao corpo, portanto não lhe toque com qualquer sentimento de luxúria. Quando se sentir excitado, não lhe toque no corpo. Limite-se a dizer-lhe: "Não vou tocar-te. Sinto-me excitado neste momento, mas..." Toque-lhe no corpo apenas quando se sentir meditativo, sem ímpetos sensuais — apenas por amor. Está a entender?

Quando se sente invadido pelo desejo, quando o seu corpo lhe pede sexo, isso é um sinal de que tem fome. A mente centra-se apenas no sexo. O seu toque e outras coisas do género não passam de simples jogos de sedução. Porém, a mensagem interior é a seguinte: "Anseio pelo teu corpo." Não, não é o momento certo — pelo menos durante um mês. Quando nos sentimos muito felizes e satisfeitos connosco próprios, não necessitamos do corpo de ninguém. Então, toque-lhe no corpo enquanto medita sobre isto e ela sentir-se-á feliz. Será capaz de perceber que você não está a pedir-lhe o corpo. É assim que a ajudará a sair da sua atitude condenatória, da sua atitude anticorpo.

E um terceiro conselho: não passem muito tempo juntos. É por isso que muitas relações amorosas se destroem. Desfrute do seu próprio espaço e permita que ela faça o mesmo. Encontrem-se de vez em quando, sentem-se juntos, mas não tornem a vossa relação uma convivência dia e noite. Deixe-a só, de modo que ela possa começar a sentir apetite por si, caso contrário o apetite morre. É como se tivesse o frigorífico cheio de comida e passasse 24 horas a olhar para ele; o apetite desaparece.

Portanto, não se vejam frequentemente. Os namorados deviam ser muito económicos em relação a isto. Quanto mais sentir a falta dela, mais ela sentirá a sua falta. Então, quando chegar ao pé dela, ela estará mais recetiva. Crie primeiro esse apetite, para que depois se possa saciar com a refeição.

Apenas estas três coisas... e tudo correrá bem. Não se preocupe.

Tenho a certeza de que ainda não transcendi o sexo. Por que será que, sempre que faço sexo, fico com a sensação de que há algo de errado?

Parece-lhe que algo está errado porque nunca se entregou totalmente ou porque ainda não percorreu a distância suficiente. Tem-no praticado com uma mente condicionada. Ainda não conseguiu dissipar as dúvidas constantes da sua mente. Tem feito amor carregado de todo aquele sentimento de culpa que os padres lhe instilaram. Não o tem feito com inocência, não se tem portado como se fosse virgem.

Ficará surpreendido pelo meu uso da palavra “virgem”. Virgem é todo aquele que pratica sexo com toda a inocência. Não tem nada a ver com virgindade física; é algo de profundamente psicológico, algo que ronda o limiar do espiritual. Ser virgem significa uma pessoa ser capaz de ter relações sexuais sem quaisquer ideias impostas pelos outros.

Nesse sentido, é muito raro encontrar uma pessoa “virgem”, pois a sociedade contamina toda a gente. Ensinaram-lhe coisas sobre o sexo — que é pecado, feio, animal, profano, que é uma barreira entre você e Deus. Com todas estas ideias na cabeça, como poderá gozá-lo em toda a sua plenitude? Atrás de si, há toda uma longa corrente de padres a reprimirem-no, e é por isso que não consegue ultrapassar esta situação — de facto, como poderia fazê-lo? Só a ultrapassou parcialmente.

Contudo, mesmo em pleno ato sexual, lá estão os seus padres dentro de si, a gritar e a clamar contra si, a condená-lo. É tudo uma questão de consciência. A sua dita consciência não é mais do que a voz do padre enraizada em si. Este é um dos maiores males infligidos à humanidade desde sempre.

Atualmente, os cientistas descobriram um método muito mais eficaz: colocam elétrodos no cérebro. Se lhe colocarem um elétrodo na cabeça, nunca saberá que ele existe, pois o seu cérebro é desprovido de sensibilidade. Não se espante; isso já aconteceu muitas vezes: nos períodos de guerra, uma pessoa é alvejada na cabeça e nem se lembra disso — anos mais tarde, por mero acaso, essa bala é encontrada no cérebro. E a pessoa não teve a menor consciência disso...

O interior do cérebro não tem sensibilidade. Por conseguinte, se lhe colocarem uma pedra lá dentro, não poderá saber. Podem colocar-lhe elétrodos na cabeça.

Um dos mais ilustres neurofisiologistas da atualidade, o Dr. José Delgado, fez algumas experiências em animais. Colocou um elétrodo no cérebro de um touro, que passou a ser controlado a partir do exterior. Uma pequena caixa com umas tantas manivelas e botões, e eis o touro perfeitamente comandado. Por exemplo, o touro podia ficar irritado pelo simples facto de se carregar num

botão. Recebia essa mensagem sem fios e tornava-se imediatamente feroz, sem razão aparente. Não tinha havido qualquer provocação a partir do exterior; ninguém lhe fez qualquer sinal ou lhe acenou uma bandeira encarnada — não viu nenhum demónio. Sem qualquer provocação externa. Mas o Dr. Delgado carregava num botão e atingia um centro qualquer do seu cérebro — um centro onde se gera a ferocidade e a raiva. E essa raiva manifestava-se. O touro corria em direção ao psicólogo, pronto a liquidá-lo.

Cinquenta mil pessoas assistiram a esta experiência quando ela foi levada a cabo pela primeira vez. Sustiveram a respiração, pois nunca tinham visto um touro tão enraivecido... E a experiência foi feita em Espanha! Lá sabe-se tudo sobre touros e touradas. Nunca ninguém tinha testemunhado tanta ferocidade; o Dr. Delgado ia morrer certamente. Não tinha qualquer tipo de proteção, nenhuma — apenas aquela caixinha.

O touro aproximou-se cada vez mais e, quando estava a poucos metros dele, com as pessoas a assistirem e a pensarem “Agora é que é!”, o psicólogo carregou noutra botão e o touro estacou como que petrificado.

O Dr. José Delgado, afirma que é possível fazer o mesmo com um ser humano. Colocou elétrodos nos cérebros de ratos e deu-lhes igualmente uma caixa para que pudessem premir os botões. O eléctrodo estava ligado ao centro do sexo. E, para grande surpresa, os ratos enlouqueceram. Premiam constantemente o botão, 60 vezes por minuto! Tinham orgasmos a cada segundo, os seus corpos tremiam de gozo, excitados. Esqueciam-se de comer, esqueciam-se de tudo. Não dormiam dia e noite. Continuavam a premir o botão, até que, exaustos, entraram em coma. Isto quer apenas dizer que a mulher não faz falta — ninguém faz falta.

Na realidade, é isso que acontece quando se faz amor. A mulher aciona o centro sexual do cérebro do homem e vice-versa. O Dr. Delgado afirma que atualmente esses métodos estão fora de moda. Pode ter no bolso uma caixinha quase do tamanho de uma caixa de fósforos; pode premir o botão e atingir um grande orgasmo, um orgasmo total.

Trata-se de uma das mais perigosas descobertas deste especialista, pois vai ser utilizada por políticos e por ditadores. Todas as crianças podem ser ligadas a um eléctrodo, que ninguém dará por nada. Uma pequena operação e um pequeno eléctrodo do tamanho de um botão pode ser introduzido no cérebro e ligado ao centro que faz obedecer. É o suficiente.

O Dr. José Delgado descobriu um fenómeno mais perigoso do que a energia atómica. As pessoas ainda não perceberam todas as implicações que daí podem decorrer. Todo o futuro da humanidade será alterado — à conta desta descoberta, o ser humano poderá desaparecer, poderá perder toda a sua liberdade; transformar-se-á numa simples máquina.

Porém, é exatamente isso que os padres têm feito ao longo dos tempos. Os seus métodos não são tão sofisticados, mas continuam a ser aplicados. Criam em si uma consciência interior idêntica à de um aparelho eletrónico. Criam em si uma consciência interior; começam a dizer e a repetir a mesma frase desde a sua infância: sexo é pecado. Na escola, na igreja, nos lares — pregam contra o sexo em todo o lado. Criaram um mecanismo no seu íntimo. Hipnotizaram-no à conta de repetirem esta ideia milhares de vezes, de milhares de maneiras. E ela passou a fazer parte do seu inconsciente.

O método não difere muito do que foi descoberto pelo Dr. José Delgado. Ele efetuou as suas experiências de um modo mais científico, mais sofisticado — mas foram os padres os verdadeiros inventores. Durante cinco mil anos fizeram isto à humanidade. E uma vez instalado este conceito na sua mente, o padre também lá está instalado. Enquanto faz amor, você não está só. Lá, está o padre a puxar os cordelinhos, dizendo: “Isso é pecado, vais pagá-las no inferno!” Você está a fazer amor e a sua cabeça está a pensar nas chamas do inferno. Assim, como é que você se pode entregar?

Você afirma: “Tenho a certeza de que ainda não transcendi o sexo...” A questão é que, se não se entrega, não é possível transcendê-lo, porque a transcendência requer que o enfrente primeiro. Só quem se entrega totalmente é que atinge a transcendência. O conhecimento e a experiência ajudá-lo-ão a transcendê-lo. A experiência liberta.

O truque reside no facto de o padre não lhe permitir vivenciar o sexo — na sua beleza, na sua libertação, na sua alegria. Ele não lhe permite experimentar tudo isso. E a sua mente continua a circular em torno desse preconceito. E cada vez que faz amor, encontra-se perante um dilema: como não se pode entregar totalmente, está a perder a experiência.

Quando você não se entrega totalmente, a sua mente perde-se em devaneios — porque a mente necessita da experiência. Trata-se de uma doença natural, de um desejo lógico; a mente quer concretização. E quando se dispõe a dar tudo de si, lá está o padre para o reprimir. Você tornou-se pornográfico: a sua mente pensa em sexo, os seus sonhos são povoados pelo sexo, todo o seu comportamento está virado para isso. É evidente. Quer isso seja negativo ou positivo, você transpira sexo. Só que, cada vez que tem de entrar em ação, as palavras do padre fazem soar o alarme. Cada vez que vai fazer amor, lá está o Dr. José Delgado a premir o botão, e você pára. O touro pára a escassos passos.

Você sai da experiência frustrado. E é devido a essa frustração que sente ainda mais desejo. É este o dilema que o padre criou no seio da humanidade. O padre tem sido o pior inimigo da humanidade.

E, assim, nunca transcenderá o sexo. Pode tornar-se um perverso, mas não transcenderá o sexo. A transcendência só ocorrerá quando se entregar de

corpo e alma ao sexo e constatar a fugacidade do mesmo. E depois chegará à conclusão de que não ansiava propriamente pelo sexo, mas sim por algo mais. O sexo era um pretexto para experimentar outra coisa. Quando experimentar o sexo na sua dimensão total, sentir-se-á consciente de algo mais.

O que quero dizer com isto? Na alegria extática do orgasmo total, o tempo deixa de existir, o ego desaparece — estes dois fatores desaparecem. Esse é o seu grande desejo interior. Depois de se experimentar o sexo no seu sentido mais profundo, há duas coisas que se desvanecem: o ego e o tempo... Uma pessoa deixa de racionalizar o tempo e encaminha-se para a eternidade; e não se dá conta da separação, pois o ego deixou completamente de funcionar. É essa a alegria. Uma vez que entenda que é essa a principal causa da alegria, você libertar-se-á do sexo, pois, a partir de agora, todo o ato se resume a abandonar o ego e a dimensão do tempo sem ter de fazer sexo. E o sexo pode fazer com que isso aconteça, mas apenas por momentos, porque as trevas depois regressam. A luz brilha apenas por um instante.

Contudo, através da meditação, essa luz passa a ser uma realidade dentro de si. Você começa a viver fora do tempo e do ego. Aquilo que o orgasmo sexual o faz sentir por um instante é vivido pelos Budas vinte e quatro horas por dia. É por isso que não necessitam de sexo. É essa a verdadeira transcendência.

A transcendência só será possível quando você dominar todo o segredo do sexo. Esse segredo é um instrumento natural e biológico que leva à meditação. Foi através do orgasmo sexual que se descobriu a meditação. A primeira pessoa a descobri-la deve tê-lo feito através do sexo; não há outra razão, pois o sexo é um fenômeno natural. A meditação é uma descoberta, não é um fenômeno natural. Transcende a natureza, é a própria transcendência.

Você afirma: "Tenho a certeza de que ainda não transcendi o sexo. Por que será que, sempre que o faço, fico com a sensação de que há algo de errado?"

As duas coisas são interdependentes. Você não transcendeu o sexo, e só o transcenderá quando começar a sentir que ele é perfeitamente normal. A ideia de que não é normal vem do Dr. José Delgado. A ideia de que não é normal, de que não faz sentido, vem da sociedade e da religião em que, incidentalmente, foi educado. Ela foi-lhe transmitida por outros que, por sua vez, a receberam de outros tantos.

Isso fez com que se sentisse dividido. Continuará a pôr em prática algo que o seu coração irá condenar. Porém, não consegue resistir, visto que esse mesmo coração também será incapaz de lhe dizer que está errado. Sente-se impelido em várias direções e começa a desmoronar-se.

Lembre-se de que o fenômeno é muito complicado. O fruto proibido é o mais apetecido. Cada vez será menos capaz de o experimentar em pleno, mas

cada vez ele se torna mais atraente... E, assim, ou adota táticas engenhosas ou, pura e simplesmente, acaba por virar a vida do avesso.

Um amigo enviou-me uma lengalenga deliciosa:

Era uma vez um velhote de Darjeeling

Que viajava de Hyde Park até Ealing.

Um letreiro à porta pedia cuidado:

“Não cuspa para o chão”,

E então ele cuspiu cuidadosamente para o telhado.

Que mais poderá fazer? Este preconceito faz com que você se sinta de pé sobre a cabeça. Se não pode estar com os dois pés bem assentes no chão, que mais poderá fazer? A resposta é *sirshasana*, ou seja, tem de estar de pé sobre a cabeça — a posição de ioga. Parece ser essa a consequência lógica da repressão.

A repressão não poderá ajudar ninguém a atingir a transcendência. Apenas a expressão poderá conduzir nessa direção.

Faça desaparecer o padre. O padre tem mesmo de ser abandonado e todos os sentimentos de culpa têm de ser banidos. Sei que é difícil, pois isso afetará toda a sua mente e toda a sociedade pensa e acredita nisso. Sentir-se-á muito solitário ao tomar esta decisão, sentirá medo ao tomá-la — visto que, ao abandonar tudo isto, deixará de fazer parte do rebanho. Deixará de ser mais uma ovelha, tornar-se-á um indivíduo. E é aterrador sentirmo-nos sós.

É por isso que as pessoas se resignam a ser ovelhas do rebanho. O rebanho continuará a repetir todas as velhas patéticas, superstições, disparates sem qualquernexo. Infelizmente continuarão a acontecer coisas prejudiciais, mas temos de continuar a acreditar, porque, se não acreditarmos, atiram-nos para a valeta. E as pessoas têm muito medo de chegar a esse ponto.

É desse tipo de coragem que você necessita. Seja suficientemente corajoso para não recear ficar sozinho. E faça experiências com a sua vida, com a energia que ela lhe dá, sem quaisquer obstáculos impostos por quem quer que seja. Deus deu-lhe essa energia: use-a para aprofundar as suas experiências.

O sexo é uma das experiências mais profundas que há. E a coisa mais importante em relação a ele é que terá de saber ultrapassá-lo. Para lá do sexo, nasce o verdadeiro celibato — mas só para lá do sexo, apenas com base na verdade, no sexo autêntico.

Contudo, isto constitui um problema. Eu ensino a mergulhar bem fundo no amor e no sexo, apenas porque é a única via para a transcendência. O meu

esforço consiste em ajudar a ultrapassar o sexo, a ir mais além. Sem essa tentativa, ficará apegado à terra, incapaz de voar em direção aos céus. Sem transcendência, ficamos prisioneiros da biologia. Se não formos mais além, limitamo-nos a fazer parte do reino animal. Não nos tornamos verdadeiramente humanos — e já nem falo sequer em tornarmo-nos divinos.

Transcender o sexo é ultrapassar os animais. Ao transcender o sexo, destruirá a cela da prisão biológica que o rodeia. Ir para além do sexo é o mesmo que transcender a própria Terra. Pela primeira vez, começará a olhar para o céu e para as estrelas, para as luzes distantes que se abatem sobre si. E, nesse reino longínquo, ouvirá música. Encaminha-se em direção ao seu próprio destino, rumo à sua realização.

Animal, humano, divino: são estas as três camadas que nos revestem. A camada animal consiste no sexo, a humana no amor, a divina na oração. É a mesma energia, embora expressa de formas cada vez mais elevadas: a lama, o lótus e a fragrância.

Por favor, não continue a cuspir para o teto. Cuspa para o chão! Seja natural. E lembre-se do paradoxo: ser totalmente natural é o caminho para ir além da natureza, para entrar na supernatureza.

A sua mente foi pervertida pelos padres. Tenha atenção em relação a isso. Os condicionamentos são muito antigos, datam de há vários séculos. Ensinar-nos a respeitar tudo o que é antigo — quanto mais antigo, mais respeito nos merece; quanto mais ancestral, mais respeito e credibilidade.

E por que será que os padres estiveram sempre contra o sexo? Os Budas nunca estiveram contra. Elegiam a transcendência, tal como eu. Os Budas favoreciam a transcendência, mas atenção: quando digo que deve ir para além do sexo, isto pode ser interpretado como se eu fosse contra o sexo, ao passo que eu recomendo que o transcenda. Pode interpretar que sou contra o sexo — de outro modo, por que lhe diria para o transcender?

Os Budas sempre afirmaram “Transcenda o sexo”, mas nunca foram contra ele. O sexo tem de ser usado como um degrau.

No entanto, o padre não pode entender o que dizem os Budas. Interpreta-os à sua maneira. Aconselha: “Evitem o sexo, sejam contra ele. Ouçam o que Buda afirmou.” A transcendência do sexo torna-se antagónica do sexo. Trata-se de um erro de interpretação natural, que aconteceu desde sempre. Quero pedir-lhe que perceba uma coisa completamente diferente, mesmo diametralmente oposta.

Isto faz-me recordar uma pequena história que se passou com uma companhia de ópera de segunda categoria que atuou numa pequena cidade. Um tenor de idade

muito avançada lá conseguiu cantar a ária do “Palhaço”, no meio de muitos soluços e fífias.

No final da ária, um espetador levantou-se e gritou:

— Bravo! Bravíssimo!

Um homem que estava sentado ao lado dele ficou espantado, pois seria impossível um amante de ópera aplaudir uma atuação tão má.

Virou-se para ele e perguntou:

— Gostou da atuação do tenor?

— Não estou a aplaudir a sua voz, mas sim a sua enorme coragem.

É fácil haver mal-entendidos — as palavras podem sempre ser mal interpretadas. Você vive numa planície, num vale, num vale escuro, e os Budas movem-se sobre cumes repletos de luz. Aquilo que eles proferem pertence aos cumes ensolarados. Quando o que dizem chega até si, já deixou de ser o mesmo. É um eco de um eco, a repetição de um outro eco.

E as pessoas astutas que convivem consigo tornam-se intérpretes — passam a fazer o papel de padres. Afirmam: “Nós entendemos a mensagem. Agora somos nós a interpretá-la. Eis o seu significado.”

Os Budas sempre foram mal interpretados, serão sempre mal interpretados. É algo de natural e impossível de evitar, pois a linguagem falada nos cumes ensolarados não é a mesma dos vales tenebrosos da ignorância. A linguagem do dia não é a linguagem da noite.

Porém, há pessoas astutas que assumem sempre o papel de mediadoras. Afirmam: “Nós sabemos o que Buda quer dizer e vamos interpretá-lo.”

E uma outra razão: esta interpretação de que os Budas são contra o sexo só vem conferir poder aos padres. Se você ultrapassar a questão do sexo, os padres deixarão de ter poder, pois o seu poder só existe porque você se reprime. E, ao reprimir o sexo, você sente-se culpado, antinatural, desagradável, em permanente conflito, consumindo as suas energias numa guerra civil. Tornar-se-á cada vez mais fraco dia após dia. E quanto mais fraco se sentir, mais facilmente poderá ser dominado, possuído.

O padre tem sido poderoso, não porque o seja propriamente, mas porque os seres humanos são fracos. O seu poder está alojado na fraqueza humana. Se se sentir poderoso, verá que o padre se afastará da sua vida.

Na minha visão de uma humanidade futura, quando o novo homem chegar verdadeiramente à Terra — poderoso, afirmativo em relação à vida, imensamente grato, feliz e positivo, os padres desaparecerão. Desvanecer-se-

ão. Quem se preocupará com eles? A própria vida encarrega-se de nos dar todos os ensinamentos de que necessitamos.

E quando você aprende com a vida, será capaz de compreender mais facilmente os Budas, com menos erros de interpretação, pois, ao viver a sua vida de um modo pleno, começará a ter algumas experiências, algumas experiências superiores. Elas surgirão e desaparecerão como relâmpagos, mas permitir-lhe-ão aperceber-se, por instantes, das plenitudes da consciência. E então os Budas falarão de uma maneira mais compreensível à sua mente.

A comunicação entre si e os Budas tornar-se-á mais fácil se os padres desaparecerem enquanto mediadores. Eles não são mediadores, não são pontes: são muros, barreiras. É por isso que sou contra o clero.

Caso consiga encontrar um mestre, entregue-se totalmente a ele, mas evite os padres. Evite todo aquele que não conheceu a verdade por experiência própria, mas que se limita a papaguear o que outros disseram, a repetir apenas o que outros lhe dizem. Se uma pessoa conhece a verdade e você constatar que possui a presença e a fragrância, então sentir-se-á totalmente em comunhão com ela. Não deite a perder essa oportunidade, pois padres existem aos milhões, ao passo que os Budas são raros de encontrar.

Poderá deparar-se com um Buda apenas uma vez na vida, por isso, quando o encontrar não despreze esse feliz acaso: arrisque tudo! Sempre que se deparar com alguém que detém a verdade, a autoridade... Lembre-se de que um homem que tem autoridade não é autoritário; um homem com autoridade é muito humilde. O autoritário não é um homem com autoridade — não é humilde, é arrogante. Na realidade, pretende apenas ser poderoso, deseja ser autoritário, mas a sua autoridade baseia-se nos Vedas, no Corão e na Bíblia. A sua autoridade não deriva dele próprio, não advém da sua própria experiência.

Jesus é um homem com autoridade.

Uma pessoa perguntou a Jesus: "Que autoridade tens para falar?" Essa pessoa perguntava apenas: "Falas com a autoridade de Moisés, de Abraão ou de Ezequiel? Falas em nome de quem? Com a autoridade do *Talmude*? Com a autoridade dos videntes, dos profetas judaicos? Em nome de que autoridade?"

Jesus respondeu: "Falo em meu próprio nome. Antes de Abraão o ser, eu já o era..."

Abraão viveu três mil anos antes de Cristo, e Jesus afirmou: "Antes de Abraão o ser, eu já o era. Eu sou a verdadeira fonte, o verdadeiro princípio. Poderás mergulhar bem fundo no teu íntimo, e assim alcançarás essa fonte."

Quando encontrar uma pessoa que é a fonte, por favor comungue com ela. E lembre-se de que ela nunca lhe dirá "Segue-me". Dirá simplesmente "Está

comigo” — o que torna as coisas completamente diferentes. Ela dirá “Absorve-me”. Dirá “Comunga comigo, estejamos unidos” — essa noção de união, de ponte entre duas pessoas, é a arte de sermos verdadeiros seguidores.

Se o permitir, o Buda começará por o inundar com a sua energia. Não se trata de comunicação verbal, mas ela existe a um nível que gera energia. Então, compreenderá que os Budas nunca estão contra a vida. Estão sempre a favor da vida. A Vida é Deus — como podem estar contra ela?

Os padres sempre foram contra a vida, pois só detêm poder sobre os outros se estes forem fracos. E se você for contra a vida, será fraco. É aí que se instala todo o tipo de perversões no interior das pessoas.

Você ainda não conheceu o sexo. Pode ter amado, pode já ter assumido gestos de amor, pode já ter feito amor — mas tudo não passou do nível fisiológico. Não conseguiu transferir-se para o reino da espiritualidade. Permaneceu estranho ao facto, não comungou com o mistério do sexo.

Não sabe como participar, daí o seu problema. Não domina a linguagem da participação, a arte de comungar e de se ligar a outrem sob todos os níveis possíveis de energia — não só do corpo, mas também da mente e da alma —, não apenas situados nos centros inferiores mas também nos superiores.

Porém, nunca se disse isto a ninguém. Lembre-se de que, nos animais, o sexo é instinto; no homem é uma arte. No homem tudo é arte, nos animais tudo é instinto. Por exemplo, se levar um búfalo para um jardim, o búfalo só se alimentará de certas ervas e não comerá mais nada. A sua escolha é predeterminada, pelo que não é uma escolha consciente. Ele não seleciona: a escolha é mecânica e ele limita-se a funcionar como um robô. É instintivo.

No homem, nada é instintivo. O homem libertou-se da garra do instinto — o que, por si só, é um grande fenómeno. A grande glória dos seres humanos é terem deixado de ser instintivos. Assim, têm uma certa liberdade.

E é por esse motivo que o homem come toda a espécie de coisas. Nenhum animal come como o homem. Cada animal tem o seu alimento próprio. Apenas o homem é capaz de comer todo o tipo de alimentos, imagináveis ou inimagináveis. Nem dá para acreditar! Tenho observado os hábitos das pessoas em todos os cantos do planeta, e penso que não existe uma coisa sequer que não tenha sido devorada de uma forma ou de outra.

Chega-se a comer insetos e cobras. Cobras? Na China, é um petisco. Comem-se formigas em África — é saudável para as crianças e elas andam à procura delas. O homem já se alimentou de tudo.

E não há nada que não tenha sido condenado; já foi tudo condenado. Agora, o homem ganhou a liberdade absoluta.

Por instinto, o ser humano deveria ser vegetariano porque os seus intestinos provam que deveria ser vegetariano, e não carnívoro. Os animais carnívoros têm intestinos pequenos e o homem tem um intestino comprido. Esta característica pertence aos herbívoros, pois os carnívoros podem comer uma vez e não precisarem de mais durante vinte e quatro horas.

O leão come apenas uma vez por dia, mas o macaco come durante todo o dia, já que, quando comemos apenas vegetais, necessitamos de ingerir maiores quantidades. Nem tudo é nutritivo nos vegetais e, assim, pouco será aproveitado como alimento substancial; apenas uma pequena porção será absorvida pelo organismo. Mas a carne é absorvida na íntegra. Já tinha sido absorvida. Outro animal já tinha feito o trabalho de a absorver. Você está a comer alimentos em segunda mão. Mas se nos alimentarmos apenas de vegetais, a absorção demorará muito tempo e requererá uma passagem mais comprida, de modo a permanecer no nosso organismo por um período mais longo.

Fisiologicamente, o homem é vegetariano, mas o instinto deixou de ter poder de decisão. Até o sexo deixou de ser instintivo. É por essa razão que podemos encontrar muitas variantes no homem que não encontramos nos animais. Por que será que o homem dispõe de tantos modos de relacionamento? Heterossexual, autosssexual, homossexual, bissexual, a dois ou em grupo? Porque tem liberdade de escolha. E esta escolha pode torná-lo patológico ou transformá-lo num Buda. Tudo depende de nós, do modo como usamos a nossa liberdade.

A liberdade é um fenómeno perigoso — imensamente importante, mas igualmente perigoso. Podemos descer abaixo dos animais ou subir acima dos deuses — é este o espectro da liberdade. Nenhum animal pode ultrapassar a sua condição. Só Adão e Eva o fizeram; os outros animais ainda vivem no Jardim do Paraíso. Nenhum outro animal comeu ainda o fruto da Árvore do Conhecimento — nem mesmo a serpente que persuadiu Adão e Eva a prová-lo, nem ela o provou. Ainda está no Jardim do Paraíso. Já ouviu falar da queda da serpente? Ainda não aconteceu...

O homem dispõe de uma liberdade imensa e por isso pode entrar em decadência. Deixou de se guiar pelos instintos, está muito livre. Não é como uma árvore, enraizada, fixa; pode mover-se, é uma árvore móvel. As suas raízes não são fixas, mas móveis. Trata-se de um dom fabuloso — mas muito poucas pessoas o sabem utilizar devidamente.

Podemos cair como Adão ou ascender como Jesus.

O sexo carece de aprendizagem e não há ninguém que o ensine; não existem escolas de sexo, porque não são permitidas! Toda a gente está autorizada a poder envenenar-lhe a mente contra o sexo, mas ninguém pode

ensinar-lhe como praticá-lo da forma mais acertada. Ninguém está autorizado a fazer dele uma arte requintada. E ele é uma arte requintada!

Era uma vez um menino de quatro anos que naufragou e foi parar a uma ilha deserta onde viveu durante muitos anos. Quando tinha vinte e um anos, deu à costa uma loura espampanante.

Apresentaram-se. Ela perguntou-lhe:

— Quem és tu?

E ele respondeu:

— Sou o único habitante desta ilha.

A loura indagou:

— E o que fazes durante o dia?

Ele disse:

— Vou à caça, à pesca, subo às árvores, sento-me no topo daquela rocha que está ali e, com a minha fisga, atiro seixos ao mar.

Então, ela perguntou:

— E quanto a sexo?

Ele admirou-se:

— Sexo? O que é isso?

Ali mesmo, sobre a areia, a loura mostrou-lhe o que era. Quando tudo acabou, ela quis saber:

— Então, o que achaste?

Ele respondeu:

— Bem, foi muito bom, mas vê só o que fizeste à minha fisga!

O homem tem de ser ensinado em tudo. Não possui bases instintivas, portanto tudo é possível. E se não formos bem ensinados, caminharemos nas trevas.

Na escola de Pitágoras ensinava-se a transcender o sexo através da entrega total. Foi por isso que ele foi torturado e perseguido durante toda a vida, errando de cidade em cidade. Passou toda a sua existência a viajar de uma ilha para outra. Finalmente, decidiu que teria de fazer da questão do sexo uma coisa absolutamente secreta. Não havia razão para isso, pois ele levava a cabo experiências muito belas. Queria aproximar-se das pessoas, só que elas não

estavam preparadas para o escutarem. Foi então que o segredo se tornou necessário.

O segredo não é mais do que uma segurança. Pitágoras teve de manter segredo. Só o seu círculo mais íntimo de amigos é que partilhava a essência dos verdadeiros segredos. Estes eram transmitidos oralmente, pois não se podia escrever sobre eles. Nem Lísis os mencionou. E o que quer que ele pudesse dizer sobre o assunto, não deixará de o surpreender. Parece que não serve de nada guardar um segredo. O que é dito são coisas básicas: "Cuidem da vossa saúde." Onde está o segredo disto? Ou então uma frase lapidar: "No meio está a virtude." Por que razão guardou ele os segredos? Se ler os *sutras*, não encontrará qualquer segredo, pois se os segredos estivessem nos *sutras*, há muito que tinham sido lançados à fogueira e ninguém os encontraria.

No dia em que Pitágoras morreu, a sua escola foi incendiada. Os seus discípulos foram massacrados, torturados, e com eles esfumaram-se todos os segredos que o filósofo desvendara no Ocidente pela primeira vez... Tinha investigado no Oriente durante anos; toda a sua vida foi dedicada à investigação e todos esses segredos foram destruídos.

Desde sempre, tem sido esta a atitude das multidões.

O homem tem de aprender tudo — como comer, como amar, como ser. Se não for ensinado, será apenas um ser amorfo, vago, ambíguo, incerto, em hesitação permanente. Continuará a concretizar algumas coisas porque consegue sentir alguns impulsos dentro de si. Mas não terá uma direção definida, não possuirá o menor sentido de orientação.

Terá de aprender o sexo. E, quando afirmo isto, as pessoas entendem que estou a dizer que ainda não conheceram o sexo. Não, já sabe do que se trata, mas o seu conhecimento sobre esta matéria é muito superficial. O seu conhecimento não é ainda uma arte, não é ainda uma filosofia. Pode até dar-se o caso de ter filhos, portanto pode pensar que sabe o que é o sexo, pois é pai ou mãe.

Ter filhos não significa necessariamente que saiba o que é o sexo. Ter filhos é um ato tão fácil como acender ou apagar uma lâmpada elétrica. Ao acendermos e apagarmos a luz, não podemos pensar que sabemos de eletricidade. Ou acha que percebe de eletricidade só porque sabe como acender e apagar a luz? Algumas pessoas pensam assim, julgam que sabem o que é a eletricidade.

Ouvi uma história maravilhosa sobre Edison, o homem que concebeu a primeira lâmpada elétrica. Durante anos, aplicou-se muitíssimo e foi bem-sucedido. Foi um milagre — pela primeira vez, a eletricidade funcionava nas mãos dos homens. Essa grande energia, esse poder tremendo, foi canalizado para servir o homem.

Trabalhou durante quase trinta anos intercaladamente e durante três anos consecutivos.

É claro que, quando a primeira lâmpada elétrica se acendeu, ele ficou espantado, como que em transe. Sentou-se e ficou a olhar para ela. Já passara mais de metade da noite e mais horas se passariam ainda. A esposa foi ter com ele e disse-lhe:

— Enlouqueceste ou quê? Que estás tu a fazer aqui, a olhar para essa luz estúpida? Vem deitar-te!

Ela chamou-lhe “luz estúpida” e dizem que Edison começou a chorar. Respondeu:

— Chamaste-lhe luz estúpida? Sabes o que é a eletricidade? Ao que ela respondeu:

— Claro que sei — pois tinha-o visto ligar e desligar vários aparelhos.

— Eu sei. Basta ligares e desligares. É a eletricidade.

Outra história que me contaram sobre Edison:

Foi de férias para uma pequena cidade. A escola local comemorava o encerramento do ano letivo e os alunos tinham muitos trabalhos para exhibir. Edison foi à festa, mas ninguém sabia quem ele era. As crianças tinham concebido alguns brinquedos elétricos e Edison perguntou a um dos alunos que, orgulhoso, mostrava os seus brinquedos:

— Sabes o que é a eletricidade?

O rapaz respondeu:

— O que é a eletricidade? Não sei. Espere um momento que vou perguntar ao meu professor.

Chamou o professor, licenciado em Ciências, e Edison perguntou-lhe:

— O que é a eletricidade?

E o professor respondeu:

— Ninguém faz esse tipo de perguntas. O que é a eletricidade? A eletricidade é a eletricidade! Mas espere aí, eu vou chamar o reitor. Ele é doutorado em Ciências e talvez lhe possa responder.

Lá veio o reitor que, esforçando-se, tentou explicar o que era a eletricidade. No entanto, como poderia ele explicar isso a Edison? Ele foi o primeiro homem a descobrir alguma coisa sobre a eletricidade, um dos maiores génios do mundo — o único homem responsável por pelo menos mil invenções. Mas o reitor não sabia com quem estava a falar e lá continuou com as suas explicações, até que Edison o interrompeu:

— Isso não chega. Diga-me só em duas palavras o que é a eletricidade. O que me está a explicar não responde à minha pergunta. Está a tentar desviar a questão.

O reitor começou a transpirar e, entretanto, reuniu-se uma multidão à volta deles. Foi então que Edison se sentiu invadido por um sentimento de compaixão e disse:

— Não se preocupe mais com o assunto. Chamo-me Thomas Edison e nem eu próprio sei o que é a eletricidade.

O facto de algumas pessoas terem filhos não significa que saibam o que é o sexo. O sexo é um fenómeno muito mais profundo do que a eletricidade — é bioeletricidade. Ainda está por descobrir, pois trata-se de um fenómeno totalmente diferente. A eletricidade que você conhece é a contrapartida material do sexo; o sexo é a sua contrapartida espiritual. A eletricidade que conhece não passa de um fenómeno sem vida. O sexo tem vida: é a eletricidade acrescida de vida. É uma síntese mais elevada — ainda não foi decifrada.

Algumas pessoas têm vindo a investigar o sexo, mas são sempre perseguidas pela sociedade. Wilhelm Reich investigou a eletricidade sexual, mas foi condenado, literalmente metido num manicómio e diagnosticado como louco. Não o era — era uma das pessoas mais saudáveis deste século. Contudo, movimentava-se em torno desses segredos, dos quais os padres e os políticos sempre tiveram pavor. Aprofundou os mistérios que padres e políticos não querem ver revelados ao comum dos mortais, pois, uma vez revelados, o homem ficará livre. Foi perseguido durante toda a sua vida e depois internado num manicómio. Morreu como um criminoso, como um louco — e não era uma coisa nem outra.

O mesmo tem acontecido com o Tantra. Ao longo de três mil anos, a ciência tem progredido por fases, só que a sociedade acaba sempre por destruir as suas descobertas, com medo de revelar aos homens os grandes segredos que os transformarão em indivíduos independentes.

Você não sabe o que é o sexo. Por favor, diga adeus a todos os padres. Liberte-se de todos os disparates que lhe contaram sobre o sexo. Volte a experimentar, mas desta vez fresco e inocente. Enfrente-o através da meditação — como se fosse uma oração. É um dos atos mais sagrados, o mais sagrado de todos, porque é através do sexo que a vida chega até nós, e é através dele que podemos penetrar na verdadeira fonte da vida. Se mergulhar profundamente no sexo, sentir-se-á divino. Encontrará as mãos de Deus algures no mundo profundo da experiência sexual.

O sexo tem de ser uma meditação, e você terá de aprender a arte de meditar. Cante, dance, festeje. O sexo não deve ser assunto que se resolva em dois tempos, não deve ser encarado como um encontro fortuito e rápido, como acontece habitualmente. Saboreie-o. Deve ser um ritual. Foi assim que surgiram os rituais tântricos. Prepare-se para ele. Torne-se mais sensível, aberto,

silencioso. Quando estiver a fazer amor, pense que está a entrar num templo. Entre após ter meditado, caso contrário não o ponha em prática.

Não entre nesse templo com lascívia, entre com o poder da meditação. Só assim será capaz de conhecer o segredo do sexo. Não entre para explorar o seu semelhante, mas sim para partilhar com ele. Não entre como se o sexo fosse uma espécie de alívio; essa é a forma mais baixa de praticar sexo. A forma mais elevada não é o alívio, mas sim o êxtase. O alívio é negativo.

Claro que o sexo o alivia de uma certa energia, mas assim perde-se a parte mais positiva. A parte positiva é quando essa energia o alimenta — não só o alivia mas também o alimenta, criando algo de superior dentro de si. Quando o sexo é utilizado apenas para proporcionar alívio, como se de um espirro se tratasse, estamos perante a forma mais baixa de o praticar.

A forma mais elevada é imensamente criativa: não só permite libertar energia do seu ser, como esta volta a circular em níveis mais elevados. A energia ganha asas e eleva-se acima do sistema de gravidade. Começa a penetrar nos seus chakras superiores. Não se trata apenas de um alívio, mas sim de um voo que o levará ao êxtase. Só então sentirá o orgasmo mais profundo, no qual o tempo e o ego desaparecem. Uma vez experimentada esta sensação, deixará de sentir necessidade de sexo. O sexo acabou de lhe revelar os seus segredos, de lhe oferecer a sua chave de ouro.

Agora pode usar a chave de ouro sem ter de passar por qualquer atividade sexual. Agora pode sentar-se em silêncio, em *zazen*, *vipassana*. Pode sentar-se em silêncio, abandonando o seu ego e esquecendo o tempo. Atingirá assim o cume onde permanecerá por mais tempo.

Embora continue a dizer-nos para gozarmos o sexo e nos divertirmos, muitas vezes apercebo-me de que encaro o ato sexual com demasiada seriedade e pouca vida. Por qualquer razão, parece que tenho medo de gozar o sexo. Não consigo compreender isto. Poderá explicar-me?

Toda a gente percebe o que se passa, incluindo você.

Sente-se condicionado. Disseram-lhe repetidamente que o sexo era um pecado, e é por isso que, cada vez que o pratica, esse pensamento se interpõe imediatamente entre si e o seu parceiro. Sente-se culpado e encara o ato de uma maneira muito séria. Começa a pensar: "Que estou eu a fazer? Estou a fazer uma coisa contra Jesus, contra Buda, contra Confúcio."

Está a fazer algo que é contra a consciência de todas as pessoas religiosas deste mundo. Você é apenas um ser minúsculo, insignificante, e está a praticar qualquer coisa que vai no sentido oposto ao de todas as histórias de milhares de

profetas e messias de todos os países, de todas as nações. É evidente que só podia ficar sério e isso fá-lo sentir-se morto por dentro.

A seriedade pertence aos mortos. Algum dia viu um morto a rir? Ou mesmo a sorrir?

O riso faz parte da vida; a sisudez, a seriedade, fazem parte da morte. Um ser vivo está sempre divertido, brincalhão, e não sério. É por isso que lhe digo que fazer amor é divertido. Falaram-lhe de pecado, mas devo dizer-lhe que é divertido. A diferença é tão grande que se sente confuso. O sexo não é nenhum pecado. Se o fosse, a existência tê-lo-ia criado sem órgãos genitais. Para que serviriam? A natureza teria certamente encontrado qualquer outro modo de gerar crianças.

Contaram-me uma história sobre um casal que viajou até uma estrela muito distante — esta história deve pertencer ao século XXI. Ao chegarem à tal estrela, verificaram que lá havia vida, e quiseram saber tudo sobre ela: sobre os seres humanos, sobre as árvores, as aves e outros animais. Embora fosse tudo um pouco diferente, não deixava de ser identificável. Quiseram perceber, tanto quanto possível, as características do novo local, pois em breve teriam de o abandonar e informar a Terra sobre tudo o que tinham encontrado.

Entraram na primeira casa. Os anfitriões foram muito simpáticos e perguntaram-lhes:

— Desejam alguma coisa, um refresco, um chá?

Eles responderam:

— Obrigado, fica para mais tarde. Primeiro queremos fazer-vos algumas perguntas sobre este planeta.

O anfitrião também se mostrou interessado na Terra e retorquiui:

— Ainda bem, pois também queremos saber coisas sobre o vosso planeta. E a primeira é: como é que geram crianças?

O casal ficou um pouco embaraçado, pois tratava-se de uma pergunta que não se fazia na Terra. Porém, sabendo que ninguém iria contar o que dissessem ou fizessem, o homem respondeu:

É difícil de explicar, mas eu vou fazer amor com a minha mulher e logo veem como são feitas as crianças.

Começaram a fazer amor e os anfitriões desataram-se a rir às gargalhadas. Não podiam acreditar que fosse assim que eles gerassem crianças. Em primeiro lugar, a pobre mulher ficava por baixo daquele gigante e ele, ainda por cima, dava-lhe safanões! Que raio de exercício!

À conta do riso dos outros, o casal da Terra ficou ainda mais embaraçado. Primeiro, porque estavam a fazer amor, e segundo, porque havia duas pessoas a rirem-se deles. Era de enlouquecer. O homem parou de fazer amor e perguntou:

— Qual é a graça?

O outro respondeu-lhe:

— Estamos a rir porque é assim que fazemos café! Quanto a crianças, temos um método bem mais simples.

Mostraram-lhes o frigorífico e abriram-no. Num jarro havia um líquido verde e, noutra jarro, um líquido vermelho. Misturaram os dois líquidos para dentro de outro jarro e fecharam a porta do frigorífico. O casal da Terra não conseguia entender como é que dali poderia nascer uma criança. O anfitrião disse:

— Dentro de nove meses, estes dois líquidos dar-nos-ão uma criança. Com efeito, a coisa mais difícil de fazer neste planeta é café — fazer crianças é muito fácil.

Se a existência quisesse que o sexo fosse pecado, teria decerto proporcionado outro método para gerar crianças. A existência não é contra o sexo. E tem de se consciencializar do facto de que isso não diz respeito apenas à humanidade. Os seus santos apreciam as flores — são ignorantes, não sabem o que estão a fazer. Estão a apreciar o sexo, porque essa flor não deverá ser apreciada pelos santos, não tem nada a ver com os santos.

Com santos ou sem eles, com poetas ou não, as flores têm sementes. E no reino das plantas há plantas femininas e masculinas. Claro que estas pobres flores não conseguem caminhar e abraçar-se umas às outras, possibilidade que seria bem mais agradável. Têm de usar as borboletas para transportar o seu sêmen para os ovários femininos, depositando-os aí, junto dos óvulos. As flores são muito sexuais.

E por que são tão coloridas? E por que têm tanta fragrância? Estes atributos não nos são dedicados; destinam-se a atrair as borboletas e as abelhas. As cores são um polo de atração. Se as flores não tivessem cor nem fragrância, então nenhuma borboleta ou abelha seria suficientemente estúpida para ir ter com elas. Têm de criar uma força magnética para as atraírem. Trata-se de um fenómeno sexual. As aves e os outros animais — toda a existência — dependem do sexo para dar origem à vida.

As religiões são contra a existência. Dizem-lhe que o sexo é pecado e que o celibato é uma virtude. E todos nós sabemos que espécie de celibato está a acontecer nos mosteiros, que espécie de celibato professam os bispos e os padres.

Há uns dias, contaram-me que um sacerdote cristão tinha sido condenado à prisão, porque pregava o celibato do seu púlpito mas fazia amor com um rapaz de quinze anos. Outros rapazes também me contaram que ele fazia o mesmo com eles. Essas pessoas continuarão a pregar o celibato e acabarão por levar os outros à loucura; têm vindo a enlouquecer toda a humanidade.

É por isso que eu digo que o sexo é uma brincadeira, é divertido. Não consegue aceitar a ideia de divertimento pois foi condicionado para o considerar um pecado. De pecado a diversão vai um salto milenar! Mas que posso fazer? É divertido.

Terá de se despir dos seus condicionamentos. E não se sentirá vencido. Verá que se sentirá melhor ao erradicar da sua mente a ideia de pecado. Mesmo sabendo que é pecado e que o celibato é uma virtude, continua a ter relações sexuais. E o que revela isso? Que esses conceitos não alteram a sua natureza, mas ensombram a sua mente. Quando está a fazer amor, o seu pensamento está enevoadado por todas essas ideias.

Os padres têm sido incapazes de abolir o sexo do mundo, mas têm-no envenenado. O homem encontra-se dividido, a mulher também; os dois sentem-se divididos quando estão a fazer amor. As suas mentes estão confusas com toda esta espécie de teologias contra o sexo, mas os seus corpos continuam a fazer amor. Não têm uma participação total no ato.

Os homens que sofrem de ejaculação precoce não padecem de qualquer mal psicológico, mas sim de uma doença religiosa, porque a mente está tão amedrontada perante a ideia de ter relações sexuais, que sente estar a cometer um pecado. Portanto, despache-se! Entregue-se ao pecado e acabe com ele! Isso é obra de Jesus, de Maomé, de Mahavira. Não se culpabilize pela ejaculação precoce, pois ela é uma consequência religiosa. Não conseguiu professar o celibato, pois a natureza é contra isso. Não pode fazer amor com alegria e satisfação, pois a sua mente está continuamente a perturbá-lo, a atacá-lo em duas frentes, dizendo-lhe que alguma coisa está errada.

Devia fazer um filme quando está a fazer amor com a sua mulher ou namorada e vê-lo, de tempos a tempos. Ficará surpreendido com a vossa expressão de embaraço! Parece que estão cheios de pressa. Parece que foram forçados, que há alguém atrás de vocês a apontar uma arma e a dizer-vos: "Façam amor, caso contrário..." E repare na expressão da mulher: parece que está prestes a ter um ataque, tem o rosto contorcido. Isto não é orgasmo, é simples estupidez!

A mulher está a pensar que você não passa de um porco decadente. Fá-lo porque é sua mulher, por isso, está a cumprir um dever, consciente de estar igualmente a cometer um pecado. Como poderá ela atingir o orgasmo? Ela não está a viver aquele momento. Limita-se a ficar estendida naquela cama, como

um cadáver. Nenhum homem quer uma mulher muito ativa, pois, se o for, deixa de a considerar uma senhora.

A palavra "senhora" significa uma mulher de boa condição: discreta, silenciosa, morta. "Faz o que tens a fazer e despacha-te", pensa ela, e você está tão apressado, que também não consegue ter um orgasmo, mas sim uma mera ejaculação. É um total desperdício de energia.

Porém, a mulher tem um ritmo diferente. Na natureza, macho e fêmea têm o mesmo ritmo. Alcançam o orgasmo simultaneamente, pois, como os animais nunca ouviram dizer que fazer amor era pecado, não têm pressa nenhuma.

A sua mente está contra o ato e começa a pressioná-lo, daí a sua pressa. E a mulher tem um ritmo muito próprio. Tem um mecanismo muito mais delicado e todo o seu corpo é erótico. Nisso, o homem é mais pobre. Só os seus órgãos genitais é que são eróticos; todo o seu corpo se centra nos órgãos genitais, para que eles cumpram a sua função.

Porém, como todo o corpo da mulher é erótico, todo ele demora mais tempo a vibrar de alegria, a sentir-se invadido pelo calor. Na altura em que a mulher começa a ter qualquer sensação, já o homem está a rressonar. Terminou a sua tarefa, deu o caso por encerrado, adormeceu — e como se não bastasse, põe-se a rressonar. Muitas mulheres contaram-me que, depois de fazerem amor, desatam a chorar. Quem não desataria a chorar, com um homem assim? A mulher ainda não sentiu prazer e o homem já acabou.

Por causa dos ensinamentos religiosos, para o homem, o sexo tornou-se uma espécie de comprimido para dormir. Relaxado, exausto, sem qualquer energia para que a mente consiga continuar a trabalhar e mantê-lo acordado, adormece. Não é este o objetivo do sexo. Um sonífero? Se o fosse, podia comprar os que quisesse, há muito por onde escolher. Para que precisa de uma mulher? É insultuoso reduzir uma mulher a um simples comprimido para dormir.

Uma mulher não consegue atingir o orgasmo com toda esta pressa. Na Índia, cerca de noventa e oito por cento das mulheres não sabem o que é um orgasmo. No hindustani não existe nenhuma expressão para designar o orgasmo. No Ocidente, só nestes últimos trinta anos é que a mulher tomou consciência da sua condição feminina. Porém, essa condição vai contra toda a tradição judaico-cristã. Se uma mulher tem o direito de experimentar o êxtase, a sensação orgástica, a anulação do ego, a paragem do tempo, o silêncio total caindo sobre ela e uma alegria incontrolável, então o homem terá de aprender tudo de novo.

Terá de aprender os preliminares — acariciar o corpo da mulher antes de fazer amor, de modo que este comece a estremecer de excitação. Só quando sentir que o corpo da mulher está pronto, só então é que poderá começar a fazer

amor. E, por favor, não leve a *Bíblia* para a cama! Acho que ninguém consegue fazer amor como deve ser com a *Bíblia* pelo meio.

Esqueça todos os disparates que lhe disseram e os condicionamentos que sofreu, e faça amor com ternura, com todo o tempo deste mundo.

Chamará idiota a um homem que beba uma chávena de chá de um só trago. Queimará a boca e desperdiçará o chá. Não sabe beber chá; este tem de ser bebido em golinhos e não de um só trago!

Prossiga com calma. Espere pelo momento em que a mulher também esteja pronta e permita-lhe sentir a sua feminilidade. Por favor, arranque-lhe a etiqueta de "senhora". Deixe que ela seja ativa, pois, se o for, mais depressa se aproximará do ponto do orgasmo. Com ela estendida na cama como um cadáver, não pode esperar...

E lembre-se de uma terceira coisa: quando ambos tiverem acabado de atingir o orgasmo e se sentirem invadidos por uma alegria extrema, lembre-se de que falta completar a última parte — o apêndice, o jogo final. A mulher deu-lhe tanto prazer, o homem deu-lhe tanto prazer... que não devem adormecer sem agradecerem um ao outro. A única maneira de demonstrar a sua gratidão é voltar a acariciar o corpo da mulher — a parte final — e deixar que a mulher acaricie o seu corpo...

E não pense que só as prostitutas são ativas, que só elas brincam com o corpo dos homens. Todas as mulheres gostariam de o fazer, mas receiam que os homens pensem que elas são prostitutas. Contudo, repare numa realidade: mesmo os homens que têm mulheres muito bonitas como esposas não deixam, apesar disso, de ter relações com prostitutas. Porquê? Porque, para eles, uma prostituta não é uma senhora.

Quem criou esta situação tão bizarra foi o próprio homem. A prostituta dá-lhe muito mais prazer do que qualquer esposa, pela simples razão de que é paga para o satisfazer em todos os sentidos; é uma profissional. A sua esposa é uma amadora, no fundo, igual a si.

Também existem prostitutas masculinos, por isso não fique preocupado; se pode ter relações com uma prostituta, a sua esposa também pode ir ter com um prostituto — um prostituto que lhe dará mais prazer, porque é um profissional, habilidoso, mestre em todas as maneiras de satisfazer uma mulher ao mais elevado nível. Porém, isso deveria acontecer com todas as pessoas que fazem amor!

Penso que, se o sexo se tornar divertido, as prostitutas desaparecerão deste mundo. Não haverá necessidade de uma mulher descer tão baixo que tenha de vender o seu amor. Pelo menos, não meta o amor neste negócio — o amor não é um objeto, não tem preço. É extremamente valioso, mas não tem preço.

Um homem que tem relações com prostitutas é um homem condenado. Uma mulher que se prostitui está, ela própria, a condenar-se, porque está a vender algo que é impagável.

Mas preste bem atenção: padres e prostitutas têm os dias contados.

Foi o padre que forçou milhões de mulheres a prostituírem-se, ao inventar a ideia do pecado. Tudo está interligado e eu vou sempre à raiz da questão. Por isso é que saliento mais uma vez o seguinte: faça do sexo uma brincadeira, um divertimento.

E, desde a invenção da pílula, não há qualquer problema, não precisa de se preocupar com o nascimento de crianças. Agora é tudo divertido, irresponsável, sem problemas. Divirta-se! Esqueça a mente. Diga ao padre — sempre a matraquear-lhe a cabeça — para ir dar uma volta. Faça amor e ele que faça o sermão dominical!

Não, o amor é um fenómeno tão maravilhoso que deve aprender a sua arte, tal como deve aprender a arte da vida.

Se puder, reserve um quarto para o amor digno de um templo. E, quando entrar no quarto do amor, deixe os sapatos e a sua mente à porta; coloque-a dentro dos sapatos. E, antes de fazer amor, tome um bom duche, sintá-se limpo. Medite por alguns minutos. Transforme esse momento numa experiência maravilhosa.

Ilumine o quarto não com lâmpadas, mas à luz de velas, para que elas exalem a fragrância dos templos. No quarto do vosso amor, não faça mais nada além disso — nada de lutas, nada de discussões. Se não estiver com a melhor das disposições, então é melhor não entrar no quarto do amor.

Há muitas coisas das quais você não tem consciência... A cama onde dormem marido e esposa é o palco onde lutam, discutem, atiram almofadas um ao outro e — nessa mesma cama — fazem amor logo a seguir. Não percebem que cada um destes atos, cada pensamento e cada sentimento emana a sua própria vibração. O quarto do amor deve estar repleto de vibrações de amor.

O amor deverá ser o seu único Deus. E com Deus não precisamos de levar tudo a sério. Temos de ser brincalhões, divertidos. Trata-se apenas de compreender o que se passa consigo e, uma vez compreendida a questão, toda a situação se modificará.

Gostava de aprofundar a relação sexual com a minha namorada. No entanto, os meus orgasmos são pouco intensos e precoces...

Na verdade, não existem padrões para avaliar o que é precoce ou não, sobretudo no Ocidente onde tanto se fala de orgasmo, o que suscita na mente das pessoas problemas que anteriormente nem sequer eram equacionados.

Há pessoas que conseguem ter relações sexuais durante minutos, outras durante horas e outras apenas durante escassos segundos. Se conhece homens que conseguem ter relações sexuais durante minutos e você se fica pelos segundos, então irá achar que qualquer coisa está mal. Isso é patético, não está a faltar nada. O seu orgasmo, a sua experiência de orgasmo, será sempre a mesma, mesmo que seja após três segundos, três minutos, três horas ou três dias. O orgasmo não tem nada a ver com a duração do processo. O orgasmo ocorre no final do processo, donde se torna irrelevante se esse processo durou segundos ou minutos. Acontece numa fração de segundo. Esses três minutos ou três segundos não fazem a menor diferença. Está a seguir o meu raciocínio? É o culminar do processo. O seu culminar surge mais depressa que o dos outros, mas não há mal nenhum nisso. O culminar surge!

E se começar a comparar os comportamentos, isso deve-se à influência de Masters e Johnson e quejandos que, ao investigarem este tema, apenas contribuíram para confundir a cabeça das pessoas. Tudo depende de vários fatores: cada corpo funciona de maneira diferente. Escusa de se preocupar. O problema torna-se duplamente complexo: ao começar a preocupar-se, a sua própria capacidade ficará perturbada. Quanto mais se preocupar com os seus orgasmos, menos satisfatórios eles se tornarão. O orgasmo não acontecerá facilmente. Portanto, a primeira coisa é não se preocupar, não pensar no assunto.

Todas as espécies de animais têm orgasmos, não é verdade? Do mais pequeno ao mais corpulento elefante, e eles não estão nada preocupados, porque nunca leram Masters e Johnson. E todos se divertem à grande! Com efeito, o homem é o único animal que se pode tornar impotente. Não acontece a mais nenhum animal, pela simples razão de que não se preocupam com isso. É a preocupação que torna o homem impotente. Se continuar a preocupar-se com esta questão, pode ficar impotente. Primeiro, começa a sentir que é fraco, pois compara-se com os outros. Depois, fica perturbado, pensando que lhe falta qualquer coisa e que o seu orgasmo não é como devia ser. Lentamente, todos os processos serão perturbados.

Estes processos têm origem no inconsciente. Não deve forçá-los deliberadamente. O seu orgasmo é o seu orgasmo, e o seu ritmo é o seu ritmo. E toda a gente tem o seu ritmo próprio; por isso não se compare com ninguém. Queime todos os livros que leu e ponha o problema para trás das costas.

E não se esqueça de uma segunda questão: a mente ocidental depara-se com um problema adicional — o homem tem de satisfazer a mulher e a mulher tem de satisfazer o homem. Ambos ficam perturbados. O homem fica a ver se a mulher está satisfeita: se não, isso significa que se passa com ele algo de errado. Acha que não é suficientemente viril. E, ao começar a pensar assim, encaminha-se na direção errada, e daí surgem cada vez mais dificuldades. Começa por se sentir nervoso e perde a autoconfiança. E a mulher continuará a fazer tudo para satisfazer o homem, ou não... Se pressentir que não satisfaz o homem, que ele não atingiu esse êxtase atualmente tão apregoado por todo o mundo, começará a pensar que lhe falta alguma coisa. Então, ficam os dois perturbados, corrompendo assim o sublime ato do amor.

Não se preocupe; estas coisas seguem o seu próprio ritmo. Se vocês se amam, tudo bem. Tudo se torna mais gratificante quando o amor está presente. Não há necessidade de concretizar qualquer tipo de padrão, porque ele não existe. Esqueça essa questão, caso contrário arranjará problemas. Esqueça-a pura e simplesmente. Limite-se a apreciar. Se o orgasmo ocorrer, tudo bem; quando tiver um orgasmo precoce, aceite-o. É o seu modo de ser; o seu corpo funciona assim.

Por vezes acontece — a vida é tão complicada — que, quando um homem tem demasiada energia sexual, o seu orgasmo surja mais depressa, pois o seu corpo transborda de energia. Nos jovens, o orgasmo ocorre muito depressa. Com o avançar da idade, o orgasmo demora mais tempo a atingir. É normal que um homem mais idoso satisfaça mais facilmente uma mulher mais nova, pois já não tem tanta energia e o orgasmo chegará mais tarde. Se quiser envelhecer, posso fazer um truque mágico para que fique já um velho (risos). Mas depois não deite as culpas para cima de mim!

Acontece que você é jovem e saudável. Quando for mais velho, verá que surgirá outro problema... Então o orgasmo demora a chegar! Não se preocupe. Há algumas coisas que não devem ser feitas deliberadamente, pelo menos no que toca ao amor. Deixe que tudo seja espontâneo e acontecerá o que tiver de acontecer. O corpo é muito sábio e conhece-se muito bem. Durante um mês, não pense mais neste problema; varra-o liminarmente da sua mente.

Quando sentir vontade de fazer amor, faça-o. Deixe-se levar! O fator tempo não é problema. Antes de fazer amor, dance, cante, e só depois faça amor. Depois de fazer amor, medite, pois é o momento mais propício para a meditação. Toda a energia é libertada e a pessoa sente-se num local diferente... num sítio maravilhoso, obviamente criado pela descarga sexual. Quando a energia sexual é libertada, a pessoa sente-se quase num templo, portanto não se vire logo para o lado para dormir. É o momento ideal para escutar boa música, meditar, dançar ou ficar pura e simplesmente sentado a ver as estrelas. Recolha-se no silêncio e tome consciência de tudo o que o rodeia.

Por isso, deixe-se levar! Tudo o que tem vindo a fazer é precisamente o oposto: está a tornar-se demasiado “civilizado” neste aspeto. Não se trata de uma questão de conhecimento e não existe qualquer técnica para melhorar esta situação. Todas as técnicas terão um efeito destruidor. Se uma pessoa se entrega a técnicas, toda a sua energia para o amor é desperdiçada, pois tudo se torna demasiado mecânico. Limite-se a aceitar o seu ser e ele virá ao seu encontro. Terá mais energia — não que agora você seja fraco.

O facto de satisfazer ou não a sua mulher não é motivo para andar preocupado. Assim como ela também não se deve preocupar com o facto de o satisfazer ou não. Pense apenas em si, sinta se está completamente satisfeito — isso é bom! E ela também terá de pensar em si própria, e se está satisfeita, tanto melhor! Muitas vezes, poderão não se sentir totalmente realizados, mas isso faz parte da vida. Umas vezes, faz amor porque a mulher quer. Outras vezes, faz amor porque o sexo se tornou uma rotina, um hábito. Por vezes, faz amor porque não quer que a mulher pense que deixou de a amar, assim, o ato de fazer amor transforma-se num dever. Outras vezes ainda, faz amor sem saber porquê. Por não ter mais nada que fazer — por ter faltado a eletricidade ou a televisão se ter avariado.

O que vou contar aconteceu numa cidade norte-americana. Durante nove dias houve um corte de energia e todas as mulheres engravidaram. Sim, isto foi verdade, pelo simples facto de não haver mais nada que fazer. Nada para ver — o que fazer então? Quando o quarto está às escuras, o que nos resta senão fazer amor? Porém, estas situações nunca trarão satisfação plena. Faça amor apenas quando sentir um desejo tremendo, uma paixão muito forte, caso contrário, diga para si próprio: “Desculpa, mas não sinto nada, portanto para quê fazê-lo?” Fingir não é bom. Se parar de fingir, concluirá que a intensidade e profundidade do ato de fazer amor melhora consideravelmente. Depois há outro problema: as pessoas fazem amor demasiadas vezes. Transformaram-no numa rotina. Os médicos incutiram-lhes a ideia de que o sexo traz saúde. Se não fizerem amor todos os dias, algo de mau irá acontecer. Agora até afirmam que as pessoas podem ter um ataque cardíaco se não fizerem amor regularmente. E continuam a fazer afirmações destas.

Há pessoas que conseguem passar anos sem fazer amor. O ato sexual não é assim tão imprescindível. É um luxo e deve ser tratado como tal. Deve ser encarado como uma coisa rara, uma ocasião festiva. Não deve ser visto como uma mera rotina, não é o pão-nosso de cada dia. Devia guardá-lo para algumas ocasiões mais raras, quando sentir a sua energia fluir verdadeiramente, quando se propiciar um espaço diferente. Deve interpretá-lo como uma dádiva para momentos muito especiais, caso contrário torna-se um ato maçador. Tal como come — todos os dias —, bebe o seu chá, toma o seu banho, também faz amor. Ora isso torna-se um grande tédio — tudo acaba por parecer igual.

Deixe que o amor se transforme numa coisa especial — porque o é. E espere pelos momentos certos. Na maior parte dos casos, as pessoas escolhem o momento errado. O que me é dado a ver é que, cada vez que um casal se zanga, faz amor depois de ter discutido. Primeiro zangam-se, lutam, depois começam a sentir-se culpados por aquilo que estão a fazer um ao outro. A seguir, começam a odiar-se por não se terem comportado convenientemente. Para compensarem esse sentimento de culpa, decidem então fazer amor. E isto torna-se uma rotina: os casais discutem e a seguir fazem amor. Não pode haver pior altura para o fazer. Como poderá então ser satisfatório para ambos?

Espere pelos momentos certos. Haverá poucas oportunidades, mas elas surgirão. Ninguém as pode provocar. Por vezes, estão ali mesmo, à frente dos nossos olhos. São dádivas dos deuses. Um belo dia sentirá que a energia está a fluir, não se sente nesta terra... como se estivesse a voar. Sentir-se-á imponderável. Sentir-se-á tão aberto. que gostaria de dar tudo à sua mulher; eis o momento certo. Medite, dance, cante e deixe que o amor aconteça no meio da dança, por entre o canto, por entre a meditação e a oração. Verá que terá outra qualidade — a qualidade do sagrado.

O amor pode adquirir uma qualidade demoníaca — isso acontece quase noventa e nove por cento das vezes nos dias que correm. Ou, então, o amor pode tornar-se sagrado e, se não o sacralizar, não lhe trará qual satisfação. Poderá prolongar o ato de fazer amor ou mesmo encurtá-lo; de nada servirá. Quando o amor se torna sagrado, fá-lo sentir-se simplesmente feliz, imensamente feliz e bem consigo próprio.

Resumindo, tente descontraí-lo durante um mês e medite em tudo o que eu lhe disse.

Acho que as minhas relações com os homens não correm da melhor maneira. Há sempre muita tensão e discussões, e quase nunca atinjo o orgasmo. Não sei como resolver este problema.

Faça uma coisa... O que me parece é que está a prestar demasiada atenção ao orgasmo. Não o faça. Não pense nisso durante três meses. Deixe que o amor se torne mais uma diversão do que uma imposição. Quando pensa que o orgasmo é uma imposição, tudo se transforma numa obrigação e o orgasmo passa a ser mais difícil. Eis o dilema: se anda à procura do orgasmo, ele torna-se difícil de encontrar pela simples razão de que o procura, desejando ardentemente encontrá-lo, não participando assim totalmente no ato. A sua mente encontra-se apenas centrada nele: está a pensar quando o irá ou não atingir, e esse terror paralisa o seu centro sexual.

O centro sexual só pode abrir-se verdadeiramente quando não existem receios, quando não estão em causa quaisquer resultados, quando uma pessoa

não está a pensar no que irá acontecer, quando o ato não se destina a atingir uma meta, quando se está apenas a divertir. É maravilhoso brincar com o corpo de outra pessoa e essa pessoa brincar com o seu corpo. Apenas dois corpos dançando, cantando, abraçando-se, acariciando-se como numa bela sinfonia — não há razão para pensar no orgasmo. Subitamente, ele virá — eis a verdadeira beleza do acontecimento! Mas se não chegar, é irrelevante. Esqueça.

Esqueça o orgasmo durante três meses. Ele pode acontecer muitas vezes; se ocorrer, não pense que conseguiu, que desta vez conseguiu. Não pense antes, nem pense depois. Isso não tem importância. Diga-me qualquer coisa daqui a três meses.

As coisas vão melhorar. É toda essa obsessão pelo orgasmo que a transtorna, que está a gerar um problema dentro de si: se ele não ocorrer, sentir-se-á frustrada, mal-amada, sentirá que não consegue afinal encontrar o parceiro ideal. Depois, centrará as críticas em si própria, e toda a sua energia será canalizada para a violência e para a agressividade. Trata-se da mesma energia: se ela der origem a um orgasmo, alivia: caso contrário, origina um estado de tensão.

Numa situação de tensão, a fúria funciona quase como um orgasmo. É um antiorgasmo, é o polo oposto. Assim como um orgasmo normal é um orgasmo amoroso, a fúria é um orgasmo de ódio. Uma pessoa pode enfurecer-se a ponto de sentir um grande alívio, que deriva de uma emoção violenta. Assim sendo, violência e sexo estão profundamente interligados. Se as pessoas forem genuinamente sexuais, são menos violentas; se não forem sexuais, são violentas.

É por isso que, no exército, o sexo nunca foi permitido: a sua ausência faz com que os soldados se tornem violentos. Se tiverem as namoradas ao seu lado, deixarão de ser violentos. Têm de permanecer violentos, num permanente estado de fúria, com as energias a fervilhar e sem qualquer possibilidade humana de as aplacar: então, tornam-se desumanos. E todas aquelas armas — espadas, punhais, balas — não são mais do que órgãos sexuais projetados, tentando penetrar no corpo de outro ser humano. Poderá dizer-se que se sente um orgasmo quando se mata alguém; é essa a atração do crime. Estão registados casos em que o homem assassinou a mulher durante o ato sexual. Estaria a tentar um orgasmo duplo? Que grande sensação! Enquanto fazia amor com um orgasmo em curso, estrangulou a mulher. Tentou conjugar as duas sensações: um orgasmo de amor com um orgasmo de ódio.

Durante três meses, limite-se a gozar o amor. O orgasmo surgirá naturalmente e as coisas tomarão outro rumo.

Depois de me divorciar da minha primeira mulher, comecei a sentir repulsa pelo sexo. Desde então, tenho sido incapaz de atingir um orgasmo, a não ser quando fumo marijuana. Isso ainda acontece, apesar de estar apaixonado pela mulher com quem estou atualmente.

E acha que é necessário fazer alguma coisa para resolver essa situação?

Às vezes, criamos problemas desnecessários e, uma vez instalados na nossa mente, assaltam-na constantemente. Hoje em dia, não conseguir um orgasmo nos Estados Unidos da América está a tornar-se uma espécie de problema psicológico, porque não se fala de outra coisa.

Ao longo dos séculos, isso nunca foi um problema — nunca ninguém se preocupou com esse facto. Porém, nos últimos vinte, trinta anos, têm sido levadas a cabo muitas investigações — efetuadas por Kinsey, Masters e Johnson — que se tornam do conhecimento público. As pessoas leem sobre as maravilhas da experiência do orgasmo e da grande descontração que se lhe segue, e começam a ansiar por ele — é aí que reside o problema. E não é apenas um indivíduo a preocupar-se — é toda a gente a preocupar-se com o mesmo assunto.

O problema tem vindo a surgir devido ao fator comparação. E agora que está a envelhecer de dia para dia, se não se livrar desse problema, ele pode vir a tornar-se cada vez mais sério, a ponto de ficar completamente obcecado. Na realidade, as pessoas começam a preocupar-se com estas coisas quando sentem que começam a envelhecer. E, especialmente no Ocidente, impera a filosofia de que sexo é vida, portanto, se ele termina, com ele termina também a vida: são sinónimos.

Uma pessoa fica descontrolada quando, ao envelhecer, sente que as suas energias não respondem da mesma forma. Procura logo remediar o facto e vai tomar comprimidos, fumar uma coisa qualquer, fazer ginástica, ioga, isto e aquilo; ou conhecer uma mulher melhor — mais vivida —, recorrer às prostitutas ou a substitutos de qualquer natureza. O importante é fazer qualquer coisa!

Só que depois surge um tremor que acaba por se agravar com o tempo, porque envelhecemos a cada dia que passa, ou seja, nunca mais voltaremos a ficar jovens. Quanto mais pensar nisso, maior o problema. E se pensar demasiado no orgasmo, até o orgasmo natural lhe parecerá inatingível, visto que, para que aconteça um orgasmo, é fundamental que a sua mente esteja totalmente livre de preocupações.

A mente é um problema. Por exemplo, se está a fazer amor e, no fundo, estiver a pensar que vai falhar outra vez, então o orgasmo não acontecerá como devia acontecer — pode estar quase... mas o medo e o temor invadem-no,

fazendo com que a mente e o corpo se dividam. E, mais uma vez, acaba por falhar!

A minha sugestão é que será melhor esquecer o problema em vez de o tentar resolver. Esqueça-o e acabou — é patético! Por que razão se sente perturbado? O que quer que aconteça será sempre bom, portanto goze. E, subitamente, num belo dia verá que aconteceu. Aconteceu porque você estava apaixonado, sem qualquer preocupação.

Você ama a sua namorada; o sentimento é recíproco, por isso, não há motivo para preocupações. Quando o amor é recíproco, aceitamos as limitações do outro. Se ela o amar profundamente, saberá que você está a envelhecer e que já não é como era dantes. Será um pouco diferente. Mas a prática do amor desvendará outras intimidades. Será menos sexual... será mais profundo. Com efeito, quando o amor é estritamente sexual, nunca atinge níveis muito profundos. Não passa de um ato físico. Quando o sexo físico começa a desaparecer lentamente ao longo do curso normal da vida, inicia-se um novo caso de amor entre duas mentes. É um caso bem mais profundo. E, se meditar, encontrará uma possibilidade ainda mais profunda: um caso de amor que pode iniciar-se sem o auxílio da mente, sem o corpo e sem a mente. É a verdadeira beatitude.

Essa beatitude nada tem a ver com o orgasmo. Mesmo que ele aconteça, fá-lo-á estremecer por um ou dois segundos, e acabou. Mesmo que aconteça, não terá grande expressão ou significado. Mesmo que atinjam um orgasmo perfeito, não tirará qualquer ilação do sucedido. Os animais atingem orgasmos perfeitos; todos os cães o atingem... porém, de que é que isso lhes serve? Na melhor das hipóteses, poderá atingir um orgasmo perfeito como o dos animais.

Não estou a dizer que isso seja mau. Quero apenas dizer que não deve ser motivo de preocupação. Tanta neurose por nada! Contudo, a mentalidade ocidental anda desocupada e quer ocupar-se com alguma coisa; caso contrário, a vida desaparecerá.

Tem o carro, a casa, uma boa conta no banco — e agora tem o orgasmo. O orgasmo é a nova religião. Deus deixou de existir. Quem sabe? Não há vida depois da morte? Talvez sim, talvez não. A única coisa que resta ao homem atual é o orgasmo, por isso, as pessoas agarram-se a ele e não deixam de pensar nele até ao fim dos seus dias.

Sugiro apenas que deixe de pensar no assunto. De uma vez por todas! Diga para si próprio: "Tudo bem, seja o que for é bom, contento-me com o que vier." Um dia qualquer, sem aviso prévio, verá que ele acontece. E se acontecer, não tente desejá-lo cada vez mais avidamente. Se acontecer, tanto melhor; se não acontecer, tudo bem na mesma. Não ligue muito ao assunto.

Se acontecer, esqueça rapidamente. Caso contrário, o acontecimento originará mais uma vez dentro de si uma obsessão que o fará desejar constantemente que volte a acontecer. Aconteceu e devia voltar a acontecer uma e outra vez.

Limite-se a apreciar o facto de estarem juntos. Não tentem fazer amor se não sentirem necessidade disso. Não se trata de nenhuma obrigação, de nenhum dever. Por vezes, estarem apenas sentados juntos de mãos dadas a olhar para a Lua é o suficiente... e é bem mais profundo!

Às vezes também podem estar sem fazer nada — apenas sentados, sem pensar em nada...

O sexo tornou-se uma “coisa” mecanizada. Tem de o fazer, tem de provar a si próprio que é capaz, caso contrário a sua mulher pensará que não a ama; começará a sentir que não fez nada por ela. Pensa: “Que espécie de amor é este?” Tem de fazer alguma coisa!

Não faça qualquer esforço no que diz respeito ao amor. Estejam juntos, preocupem-se um com o outro, sintam de um modo recíproco. Meditem, façam as vossas preces juntos, dancem e, através dessas danças, meditações e orações, perceberão que estão a fazer amor. Repare como o momento surge em toda a sua enorme beleza!

Então, não serão vocês a fazer amor — será o próprio deus a fazê-lo através de vocês. Aí não precisam de se preocupar; não haverá qualquer espécie de problema! Se ele quer ter um orgasmo ou não, é lá com ele. Então, por que se hão-de preocupar? Se ele quiser, consegue.

Portanto, entregue-se à meditação, à dança, ouça música, olhe para as estrelas e, se acontecer, será espontâneo, natural... Não se prepare para isso, nem pense nisso sequer. Não ensaie a sua mente. Não esteja no escritório a pensar que vai para casa fazer amor. Isso é uma criancice!

Esqueça o assunto! Um dia, isso acontecerá e, durante outros tantos dias, esqueça o que aconteceu — o verdadeiro amor devia ser assim. Não é preciso provar o que quer que seja — a sua mulher sabe que você a ama e você sente o mesmo em relação a ela. Não há necessidade de fazer qualquer tipo de esforço suplementar. Só então sentirá que todo o seu ser foi invadido por uma qualidade superior. Com ou sem orgasmo, vocês amam-se, não é verdade? E, um dia destes, verá que ele surge...

Não estou a prometer nada! Caso contrário ficaria logo à espera. Não estou a fazer nenhuma predição. Estou apenas a dizer-lhe que isso terá de ser natural, que só acontecerá quando tiver a mente liberta desses pensamentos. É uma consequência natural. Quando não há tensão, como pode pensar que não

acontece? Tem de acontecer! Numa mente despreocupada, a sensação é mais forte, o frêmito é mais profundo — a pessoa começa a vibrar.

Portanto, a primeira regra é esquecer. A segunda é que, quando isso um dia acontecer, deve gozar, dar graças a Deus e voltar a esquecer. Não faça os mesmos planos para o dia seguinte.

A mente é muito gulosa, muito gulosa mesmo, daí toda a desgraça. Hoje acontece uma coisa e começamos logo a pensar que no dia seguinte nos acontecerá o mesmo, que tem de acontecer. Só que isso aconteceu hoje por você não estar propriamente a pensar no assunto. Se pensar nisso, toda a conjuntura mudará de figura. Pode ser que não aconteça amanhã. E, se não acontecer mesmo, verá que os seus nervos ficarão à flor da pele. Então, vai ter de acontecer depois de amanhã! Aí, transforma a sua vida num pesadelo!

Você olhou para uma flor que era bela aos seus olhos e gostou do que viu. Vinte e quatro horas depois, espera que essa nova visão se repita. Regressa a casa e procura a flor. Julga que vai experimentar a mesma sensação de excitação. Só que, desta vez, ela não se verifica, pois nenhuma repetição traz consigo a sensação de excitação. Foi excitante ontem, porque encontrou a flor por acaso. Foi um encontro entre si e a rosa. Nem você esperava encontrar a rosa, nem a rosa estava lá à sua espera. Foi um encontro imprevisto. Trocaram um olhar e algo se iluminou.

Mas se regressa a casa esperando voltar a ver a rosa, para poder repetir essa sensação maravilhosa que o fará feliz... Desta vez não acontecerá — só que a flor não tem culpa. A flor estava ali pronta para si, porque, mais uma vez, não estava à sua espera. Podia ter-se verificado — repito que a culpa não é da rosa —, mas você fez algo de errado.

Portanto, quando algo de belo lhe acontece — um instante maravilhoso, um momento de amor —, goze-o em pleno, sinta-se grato, mas erradique-o da sua memória. Nunca carregue memórias psicológicas. É exatamente por esse motivo que as crianças são felizes. E, quanto mais avançarem na idade, menos felicidade sentirão. A criança não está à espera dessa sensação de felicidade; o seu comportamento perante o imprevisível é que lhe dá alegria, porque as coisas são sempre novidade.

Tenha isto em mente... e não haverá razões para se preocupar mais com este problema.

Por mais quanto tempo me irá perseguir esta estúpida questão do sexo? Estou a chegar aos sessenta anos e ainda sinto desejo...

O sexo não tem nada a ver com a idade. Pode ter seiscentos anos de idade e o desejo ainda estar dentro de si. Tem a ver com o consciente, não com a

idade. Lembre-se de que pelo simples facto de envelhecer não quer forçosamente dizer que está a crescer. Pode ter sessenta anos em termos fisiológicos, mas ter doze ou treze em termos psicológicos; daí o problema. Uma pessoa que tenha psicologicamente catorze anos de idade terá já, obviamente, desejos sexuais, pois está na idade em que habitualmente surgem.

A idade mental média do ser humano é de doze anos. É inacreditável pensar que as pessoas fiquem presas a uma idade tão precoce. O que acontece quando se tem, digamos, doze, treze ou catorze anos, e porquê? Acontece que se atingiu uma idade em que o sexo amadureceu dentro de nós e nenhuma sociedade quer que se dê esse salto. Todas as sociedades querem que você permaneça sexualmente faminto, porque uma pessoa nesse estado torna-se muito útil à sociedade — a esta sociedade doente. Uma pessoa sexualmente carente pode ser muito facilmente canalizada para qualquer direção, porque está a arder de desejo. É possível fazer com que ela corra atrás do dinheiro, sabendo que o dinheiro lhe servirá apenas de substituto para o sexo: então, toda a sua energia, que está sedenta por explodir, será desperdiçada a correr atrás do dinheiro. O dinheiro será o seu objeto adorado, o seu Deus e, durante toda a sua vida, essa pessoa não mudará de atitude. Assim sendo, é obvio que continuará a ser perseguido pelo sexo, já que o dinheiro não lhe trará a satisfação plena. Pode ter todo o dinheiro do mundo, mas como poderá satisfazer esta necessidade básica? A sociedade desviou a sua necessidade dando-lhe, em vez do sexo, um brinquedo chamado dinheiro.

E lá voltamos à nossa conversa inicial: a criança está a chorar, quer leite, e dão-lhe um brinquedo para estar calada! A pobre criança começa a chuchar no brinquedo e pensa que é o peito da mãe. Como é possível ser-se tão perverso? Isto é maldade pura! Estão a utilizar uma estratégia política com a pobre criança, uma estratégia diplomática, matreira! A pobre criança não tem entendimento suficiente para saber distinguir entre o brinquedo e o peito maternal; está a ser pura e simplesmente enganada! Não nos admiremos, por isso, que um dia essa criança falte ao respeito à sua mãe, deteste a sua mãe.

Pode ir a um psicólogo e perguntar-lhe: "Qual é o problema fundamental das pessoas?" Ficaria surpreendido ao ouvi-lo dar-lhe vários nomes: neurose, psicose, esquizofrenia, histeria, etc., etc. Se lhe perguntar "Qual é o problema fundamental das pessoas que são psicologicamente perturbadas?", ele responder-lhe-á: "É a mãe." Mas porquê a mãe? Porque foi a primeira pessoa a enganá-lo. Foi a primeira pessoa que a criança conheceu quando veio ao mundo e, a partir daí, não confiará em ninguém. Se não consegue sequer confiar na própria mãe, como poderá confiar em mais alguém? E quando a criança está a chorar e quer que lhe peguem ao colo, é porque necessita tanto de consolo como necessita de leite — trata-se de uma necessidade fisiológica muito profunda na criança.

Está provado cientificamente que, se uma criança for devidamente alimentada mas não receber qualquer consolo ou ternura física, começa a definhar e acaba por morrer. Mesmo que sobreviva, será uma criança atrasada, pouco saudável para o resto da sua vida; faltar-lhe-á sempre qualquer coisa. Ela não precisa apenas do leite da mãe, precisa da ternura e do consolo do peito materno, do bem-estar que o corpo materno lhe oferece. Essa sensação de proteção e consolo é atualmente entendida como algo de fundamental, de absolutamente necessário.

Mas quando a criança está a chorar, não pode dizer “Mãe, quero ir para o teu colo”, porque ainda não fala. Contudo, ao chorar, quer dizer: “Abraça-me, dá-me um beijo, deixa-me aproximar-me.” E, nessa altura, dão-lhe um ursinho de peluche ou qualquer outro brinquedo para ela ficar entretida. Está a ser enganada desde o início: ela quer uma coisa, mas dão-lhe outra. É por isso que vamos ficando transtornados.

Quando a criança chegar à idade da maturidade sexual, começa a ser bombardeada com ambições. Começamos por dizer: “Tens de ser o melhor na escola, na universidade — sempre o primeiro! Onde quer que estejas, fazas o que fizeres, tens de ser sempre o primeiro.” Despertamos na criança o desejo de ser a primeira em tudo; esta atitude só serve para lhe darmos uma nova direção à energia sexual.

A sociedade está a tentar fazer divergir as suas energias naturais. Começamos por lhe dizer: “Se não tiveres um grande carro, uma casa enorme, muito dinheiro no banco, és um falhado.” A criança começa a pensar logo que tem de correr atrás destas coisas. Talvez nem precise de uma casa enorme. Na realidade, uma casa pequena pode ser mais agradável, porque é mais fácil de limpar, e pode nem precisar de uma casa enorme com imensas divisões. Mas foram-lhe incutidos esses objetivos, e uma casa enorme ou ter dinheiro no banco passam a ser símbolos de realização pessoal — porém, não passam de símbolos vazios. No íntimo, a pessoa não se sente realizada; no fundo, deseja outra coisa. A sua consciência profunda diz-lhe: “Sê natural, deixa que as tuas energias naturais fluam de um modo natural e espontâneo.”

Pergunta-me: “Por mais quanto tempo me irá perseguir esta estúpida questão do sexo?”

Porque lhe chama estúpida? Parece que está zangado. O sexo não é estúpido — talvez você o seja! Sexo é simplesmente sexo. Pode ser estúpido em relação a ele, mas pode igualmente lidar com ele de uma maneira inteligente; o problema está em si; o sexo não tem culpa nenhuma. Pode chamar-lhe os nomes que quiser, mas, por mais que o condene, ele continuará a existir dentro de si. Daqui a pouco tempo terá sessenta anos, depois setenta, depois oitenta — isso não fará qualquer diferença. Com efeito, quanto mais fraco se tornar o seu

corpo, mais o desejo sexual reprimido vem à superfície, como que explodindo dentro do seu consciente.

Esse desejo não o largará; não lhe chame estúpido. Você é que está a ser estúpido em relação a ele.

Aceite-o. É um desejo natural, uma energia natural, a fonte primordial da vida. Claro que existem outras coisas para além dele, belos espaços para além dele. O sexo traz alegria, mas também pode acarretar infelicidade. São dois sentimentos interligados, pois o sexo é uma mistura do céu e da terra, do corpo e da alma; por isso essa mistura é tão ambivalente. Ele dá-lhe asas num momento para lhas cortar no momento seguinte. Um momento de grande êxtase, outro que o fará cair no abismo da mais profunda agonia. Num instante sente-se no cimo, nesse cume ensolarado, no momento seguinte pode estar a gemer no vale das trevas. O sexo tem estas duas facetas.

Contudo, tem de conhecer os vales e os cumes, aos quais só a experiência pessoal lhe dará acesso, não o que os outros lhe dizem, não aquilo que lhe estou a dizer. A sua experiência pessoal do sexo libertá-lo-á dele. Não estou a dizer que se livre dele; não tem de o fazer, pois, de outro modo, nunca deixará de pensar nele.

O que estou a dizer é pura e simplesmente o seguinte: a liberdade em relação ao sexo é uma consequência, é um resultado. Não poderá alcançar essa liberdade diretamente, ela surgirá indiretamente. Viva-a com profunda alegria, com meditação, como uma dádiva divina e, muito lentamente, ao admirar os montes e os vales, uma terceira imagem surgirá no seu ser: a testemunha que viu o monte, que viu o vale. Passo a passo, esse monte e esse vale deixarão de ser relevantes. O seu consciente passou por uma revolução e tornou-se mais centrado na alma que testemunhou os montes e os vales. A esse testemunho chama-se *brahmacharya*, que é o testemunho que traz consigo o verdadeiro celibato. Ele não é contra o sexo, mas encontra-se para além dele.

Caso contrário, passará o resto dos seus dias a persegui-lo. Chegará à hora da morte não pensando em Deus, mas sim no sexo. É por isso que morre e, imediatamente, volta a nascer — essa transição dura escassos minutos, porque morre com a ideia do sexo na sua mente. Aí, abandona imediatamente esse corpo e surge o desejo de entrar noutra corpo, porque o sexo só pode ser concretizado através do corpo.

Algures no sul do México, vivia uma velha tia com quatro sobrinhas muito bonitas.

Um dia, Pancho Villa e o seu bando de foragidos revolucionários arrombaram-lhe a casa. Encostando-as à parede do pátio, o bandido disse-lhes:

— Esta casa é nossa e vocês são nossas prisioneiras.

— *Estamos desprotegidas!* — exclamou uma das raparigas. — *Nós temos de nos submeter, mas, por favor, poupem a nossa tia velhinha.*

— *Cala-te!* — resmungou a tia. — *Guerra é guerra!*

Como vê, o sexo não tem nada a ver com a idade de cada um — tem a ver com atingir uma nova consciência, um despertar mais profundo.

Torne-se uma testemunha e não diga que o sexo é estúpido. Torne-se inteligente, veja, observe. Tudo quanto lhe é dado a ver deve ter uma razão própria, um ritmo peculiar. Tudo quanto é seu deve ter uma dimensão que transcenda essa posse. Só conseguirá ver os primeiros degraus da escada, porque os seus olhos não estão abertos e o seu consciente não está devidamente desperto; por isso, só repara na parte inferior da escada, que é o sexo. A parte superior da escada é o *samadhi*. Se conseguir ver a escada em toda a sua dimensão, todos os seus degraus, verá que a surpresa será enorme, porque o sexo é a porta para o *samadhi*.

O conceito do *samadhi* nasceu a partir dos raros indivíduos que foram capazes de alcançar uma satisfação orgástica total através do sexo. Tomaram consciência de que existia algo no sexo que nada tem de sexual. No estado orgástico total, a noção de tempo desaparece, a mente desvanece-se e o ego dissipa-se. Estes três elementos não têm nada a ver com sexo. E, pelo simples facto de desaparecerem, surge uma grande alegria. Essa alegria crescente também não está relacionada com sexo: o sexo ajudou, tornou-se um contexto para a anulação do ego, da mente e do tempo.

As primeiras pessoas a experimentá-lo — os nomes perderam-se, pois devem ter existido há milhares de anos — pertenceram ao povo Tantrika. Elas ascenderam ao *samadhi* através do sexo. Observavam, meditavam e chegaram a uma conclusão: o sexo é apenas fisiologicamente indutor de um certo processo que pode ser desencadeado sem ele, que pode ser desencadeado só pela meditação. Não há necessidade de se ter relações sexuais. Tendo percebido que este processo poderia ser também desencadeado através de outros meios — pelos métodos do Ioga, do Tao, do Tantra e pelos métodos dos Sufis —, encontraram a chave do segredo, ou seja, da total anulação do ego, da mente e do tempo, sem recorrerem à prática do sexo. Porém, essa chave só foi encontrada após vários estudos práticos sobre o sexo.

O sexo tem constituído a essência da religião e a experiência sexual foi a primeira experiência do *samadhi*. Por favor, não considere o sexo estúpido. Entregue-se a ele com amor, com divertimento e com meditação. Tente compreender, pois a verdadeira libertação só surge através do conhecimento e de nenhum outro método.

Estou a envelhecer e a perder todo o interesse por mulheres. Que devo fazer?

Meu caro senhor, continue a perder o interesse! Isso é ótimo. Não há mal nenhum nisso. E pode ter a certeza de que mulher nenhuma sentirá a sua falta. Bem pelo contrário, até lhe agradecerão!

Porém, no Ocidente, especialmente desde que Freud abriu a caixa de Pandora, surgiu a ideia de que o homem deve permanecer sexualmente ativo até ao fim da vida, visto o sexo ser sinónimo da própria vida. Portanto, mesmo que tenha setenta ou oitenta anos de idade, tem de ter interesse pelo sexo. Se o perder, isso significa que perdeu o interesse pela vida, que já não presta para nada, que é um inútil. Pode morrer ou tomar assento no Parlamento, que continua a ser um inútil.

A ideia de que o sexo e a vida são sinónimos é destituída de qualquer fundamento. O sexo e a vida são sinónimos numa certa idade. Na infância não são sinónimos; na juventude são-no; na velhice voltam a não ser sinónimos. São fases. A criança não está interessada, o jovem está — tudo se resume ao interesse pelo sexo.

Mas, no Ocidente, as pessoas fazem esforços para permanecerem jovens, para não envelhecerem. E estão sempre a fazer figuras muito tristes pensando que continuam a ser jovens. Têm sido descobertas panaceias atrás de panaceias, todo o tipo de elixires para que você permaneça jovem eternamente. E as pessoas são tão tontas que aceitam todos os disparates para continuarem jovens. A velhice é encarada como uma espécie de doença. Ser velho significa estar doente — no Ocidente, claro. E isso não é verdade.

A velhice tem os seus encantos, os seus tesouros, tal como os tem a juventude. E pode ter a certeza de que os tesouros e os encantos da velhice são bem mais valiosos do que os da juventude, porque o ancião viveu a sua juventude, experimentou a vida, presenciou-a e percorreu-a. Viveu a ilusão e conheceu a desilusão. Agora é mais sábio do que nunca, pois regressou ao seu estado de inocência. É o que acontece ao homem quando o desejo sexual desaparece. Volta a ser criança, mas uma criança mais amadurecida.

No Oriente, temos uma conceção da vida totalmente diferente. Respeitamos os mais velhos e não os mais jovens, porque os mais velhos estão no cume, ou seja, a jornada das suas vidas atingiu o seu objetivo. No Ocidente, os idosos são vistos como embalagens descartáveis, servem apenas para serem lançados para a lixeira. Constroem-se lares ou casas de repouso onde eles são amontoados. Ninguém liga a menor importância aos idosos — como se eles não tivessem qualquer significado ou mais-valia. E eles viveram toda uma vida e aprenderam muitos segredos sobre ela. Só eles e mais ninguém poderão ser grandes mestres.

No Oriente, tem sido esta a tradição, ou seja, uma pessoa muito mais idosa deve tornar-se um mestre dos mais novos, pois viveu, cresceu e aprendeu. Ela pode indicar-lhe uma direção melhor, com mais maturidade, com mais clareza. A velhice é a preparação para a morte, aliás, a grande preparação, porque estamos prestes a embarcar para a mais longa viagem de todas, cujo destino é o desconhecido. Se continuar a interessar-se por sexo, isso irá distraí-lo da morte. E é o que acontece no Ocidente.

No Ocidente, as pessoas ainda não aceitaram que a morte faz parte da vida. A morte é tabu, tal como o sexo o era há um século. Ninguém falava sobre sexo há cem anos. Era impossível falar ou escrever sobre esse tema. Era um tabu tão grande, que as senhoras da Era vitoriana até tapavam as pernas das cadeiras que tinham em casa, porque as pernas não deviam ser admiradas.

Freud deu início a uma grande revolução. O mundo ainda está à espera de outro Freud para destruir um tabu ainda maior — o da morte. Ele destruiu o tabu do sexo e, a partir de então, o mundo ficou melhor. Freud é um dos mais importantes benfeitores deste mundo. Será preciso um outro Freud para destruir o outro tabu, que é ainda maior.

Tem de aceitar a morte. Ao aceitá-la, começará a aceitar a velhice. E nesta aceitação há uma grande tranquilidade. E uma vez que deixe de se interessar por sexo, toda a sua atenção será dirigida para a morte. Lembre-se de que sexo e morte são polos opostos. Se continuar interessado pelo sexo, quando é que se preparará para a morte? A sua atenção permanecerá centrada no sexo e acabará por morrer sem estar preparado.

A meditação é uma preparação para a morte. Comece a preparar-se para a morte. Medite. Já não está interessado por mulheres — ótimo! Agora comece a interessar-se por si próprio. A mulher está fora de si; interessar-se por uma mulher é, assim, interessar-se pelo outro. Ou, se é mulher, então o homem está fora de si e, por isso, trata-se de um interesse pelo outro. Agora preocupe-se apenas consigo. Inicie a descoberta da verdadeira identidade, parta para uma viagem interior.

Pergunta-me: "Estou a envelhecer e a perder todo o interesse por mulheres. Que devo fazer?"

Perca o interesse. Deixe que isso lhe aconteça. Não tente forçar nada desnecessariamente. Verá que é maravilhoso, se sentir dentro de si que se trata de um ato natural.

Vou contar-lhe uma pequena história que ouvi...

Max, com sessenta e cinco anos, ao chegar ao seu apartamento depois de uma noite, ficou espantado por encontrar uma rapariga com cerca de dezoito anos a assaltar-lhe a casa.

— *Minha menina, você é uma ladra!* — disse ele. — *Vou telefonar à Polícia.*

— *Senhor — implorou ela —, se volto a ser presa, condenam-me a não sei quantos anos de prisão. Por favor, não chame a Polícia.*

— *Desculpe, mas tenho de o fazer!* — respondeu Max.

— *Ouçá — chorava ela —, eu faço o que você quiser. Até lhe dou o meu corpo.*

— *Combinado — disse o ancião. — Dispa-se e vá para a cama!*

A rapariga assim o fez e Max foi atrás dela. Durante vinte minutos, tentou, tentou, tentou... Exausto e derrotado, acabou por ter de desistir.

— *É escusado — suspirou Max. — Já não consigo. Tenho de chamar a Polícia.*

E pergunta-me o que deve fazer?

Não quer chamar a Polícia? Basta! Ponha termo a esse disparate e a essa obsessão. Agora canalize a sua energia para a morte. Olhe a morte de caras; enfrente-a. Enfrentá-la é a maior experiência da vida. Se conseguir enfrentar a morte, vai ver que se sentirá imortal. Enfrentar a morte é a única maneira de saber que é imortal, que só o corpo é que morre e você viverá para sempre. Depois de conhecer esta verdade, estará pronto para iniciar a viagem quando a morte chegar e recebê-la-á a rir, a cantar e a dançar.

O homem que conseguir enfrentar a morte desta maneira, rindo, dançando, cantando, orando e meditando, experimentará o orgasmo mais potente que existe no mundo. O orgasmo sexual não é nada, pois representa uma ínfima parte da energia que sai do seu corpo, proporcionando-lhe um grande alívio. Na morte, toda a sua energia abandona o corpo. Nenhum orgasmo sexual poderá ser comparado ao cósmico, esse orgasmo total conferido pela morte.

Não renuncie à experiência da morte. A morte oferecer-lhe-á o mais valioso presente da vida, o presente da despedida. Mas são poucas as pessoas que o recebem, porque a maioria delas não está pronta para a morte. A morte leva-o inconsciente. Por isso é que a teme e está tão preocupado com o sexo que se agarra à vida.

Sabe que isso acontece quase sempre? No Oriente, tem sido esse um dos segredos em relação ao homem. Quando ele morre, se está ainda apegado à vida e interessado por sexo, morrerá com uma ereção. Isso demonstra que o pobre homem morreu sem qualquer preparação — mesmo no momento da morte, a sua mente estava repleta de fantasias sexuais. Acontece quase sempre. A menos que se tenha dedicado profundamente à meditação, acontecer-lhe-á o mesmo. Enquanto estiver a morrer, continuará a fantasiar sobre sexo, imaginará que está a fazer amor — pelo menos na sua imaginação.

Não é a melhor maneira de morrer. É um insulto à morte, a Deus e a si próprio. Deixe que o sexo desapareça da sua mente — já é boa altura. Encontre tranquilidade na não-sexualidade. Só a não-sexualidade o fará descobrir a verdadeira concentração. Pare de correr atrás das mulheres e comece a perseguir-se a si próprio. São duas coisas que não se podem fazer simultaneamente. E prepare-se. A morte pode bater à sua porta a qualquer momento, nunca se sabe a hora exata. Prepare-se. Deixe-se encantar plenamente pela meditação. Transforme a sua energia sexual em energia meditativa; é a mesma energia, a única coisa que muda é a direção: deixa de fluir para baixo e para fora, e passa a fluir para o interior e para cima. E esta mesma energia abre dentro de si o botão da Flor Dourada. Todo o segredo se resume a isto.

Mas, voltando à pertinência da sua questão, quando você pergunta “O que devo fazer?”, está a perguntar onde poderá encontrar algumas receitas que façam renascer em si a sexualidade que vê desaparecer. Está a pedir qualquer tipo de ajuda para poder continuar a brincar esse jogo tonto já em idade avançada.

Isso é bom quando se é jovem, porque se é inconsciente. É muito raro tornarmo-nos conscientes, atentos e meditativos quando somos jovens. Se algum de vocês o conseguiu, então é um génio raro. Mas se não se conseguir entregar à meditação mesmo em idade avançada, então você é estúpido, muito estúpido.

É bom ser-se leviano quando se é jovem. Essa leviandade faz parte do crescimento e constitui uma ajuda. As outras pessoas transformam-se no seu espelho; são um reflexo de si e assim percebe melhor quem é. O amor é muito revelador. Porém, chega uma altura em que o indivíduo se deve refletir interiormente e não num espelho. Até esse espelho tem de ser esquecido e é absolutamente necessário que você se encontre sozinho. A pureza da solidão é infinita e quem a atinge será abençoado eternamente.

Chegou esse momento. Esqueça esse seu interesse por mulheres, e verá que, subitamente, um novo interesse emergirá dentro de si, a par do seu interesse — quase simultâneo — pela meditação. Assim poderá aceder à última dádiva da vida: uma morte meditativa, uma morte em *satori*, em *samadhi*, em êxtase. Nessa altura experimentará o orgasmo total. Essa experiência não se repete: então, não regressará à vida, ao corpo, em suma, a esta prisão.

Tem sido esse o nosso objetivo no Oriente: saber como não voltar a nascer, porque todo este processo de nascer, morrer, voltar a nascer e por aí em diante é um processo muito entediante, profundamente fútil. Como análise final, não passa de um sonho, e nem sequer é um bom sonho, mas sim um pesadelo.

Sugiro-lhe o seguinte: viveu a sua vida, conheceu os prazeres físicos, soube o que era uma relação e aprendeu muito com ela. Agora chegou a hora de mergulhar no seu interior.

Devemos contar todos os factos da vida às crianças, independentemente da idade?

Esse problema vem de muito, muito longe: o que se deve dizer ou não dizer às crianças. Os pais preocupam-se sempre muito. No passado, a estratégia era não lhes contar os factos verdadeiros, evitar contá-los a todo o custo, porque as pessoas tinham muito receio de revelar esses mesmos factos.

A própria expressão "factos da vida" é um eufemismo. Ela apenas serve para ocultar uma coisa simples. E para não falar do sexo, para evitar essa palavra, transformaram-na na metáfora "factos da vida". Que factos da vida? A expressão é utilizada apenas para se evitar falar de sexo.

Todo o passado da humanidade viveu com essa mentira, mas as crianças desmascaram-na mais tarde ou mais cedo. De facto, isso acontece mais cedo do que tarde e de uma maneira errada. E porque ninguém com algum raciocínio está disposto a contá-los à criança, terá de ser ela a descobrir por si própria. As crianças reúnem dados, põem-se a bisbilhotar e é você o culpado por elas se verem reduzidas a esse papel. Vão acumulando todas as informações a partir das fontes erradas, através de pessoas mal formadas. Durante toda a vida, carregarão consigo essas concepções erradas, e é você o único culpado. Toda a vida sexual pode ser afetada por essas informações erradas.

Não seria possível circularem mais informações erradas acerca de sexo neste mundo. Mesmo neste século, as pessoas continuam a viver na mais perfeita ignorância acerca deste assunto, inclusivamente aquelas que você acha que deviam pensar de outra maneira. O seu próprio médico não sabe muito bem o que é o sexo, não lhe conhece a complexidade. Deveria conhecê-la, mas são os próprios médicos a viver com convicções supersticiosas; também eles foram alvo de informações erradas em crianças. Em nenhuma universidade médica se ensina o sexo como uma cadeira distinta — uma matéria tão vasta e impressionante, e nada se ensina sobre ela. Claro que os médicos conhecem a fisiologia do sexo, mas não dominam a sua psicologia. Trata-se de uma matéria que envolve camadas bem mais profundas: a psicologia e a espiritualidade. Há uma espiritualidade e uma psicologia muito próprias no sexo; a fisiologia é apenas a camada superficial. Ao longo deste século tem-se efetuado muita investigação neste domínio; sabemos muito mais do que se sabia anteriormente, mas esses conhecimentos não têm tido uma aplicação eficaz.

As pessoas têm medo, porque os seus pais também o tinham, e esse medo tornou-se contagioso. E você tem medo de contar a verdade aos seus filhos.

Tem de lhes falar sobre isso; eles têm esse direito. Tem de ser verdadeiro. Não camufle a verdade — a longo prazo, a verdade é sempre preferível — e não minta.

- *Mama, é de Deus que recebemos a comida?*
- *É de Deus, Bárbara.*
- *E é o Pai Natal que nos traz as prendas todas no Natal?*
- *Claro que sim.*
- *E quando faço anos, é a fada madrinha que traz os presentes?*
- *É...*
- *E foi a cegonha que trouxe o meu maninho?*
- *É verdade.*
- *Então, o que é que faz o papá no meio disto tudo?*

É preferível contar a verdade! Não quero dizer com isto que force os seus filhos e desate a contar a verdade, quer eles queiram ou não. Atualmente, e em especial no Ocidente, está na moda o outro extremo. Contam-se as coisas às crianças, quer elas perguntem quer não. Isso é totalmente errado. Espere pelo momento certo! Se a criança perguntar, não fuja à verdade; se ela não perguntar, não há necessidade de lhe explicar, pois isso é sinal de que ela ainda não está interessada no assunto.

Ao jantar, o pai ia-se engasgando quando o filho de oito anos lhe perguntou:

- *Papá, de onde é que eu vim?*

Corado, o pai respondeu:

- *Bem, acho que já é altura de termos uma conversa de homem para homem. Depois do jantar, vamos falar sobre passarinhos e abelhas.*

O miúdo respondeu:

- *Quais passarinhos e abelhas? O Frankie cá do bairro disse-me que veio de Chicago. Eu só quero saber de onde vim!*

Portanto, espere pelo momento certo. Serão eles a perguntar; não precisa de apressar as coisas.

¹ Em inglês, “to fall in love”, ou seja, literalmente, “cair no amor”. (N. da T.)

EPÍLOGO



EM BUSCA DA TOTALIDADE

A razão pela qual o sexo foi condenado é da responsabilidade de todas as religiões. Elas tinham de estar contra tudo aquilo que desse prazer ao homem. Era esse o seu disfarce para manter o homem infeliz, para destruir todas as possibilidades de ele encontrar alguma espécie de paz, alívio, um oásis no deserto. Era absolutamente necessário que o ser humano fosse totalmente destituído de qualquer possibilidade, de qualquer potencial para se sentir feliz.

E por que seria isso assim tão importante para os homens das religiões? Era importante porque eles queriam desviar a sua mente noutra direção — em direção a um outro mundo. Se é verdadeiramente feliz aqui, por que razão se deverá preocupar com um outro mundo? A sua infelicidade é imprescindível para que esse outro mundo exista. Mas, na realidade, ele não existe por si só; existe apenas na sua infelicidade, no seu sofrimento e na sua angústia. Todas as religiões têm praticado esse mal em cada pessoa. Ainda hoje continuam a semear infelicidade, sofrimento, mágoa, ódio e raiva — e tudo em nome de Deus, tudo proferido com belas palavras.

Pregam o amor e destroem toda a possibilidade de as pessoas se apaixonarem. Pregam a paz e criam todas as situações para que haja guerra. A estratégia é muito simples — continuar a proferir palavras maravilhosas, manter as pessoas suspensas pelo efeito maravilhoso que essas mesmas palavras causam nas suas mentes e, enquanto se entregam a estas palavras, ideologias e filosofias, continuam a cortar as suas raízes, a arrancá-las da própria terra, da sua energia vital. A sua energia vital está enraizada no sexo.

Todas as sociedades se tornaram conscientes do facto de que só o sexo pode agir contra Deus. Se se sentir realizado através do sexo, isso significa que não precisa de Deus, porque a sua vida está realizada. Então, Deus não passa de Godot (farsa). Mas se a sua vida sexual for destruída, reprimida e condenada, se o fizerem sentir-se culpado por ela, então Deus viverá eternamente. Ele sugará a sua energia até ao suicídio.

Simultaneamente, é verdade que as sociedades sexualmente reprimidas se tornaram civilizadas, cultas, mais prósperas, mais filosóficas e científicas. Elas desenvolveram-se em todos os sentidos, ao passo que as sociedades sexualmente livres — que hoje são muito poucas, as aborígenes — são pobres, incultas e incivilizadas. Não evoluíram como as sociedades sexualmente reprimidas. Isto veio dar um novo ímpeto à estupidez religiosa, porque as religiões podiam apresentar provas baseadas na realidade de que as sociedades sexualmente livres permaneceram pobres e famintas. Assim sendo, as sociedades sexualmente reprimidas evoluíram em todos os aspetos. Quanto maior a repressão sexual, mais elevado o grau de desenvolvimento cultural. Também isto se tornou uma prova para as religiões, que proclamavam que a repressão sexual é algo absolutamente necessário; caso contrário, não passariam da barbárie. E, de certo modo, isto não deixa de ser factualmente verdade.

Não sou contra o sexo. Para mim, o sexo é tão sagrado como tudo na vida. Nada existe de profano, nada é sagrado. A vida é uma só: todas as divisões são falsas. E o sexo é o centro da vida. Portanto, é importante que compreenda o que tem vindo a acontecer desde há séculos.

No momento em que reprime o sexo, a sua energia começa a encontrar novas maneiras de se expressar. A energia não pode permanecer estática. É uma lei fundamental: a energia não pode permanecer estática, é sempre dinâmica, é uma força dinâmica. Se a forçar e lhe fechar a porta, ela conseguirá abrir outras portas, pois não a pode manter prisioneira. Se a corrente natural de energia for estancada, ela fluirá de um modo antinatural. Foi por esse motivo que as sociedades sexualmente reprimidas se tornaram mais ricas.

Ao reprimir o sexo, é preciso arranjar um substituto para fazer as vezes do amor, é preciso substituir o sexo por um objeto. A mulher é perigosa, é a porta de entrada para o inferno. Uma vez que todas as escrituras sagradas foram redigidas por homens, só a mulher é que se tornou a passagem garantida para o inferno. E os homens? Se a mulher é a porta de entrada para o inferno, então só os homens lá poderão entrar. As mulheres nunca poderão ir para o inferno, pois a porta continua no mesmo sítio, nunca sai de lá. Portanto, se as mulheres são o acesso ao inferno, ele deve estar cheio de homens, em suma, o verdadeiro clube de machos chauvinistas.

A mulher não é a porta de entrada para o inferno; porém, como a sua mente foi condicionada por esse conceito, você terá de projetar outro conceito; precisa de um objeto para o seu amor. O dinheiro poderá tornar-se o seu objeto do amor. Porquê tanta ambição? Por que é que as pessoas dão tanta importância ao dinheiro? É o seu objeto do amor. De um modo ou de outro, conseguiram transferir toda a sua energia para o dinheiro. Mas se quiser que as suas energias produzam apenas dinheiro, então digo-lhe que se depara com um problema muito sério.

A política passa a ser o objeto do amor. Subir cada vez mais alto na escala da política burocrática passa a ser o objeto do amor. O político olha para o presidente ou para o primeiro-ministro com a mesma luxúria com que os apaixonados olham um para o outro.

Isso é perversão. A energia das pessoas pode ser dirigida para outros intentos, tais como a educação; então os livros tornam-se o objeto do seu amor. Uma pessoa pode tornar-se religiosa; então Deus torna-se o objeto do seu amor. E se estudar a vida dos supostos santos, ficará bastante surpreendido. Fico sempre surpreendido por um homem como Sigmund Freud não ter reparado nesta questão. Devia ter começado por olhar para as vidas de Santa Teresa, Santa Meera e outras santas, pois as mulheres são mais diretas. As canções de Meera transbordam de luxúria, porque negou para si a companhia dos homens; Deus transformou-se no seu único companheiro. Claro que era apenas uma fantasia, mas a sua fantasia é genuinamente romântica. Ela fala com Krishna, o seu Deus: ela dorme com Krishna — claro que nunca poderia estar com ele, por isso apertava contra o peito uma imagem dele quando adormecia. O modo como canta Krishna, se não o interpretarmos, pode ser facilmente entendido como sexual. Ela diz: “Estou casada contigo, meu senhor. Só posso ser tua, e de mais ninguém. És o meu coração e estou à tua espera. Aguardar-te-ei até à eternidade. Enfeito a cama todas as noites com lindas flores e continuarei a aguardar-te, pois ainda não chegaste.” Será que nos restam quaisquer dúvidas de que, na sua mente, Krishna se tornou um objeto de amor? Se tivesse estudado a vida de Meera, Sigmund Freud teria encontrado nela fortes razões que apoiariam a sua teoria de que o sexo, uma vez reprimido, toma outra direção.

Contudo, a energia tem de se movimentar. Pode tomar um rumo religioso; aí exultam os padres. Pode tomar um rumo académico e isso encherá de felicidade os académicos. Pode encaminhar-se para a área científica e os cientistas ficarão igualmente felizes. A energia tem de se transformar em qualquer coisa: é por esse motivo que as sociedades sexualmente reprimidas se desenvolveram nos mais variados sentidos.

Sim, tornaram-se muito cultas, requintadas, educadas, científicas e tecnológicas. Mas a que custo? Perderam toda a alegria de viver e toda a paz. Perderam todo o silêncio e todo o amor.

Pode projetar o seu amor num objeto imaginário, mas ele não lhe proporcionará realização. Pode continuar a escrever poesia sobre Krishna ou sobre Cristo, mas essa poesia não lhe trará a experiência do amor. Continuará faminto. A sociedade tornou-se próspera em todos os sentidos, mas o indivíduo morreu. Qual a vantagem de a sociedade se ter tornado culta, civilizada, educada e tecnológica? Para quem? O indivíduo morreu.

A sociedade não é feita senão de cadáveres que andam por aí — cadáveres muito cultos e muito requintados, claro. Falam inglês com sotaque de Oxford. Mas não passam de cadáveres com sotaque de Oxford. Nunca deixarão de ser cadáveres. Tornam-se grandes políticos, grandes chefes religiosos, mas olhe bem para o interior dessa gente: é vazio! Não há qualquer matéria no seu interior, não há alma nenhuma. Se forem derrotados num campo, depressa se moverão em direção a outro qualquer.

As sociedades que não reprimiram sexualmente os seus indivíduos continuaram atrasadas pelo simples facto de se sentirem satisfeitas. Não havia energia disponível para a corrida ao dinheiro, à política, a Deus. Não, dançavam e cantavam. A sua arquitetura era insignificante mas bela: cabanas, mas maravilhosamente construídas. A vida seguia os melhores preceitos higiénicos, não havia crime, única e simplesmente porque não existia energia para tal. Agora é necessário compreender como as coisas estão relacionadas. Onde não há crime, qual é a necessidade de existir um juiz, um tribunal e um corpo policial? Quando todos se sentem felizes, divertidos e não se sentem culpados por esse estado de espírito, por que razão hão-de ir ter com um padre católico para lhe confessar “Estou a sentir-me culpado”?

Quando as pessoas são felizes e não se culpabilizam porque ninguém lhes disse que a felicidade era pecado, claro que não há lógica em existirem padres, catedrais, igrejas ou sinagogas. Por isso é que não existe qualquer espécie de cultura, segundo a sua análise. O que entende por cultura não está lá e, por isso, julga que é uma raça sem “cultura”. Não tem uma religião, não tem livros sagrados, universidades ou bibliotecas — como poderão os seus membros ser cultos ou civilizados?

Porém, são infinitamente felizes.

Vivi com essas pessoas e nunca as ouvi queixarem-se de nada. Não têm problemas. Aceitam a vida tal como ela é e gozam-na tanto quanto podem. Vivem em estado de permanente alegria, morrem com alegria — sem qualquer terror durante a vida, nem qualquer terror quando a morte chega. Não se preocupam: não há energia para todas essas coisas. Claro que não produzem um George Bernard Shaw. As suas vidas são um drama tão belo, não necessitam de um Bernard Shaw. Pintam, mas as suas pinturas não são as de Picasso; eles não têm energia para isso. Limitam-se a pintar coisas simples nas suas casas. Fazem música, mas música rudimentar, com simples tambores. Ocasionalmente reúnem-se e dançam. Os seus instrumentos musicais não são sofisticados, não emitem um som semelhante ao de Yehudi Menuhin ou Ravi Shankar; não é preciso.

O meu problema é que gostaria de o sentir vivo e, simultaneamente, rico em todas as dimensões possíveis. Não me sinto preparado para escolher entre duas possibilidades, entre duas incertezas. Não gostaria que você fosse

aborígene, mas também não gostaria que se tornasse muito civilizado, “cultivado” e tendo por únicos objetivos o dinheiro, o poder e o prestígio. Não gostaria que se tornasse político ou padre. Mas gostaria que vivesse uma vida mais plena. E tudo o que se desenvolve a partir de uma vida plena é para mim a verdadeira cultura.

Os aborígenes vivem uma vida plena, mas não transbordante. As sociedades civilizadas dispõem de todos os tipos de invenções, mas o homem para o qual elas foram desenvolvidas desapareceu há muito. Continuam a construir arranha-céus, mas esqueceram-se completamente para quem os constroem. O homem está morto — deviam construir pequenos túmulos e não arranha-céus. Ninguém precisa de túmulos tão altos; cerca de dois metros de comprimento por um metro de largura já chega.

E, assim, por um lado temos os aborígenes, cheios de vida mas não transbordantes de vida. Não sabem que a energia da vida pode mirrar mas também dilatar. Podem usá-la como bem entenderem, vinda da natureza, e contentam-se com isso — porém, continuarão pobres em muitos sentidos. Não conhecerão o inebriamento da música e da escultura; não conhecerão os voos da meditação. Viverão quase como animais, ou seja, contentes.

Todos os animais vivem contentes. Já algum dia um animal descontente o incomodou a dizer “A minha vida é uma desgraça. Pode ajudar-me? Que devo fazer à minha mulher? E os meus filhos estão a crescer e...”? Não. Para eles não existem problemas. Vivem muito melhor do que o homem civilizado, porque o homem supostamente civilizado deixou de viver. Sacrificou-se em nome da civilização, da cultura e da tecnologia.

Não consigo optar entre estas duas possibilidades.

Gostaria que se elevasse mais alto do que os animais; e a única maneira de suplantar os animais é encontrar um modo de expandir a sua energia. E tudo se resume àquilo a que chamo religiosidade — a ciência de expandir a energia, para que possa transformar-se num Zorba, o Grego. Mesmo assim, ainda há muito espaço para se transformar também num Buda. Pode transformar-se nos dois ao mesmo tempo.

Zorba está vivo, mas não tem conhecimento de voos mais altos. Contenta-se em rastejar pela terra, embora seja capaz de estender as suas asas — só que não tem consciência desse atributo.

O seu patrão é um homem culto, muito educado e muito rico — mas infeliz, em permanente estado de ansiedade. Zorba diz para o patrão: “Patrão, só há uma coisa errada consigo: você pensa demasiado. Por que não vive? Por que está sempre a pensar? O que ganha com isso? Viva! Siga-me!”

Pegou no seu instrumento musical, puxou o patrão até às margens do rio onde viviam e começou a tocar enquanto dançava. E o patrão ficou ali espedado, embaraçado mesmo: se alguém visse aquele maluco com ele, o que iria pensar? Embora não dançasse, receava que alguém o visse. Zorba puxou-o pelo braço e pediu-lhe: “Vá, dance!”

O patrão respondeu: “Mas eu não sei dançar!”

Zorba retorquiu: “Ninguém precisa de saber dançar. Não se aprende a dançar. Basta começar aos saltos, vai ver que começa logo a dançar. Eu dou a música e você só tem de começar.”

Apercebendo-se de que Zorba não o largava, o patrão começou a mexer-se e Zorba continuou a incitá-lo. E, finalmente, nessa noite de lua cheia, o patrão esqueceu-se da sua cultura, educação e civilização. E, pela primeira vez, sentiu que também conseguia viver, também conseguia dançar; afinal, as suas pernas não tinham sido feitas só para caminhar. Tinha asas e Zorba acabara de lhe ensinar algo sobre o mundo.

Sinto pena de Zorba, porque ele morreu antes de eu ter podido conhecê-lo; se o tivesse conhecido, ter-lhe-ia ensinado que existe uma dança ainda mais elevada. E tenho a certeza, não sei bem porquê, que ele me teria compreendido. Já conhecia os passos básicos e teria compreendido que é possível existirem passos que visam outras alturas.

Os meus métodos de meditação ajudá-lo-ão a expandir a sua energia. A energia é como uma semente.

Lembrei-me agora de uma história...

Um velhote muito rico tinha três filhos; o problema era que os três tinham nascido ao mesmo tempo e tinham precisamente a mesma idade. No Oriente, quem herda os bens paternos é o filho mais velho. O problema do velhote era quem iria herdar, já que todos tinham a mesma idade.

Então, foi pedir ajuda a um sábio e perguntou-lhe:

— O que devo fazer? Como poderei decidir quem deve herdar?

O sábio explicou-lhe um método. O velhote regressou a casa, deu mil moedas de prata a cada filho e disse-lhes:

— Vão ao mercado comprar sementes de flores.

E lá foram os três ao mercado e puseram-se a ver as várias dezenas de sementes. Afinal de contas, mil moedas de prata representavam muito dinheiro para aquela época! E logo gastá-las em sementes de flores... Chegaram a casa com as sementes que compraram e perguntaram:

— E agora, o que fazemos?

O pai respondeu-lhes:

— Vou fazer uma peregrinação. Sou capaz de demorar um, dois ou mesmo três anos. Têm de conservar estas sementes convosco e, quando regressar, vou pedir que mas deem. Isto também será um teste, já que quem provar ser o mais sensato herdará todos os meus bens, portanto tenham cuidado.

E o velhote partiu para a sua peregrinação.

O primeiro filho pensou: “Que raio de teste! Se só voltar daqui a três anos, as sementes já estarão mortas e ele espera vê-las vivas. Portanto, o melhor a fazer é vendê-las no mercado, guardar o dinheiro e, quando ele voltar, compro outra vez sementes frescas...” E assim fez, da maneira mais económica e matemática.

O segundo filho pensou: “O que este meu irmão está a fazer não me parece certo, pois o nosso pai foi muito claro ao dizer “Quando regressar, quero ver as mesmas sementes . Portanto, vou guardá-las.” Foi à cave da casa, armazenou todas as sementes, fechou-as à chave e disse para consigo: “Quando regressar, dou-lhe a chave e digo-lhe ‘Aqui estão as sementes’.”

Mas o terceiro filho teve uma ideia diferente. Ele pensou: “As sementes guardadas na cave morrerão, precisam de terra. Quando o nosso pai regressar, não serão as mesmas sementes, pois estarão todas mortas. Não rebentarão. Como poderemos saber que são as mesmas sementes? As sementes que o nosso pai nos deu podem germinar e transformar-se em árvores. Uma semente apenas pode produzir milhões de sementes; foi isso que ele nos deu. E quando ele regressar daqui a três anos, estas sementes não poderão produzir uma única semente, nem um simples rebento. Parece-me errado.”

Foi para as traseiras da casa — tinham muitos terrenos — e lançou as sementes à terra. A cada ano que passava, multiplicavam-se aos milhares. Ao fim de três anos, quando o pai voltou a casa, não acreditou no que viu — de longe, todos os seus terrenos estavam cobertos de flores! E disse:

— O terceiro filho herdará a minha propriedade, pois soube expandi-la, aumentá-la.

Uma única semente pode tornar toda a Terra verdejante.

Uma pequena centelha de energia pode invadir toda a Terra com dança, canto e música.

Basta uma centelha. Se a souber expandir, transformar-se-á num fogo indomável. Pode começar dentro de si como uma pequena chama. A meditação

não é mais do que um esforço para expandir a sua chama interior de modo que fique iluminado, com brilho e transborde.

Temos de conservar dentro de nós a inocência do Zorba, das crianças e dos aborígenes. Temos de nos manter tão inocentes como Adão quando foi expulso do paraíso. Contudo, temos de aprender métodos para expandir a semente da nossa consciência até um crescimento transbordante, de modo que, até onde a nossa vista consiga abranger, apenas nos possamos ver a florir a nós próprios. Então, poderemos aspirar o aroma da nossa própria fragrância durante vinte e quatro horas. E não só poderemos cheirá-la e senti-la, como sentiremos necessidade de a partilhar. Quer queiramos ou não; isso não importa.

Quando uma rosa se abre, começa a exalar a sua fragrância. Ela não tem de pedir licença à rosa; não é preciso. O próprio desabrochar é a permissão para que o aroma se espalhe em todas as direções, ao sabor de todos os ventos.

No instante em que o seu consciente florescer durante a meditação, sentirá uma enorme explosão.

Sim, ouvirá música, mas ela terá uma característica espiritual. Dançará, mas a sua dança não será sexual. Terá poesia, mas essa poesia não transmitirá insatisfação sexual. Será sobre o amor concretizado. A sua poesia assemelhar-se-á aos mantras dos *Upanixades*. Cada palavra por si proferida será o reflexo da sua realização, aquilo a que eu chamo divinização.

Conquistará um conhecimento que será criativo, que ajudará a própria vida.

Terá tudo, mas com uma qualidade diferente.

Até agora, estas duas sociedades têm existido. Não pertencemos a nenhuma delas. Nós constituímos a terceira alternativa — pela primeira vez no mundo. Nunca ninguém se atreveu a pensar no homem como Zorba, o Buda. Zorba nunca ouviu falar de Buda e Buda também nunca soube quem foi Zorba. Porém, ambos se complementam.

E eu gostaria que você fosse um ser humano completo.

SOBRE O AUTOR



Os ensinamentos de Osho não são fáceis de categorizar. Eles abrangem desde a busca de sentido de cada indivíduo até aos temas sociais e políticos mais prementes dos nossos dias. Os seus livros não foram escritos, mas transcritos de registos audiovisuais de palestras improvisadas feitas em todo o mundo ao longo de 35 anos. Osho foi descrito pelo *Sunday Times* de Londres como “um dos mil construtores do século XX” e pelo autor americano Anthony Robbins como “o homem mais perigoso desde Jesus Cristo”.

Osho disse acerca do seu próprio trabalho que estava a tentar ajudar a criar as condições necessárias para o nascimento de um novo tipo de ser humano. Ele descreveu muitas vezes este novo tipo de ser humano como “Zorba, o Buda” — um ser capaz tanto de desfrutar dos prazeres terrenos, como Zorba, o Grego, como de ter a serenidade silenciosa de um Gautama Buda. Uma visão que contém tanto da sabedoria intemporal do Oriente como do potencial da ciência ocidental atravessa toda a sua obra.

Osho era também conhecido pela sua contribuição revolucionária para a ciência da transformação interior, com uma abordagem à meditação que tem em conta o ritmo acelerado da vida contemporânea. As suas “meditações ativas” são uma criação única destinada a libertar o corpo e a mente do stresse acumulado, para poder depois explorar com maior facilidade o estado de descontração e ausência de pensamento da meditação.

RETIRO DE MEDITAÇÃO OSHO



O Retiro de Meditação Osho é um lugar no qual qualquer um pode experimentar em primeira mão novas formas de viver de um modo mais alerta, descontraído e divertido. Fica a cerca de 160 quilômetros a sudoeste de Bombaim, em Puna, na Índia, e oferece uma grande variedade de programas aos milhares de pessoas que o visitam todos os anos, vindas de mais de cem países.

Puna foi originalmente concebida como uma residência de férias para Marajás e para os colonos ingleses mais abastados, e é agora uma cidade moderna e desenvolvida, que alberga diversas universidades e indústrias de alta tecnologia. O Retiro de Meditação ocupa mais de 40 hectares no subúrbio de Koregaon Park. Oferece alojamento a um número limitado de visitantes e tem perto uma grande variedade de hotéis e apartamentos privados, para estadias mais longas ou mais curtas.

Os programas do Retiro são todos baseados na visão de Osho de um novo tipo de ser humano, que é capaz tanto de participar de uma forma criativa na vida diária como de se descontraír em silêncio e meditação. A maior parte dos programas tem lugar em edifícios modernos, com ar condicionado, e inclui uma variedade de sessões, cursos e seminários individuais, com temas que incluem as artes criativas, cuidados de saúde holísticos, transformação e terapia pessoais, ciências esotéricas, desportos e lazer zen, problemas nas relações intrapessoais e nos momentos de transição nas vidas de homens e mulheres. As sessões individuais e os seminários em grupo estão disponíveis ao longo de todo o ano, lado a lado com programas diários de meditação.

No Retiro existem ainda cafés e restaurantes que servem pratos da gastronomia tradicional indiana e de cozinha internacional, todos confeccionados com legumes de agricultura biológica, cultivados na quinta comunitária do Retiro. O Retiro tem ainda um reservatório privado de água filtrada e potável.

Visite o site <https://www.osho.com/osho-meditation-resort> para obter mais informações, incluindo dicas de viagem, programas de cursos e reservas de alojamento.

Para mais informações consulte:

<https://www.osho.com>

Um site abrangente, com apresentações em várias línguas, que inclui uma visita on-line ao Retiro de Meditação e uma listagem completa dos cursos aí disponíveis, bem como um catálogo completo de livros e cassetes, uma lista de centros Osho em todo o mundo e citações das palestras de Osho.

Pode também contactar:

Osho International

Nova Iorque

e-mail: oshointernational@oshointernational.com

site: <https://www.osho.com/oshointernational>